

Transcrição das entrevistas – Alberto Melo

I Entrevista

E – Pronto aaa não sei se leu aquilo que lhe enviei, pronto vou fazer as histórias de vida... E... o objectivo agora da primeira, da primeira entrevista seria termos uma conversa... Se calhar falarmos um bocadinho da sua infância, onde é que nasceu... Como é que, como é que foi a sua infância?

e – Hum... pois nasci, nasci em Lisboa, na maternidade Alfredo da Costa como muito boa gente. (Risos)

E – (Risos) Como eu.

e – Como o bom lisboeta, que se preze. Aaa vivia com, vivia com a família num bairro social do Arco do Cego, que fica ali junto onde está agora aquele grande edifício da caixa geral de depósitos... (Imperceptível) praça de Londres, é aí... É um bairro social dos anos trinta. Portanto os meus pais foram de certo modo estrear a casa, era uma casa com poucas condições. O meu pai é que trabalhava, a minha mãe era doméstica. O meu pai tinha um trabalho de funcionário público não, não qualificado. Ele depois estudou já a trabalhar, acabou o 7º ano mas ficou por aí.

E – O que é que ele fazia?

e – Aaa (tosse) a maior parte do tempo que eu o conheci, portanto... ele estava no, no tribunal, no supremo tribunal administrativo. Preparava os dossiês dos processos, etc, para depois os juízes (tosse) tomarem as suas deliberações, etc. Era um trabalho puramente administrativo e depois arquivar as decisões, etc. (Pausa 3s) Um trabalho também de escrever à máquina, que ele tinha (Pausa 3s), era, nem sei exactamente qual era a categoria mas era, era, era um técnico administrativo.

E – Hum, hum.

e – O salário era relativamente baixo, tinha-se que se fazer uma ginástica bastante grande. Uma irmã só, tem mais cinco anos que eu. (Pausa 2s) E, (tosse) e digamos pelo facto de ter nascido, não só ter nascido mas viver na cidade ooo, os meus pais conseguiram por me a estudar o que certamente não teria acontecido se eu vivesse fora da cidade, não é?

E – Hum, hum.

e – Eles não tinha maneira nenhuma de me pagar...

E – Os transportes...

e – Os transportes, uma habitação não é?

E – Pois.

e – Nessa altura só havia três Universidades, Lisboa, Coimbra e Porto. (Pausa 3s)
Pessoas que vivessem fora dessas três cidades, só mesmo de famílias relativamente...

E – Pois, abastadas.

e – Abastadas é que podiam ir para lá estudar. Aaa...

(Interrupção)

e – Aaa a minha mãe já tinha nascido em Lisboa, a minha avó também era de ali muito perto e viveu a maior parte da vida em Lisboa. O meu pai tam, embora não tenha nascido e Lisboa, era ali perto de Tomar mas veio para Lisboa com dez ou onze anos. Juntou-se a um irmão que trabalhava, começou a trabalhar também muito cedo. Aaa a minha mãe não chegou a aprender a ler e escrever, era assim um... um trauma especialmente que o meu pai tinha, porque ele próprio estudou e...

E – Ele estudou depois?

e – Sim, fundamentalmente já casado não é, foi estudando e trabalhando. Quando eu (tosse) quando eu me lembro, portanto já teria os meus quatro ou cinco anos, quando me lembro, ele já tinha acabado os estudos, o 7º. E depois não, não continuou, o sonho dele era estudar medicina, mas não... Nem de longe, nem de perto. Aaa (tosse) (Pausa 2s) o meu pai fez sempre muita pressão para a minha mãe pegar em livros e não sei o que, mas ela tinha ficado tão traumatizada da escola que nunca mais lá quis por os pés. Porque ela nascendo em Lisboa era com, com alguma facilidade e aliás a mãe dela tinha-a posto na escola, como pôs as irmãs e o irmão e todos eles aprenderam mas a minha mãe ganhou um tal asco à escola que nunca mais quis saber de nada (risos) dessas coisas. Aaa (tosse). Talvez, não sei porque, por compensação eu acabei por, por ler e escrever muito cedo. Tinha quatro anos e pouco... e porque, e porque me punha ao

lado da minha irmã quando ela tava a fazer os trabalhos da escola. Ela com ais cinco anos do que eu e, e às tantas acho que surpreendi os meus pais, quando saíamos à rua começar a ler coisas que eles não me tinham ensinado e ficavam um bocado admirados com isso. (Tosse) E, e, e, e, depois claro como, como sabia (risos) aproveitei, li! Li que me fartei nesses anos. Lia tudo, tudo.

E – Tinha livros em casa?

e – Os do, do meu pai tinha estudado... Livros de latim, livros de filosofia (Risos), livros (Risos) da preparação do, do exame do 7º do meu pai e eu lia aquilo tudo. E alguma literatura também. E então... lia para a minha mãe também, para passar o tempo. A minha mãe da filosofia não gostava muito. (Risos)

E – (Risos)

e – Achava aborrecido. E lia, ia lendo outras coisas pra ela. História, lia muita história (Tosse). De maneira que ganhei um bocado assim, assim a reputação do menino-prodígio, às tantas.

E – (Risos) Pois com essa idade.

e – Com essa idade lia muita coisa e aquela memória que os miúdos têm naquela idade em que eles são capazes de decorar aquilo tudo e de repetir quando perguntam e tal. De maneira que o meu pai fazia de mim um bocado o macaquinho do circo. Quando nos encontrávamos em reuniões de amigos e tal, “Ah e tal pergunta ao miúdo e tal.”, “Faz-lhe lá perguntas”.

E – Pois.

e – E até depois, até me inscreveram depois num programa qualquer que havia, naqueles concursos, na altura não havia televisão.

E – Na rádio?

e – Na rádio. E... mas era rádio ao vivo. Portanto era numa, numa sala de cinema, num teatro. O concurso era feito no palco, havia assistência. Mas aquilo era tudo gravado e era passado na rádio.

E – Na rádio.

e – (Risos) De maneira que fui lá uma vez, ganhar lá uns prémios (Imperceptível) de história.

E – Com quatro anos? Cinco?

e – Aí já tinha para aí sete.

E – Sete.

e – Hum. Mas foi assim uma sensação, aquilo era tudo adultos, depois apareceu o puto. Mas acabei por ganhar (Risos) porque eu sabia mais de história do que eles. Sabia o tipo de perguntas, porque eram perguntas muito de memória, não eram perguntas de análise histórica, não eram...

E – Pois. Fixava...

e – (Risos) Então havia uma (Risos), recordo-me, recordo-me só de uma que era tão, de certo modo estúpida e tal “se conhece os nomes, algum nomes de filhos de rei” não sei, não me recordo, de um rei qualquer... Eu tinha lá realmente um livro de história em que dava os reis, os filhos todos, pá...

E – Epá... (Risos)

e – (Risos) Os filhos do rei não sei o que, não sei o que... “Ah pois, aaa os filhos legítimos... os filhos ilegítimos...” comecei a dar a lista “epá já chega, já chega” (Risos) “Não queremos mais...” (Risos) Uma cena gira, mas fiquei satisfeito, trouxe uma bola de couro para jogar à bola. E outras coisas assim... Ah o meu pai depois teve o bom senso de ir falar com o professor da escola primária, ali entrava-se aos sete normalmente, no primeiro, na primeira classe que era como se chamava não é? Teve o bom senso de ir lá falar com o director da escola e dizer que eu já estava muito adiantado, que certamente passar lá um ano em que os outros todos estão a aprender podia ser muito chato para mim e que podia desmotivar, o que é que ele achava. Ele então quis-me fazer um exame inicial e tal e tal. E achou que sim, que não valia a pena eu ir para o primeiro e que sim, que viesse um ano mais tarde e ia logo para, para a segunda classe.

E – Então só entrou na escola aos oito?

e – Só, só (Risos). Fiz três anos de primária. (Risos) Depois o (tosse), o professor era um tipo um bocado amalucado... não tinha grande vocação, gostava é de brincar com canetas esferográficas de cores e tal, riscava e tal e fazia bonecos... E então volta e meia pedia-me para eu vir para o estrado fazer um ditado aos colegas. (Risos)

E – (Risos) Estanho...

e – (Risos) De modo em que comecei também a ser professor nessa altura. (Risos) Ou dava-me ditados para eu corrigir... Era assim um bocado o assistente. Aaa (Tosse) quando chegou o exame da, o exame da quarta, pois o exame da quarta classe, que havia exame nessa altura aaa aquilo havia, havia os que passavam, os que não passavam e os distintos, digamos, eram os que passavam com distinção. Que iam para um quadro, um quadro qualquer...

E – De honra...

e – Um quadro de honra, é qualquer coisa assim. E eu não, (tosse) quando o meu pai foi ver os resultados eu não tinha distinção. Havia vários que tinham tido, colegas... ficou admiradíssimo, o que é que aconteceu, porque eu era de longe o melhor da, da turma, toda a gente reconhecia isso, os professores também e tal. E então havia examinadores externos... e depois é que contaram ao meu pai, porque, não, não soube responder a uma pergunta muito importante. E então qual era a pergunta? Aaa no final para ele brilhar, a professora, a examinadora externa perguntou-lhe “Então e o menino gosta do Professor Oliveira Salazar?” (Pausa 3s) e aí parece, e ele respondeu-me “Não sei, não o conheço”. (Risos)

E – (Risos)

e – (Risos) “E então o menino não sabe quem é que salvou Portugal da guerra? E quem é que construiu pontes e estradas e bairros e isto e aquilo...? Tem feito a vida feliz aos portugueses... Tão não gosta?” “Bem não o conheço... Nunca o vi... Não posso saber se gosto ou não”.

E – E conhecia?

e – Hã?

E – Conhecia? Sabia quem era?

e – Sabia quem era mas nunca o tinha visto. Sabia lá se gostava ou não. (Risos)

E – (Risos)

e – (Risos) E então pronto (Tosse) foi a...

E – Já não foi para o quadro...

e – Já não fui para a distinção! Portanto foi assim uma, uma primeira experiência de ditadura. (Risos)

E – Então e a relação com a sua irmã como é que era? Quando eram pequenos?

e – Aaa era como maior parte dos irmãos. (Risos) Uma vez beijinhos e outras vezes pancada. (Risos) Mas aaa ela protegia-me como irmã mais velha... e tal, e tinha bastante paciência para mim. Eu era um bocado menino mimado, um, a minha irmã não era boa na escola eu era e tal e depois fui para o liceu, também fui bastante bom aluno. E depois ela (tosse), ela acabou por deixar os estudos e, ainda acabou o sétimo ano e depois inscreveu-se em Direito, mas já não, já não seguiu. Depois foi trabalhar também para a função pública e eu é que fui até ao fim. (Tosse) E na, na família era uma novidade ter alguém com um curso superior e para o meu pai também foi um grande triunfo, era uma coisa que ele sempre tinha desejado e não conseguiu directamente, conseguiu por delegação.

E – Hum, hum.

e – (Tosse) (Pausa 4s) Depois (Pausa 3s), depois digamos que com este tipo de ambiente político eu acho que qualquer pessoa acabava por ser um revoltado porque... hoje em dia não é fácil a vida para os jovens mas são outros aspectos! Na altura em que não se podia escrever, não se podia falar, não se podia...

E – Ouvir música.

e – (Risos) Ouvir música, não se podia andar de mão dada com uma, com, ou, ou dar beijinhos, não. Um casal na rua era, vinha logo a polícia. Era uma situação, uma sociedade muito policial, era muito mais... Os costumes também eram muito fechados, muito conservadores.

E – Hum, hum. Voltando um bocadinho atrás ainda, e com os seus pais? Qual era a relação com o seu pai? Com a sua mãe? E ele, entre eles mesmo...?

e – (Risos) A relação entre os meus pais não era muito boa... Mas... Muitas vezes nos diziam que só estavam, que continuavam juntos por nossa causa e para nos proteger e... (Tosse) que nós tínhamos de reconhecer isso, estar gratos porque eles faziam esse sa,... Mais o meu pai é que se queixava mais. (Risos) eu acabei por (tosse) por estar mais chegado à minha mãe e também por reconhecer que ela não era menos inteligente, talvez até mais que o meu pai. Embora com menos conhecimentos, com menos escolaridade. Mas tinha uma maneira de ver as coisas que não passava (Tosse), não passava plo, plo o que ela tinha lido mas plo que ela tinha compreendido. Das situações e portanto pensava pela cabeça dela não é. E... e portanto creio que aí também tive uma percepção que há várias maneiras de uma pessoa compreender as coisas, não é só através do conhecimento livresco ou teórico ou erudito, não é?

E – Hum, hum.

e – E muitas vezes, mais tarde até vim a confirmar isso. Já em, em adulto quando estava a viver em França ou na Inglaterra e os meus pais me vinham visitar e o meu pai tinha umas luzes de francês e umas luzes de inglês, conhecia umas palavras e algum vocabulário. Mas não, muitas vezes íamos ao supermercado ou a qualquer sítio e falavam para nós em Inglês ou em Francês e o meu pai não entendia, e a minha mãe explicava o que é que foi que a pessoa tinha dito. (Risos) Era verdade! (Risos) Porque ela tinha outra atenção, o meu pai fixava muito as palavras e depois perdia umas quantas que não sabia e aí perdia todo o sentido e a minha mãe tinha uma apreensão da situação da, da expressão da pessoa, em função do contexto e era mais fácil para ela interpretar (Risos)... a frase digamos assim, a frase não, ela ia repetir a frase mas ia “Olha a pessoa ...”.

E – Pois.

e – “Tá a querer dizer isto, ou tá a querer dizer aquilo”... (Tosse) (Pausa 4s) Mas tanto um como outro foram pessoas que, que, das quais eu sentia muito afecto não é? E muito... e, e até mesmo sacrifício relativamente aos filhos e, e, e muito em relação a mim também porque estive mais a tempo a cargo deles. A minha irmã começou a trabalhar aí com 18, eu ainda fiquei até ao fim do curso.

E – Mesmo durante o curso não trabalhou?

e – Trabalhava (tosse), trabalhava mais para ter mesada, porque o meu pai não tinha dinheiro para mesadas e portanto aí a partir dos 15 comecei a arranjar uns biscates, para ir arranjando algum...

E – O que é que fez?

e – Algum dinheiro... Olha comecei a ser comerciante de selos! Aí aos 15, 14/15 anos porque tinha o vizinho do primeiro andar que era, que negociava em selos de **fila de lia**, selos para colecionadores, para... e ele portanto ia a leilões, que havia volta e meia leilões de selos e tal (Tosse) e trazia para casa carradas de selos e ele só trabalhava e só negociava em selos de Portugal e das Colónias... e portanto tinha muitas sobras de selos de outros países. Então uma vez entusiasmei-me, porque é que “Eu vendo-te isto barato e tu fazes o teu negócio de selos”. E então foi, foi isso que eu, que eu comecei a fazer nas horas vagas. Então aquilo, os selos normalmente ainda vinham nos envelopes, colados e tal, aquilo metia-se me água morna e depois tiravam-se os selos, depois secavam-se, depois dividiam-se por países, depois faziam-se pacotinhos assim 50 selos diferentes da Suíça, 100 selos diferentes da Alemanha, em pacotes.

E – E onde é que vendia?

e – Depois colocava à consignação nas livrarias, nas papelarias, assim nos expositores, de maneira que os colocava lá, a pessoa recebia, na altura não sei se era 30% se o que era, da venda. (Tosse) Fazia dois papelinhos de, a, em duplicado com a descrição do que lá estava, dos preços, depois eles lá punham um carimbo, davam-me e depois eu todos os meses fazia a ronda a ver o que é que estava vendido e recebia o meu. (Risos) e substituía, levava novos também. De maneira que foi assim...

E – O primeiro negócio.

e – O primeiro negócio. (Risos) Mas depois não dei para empresário. (Risos)

E – (Risos) Sim mas era uma coisa engraçada. E... a nível de religião, ou seja, os seus pais inculcaram-lhes alguma religião? Católica? Tinham, tinham...

e – Sim, eles eram bastantes católicos, a família toda era bastante católica, praticantes...

E – Foi à catequese? Fez a primeira comunhão?

e – Fui à catequese, fiz a primeira, fiz a comunhão solene, fiz o crisma... (Risos) E quando cheguei aos 13 anos disse ao meu pai “A partir de amanhã não ponho mais os pés na igreja”.

E – Porquê?

e – (Risos) Aquilo não me dizia nada, era um... e não era por ali que eu ia encontrar o caminho. O meu pai ficou muito chateado (tosse) porque ele era católico e... e, e não gostou desse, desse ACTO digamos. Disse “Se não vais nunca mais te falo”, foi assim a zanga...

E – E quando é que, e lembra-se que, que quando descobriu que não era aquilo que queria?

e – Eu acho que foi um bocado gradual mas eu ia fazendo o frete não é? Nós, eu saia com o meu pai de manhã ao Domingo, íamos ver o futebol. O futebol de manhã, daquelas classes infantis, juniores e tal, aquelas divisões que eram gratuitas, a entrada para toda a gente e depois do futebol íamos à missa e depois é que íamos para casa, para almoçar. Eu acompanhando o meu pai mas cada vez via menos sentido naquela história, não, não me dizia nada. E... entretanto também já tinha tido umas cenas no liceu, no liceu, chamava-se liceu, a escola secundária, porque (Tosse) às tantas tinham (Tosse) a turma lá tinham-me, tinha havido eleições, quem era o chefe de turma sabes o que era o chefe de turma?

E – Sim, são os delegados agora...

e – Sim, agora é delegados não é? E tinha, tinha sido eleito eee depois às tantas escrevi lá um pequeno panfleto aaa sobre a minha opinião sobre, havia, tinha-se discutido a questão das missões em África, dos missionários, quer eram... espanhar a fé pelos nativos, pelos indígenas e eu escrevi lá um panfleto a dizer, sei lá, tinha para aí 11 ou 12 anos, foi logo no princípio (Tosse), a dizer que me parecia muito mau que os missionários fossem lá para, para África porque os indígenas andavam por lá em liberdade, (Tosse) não tinham, andavam como queriam, faziam o que queriam e depois apareceram os missionários a dizer “Isto é Pecado”, “Isto é pecado”, “Isto é pecado” e e (Risos) então eles não sabiam o que era pecado e portanto não seriam condenados ao inferno e a partir dali passavam a ser condenados ao inferno por culpa dos missionários, que vieram para lá introduzir os pecados... E condenar as pessoas ao inferno. Então

esse, esse panfleto correu entre os miúdos todos e claro que houve logo um que foi mostrar ao professor (Risos). E então eu, o, o diretor achou por bem, um tipo com ideias tão, todas, não podia ser chefe de turma (Risos) correu comigo. (Risos) E houve novas eleições (Risos).

E – Foi destituído do cargo (Risos).

e – (Risos) Destituído do cargo (Risos). Depois tinha grandes discussões com o professor de moral e tal. Uma vez... que ele andava a querer justificar a inquisição... que era necessário a justiça e não sei o quê. Eu disse que não, que a igreja não podia comportar-se daquela maneira, levar as pessoas à morte e ao sofrimento e à tortura e tal. E dizia “Olha menino a igreja é mãe de todas pessoas. A sua mãe nunca o castigou?” (Risos), eu disse “Sim já me castigou mas até hoje ainda não me queimou numa fogueira”... Mais uma falta de castigo. De maneira que por um lado era bom aluno nas matérias mas era mau aluno na disciplina...

E – Pois, era isso que eu ia perguntar, como é que era na escola quando era novo? Como é que, pronto qual era a relação com os professores, com os colegas... Como é que era como aluno?

e – Pois, eu acho que uma certa, uma certa rebeldia é, é de personalidade mas a expressão dessa rebeldia nas próprias aulas e o facto de volta e meia ser posto fora da sala e não sei o quê, não era por me portar mal, era por as coisas que eu dizia!

E – Hum, hum.

e – Aí, aí tenho a impressão que foi para evitar ser colocado no altar do menino bom, não é, bom aluno...

E – Mas foi por si?

e – Para ganhar também uma certa popularidade junto dos colegas não né?

E – Acha que fazia isso por si? Para não ser colocado como...

e – Acho que sim, também, também...

E – O betinho... (Risos)

e – (Risos) Uma maneira de ganhar alguma popularidade, era fazer rir os outros, pronto à custa dos professores e, e, e isso dava-me alguma popularidade. O facto de ser o bom aluno, às vezes cria situações de, de austeridade até, não é?

E – Quando somos miúdos sim.

e – Hum, hum pois (Risos). (Tosse)

E – E dava-se bem com os professores? Houve assim algum que o tivesse marcado? Algum professor em especial que o tivesse marcado como pessoa, como aquela disciplina que ele dava... Que talvez depois o tivesse feito escolher o Direito... ?

e – Hum... (Pausa 2s) A esse ponto não. Os professores não eram assim, eram bastantes distantes normalmente não eram assim...

E – Antes do 25 de Abril...

e – Sim. Era muito aquela ideia da autoridade, não era (Tosse)... Também naquele liceu, era o liceu Camões em Lisboa, eram liceus centrais em Lisboa, todos os professores gostavam de acabar ali a sua carreira, portanto eram quase sempre professores 50 anos para cima. Aaa excepto quando haviam algumas substituições. Lemro-me de haver um ou outro professor relativamente mais novo, até se dava mais para o diálogo e para a... Mas de uma maneira geral os professores não eram a... Por disciplinas sim, eu por disciplinas eu gostava muito da história e de matemática. Mas o professor de matemática... sabia muito, era considerado um óptimo professor por saber mas era aquele tipo de professor que fazia da matemática aquele mostro terrível (Risos), que é a pior maneira de ensinar matemática. E... claro que como eu gostava imenso de matemática, não, não me metia muito medo, mas sempre que havia exercícios e provas e tal a malta ia cheia de medo pra, inclusivé eu! (Risos) Embora depois acabasse por ter boas notas... E no quinto ano a coisa, devo ter tido uma das melhores notas lá em matemática, até a nível nacional e depois ele, o, o, esse professor quando viu que eu no sexto ano tinha feito o, a esco, a opção por Direito, passava no pátio e virava-me a cara, deixou de me falar.

E – Pensava que ia para matemática.

e – Pensava que eu ia, PELO menos para uma carreira científica não é?

E – Pois.

e – Eu tinha dito ao meu pai “Eu quero, quero fazer um curso de matemática” e o meu pai é que me dissuadiu, de certo modo, e disse-me “Olha queres ser professor? A única coisa que se faz com a matemática é ser professor de matemática.”, fiquei aí “Não”, professor nunca quis ser (Risos). Era a única coisa que queria ser na vida era professor. Então não escolhi a matemática.

E – Então escolheu o Direito?

e – Pois, o Direito olha, porque... Por várias razões, suponho eu, porque era, era um curso que dava para muita coisa, na altura havia pouca variedade de cursos e portanto não havia Sociologia, não havia Ciências Sociais, etc. As, os outros cursos, tipo Letras, literaturas aaa, História, Geografia, também não eram os tais cursos que só davam para ser professor (Risos). Portanto eu não cortava, cortei logo aaa, (Tosse) ir para um curso científico, tinha um obstáculo grande, embora eu gostasse matemática, fosse muito bom a matemática eu tinha uma raiva ao desenho geométrico... passava sempre à, à rasquinha, por favor! Como as outras notas eram muito boas o professor do desenho normalmente compensava-me, haviam dois tipos de desenho, havia o desenho criativo e havia o desenho com esquadro e...

E – Que era uma chatice, eu também não gostava nada.

e – Com o estirador e não sei quando (Risos). Portanto muitas vezes, normalmente passava com 11, 12 porque aaa tinha para aí 8 ou 9, ou 7 às vezes, borrava aquilo tudo (Risos) com a tinta da china e os tracinho, pronto. Mas depois no outro desenho tinha melhores notas, lá e tal e no desenho à vista não é, sempre tinha, sempre sacava aí uns quatorzes ou assim. Mas aaa os cursos científicos apoiavam-se muito no desenho geométrico e portanto também fugi daí. E portanto tinha duas hipóteses, havia assim cursos mais gerais, que dessem para mais coisas, havia o Direito e havia a Economia. Agora (Tosse), depois também a Economia era em, era em cascos de rolha, o Instituto de Economia era ali para as bandas de Santos e era preciso muitos transportes lá de onde eu morava não é, e... e a Faculdade de Direito ficava mais ou menos a 20 minutos a pé de casa. (Risos) Hum, por outro lado o, já estava bastante inclinado para a política e, e o Direito aproximava-se mais da Política do que na altura a Economia. Hoje possivelmente já será mais a Economia, que tivesse alguma influência mais forte na, na,

na Política. Mas na altura a Economia obdecia à Política, hoje em dia é ao contrário. Então fui para Direito, ainda por cima irmã tinha feito a mesma, tinha-se inscrito na mesma variante, já tina os livros todos lá em casa. (Risos)

E – Mais outra razão.

e – Foi outra razão.

E – E... e na sua rua como era a relação com, com... havia mais crianças? Aaa haviam brincadeiras de rua? Como é que era a sua relação com os seus vizinhos?

e – (Pausa 3s) Pois, digamos que até ao 5º ano do liceu, por tanto até aí aos 15 anos dei-me muito bem com alguns vizinhos, especialmente dois com quem, iamos juntos, começamos a ir juntos para a escola primária e depois ainda iamos juntos para o liceu. Depois o liceu era um bocadinho mais longe.

E – Tinham brincadeiras de rua?

e – E fazíamos brincadeiras de rua. Brincadeiras de rua. Se chovesse faziam-se brincadeiras na escadas (Risos) velhas do bairro. Aaa faziam-se bastantes brincadeiras de rua, de BOLA fundamentalmente, de hoquéi em patins, mas não havia patins, também não haviam sticks, eram uns talos de couve (Risos) e normalmente a bola era umas, uma batata e faziam-se os tornei-os em que as balizas eram as sarjetas na rua. (Risos)

E – (Risos)

e – Isso aí. E depois também em casa de uns ou de outros assim mais aqueles jogos, sei lá dados e tal...

E – De tabuleiro?

e – De tabuleiro sim. Eram assim jogos de PROximidade, ou em casa ou na rua. A partir do 5º depois aaa essa variante lá no Liceu Camões, Direito, creio que havia duas em Lisboa, portanto apareceu gente que não, que não, não tinha estado no mesmo Liceu até ao 5º. Tinham estado noutros e depois os outros não ofereciam essa alínea, chamava-se alínea na altura. E vieram para lá, portanto conheci já uma série de gente nova e por outro lado muitos dos meus colegas foram para outras...

E – Alíneas...

e – Alíneas e ai perdemos um bocado o contacto não é? Perdi um bocado o contacto (Tosse) e, e acho que fiz outras opções depois de relacionamento, portanto pessoas com quem tava todos os dias, depois encontrava para irmos estudar juntos e não sei o quê. De modo que acho que houve ai depois uma fratura entre os amigos iniciais e os amigos depois do, depois dos 15 anos.

E – Hum, hum. E... e os seus pais a nível de sociabilidade. Recebiam pessoas lá em casa? Se... por exemplo iam ao cinema? Iam ao teatro... não sei.

e – Hum. Assim género ir os 4 em grupo irmos a qualquer coisa era muito raro, a não ser às vezes no dia em que o meu pai recebia e ir, ir a uma cervejaria comer lá qualquer coisa.

E – Uma tapazinha?

e – Sim (Risos). A 4. Mas assim aaa... Depois a situação do meu pai melhorou um bocado, depois a irmã começou a tra, a trabalhar, também a ganhar qualquer coisa.

E – Continuava a morar convosco?

e – A minha irmã até casar sim. Casou aí com 19 anos, casou e acabou por sair não é? Mas o cinema, às vezes o meu pai levava-me, levava-me bastante e começou a levar-me ao cinema bastante cedo. Mas era, mas iamos só os dois, em principio ele e eu. Ele tinha um cartão qualquer que lhe dava entradas em certos eventos públicos... e... depois como eu era miúdo também me deixavam entrar debaixo da capa (Risos)... e, e iamos algumas vezes ao cinema. Aaa a sociabilidade, a família da, da minha mãe era grande, portanto ela tinha mais 4 irmãs e um irmão com a respectivos filhos e filhas. Portanto quando ela reunia assim as irmãs era uma grande festa (Risos). Em casa dela, em casa de outro, havia bastante... BASTante convivência (Tosse) com a minha avó ainda, quando a minha avó... Eu só conheci essa avó que era a mãe da minha mãe, os outros já não, mas (Tosse) essa avó terá morrido já eu tinha uns 23 anos, aliás lembro-me na morte dela já não estava cá, estava em Paris quando soube que ela tinha morrido. (Tosse) Íamos muito a casa dela, a minha mãe dava-lhe bastante apoio, para ir lá, lá a casa. A minha avó também tem uma história notável porque ela... ela aaa estava em Lisboa, estava nos arredores de Lisboa numa terra chamada Ramada, que fica ao pé de

Caneças ali nos arredores de Lisboa, uma zona muito rural na altura, agora está mais construída (Imperceptível) de andares (Tosse), mas era uma zona de águas muito boas e então aaa começaram a engarrafar, a meter essa água em bilhas, na altura não haviam garrafas de plástico, eram bilhas, tapadas depois com uma rolha de cortiça, um arame lacrado em cima da rolha, para se saber que não tinha sido violado, que aquilo era uma água garantida de fonte lá dessa zona, de Caneças, água de Caneças. E vinham em carroças ou em camionetas distribuir porta a porta o, aos clientes que tinha encomendado não é, as bilhas de água de Caneças. Depois com algum empreendedorismo, como se diz hoje, (Risos) lembraram-se também (Risos) de juntar o transporte da, das, das bilhas aaa com o transporte de roupa. Então dessas, essas casas que tivessem interessadas traziam de lá grandes, normalmente eram lençóis onde se metiam roupa e depois atava-se o lençol.

E – Ah! Para lavar?

e – Para lavar lá na ribeira de águas limpas lá de Caneças.

E – Sim.

e – Então a minha mãe tinha sido, a minha mãe não, a minha avó tinha começado a ser lá lavadeira e depois às tantas veio para Lisboa, possivelmente numa boleia numa dessas camionetas (Risos) e... começou a trabalhar a dias, nas limpezas nas casas, nas escadas e tal. Quando eu a conheci ela era porteira num prédio... Vivia lá numa, numa cave sem luz, só tinha luz na porta. Entrava-se descia-se uns degrauzinhos tinha uma sala e depois tinha outra sala ao fundo sem luz natural, assim a espécie de um corredor com duas salas. E conheceu um fulano que era caseiro numa quinta, havia muitas quintas naquela zona, chamado Bairro Azul, ali perto onde é agora o El Corte Inglés, aquilo estava tudo dividido em quintas. Sabes onde é o El Corte Inglés? (Risos)

E – Hum não...

e – Ali perto da Gulbenkian, sabes onde?

E – A Gulbenkian sei onde é.

e – Pois a Gulbenkian, tem aquele muro todo à volta não é?

E – Sim. Os jardins...

e – Uma grande quinta morada mas ao lado haviam muito mais quintas por ali fora. E esse meu avô era caseiro, trabalhava lá numa quinta e conheceram-se e depois começaram a viver, tiveram 5 filhos. E a certa altura ele já estava , sentiu-se, sentiu-se um bocado velho, cansado... E então confessou à minha avó que... que, que ia voltar para a terra onde tinha outra família... mulher e filhos e então ia regressar e ela que se aguentasse. Com... com as 4 filhas e o filho... que entretanto tinha feito (Pausa 2s). Portanto a minha avó teve que se aguentar, fazer mais limpeza, mais trabalho. Depois como ela era, era porteira lá do prédio as pessoas viram um bocado a situação e deram algum apoio, principalmente para dar assim algum aaa roupas e tal, que iam ajudando. E ela lá se conseguiu e conseguiu criar a...

E – 5 filhos!

e – 5 filhos (Risos) à conta dela. Mas foi a unica avó que eu conheci. (Pausa 3s) A, a sociabilidade pronto era muito à volta da família, excepto digamos assim, nas, nas férias os meus pais... gostavam de ir para o campo e, e não tínhamos família no campo mas houve outrso conhecimentos, já não me lembro, nem sei bem como, lembro-me que a partir aí dos... (Tosse) Pri, primeiro termos ido realmente para aquela zona de Caneças de onde era a minha avó, que ainda havia lá familiares e fomos lá passar uns gempos, umas primeiras férias. Eu devia ter 4 anos que é assim uma memória forte que eu tenho, foi quando, quando andava lá numa casa e caí e bati com a boca no... no, na, na pedra da lareira, havia uma pedra assim grande na lareira e eu caí assim em cheio em cima e parti os dentes todos, os dentes que ainda eram de leite! Só que aquilo ficou tudo enfaixado lá na boca e depois nasci, os dentes novos, novos que vieram, vieram todos tortos, por causa dessa, dessa queda. Lembro-me que depois a minha mãe (tosse) ainda me levou lá ó, ao dentista que ficava no prédio onde a minha avó era porteira, mas o dentista disse que não, não havia grande coisa a fazer, pronto que não ia perder casamento (Risos).

E – (Risos)

e –Era, era muito caro mandar fazer tratamentos na altura.

E – Ainda é.

e – (Risos) Ainda é, concerteza. (Risos) E então, e então iamos para o campo, começamos a ir para essa zona mas passado pouco, pouco tempo depois os meus pais tiveram uns conhecimentos e fomos para uma outra aldeiazinha. Era uma expedição de

quase um dia para lá chegar, de camioneta. Aquelas camionetas chamava-se camioneta de carreira.

E – Da carreira. (Risos) Na minha terra ainda chamam assim.

e – (Risos) Na tua terra. E só, só quando, quando, quando já só em adulto voltei lá e reparei que aquilo eram pouco mais de 60km de Lisboa, mas aquilo parecia uma distância, uma coisa enorme (Risos). Ainda por cima era uma, uma expedição a viagem, depois voltar... Mas fomos então para aquela zona, a norte de Lisboa, ali Torres Vedras, perto de Torres Vedras. E eram ali três semanas de férias que nós passávamos em casa de umas pessoas de lá, amigas. Portanto havia também alguma sociabilidade porque essas pessoas vinham, quando vinham a Lisboa ficavam lá em casa, também havia ali uma reciprocidade ou pediam ao meu pai algumas vezes alguns favores, que eram preciso. As pessoas precisavam de muita coisa de Lisboa, às vezes, certificados ou... ir à inspeção militar, os filhos, os rapazes iam a Lisboa ou às vezes se eram colocados no quartel lá em Lisboa também se dava algum apoio a partir de casa. Era assim uma troca grande de, de favores não é, de serviços.

E – Hum, hum.

e – E a sociabilidade foi feita muito à volta da família e dessas pessoas, que no fundo nós consideravamos praticamente família.

E – Família.

e – Família, pois. E lembra-se do que é que faziam nessas férias, como é que eram as férias grandes? De, de Verão?

E – Eram estupendas! (Risos) Pelo menos até aí aos, sei lá 16, 15/16 anos. (Pausa 2s) Depois comecei a não achar piada. (Risos)

e – (Risos) Com uma idade já...

E – Porque era em Lisboa que eu tinha os bailes e tinha as festas e tinha as companhias, íamos em grupos de meninos e meninas para aqui para ali e depois lá no campo era uma pasmaceira. (Risos) Mas até lá...

e – Até lá...

E – Até lá era, eram, eram, era um grande gozo. Aaa faziam-se muitos passeios a pé, muitos jogos. Pá havia lá um regatozito onde se faziam corridas com barcos... Ir à, ir à, ir às vindimas, normalmente as férias iam até Setembro portanto ainda dava para ir apanhar a fruta, ir apanhar a vindima e fazer vários trabalhos, a juntar-me às pessoas e a fazer os trabalhos não sei o quê e depois havia a apanha do milho e depois havia a descasca e haviam sempre actividades. Bater o feijão, escolher o feijão (Risos). Eram umas férias ativas e ficou... MARcou-me bastante! Tenho a impressão que mesmo depois a opção que fiz de desenvolvimento local, desenvolvimento rural teve muito haver com essa

e – [Com essas férias (Risos).

E – parte da minha infância. Depois quando me exilei e tive 11 anos exilado fora de Portugal, quando tinha assim, eu recusei sempre qualquer tipo de nostalgias e saudosismos mas lembro-me quando me sentia assim apertar mais o, o Portugal não pensava em Lisboa, nem no bairro onde eu vivia, pensava na aldeia, pensava no campo, pensava lá nos caminhos e nas montanhas, nas serras e nas vinhas e nos pomares, isso é que, e os cheiros! Aqueles cheiros das (Tosse) dos malmequeres e tal, quando soprava a brisa, essas coisas é que, é que me tocavam mais... Hum...

e – Que giro... E assim se... A nível da infância, ainda voltando agora para trás, quais é que são assim as imagens que o marcam, mais fortes? Pronto há aquela de quando caiu, que partiu os dentes. (Risos)

E – (Risos)

e – Mas assim momentos marcantes de, da sua infância... quando era pequeno, assim imagens que guarde.

E – Pois foi esse concurso de que te falei, foi o exame também.

e – O exame?

E – O exame em que não tive distinção.

e – Ah!

E – Por causa de não, não dizer que gostava, não disse que não gostava...

e – Não sabia!

E – Não sabia! Depois aquelas cenas do liceu também... (Pausa 2s) Aaa mais... Assim marcantes, marcantes é mais assim longos periodos. Eu acho que tive uma infância bastante feliz, a todos os níveis.

e – Era uma criança aaa tímida? Era extrovertido?

E – Era pouco físico. Gostava muito, era, era um pouco autista. Muitas vezes preferia estar em casa sozinho com os meus jogos, do que ir para a rua com, jogar com os outros e tal (Pausa 3s) Mas se fosse também jogava não é, mas também nunca fui assim o, o campeão nas corridas e nos saltos e nos jogos (Risos). (Pausa 2s) Mas, mas (Tosse), mas normalmente despertava as simpatias e as pessoas, os miúdos gostavam da, da minha companhia. Vinham bater à porta e desafiar para isto e para aquilo e par acolotro. Nunca me senti assim rejeitado... Embrora senti-se aaa uma certa discriminação social. Havia lá no bairro famílias ricas, famílias pobres e nós estávamos mais indentificados com as famílias pobres, portanto havia malta que até eu entrar no liceu não, não contactavam comigo. Os pais não terão dito não contactes mas havia aquela separação. (Risos) No Liceu como, como dos me, na turma era o melhor aluno, durante bastante tempo, depois praticamente se não era o melhor estava entre os melhores sempre. Aí já as famílias começavam a empurrar os meninos a vir falar comigo. Muitas vezes vinham pedir ajuda.

e – Vai lá estudar com ele. (Risos)

E – Estudar com ele. (Risos) Pois. E então vinham lá com os livrinhos e cadernos e tal, queriam uma ajudinha. E creio que foi, foi isso que superou essas divisões sociais nessa altura, pelo menos para mim, quer dizer... Que abriu o contacto com as outras famílias. Que até aí não tinha contactado. (Risos)

e – E quando era pequeno lembra-se o que é que queria ser quando fosse grande?

E – (Pausa a2) Ah... Houve uma altura em que queria ser padre. (Risos)

e – (Risos) Quando ainda acreditava...

E – Ainda acredita, ia ao catecismo e achava que a única maneira genuína de ser católico era ir até ao fim, era ser padre, era ser totalmente católico. Não era só tar a fazer

assim uns rituais ao Domingo. Depois li um livro qualquer de cowboys e o cowboy depois vive um romance com uma menina e depois abraçam-se e beijam-se e disse “Epá se eu for para padre não tenho isto”. Então achei que padre não era a minha opção. Cowboy também não dava (Risos).

e – Pois... (Risos)

E – (Risos)

e – De maneira que deixei, deixei correr, não tive assim. Nunca tive uma vocação muito forte. Talvez por isso é que acabei por ir para Direito.. Porque era a tal coisa que mantinha sempre várias, várias vias abertas.

E – Pois.

e – Magistratura, Advocacia, Diplomacia... Quando estava já a fazer o curso, achei que Diplomacia seria talvez a via para seguir. Comecei a ver que gostava muito de viajar. E de conhecer outros países e de contactar e falar com outras pessoas e tal. E achei que a Diplomacia podia ser A VIA! Mas depois claro, como acabei o curso de Direito e, e fugi à guerra colonial e ao regime salazarista, foi... Acabei por ter três anos de carreira Diplomática, depois entre 76 e 79 fui convidado por a Maria de Lurdes Pintassilgo, quando ela foi embaixadora na Unesco, para ser um dos concelheiros dela. Então foi, foi a minha compensação durante três anos, mas não, não fiquei com vontade. Não há, não.

E – E voltando outra vez à infância.

e – Pois.

E – Se tivesse que escolher três objectos que marcassem a sua infância quais é que escolhia?

e – Hum... Três objectos...? (Pausa 6s)

E – Os que o marcaram...

e – Os que me marcaram...

E – Ou que caracterizassem a sua infância pronto.

e - Eu, eu acho que a... revista da banda desenhada foi uma, “Cavaleiro andante” como muitos era uma coisa que eu esperava ansiosamente todos os Sábados, acho que saía aos Sábados... o “Cavaleiro andante” para ler as aventuras... os bonecos e...

E – Lia muito?

e – Lia muito! (Risos)

E – E os seus pais incentivavam-no?

e – Sim de certo modo, quer dizer... E depois ia também com, comecei a ir com os amigos e uns vizinhos à biblioteca pública. Havia uma biblioteca municipal ali no Campo Pequeno que ficava para aí a 5 minutos de casa, portanto eu ia... ia, lia bastante na biblioteca. Depois houve uma vizinha que soube que eu gostava muito de ler e que já tinha esgotado os livros todos lá em casa (Risos) e convidou-me para eu volta e meia à casa dela escolher um livro para ler em casa. Nessa altura descobri, entre outros livros, os policiais, que ela tinha lá uma colecção grande. Pronto livros policiais mas também tinha outras coisas para ler. Era uma altura do que mais do que ler se devorava... livros. Hoje em dia ainda volta e meia me falam de livros e, e de clássicos que, que eu li, mas li de tal maneira que eu agora teria que reler com outra atenção não é? Também são... são livros que não, não compreendes com 10, 11, 12 anos tar a ler...

E – Se calhar compreendes de outra maneira que agora...

e – “Os irmãos karamazov”, “Dostoievski”... (Risos) Eram livros em que eu pegava e lia de principio ao fim mas, mas realmente ficava pouco.

E – Pois...

e – (Risos)

E – E que mais objectos?

e – (Tosse) Suponho que se poderia falar da, do álbum de selos, também é uma coisa que eu me dediquei muito e gostei, e gostava muito. (Pausa 4s) E... e, e, e... (Pausa 2s) Nunca tive assim, assim muito fetichismos digamos...

E – Tinha brinquedos?

e – Tive mas eu gostava mais dos jogos que eu fazia do que propriamente dos brinquedos.

E – Era criativo!

e – (Risos) Dos jogos que eu fazia mas não era tanto, tanto digamos fisicamente não é, mas havia aqueles jogos dos dados de avançar, os jogos da Glória e... assim não é?

E – De cobrinhas....

e – Sim! Mas depois eu transformava esses jogos digamos na volta a Portugal em bicicleta. Portanto cada jogo era uma etapa, jogos diferentes não é? Depois os, os bonequinhos punha-lhes lá uma corzinha diferente que era para saber o que era do Benfica, aquele que era do Sporting, do Porto e tal... os corredores e depois fazia as etapas, depois ma, depois tinha um papelinho para marcar os tempos porque... (Risos)

E – (Risos) Uns demoravam mais...

e – (Risos) Pois. O primeiro a chegar, digamos, era o tempo que tava combinado seria, se era 160... 80km quer dizer, digamos 5 horas... Fazia aquilo e logo que o primeiro chegava à meta acabava a etapa, portanto quem ficava a 2 ponto, digamos, tinha perdido 10 minutos, 5 minutos, quem ficava a 3 casas, a 5 casas, portanto... E portanto na etapa seguinte retomava-se a classificação actual e depois tinha-se que se fazer as contas, horas, minutos a ver quem era o camisola amarela ao fim de 10 ou 12 etapas. Depois também os jogos de futebol, mas aí já não era sozinho, era com outros, com as garrafas de cerveja. Também haviam grandes campeonatos. Eu também gostava de fazer. Portanto... o que é que... que objectos? Pois foram esses tipos assim...

E – Jogos?

e – Caricas de cervejas, jogos... Esse tipo de jogos que me entusiasmavam bastante. (Pausa 7s) (Conversa fora do contexto da entrevista)

E – Ok. Sobre a sua infância quer dizer mais alguma coisa? Algo que se lembre? Ou...

e – (Pausa 7s) Ah havia aquelas cenas mas que também nunca me entusiasmaram nada. Havia a mocidade portuguesa na altura, eramos obrigados a comprar uma farpela... camisas verdes e calças, calças... calções castanhos e um bivaque e tal armados em, em soldados anões. A fazer paradas e a parar e tal.

E – Na escola não tinham de fazer algum ritual quando... Não sei. Era uma escola de rapazes não era? Na altura era dividido.

e – Era.

E – E não havia nada que tivessem que fazer, não sei alguma oração quando chegassem à escola, alguma coisa?

e – (Pausa 3s) Não, não. Não, não. Havia lá uns crucifixos e o retrato de Salazar e o retrato do Presidente da República aaa mas não havia assim rituais... Depois havia essas cenas da, da mocidade portuguesa. Havia paradas e depois passava-se em frente à bandeira e depois fazia-se saudação à bandeira e...

E – Eram obrigados a ir?

e – Eramos. (Risos)

E – (Risos)

e – Era... (Pausa 3s) E depois cheguei ao 5º ano de liceu tava tão farto daquela porcaria peguei nos cadernos e livros que tinha meti-os no meio do pátio, já depois dos exames acabados... tinha tido boas notas nos exames (Tosse). Tinha,tinha a escolha, acho que tinha tido 16 a letras, 16 a ciências, portanto podia escolher facilmente escolher ou ir para um lado ou para o outro... Tava farto daquilo, meti tudo numa pilha, cadernos, livros, atirei-lhes fósforos. Fiz lá uma fogueira. (Risos) Aquela porcaria não queimou bem e o reitor descobriu... identificou (Risos). Já tava de férias quando o gajo mandou-me chamar e à família...

(Interrupção)

e – E então chamaram lá a família a dizer que eu tava expulso do liceu. Que não, não pusesse lá os pés no 6º ano. Depois a minha irmã... Já estava, já estava inscrita ela, na altura creio que já estava, ela atrasou-se bastante porque ela chumbou uns anos, portanto ela estava a acabar o 7º ou tava a acabar o 7º, quando eu ia entrar para o 6º. Foi lá fazer um grande choradinho ao reitor que, que eu tava muito arrependido e não sei o quê.

E – E tava? (Risos) Não...

e – (Risos) Mas ele lá aceitou... Chamou-me e tal e, e depois disse que era só para não causar tristeza à família, não era nada por mim que eu tinha feito uma coisa execrável e não sei o quê. Entretanto eu também tinha lançado lá um jornal.

E – Na escola?

e – No liceu. Ah! Quando eu era puto ainda era, antes de ir para a escola comecei um jornal, que era um jornal feito por mim. Aproveitando aquele primeiro ano em que não havia aula, em que não tinha aulas, não tinha de ir À escola, fiz um jornalinho que era o “CocaBichinhos”. Era escrito por mim, desenhado por mim e depois aquilo (Tosse) com uma, com uma agulha e uma linha para fazer a encadernação no jornal, revista.

E – Hum, hum. E o que é que fazia com o jornal?

e – É que a minha mãe costurava para fora volta e meia para ganhar algum... e então tinha lá linhas e tal. (Tosse) O jornal era exemplar único de modo que... o meu pai levava lá para o serviço dele, havia para lá umas vinte pessoas...

E – Para lerem?

e – E juizes também. Para lerem e cada um dava 1 escudo para ler! De maneira que foi a minha primeira actividade remu, remunerada, foi de jornalista. Eles achavam piada aquilo, ao miúdo, às coisas que ele escrevia e desenhava e tal (Risos). Depois no Liceu acabei por fazer as mesmas coisas, a mesma coisa com uma revista, mas já em grupo. Arranjei um grupinho de malta.

E – E já faziam mais edições? Edições, não é edições, exemplares.

e – Não também eram edições únicas! Era edição única. Muito artística, tínhamos lá uns tipos que desenhavam bem, pintavam bem, portanto havia assim... Aaa ainda saíram alguns números.

E – Como é que se chamava, lembra-se?

e – “Júpiter” (Pausa 3s), era o jornal da, da turma. (Tosse) E aí fez-se o mesmo sistema, cada um que quisesse levar para casa pagava depois 1 escudo por empréstimo, trazia depois no dia seguinte. Se se esquecesse pagava outro escudo. (Risos) Era para haver dinheiro para comprar papel e tintas. Aaa nesse, eu aí ocupava-me muito da, da crítica

aos professores e às aulas. E as piadas, anedotas, sobre os professores, o que os próprios professores (Risos) tinham dito.

E – Apontava o que eles diziam, o que se engavam e...

e – (Risos) Nunca os perdoava.

E – Também fazia isso mas nunca foi a lado nenhum, também tinha um caderno onde escrevia isso. Os enganos.

e – (Risos) Há uma vez que eu também fui expulso da aula de física. O professor, o professor acho que era aqui do Algarve, que eu depois vim a saber que era da família, de uma família Viegas, Louro... Viegas Louro acho que era o nome, que era de S. Brás de Alportel. Mas ele já tinha muita idade coitado, já tava mesmo... E era professor de física, física. Era uma coisa inacreditável nos anos, ah no ano em que morreu o Einstein, que eu tinha 14 anos, 55... Tava ele a dar-nos física do sec. XVIII quer dizer... nunca nos falou de Einstein, nem nunca falou de coisa nenhuma da física do séc. XX, isso não existia! Era só física newtoniana... Aaa mas portanto tava ele a fazer uma experiência para mostrar que o movimento provoca, pode provoc, provoca electricidade, portanto uma espécie de (Inperceptível) e depois dá-se à manivela, ligada a uma lâmina qualquer, essa lâmina movimenta-se e por baixo acende-se uma vela e para provar que realmente era essa movimentação e que era a electricidade que se produz e é gerada por esse movimento, às tantas a chama da vela apaga.

E – Sim.

e – Ele, ele passou praticamente a hora de aula a dar à manivela. (Risos) Porque a vela nunca mais apagava, coisa nenhuma. Ele já tava cansado, chamava-nos a vir à vez, a dar à manivela (Risos)... Tava mesmo a aula a acabar e, e, e a vela apagou-se! Não sei se tava cansada. (Risos)

E – Se calhar já tava farta de tar ali..

e – (Risos) Já tava farta de esperar, apagou-se e ele ficou com um ar de triunfo. Tinha provado que era realmente assim, a experiência, tinha provado. E nessa altura pedi, levantei o dedo “O que é que o menino quer? E tal.” “Ah Sr. Professor e se tivesse logo de inicio soprado não era mais depressa?” (Risos) Mais uma falta de castigo. De

maneira que era assim o género de coisas com que a gente se entretia com, com os professores.

E – Para por no jornal.

e – E depois punhamos no jornal. Depois era preciso tar a provocar notícia. (Risos)

E – Pois.

e – Pois não sei que te diga mais. Depois olha, depois houve, foi em 58, tava eu com 17... tava a acabar o 7º ano quando foi a campanha do Humberto Delgado. As eleições em que apareceu pela primeira vez um deputado, um deputado não, um candidato que fez, que meteu medo ao regime e então, aí comecei a ficar mais politizado... Com todo esse movimento e com alguns dos colegas também, (Tosse), que tavam a acompanhar os acontecimentos portanto... (Pausa 2s) que isso veio, veio, veio mostrar que aquele regime que se viva não, não era o inevitável e que havia certamente alternativas e outras maneiras de viver e isso veio-se a confirmar logo que comecei a viajar para o estrangeiro. Que se respirava noutros países e não se respirava em Portugal. Comecei logo a fazer planos para, para me vir embora... Independentemente até da guerra colonial, eu acho que teria vindo sempre (Tosse)... Aquele país não era para jovens (Risos) nem para adultos nem para velhos! (Risos)

E – Como o filme.

e – Pois.

II Entrevista

E – Como disse são questões em parte tiradas da, da outra entrevista. Aaa durante a sua infância disse que, que no seu bairro sentia uma certa discriminação social por haver a parte rica e depois era a parte mais pobre, e a sua família se identificava com a parte mais pobre. Aaa não sei se lembra?

e – Hum, hum.

E – Estávamos a falar que depois essa divisão acabou um bocadinho quando foi para o liceu... começaram a ver... “vai lá estudar com o menino que ele é inteligente”. Mas como, como é que sentiu essa discriminação? Havia alguma que... que via, que havia discriminação ou que simplesmente que havia, que havia uma barreira entre os pobres e os ricos?

e – Sim... Por um lado os próprios, o tipo de prédios aqui não sei, não, não sei se conheces o bairro mas há alguns prédios são prédios de andares, há outros e, e vivendas! E lado a lado. Portanto de certo modo as pessoas das vivendas tinham uma situação sócio-económica superior aos outros não é? E, e, e ainda por cima o nosso andar era um era, era uma cave (Tosse). Portanto era assim no baixo da escala. (Risos)

E – (Risos)

e – Como é que se notava? Eu acho que se notava especialmente aaa, eu julgo, aaa por um lado brincávamos todos na rua... Mas claro, haviam uns que tinham aaa por exemplo a jogar o hóquei, haviam uns que tinham os fatos, as botas, os stikes, tudo como deve sere os outros jogavam com, com os talos das couves. Não (risos) tinham dinheiro para comprar stikes, em vez de bola era uma batata ou uma coisa qualquer que se arranjava. Aí notava-se uma diferença. Por outro lado, também quando (Tosse), quando depois eles faziam festas, digamos assim, ou festas de anos ou coisas assim, via-se quem é que era convidado e quem é que não era não é? Quem é que entrava lá em casa e quem é que não entrava. Havia uns que eram só para brincar na rua e outros que...

E – Que já dava para entrar dentro de casa.

e – Já dava para entrar dentro de casa. (Risos)

E – Mas havia assim atitudes que eles tinham ou era realmente essa marcação de, na minha casa só entram os ricos, na rua... (Risos)

e – Pois era tudo um bocado implícito, não... não se dizia, não, não havia assim uma agressão vocal.

E – Ok... Aaa depois falou que também gostava muito de rir, aaa de rir... de ler.

e – Também gostava! (Risos)

E – (Risos) Também, de ler. A, havia, houve algum livro do, dos muitos que leu que tivesse marcado a sua infância?

e – Infância, propriamente... (Suspiro)... (Pausa 6s) Não, assim de infância não me lembro de livros que me tivessem marcado muito. (Pausa 2s) Pois aaa eu falei-te de um, isso já devia ter quê, uns 11 anos? Também será infância? É possível...

E – Infância será quê, até aos 12, depois é a puberdade, não sei... (Risos)

e – (Risos) Mas isso era uma historinha qualquer pá, uma história que cowboys em que depois aaa, ele lá parte com a rapariga e tal e isso...

E – Descobriu que já não queria ser padre.

e – Pois. (Risos) Porque o livro que me marcou bastante acho que já foi mais tarde, já terá sido lá para os 14 ou 15 e foi um, um livro de um autor inglês, o SummerSet Maugham, chamado “O fio da navalha”.

E – O nome não me é estranho. O, o nome do autor não, mas de...

e – Hum, hum.

E – E então porque é que o marcou? O que...

e – Acho que correspondia muito, aquilo era aaa é uma biografia de um tipo do, desajustado, toda uma, uma, mas é mais a adolescência não é, um desajustamento e eu identifiquei-me muito com aquela figura e eu achei que aquilo tinha muito haver com, com a maneira como eu estava a viver aqueles anos e acho que, que foi assim um livro que me marcou e que... Não será (Tosse), bem acho que é, é um romancista conhecido,

não é alta literatura, é um tipo que fundamentalmente escreve muito bons contos a, aqueles que, o nome dele é SummerSet Maugham, escreve-se M, A, U, G, H, A, M.

E – Isso é bom para a transcrição.

e – É (Risos).

E – (Risos)

e – Mas lê-se “Mome”, SummerSet Mome (Risos) e...

E – Identificou-se com, com a história do livro?

e – Foi, foi. Ele até... se não me engano ele tinha um defeito físico, não era exactamente o meu caso, mas de resto havia uma identificação.

E – E em relação ao seu pai? Pronto a sua mãe não estudou e o seu pai já estudou um pouco e falou que ele ainda tinha umas noções de línguas, do francês, do inglês e, e ele chegou a aprender ou foi coisas que ele... onde é que ele aprendeu?

e – Foi tudo, a, a, as aulas que ele tinha, aulas nocturnas para fazer o 5º ano e depois o 7º ano.

E – Eles tinham inglês e francês?

e – Principalmente francês. O inglês não, não teria grande conhecimento, só... (Tosse) algumas coisas que se ouviam porque quando se ia ao cinema, pronto. É uma das vantagens de Portugal não ter os filmes dobrados não é? Sempre se vai aprendendo umas palavras, não exactamente (Tosse) uma comunicação fluída. Pelo menos palavras, ele conhecia algumas palavras e por isso é que quando ó, quando foi para Inglaterra volta e meia descobria uma palavra e verificava, só que não conseguia era depois verificar a frase toda não é?

E – Ah! E agora relativamente

e – [Mas ele não fez curso de língua, especificamente.

E – não?

e – Não nem na sua profissão não usava as línguas.

E – Só aquilo que ia ouvindo e ia aprendendo. E agora relativamente à sua irmã. Lembra-se de quando ela casou? Ainda era novinho, devia ter quê? 14, 15 anos? Se calhar nem tanto.

e – Pois... Portanto nós temos um diferença de 5 anos...

E – Ela casou aos 19...

e – Foi? (Risos)

E – Não foi?

e – Não me lembro... Com 19? Não, tenho a impressão que casou mais tarde. Pois deve ter começado a namorar aos 19, porque... porque aaa como ela conheceu o marido através de mim e da minha namorada da altura, que era irmã do futuro marido dela. Portanto ela só poderá ter conhecido depois de eu ter conhecido a... a, que foi a minha primeira mulher, a Elisabete. E creio que só a conheci quando eu tinha 16. Portanto eu devia ter já uns... 17, 18 e ela devia ter para aí uns 23... (Pausa 5s)

E – Ah, isto tudo para perguntar se se lembra como é que foi o casamento... Mas o facto de... como era rapariga, o facto de ter começado a namorar, como é que o seu pai reagiu? Como é que foi com o casamento, quando ela saiu de casa sentiu alguma diferença? O facto de a irmã sair de casa...

e – Hum, hum... (Tosse) (Pausa 5s) Pois o, o meu pai, os meus pais já se tinham oposto a alguns relacionamentos que a minha irmã tinha tido antes. Depois nessa altura também não foi assim um... uma aceitação a 100%, mas acabaram por ver que, quer era bom para ela. E também acharam que era bom ela sair de casa e fazer a sua, ter a sua vida, constituir a sua família. Ele tinha, tinha um emprego, relativamente estável, portanto acharam também, que do ponto de vista económico era também bom. E, e deram apoio. Deram apoio. A festa até foi lá em casa. E, e depois ela saiu de casa. Acho que até nos primeiros tempos, não sei se foi viver para casa da mãe dele, enquanto procuravam casa. Acabarm depois, mas eu creio que já depois do filho ter nascido, acabaram por ir viver no bairro, ali muito perto. Porque como ela trabalhava a tempo inteiro, trabalhava no Ministério da Economia, aquilo era no Campo Pequeno, lá umas instalações, no Ministério da Economia, vivendo ali dava-lhe jeito. Era muito perto para ir e voltar, para almoçar a casa e tal. Aaa como é que eu vivi esse, a situação da saída

não, não... Digamos que fiquei sozinho (Risos) especialmente com o meu pai e talvez aí, às vezes as relações tivessem aaa tivesse havido alguns momentos mais críticos de confronto não é. A idade que eu tinha, 19, 20 anos aaa, o facto de eu estar a politizar-me rapidamente contra o regime e o meu pai... Aaa não seria um defensor acérrimo mas era uma pessoa que achava que acima a ordem... e que o Salazar tinha sido o, o garante da ordem e, e o que, qualquer coisa que viesse que, que seria a desordem, seria uma coisa muito perigosa para o país. Aaa mas também nessa altura, portanto, 19, como eu fiz 20 anos em 61... aaa foi quando depois rebentaram os acólá, (Tosse) aaa os problemas lá em Goa, a invasão de Goa, a tomada de Goa, portanto, pela União Indiana, a expulsão dos portugueses. Passado pouco tempo foi depois em Angola não é? A partir de 61 começou, começou pessoal a embarcar para a, para a guerra em África e, e aí tenho a impressão que, acho que o, o meu pai começou a recuar um pouco, digamos a sua defesa do regime. Porque uma das grandes defesas do regime é que tinha, é que Salazar tinha evitado que entrássemos na guerra, era o MITO que corria. (Tosse) De ter SALvo a pátria da guerra e da destruição. E aí, aí já não se podia dizer o mesmo e como eu estava a atingir a idade de serviço militar, portanto também, uma grande preocupação dos meus pais. (Tosse) A, a minha irmã como era e sempre foi bastante faladora e comunicativa era a pessoa que preenchia os tempos e os espaços e a comunicação lá em casa, portanto eu podia refugiar-me...

E – No seu mundo! (Risos)

e – (Risos) No meu mundo, e deixar a conversa correr às refeições e, e, nos momentos em que tavamos todos juntos lá em casa. Depois fiquei sozinho já não tinha essa, essa defesa... (Risos)

E – Salvação. (Risos)

e – (Risos) E aí entrávamos um bocado em confronto. NUNCA foi nada de muito violento, mas volta e meia tínhamos assim umas zangas de concepções, opiniões. (Risos)

E – Pois tinha ideia que tinha sido mais cedo. Aaa (Tosse) já agora que falou da sua primeira mulher, quando, qual é que foi o seu amor? Lembra-se? Quem diz amor diz namorico...

e – (Risos) É difícil. É difícil estabelecer assim um, qual foi o primeiro... porque desde aquelas brincadeiras...

E – Queres ser meu namorado? Olha tá bem. E agora? Olha agora brincamos!

e – (Risos) Pois! Vamos brincar aos doutores! Aaa (Pausa 2s) lá no bairro havia aquelas brincadeiras e tal “Ah ah aquela é a tua namorada e tal e não sei o quê...” e depois nas férias no campo também. E aí as moças eram mais saídas... do que na cidade. Aí metiam-se mais, queriam brincar mais. (Risos) De maneira que também tive assim umas... não se pode falar em amores, mas normalmente era assim uns entusiasmos. Uns entusiasmos que davam para preencher os dias e as noites.

E – E quem é que foi a primeira pessoa que o marcou?

e – A primeira pessoa com quem comecei a namorar propriamente, no sentido de marcarmos encontros e sairmos juntos e tal, isso já foi depois. Já eu teria 17 anos e foi precisamente com essa (Tosse) que foi a mãe da minha primeira filha e que ela é irmã do marido da minha mulher, da minha irmã! (Risos)

E – Sim.

e – Aí aos 17 anos, foi.

E – Depois voltamos se calhar da próxima vez a falar sobre isso. (Risos)

e – Ah também é preciso falar dessas coisas? (Risos)

E – Aaa ainda voltando ainda um bocadinho à sua infância, por causa da mocidade portuguesa que falou da outra vez, aaa portanto vocês eram obrigados? A andar, a andar na mocidade portuguesa. Começou aos 7 e, não sei com que idade...

e – Não, não aquilo (Imperceptível) portanto já era no... na escola primária não havia mocidade portuguesa.

E – Ah tive a ler que era obrigatório a partir dos 7...? Dos 7 aos 14 mais ou menos... não sei...

e – Hum... não me lembro! Seria?

E – Não sei!

e – (Risos) Pois! Eu não me lembro se na escola primária..

E – Pois a minha questão era essa, se quando começou tinha a noção do que é que era aquilo! Quando é que começou a ter noção de onde estava? Daquilo que era obrigado a fazer.

e – Pois eu só me lembro já no liceu, portanto o que corresponde agora ao quinto ano? Mas o quinto ano já com 10 anos, 10/11 anos não é?

E – Sim, sim.

e – E era obrigatório no sentido que fazia parte do horário semanal, devia ser às quartas à tardes será?

E – Ah tinham, é como um aula?

e – Era. Era um período, era toda a tarde praticamente.

E – O que é que faziam?

e – Parvoíces! (Risos) Tínhamos de ir fardados! Portanto havia um farda especial, tínhamos assim um bivaque na cabeça, mais uma camisa verde e um calção castanho, um cinto, um cinto que tinha um S a frente...

E – De Salazar?

e – Possivelmente! Eles diziam que era servir mas... sempre pensei que seria Salazar, certamente. E depois era, era brincar um bocado aos soldados, quer dizer punham as pessoas em parada, alinhados e depois marchavamos.

E – Vocês preparavam-se para alguma coisa que depois iriam apresentar?

e – Depois virar à direita, depois virar à esquerda, depois marchar (Risos). E depois volta e meia haviam também outras actividades voluntárias, digamos. Umas saídas, umas... mas aí nunca fui. Só ia mesmo ao que era obrigatório.

E – Pois. Tinha consciência do que era aquilo?

e – Não!

E – Simplesmente não gostava.

e – Era por (Imperceptível). (Risos) E depois havia toda uma herarquia, havia (Tosse) pequenas células, havia grupinhos de 5.

E – Hum. Hum.

e – E depois havia o chamados Chefes de QUIna, que era o chefe do grupinho dos cinco e depois não sei quantas quinas faziam qualquer outra coisa e havia outro chefe de qualquer essa coisa e depois a coisa ia crescendo pá e depois, e, e as camisas tinham aquelas... como é que se pode dizer? Tinham assim umas bandazinhas...

E – Insignias? Como os soldados têm?

e – Como os soldados, com, com botão...

E – Sim, sim as insignias.

e – Insignias. Metia-se aí a... quando era chefe de quina já tinha direito ali a uma porcaria qualquer colada no ombro. Mas eu nem a chefe de quina cheguei.

E – Desistiu ou quando pôde sair...

e – Ah quando pude sair saí pois! Só estava lá porque era obrigado. Mas digamos que quando havia a, durante essas actividades não, não, não havia assim nada de muito político. Mas depois faziam uma série de festas, reuniam vários liceus por vezes em Lisboa e depois era obrigatório ir lá ao Estádio Nacional no, no dia da Raça.

E – Dia da Raça? O que era o dia da Raça?

e – Era o dia 10 de Junho.

E – Porquê da Raça?

e – (Risos) Depois mudaram, passou a ser o dia de Portugal. Mas no início chamavam-lhe o dia da Raça, o dia de Camões.

E – A raça parece um bocadinho... a raça perfeita?

e – Bastante. Era influências, eram influências. Como se houvesse uma raça portuguesa não é? (Risos) E aí já havia grandes discursos dos TOPs. Faziam assim grandes discursos sobre a Nação e a Pátria e o serviço à Pátria e o grande homem que era o Salazar... Aí havia mais endoutrinação. E depois havia algumas actividades extra. Eu

escapei-me logo por, para essas coisas porque... como aquilo era toda uma tarde se a pessoa entretanto se inscrevesse noutra, nalgumas actividades além dessas marchas para-militares e tal aaa já não tinha que as fazer não é? Portanto aaa, uma das actividades era o xadrez, inscrevi-me no xadrez e passei, maior parte dessas tardes foi para jogar xadrez. Depois havia torneios entre escolas e eu entrava nessas, nessas cenas para fugir ao, ao militarismo.

E – Hum, hum. E agora já que estamos a falar da juventude, enquanto jovem lembra-se de, de medos que tinha?

e – Medos, sim! Tinha o medo enorme de, de dormir sozinho às escuras. (Risos) Levei bastante medo a libertar-me disso.... porque... tinha medo especialmente acho que da minha imaginação! Enquanto estava com outras pessoas ou estava às claras não, não funcionava tanto mas quando estava tudo escuro e se estivesse sozinho começava a funcionar de forma acelerada.

E – Ainda em jovem?

e – Hã?

E – Ainda em jovem?

e – Sim, desde que me lembro... (Riso) que tinha, que tinha assim medo do escuro e de ficar sozinho no escuro. (Risos) Outro medo foi da água! Sim, de me meter no mar.

E – Porquê? Alguma coisa que se tenha passado ou...

e – Não sei! Hehe.

E – Sabe do que é que tinha medo?

e – De, de estar dentro de água assim... completamente rodeado de água por todos os lados (Risos). E então recusava, quando iamos à praia ou assim, recusava aproximar-me e depois havia sempre aqueles engraçadinhos, ou tio ou não sei quantos, pegava em mim e “badabum” lá para dentro. (Risos) Portanto ainda com mais medo ficava (Risos).

E – Pois.

e – (Risos) Uma vez já, já com os meus quarenta e tais anos e fui com minha mulher na altura (Tosse), viemos a Portugal e ela através de uma amiga quis ir falar com um

vidente, que a amiga lhe disse que o vidente era muito bom, no Bairro Alto. Então entrámos os dois, eu e a minha mulher, ela foi à frente (Tosse) e o vidente quando nos viu, ele sabia que era ela que ia falar com ele, não era eu... nessa altura olhou para mim e disse “Oh! O senhor na vida anterior morreu num naufrágio. Era, era, o senhor era imediato de um navio e morreu num naufrágio sabia?” (Risos)

E – (Risos) Se calhar era por isso que tinha medo da água?

e – (Risos) (Imperceptível) Achei estranho, ele não me conhecia de lado nenhum, nunca tinha falado comigo, foi assim a primeira vez que nos apresentamos. De onde é que lhe saiu essa? (Risos)

E – E no liceu depois de ter escolhido alínea no 5º... não no 7º ano?

e – A alínea escolhia-se no 5º!

E – No 5º.

e – Equivale ao 9º não é?

E – Portanto vocês tinham o 5º de agora e o 6º de agora...

e – Nós tínhamos 4 anos de primário não é? Depois tínhamos 5 anos no chamado primeiro ciclo.

E – Era 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano?

e – Era aí voltava-se a contar 1º, 2º, 3º, 4º e 5º, aí fazia-se o exame e se passasses ficavas com o Curso Geral dos Liceus. Muita gente parava ali, dos que tinham feito paravam ali e já era um grau relativamente bom. Minoritário, digamos, era uma minoria de pessoas que chegavam a ter o 5º ano ainda. Os que continuavam é porque normalmente iam para a Universidade.

E – Aí era o 6º e 7º?

e – Aí faziam o 6º e 7º. Aí é que já havia escolha.

E – Então no final do 5º escolhiam então a alínea, se queriam continuar e faziam o 6º e o 7º.

e – Hum, hum. Havia, não haviam muitas alíneas mas haviam umas seis ou sete alíneas. Só que algumas eram muito minoritárias e obrigavam a ir para liceus longe e tal.

E – E depois de ter escolhido a alínea, referiu que na altura se juntava com amigos para estudarem, para estarem todos juntos. Pronto a questão era como é que corriam esses encontros? Como é que vocês os marcavam? Se tinham... se estudavam antes dos exames ou antes dos testes ou se tinham um ritual de estudo? Como é que vocês se organizavam?

e – (Pausa 3s) Pois no liceu (Tosse), no liceu nesses dois anos era relativamente, era diferente talvez depois do que na universidade. Aí no liceu havia muitos exercícios, regularmente.

E – Trabalhos de casa?

e – Não era, não era tanto de casa, era, eram exercícios que os professores marcavam com regularidade, “No dia tal temos exercício”.

E – Ah! Como um teste?

e – Sim! Eram testes que se faziam na aula. Portanto a aula passava-se com, com o exercício que o professor dava e depois o professor levava-os e marcava-os e a nota do período... e depois a nota final dependia muito desses exercícios. Para quem os fazia, mais ou menos, era quase sempre só os exercícios, para quem não fazia muito bem os exercícios, depois havia as chamadas que o professor chamava... ao quadro digamos e fazia questões àquele aluno durante mais tempo, enquanto os outros ouviam e tentavam às vezes soprar para ajudar. E portanto aí os exercícios, a não ser algumas matérias assim mais complicadas, às vezes matemática e tal, às vezes juntávamo-nos dois ou três... Dois mais, geralmente, para trabalharmos um bocadinho mais os exercícios.

E – Nunca deu explicações?

e – Dei! Hum, hum.

E – Pagas?

e – Pagas! (Risos)

E – Quando andava no liceu ou...?

e – Quando andava no liceu ainda não tinha feito o 5º ano... eu não sei que idade teria, mas era miúdo, 12, 12/13 aaa quando fui de férias, nas férias grandes, havia lá uma moça, já com vinte e tal anos, que, que quando abriu um concurso para Regentes Agrícolas, sabes o que são Regentes?

E – Regentes, sei, estive a ler sobre isso também.

e – (Risos) Pronto para certas escolas, não é, não havia suficiente grupos de pessoas qualificados, pronto. Principalmente para o primário, não é, metiam os Regentes. E então ela... estava a preparar-se para fazer o exame ara Regentes Agrícolas, Regnetes Agrícolas? Regentes Escolares! E... e depois lá... não sei se foi o meu pai, que, que a, achou que eu conhecia a matéria, que tava fresco nessas matérias e possivelmente podia ser uma ajuda e então ela vinha umas horas por dia, vinha lá e nós imaos lá para uma sala e eu dava-lhe as explicações.

E – Hum, hum.

e – E depois as pessoas ficavam muito admiradas porque ela era uma pessoa de vinte, vinte e tais anos e eu era um puto de 11, 11 ou 12, 12, 12! “Olha o professor da... o professor da professora!” (Risos)

E – (Risos) Foi então aí que começou a dar explicações.

e –Aí não eram pagas, essas, essas explicações e claro a família e depois volta e meia dava umas coisas aos meus pais e assim... E ela passou! Depois já no liceu lembro-me, já não sei como, ter dado explicações já devia estar no... dava explicações portanto já devia estar no... não era da área do Direito as explicações que eu dei, até acho que eram de matemática, ciências, portanto devia estar no 5º ou 6º e dei explicações lá a um, a um miúdo, que morava lá perto do liceu. Aí recebia qualquer coisa.

E – E durante o liceu, depois chegou dar? Como disse que se reuniam muito em grupo para estudar e os pais diziam aos filhos “Olha vai estudar com, com aquele rapazinho que é bom” e visto que eles eram da classe mais rica e não é? Se calhar... Não, não acontecia?

e – Não era regular, portanto não eram propriamente explicações.

E – Estudavam juntos?

e – Estudávamos juntos, sim. Quanto muito ganhava um lanche.

E – E ainda no liceu, lançaram a revista. Como é que apareceu essa ideia de fazer a revista lembra-se?

e – Não! (Risos) Não, eu creio que fui que eu tomei a iniciativa com, especialmente com outro amigo (Tosse) com quem saía bastante também conversas e fazíamos grande parte do caminho para casa juntos e tal.. e acho que foi, a ideia de se fazer uma revista formato número único.

E – Hum, hum.

e – E que era uma maneira também de aaa, de aproveitarmos assim alguns talentos lá da turma, havia malta que desenhava muito bem, aaa havia alguns que escreviam bastante bem, portanto era reunir assim algumas colaborações e juntar aquilo.

E – E como é que vocês se organizavam para fazer a revista? Cada um fazia e depois juntavam tudo? Estavam todos juntos?

e – (Inspiração) Pois informalmente eu suponho que podemos chamar um conselho redatorial, que eramos os dois, eu e esse moço, esse moço... Alentejano (Risos), mas era da zona de Elvas, ele quando vieram, os pais eram professores do ensino primário e vieram para Lisboa depois. Portanto ele não foi meu colega no primeiro ano, creio que foi a partir do terceiro que nos encontramos, eles vieram viver para Lisboa. E depois demo-nos sempre bastante bem, ainda nos contactamos volta e meia. Aaa portanto eramos os dois em principio que, que pediamos colaborações. Aquilo que era necessário era, acho que era naquelas folhas de papel cavalinho ou não sei o quê não é? (Risos) E depois, mas cortava-se num formato mais ou menos A4, depois dobrava-se e depois aquilo tinha de circular. Portanto aquilo devia ter umas oito páginas talvez... presas. Portanto aquilo tinha que circular porque um tinha que levar para casa para desenhar a capa, pintar a capa, depois teria que fazer qualquer coisa na contra-capas mas em, em principio nós programávamos e depois pediamos não é?

E – Saía todos os meses ou... quando conseguiam?

e – Quando se conseguia notícias. (Risos) Não sei quantos terão... ainda saíram uns 5 ou 6 números. Depois mandei encadernar aquilo.

E – Ainda os tem?

e – Não. Depois houve alguém que pediu para ler e nunca mais devolveu. (Risos)

E – Pois... E aquele que fazia o Salta Pocinhas? O, o...

e – O “Coca Bichinhos”? (Risos) Nunca mais vi nada. Ainda fui a casa dos meus pais à procura nos papéis velhos mas não vi. Não houve assim muita coisa porque depois eu saí de casa, embora os meus pais tivessem sempre mantido a mesma casa até ao fim aaaa a minha mãe como não lia também não dava grande valor ao que estava escrito. (Risos) E creio que ela precisou de espaço e deve ter posto aquilo de lado.

E – E disse que uma das razões porque escolheu a alínea de Direito era também porque tinha, tinha uma inclinação para a Política...? E isso teria uns 15, 16 anos por aí... quando é que começou essa inclinação? Com que acções é que começou a ser mais político? Aaa a ter mais atenção à parte política?

e – (Inspiração) (Pausa 3s) Aaa digamos que (Tosse) não havia ninguém aaa antes do, portanto antes de ter entrado na alínea de, de Direito, não tinha assim grandes conversas aaa sobre política propriamente, era mais uma revolta contra o autoritarismo. Uma revolta contra a intolerância que se sentia muito, não é? E aí havia essa revolta mas não era estruturada depois em, em qualquer tipo de opção política, digamos assim. Era só ser contra, contra aquilo que me parecia que era repressão de, da minha liberdade e, também por outro lado, um sentimento de revolta contra a situação de pobreza e miséria que eu via muito, tanto na cidade como no campo. Parecia-me que havia certamente uma maneira de ter uma sociedade melhor, uma sociedade mais justa. (Tosse) Só, aaa, a pessoa que na altura ainda no, ainda no primeiro ano ou segundo de liceu, foi alguém que nasceu para isso, a, a pessoa mais politizada que havia na altura lá no meu liceu, era o Jorge Miranda (Tosse) que aí com 12 anos já fazia constituições (Risos) e então ele é que nos falava muito da Democracia e não sei o quê. Era assim o, o tipo mais estruturado em termos políticos, mas a gente não ligava muito a isso porque ele também não era assim tipo (Tosse) para se juntar às brincadeiras e aos jogos, estava lá muito agarradinho às instituições. (Risos) E volta e meia saía, queria-nos ler uma constituição e a gente não queria ligar nenhuma àquilo. Mas (Tosse), mas assim política mais estruturada no fundo era ele mas também com, com uma democracia aaa... SIM a ideia

de partidos, de liberdades e direitos ele, ele já trabalhava muito essas coisas. Era assim a pessoa mais avançada do ponto de vista político.

E – Com 12 anos...

e – (Risos) Ele deve ter nascido a fazer constituições. Aaa depois no sexto ano já, realmente já havia conversas mais estruturadas, questões de políticas... já, já havia livros proibidos que passavam... (Pausa 3s) que se passavam de mão em mão e leituras...

E – Como é que os arranjavam?

e – (Pausa 2s) Aaa havia sempre pessoas ligadas, principalmente ligadas ao, ao PCP e... que ainda, que era força mais organizada na altura da resistência e que tentava também fazer algum tipo de mobilização não é, junto dos jovens. E claro como era proibido tinha uma atracção imensa. Poder ler os jornaizinhos, os livros... (Tosse) Depois em 58 houve assim um abanão forte político no país, que foi a campanha do General Humberto Delgado.

E – Hum, hum.

e – Toda essa campanha eleitoral... 58 e, e depois as manifestações e a polícia de cheque e não sei o quê... Sentiu-se, sentiu-se o, o, a ditadura na sua violência não é? Antes que era mais latente. Antes as pessoas quase que se autoreprimiam, tinham medo de falar claro, mas não se via a violência expressa. Tanto... via-se em certos sitios, houve pessoas que foram assassínadas, presas, mas não se via à frente dos teus olhos. Eram coisas que se ouviam, os jornais não podiam falar disso, mas ouvia-se falar. Mas aí não (Tosse), aí era nas ruas, era nas ruas principais de Lisboa.

E – Participou em alguma dessas manifestações?

e – Aaa Não! Aaa participei foi em ver os comícios na altura, em 58.

E – Teria quê? 17?

e – Em 58 com uns colegas meus. Tinha 17. Hum, hum. Mas depois essas cenas mais de, de ir ao, por exemplo (tosse), houve alturas em manifestações de rua, de apoio ao Humberto Delgado e tal... aí já não fui. A minha mãe fazia uma chantagem emocional, assim quando sabia o que, que isso ia acontecer e queria que eu ficasse em casa “Já sabes que eu vou ficar a chorar e não sei o quê...”

E – (Risos)

e – (Risos)

E – E então quando era assim não participava...

e – Pois não. (Risos)

E – E nas manifestações ia como quem... ia ver! Nunca era activo...

e – Sim, nunca fui. Pois, não era líder, nem me metia na frente de batalha. (Risos)

E – Ok... E ainda com 15, 16 anos disse que começou a não gostar tanto de ir para o campo nas férias de Verão, porque era nessa idade que tinha os amigos, que tinha os bailes... Como é que era a sua vida social? Pronto, já em jovem... Ia aos bailes? Como, como é que era a sua vida?

e – Pois, especialmente a partir dos 16 e do 6º ano do liceu, portanto... O 6º, o 6º que é agora o 10º...

E – Pois, 10º, 11º...

e – Pois que agora há mais um ano não é?

E – Agora há o 12º.

e – Pois, antes só havia onze anos.

E – Havia e depois havia mais o propedêutico não era?

e – A certa altura houve mas na minha altura não. Saltava-se... eram 4 no primário e 7 no chamado Liceu. 5 no primeiro ciclo e 2 no segundo ciclo. Portanto 11º era o último, era o que correspondia ao 7. Portanto eu estaria no 6º, aí com 16 anos, (Tosse) já com um novo grupo de amigos, lá da turma da, da alínea de Direito não é? Aí é que começamos a sair mais, a organizar mais festas, um círculo também depois de moças amigas. Também se organizavam depois para fazer festas. Normalmente era mais na casa de uns e de outros. Festas de anos, bailes. Uma vez por outra também íamos assim a alguns locais onde se, se dançava fora. Mas aí já foi mais tarde, porque aí era preciso automóvel, porque geralmente era na linha do Estoril havia ali um... não sei como é que aquilo se podia chamar, a gente não ia jantar... Havia locais que tinham orquestras e

tinham uns espaços dançantes digamos assim... Aaa tomar uma bebida, pagar uma bebida, passar lá umas não sei quantas horas aaa e, e depois, comecei a ir ao cinema muito cedo. O cinema foi sempre uma actividade que me atraía muito e também foi uma escola, uma escola de educação até política.

E – Porquê?

e – (Risos) Aaa pertencia a CineClube, portanto havia e havia também umas sessões de cinema de, de sessões clássicas, havia a Cinemateca.

E – Ainda há.

e – É, há. Era relativamente barata. E, eram locais onde as pessoas, onde tipos assim mais politizados, digamos assim, trabalhavam e tentavam escolher determinados tipos de filmes não é? Tentando escapar à censura na medida do possível.

E – Viam filmes proibidos?

e – Pois isso não, não. Abertamente não se podiam ver, mas depois haviam filmes que tinham passado à censura porque não eram abertamente, não tinham uma mensagem explícita (Tosse) mas muitas vezes eram filmes que eram comentados antes e muitas vezes haviam debates a seguir.

E – Hum, no cinema?

e – Sim, esses do CineClube eram, eram sempre comentados e depois debatidos não é? No cinema propriamente dito não, era entre nós, como nós iam todos ao cinema ver o filme e depois discutiamos o resto da tarde.

E – Então o cinema foi também uma, uma boa entrada para a política?

e – Sim. Sim na altura passava muito o cinema italiano, o neo realismo italiano que não tinha sido proibido. E depois muitos livros, romances, desde o Jorge Amado e depois os portugueses... o Soeiro Pereira Gomes, o Manuel de Oliveira, outros mais contemporâneos, Bernardo Santareno, José Gomes Ferreira, assim uma série de autores que circulavam bastante pela juventude rebelde (Risos).

E – Ok. Depois entretanto foi para a Universidade não foi?

e – Hum, hum.

E – E como foi depois a sua vida na Universidade? A nível dos estudos, a nível de política não é? Se calhar aí também começou a crescer mais não é?

e – Hum, hum. Sim! Sim e via-se que a Faculdade de Direito era uma Faculdade de Políticos. Tanto a nível de pessoal docente que eram praticamente todos ex ou ministros do Governo (Risos) aaa, havia apenas um que eu me recordo que era conhecido por ser da oposição, que era o Paulo Macarlos, que depois do 25 de Abril ainda foi ministro, na altura acho que Spínola. Aaa mas os outros eram todos do grupinho... dos professores não é? Entre os estudantes já havia clivagens muito fortes e já se notava aaa, a já se agrupavam, digamos assim em várias tendências, os católicos mais progressistas, os católicos mais conservadores, depois haviam os incondicionais do regime e depois havia, claro que ninguém se podia afirmar comunista mas havia... Aaa aliás tive como colega durante os 5 anos e nunca dei por isso, era assim uma pessoa bastante discreta, nunca ia para a frente, não fazia assim grandes discursos, embora tomasse sempre posições da, da parte oposicionista. Mas também era maioritária, ganhá, ganhámos sempre nas eleições, na Faculdade de Direito quando eu lá estive...

E – As eleições?

e – As eleições para a Associação Académica. E havia sempre, digamos, a clivagem direita, os situacionistas e os contra não é? Os contra era realmente uma, uma aliança de muita gente mas aaa...

E – Os contra, o regime?

e – Sim, sim. Pois. Aaa quem é que eu tava a querer citar? Ah, aquela, aquela, depois fiquei a saber que ela era do PC e já na altura era. Aquela que foi deputada muitos anos, que era ali de Setúbal (Pausa 5s) agora não me lembro assim, era forte e fazia teatro também, teatro amador, ela aparecia muito na televisão... (Risos)

E – Sim a que teve um filho que morreu, não era? Não era essa?

e – Não sei... Essa questão do filho não me lembro.

(Interrupção)

e – Mas aaa o Jorge Sampaio ganhou as eleições, presidente da Associação?

E – O Jorge Sampaio, O Jorge Sampaio?

e – Hum, hum. Tava, tava dois anos à minha frente, um pouco mais velho. Nessa altura apoiei a lista dele e depois também fui coordenar uma secção lá da Associação, havia várias secções.

E – Hum, hum. Fazia parte de alguma lista?

e – Não fazia parte dos 5 da direcção mas depois a, apoiei a lista e fui coordenar o sector das relações internacionais. (Pausa 3s) Uma vez quando ele teve aí a visitar a InLoco eu, eu disse em público que tinha sido o primeiro ministro das relações internacionais do Jorge Sampaio, lá na Associação Académica. E, e portanto aí acho que foi uma, foi, foi, foi a formação mais, mais forte que eu tive do ponto de vista político, embora nunca tivesse adrido a nenhum partido propriamente. O que era importante era aquela unidade de acção contra um regime aaa, um regime que realmente estava mais desajustado possível e à medida que fui viajando e comecei a viajar e...

E – Pois era essa uma das questões que eu tinha também.

e – E a ver que havia outras maneiras de viver em sociedade e que isto não era inevitável. E que nós não eramos pior que os franceses ou os dinamarqueses, que podíamos viver em democracia.

E – Pois era essa a questão que eu tinha também, quando é que começou a viajar e porquê? Foi durante a Universidade?

e – Foi e foi um bocado também por causa da, da... Bom eu fui para essa secção de Relações Internacionais certamente já porque tinha uma grande vontade de viajar e conhecer outras coisas, mas o facto de estar nessa secção de Relações Internacionais também me permitiu conhecer uma série de coisas desde o, o cartão que havia, o cartão de estudante, o cartão internacional, a, a lista de todos, dos Albergues que havia pela Europa fora, de certos programas que havia e portanto a primeira viagem que fiz... já foi mais ou menos programadas com coisas que eu sabia. Havia um campo de férias na Dinamarca, inscrevi-me para ir juntamente com alguns outros colegas, o bilhete de comboio que já foi comprado também com o cartão de estudante com, com descontos.

E – Então a primeira viagem que fez foi nas férias? Foi como... turista? Ou...

e – A primeira... foi! (Risos)

E – Sim?

e – Digamos, já tinha saído do país para ir a Sevilha. Mas aí, aí foi em trabalho. Também aaa, tava sempre à procura de fazer coisas nas férias para ganhar algum e o meu pai (tosse) conhecia uma empresa que fazia excursões e então perguntaram-me um dia se eu queria ser guia, para levar um, um grupo da terceira idade à semana santa de Sevilha. Aproveitei, não conhecia Sevilha. (Risos)

E – Então foi, foi Guia Turístico de um sítio onde nunca tinha ido?

e – Exato. (Risos) De maneira que uns dias eles deram-me uns papéis e umas brochuras e tal e eu andava a tentar decorar aquela porcaria toda (Risos) para poder explicar. Mas depois quando entrei no autocarro e começamos a viagem (Tosse) eu decidi que ia ser honesto e disse-lhes. Apresentei-me, que ia ser o guia, que iria tratar portanto da viagem, da estadia, da semana lá em Sevilha... Só, só havia um promenor que eu queria... explicar-lhes é que eu não conhecia Sevilha, que nunca lá tinha ido.

E – Mas falava espanhol?

e – Aaa arranhava. (Risos) Eles riram-se muito. Aquilo era a Semana Santa e, e depois um “Ah! Não faz mal eu já lá tive 7 vezes”, e outro casal “Ah não faz mal já lá estive 10 vezes”, “Ah e eu 14” e tal (Risos).

E – Para quem precisava de um guia...

e – Pois. De maneira que quando nos começamos a aproximar de Sevilha começou um a dizer “Olhe, olhe isto é aquilo assim”, “Olha, olha” e depois lá em Sevilha “Olha ali para a direita, olhe é tal...” “Olhe ali é a Geralda”. Eles é que foram os meus guias naquele período todo. De maneira que eu volta e meia digo que a minha adesão à (Tosse) Educação de Adultos ficou a dever-se a essa viagem a Sevilha em que eu vi o papel do que era o facilitador, (Risos) fazer revelar os conhecimentos que cada um deles tinha. Foi ali uma aprendizagem mútua porque eu por um lado tra, tratei da questão administrativa, dos quartos, dos pagamentos, dos, dos, da história toda lá no hotel, aquela questão das, das comidas, das refeições... Aaa mas como não, já não era católico há uns anos, quanto todos eles iam para a Igreja, para as procissões e tal, eu ia para o “Tablado”, eu ia, ia ver o Flamenco, as danças sevilhanas. Passava lá as tardes, as

noites... e perguntavam-me “Então onde é que andou e tal?”, “Fui, fui ao Flamenco” “O que é isso e tal?” “Ah não querem ver?” (Risos).

E – E eles chegaram a ir alguma vez?

e – Sim levei-os.

E – Foi um guia.

e – Foi, foi. (Risos) Houve uma altura, uma noite que eles fugiram à, à convicção religiosa e vieram todos comigo ver as danças lá no, no clube de Flamenco. Ficaram satesfeitíssimos. De maneira que aí houve também uma troca.

E – Hum, hum. E depois foi para a Dinamarca?

e – Depois a primeira viagem assim de longo curso, digamos, foi para a Dinamarca, foi.

E – De avião?

e – De comboio!

E – De comboio?

e – Hum, hum. (Risos)

E – Foi com amigos? Como é que...

e – Sim, fomos um grupinho ai de... 4 pessoas.

E – Souberam das condições todas através de, dos conhecimentos lá na Universidade?

e – Foi, foi. Já tínhamos, tínhamos inscrito. Creio que na altura aquilo fazia-se tudo por correio. De telefone era muito caro, não havia outro meio de fazer, acho que era pelo correio, as inscrições. Aquilo era relativamente em conta, passar lá um tempo no, no campo lá no, no Norte da Península da Dinamarca. Orus, ali perto de Orus, Viborgue, era o nome da terra. E era um campo internacional, ali conhecia-se muita gente.

E – Como é que foi o campo? Tinham algum tipo de trabalho ou eram só férias?

e – Eram férias! Com atividades, tempos livres, viagens, aaa dava-se algum apoio depois assim na cozinha, não a cozinhar mas depois a por as mesas, a fazer, a lavar a limpar. Havia alguma atividade, não era só propriamente turista.

E – Hum, hum. Conheceu muita gente lá?

e – Conheci muita gente mas foi assim de conhecer e deixar de conhecer. Não, não ficou.

E – Sim? Não houve ninguém que o tivesse marcado?

e – (Risos) Eu antes disso já tinha muitas correspondentes. Também havia muita gente que escrevia às vezes lá para, para a faculdade de Direito e dizer que queriam corresponder-se com portugueses e eu publicitava aquilo mas algumas vezes também utilizei e respondi e depois tracavamos fotografias e tal.

E – Não eram censuradas as cartas? Não eram... pronto a minha questão é se vocês podiam livremente mandar cartas de um lado para o outro ou se as cartas eram...?

e – Aaa não. (Tosse) Não, só se fossem pessoas já muito fichadas na polícia é que podia haver essa interferência não é? Assim miúdos não, não havia perigo. Não ligavam muito a isso, não. O que, a partir dos 18 anos o que era preciso era ter uma licença militar para sair do país. Era preciso ir ao serviço militar e pedir uma licença, normalmente era por o máximo de três meses e a pessoa tinha que regressar antes desse periodo se não era dado como refratado e não sei o quê. Aaa mas fora isso nunca... Só mesmo pessoas que já, ou que já tinham ido presas ou que estavam fichadas. Essas muitas vezes nem as deixavam sair, tiravam-lhes o passaporte, ou não davam autorização para ter passaporte. Mas não foi, felizmente não foi o meu caso. E depois a partir daí passei a viajar todos os Verões, porque arranjava sempre atividades para ganhar algum dinheiro e, e mesmo em viagem também ia ganhar dinheiro porque eram grandes.

E – Nessa altura eram mesmo férias grandes.

e – (Risos) Eram porque na, na faculdade tínhamos sempre duas épocas. Havia a primeira época de exames e depois para quem tinha chumbado, ou muitas vezes nem sequer se tinha apresentado a exame, havia a segunda época. Aaa portanto a primeira época eram normalmente Ju, Julho, nas primeiras semanas de Julho, por aí e depois a segunda época eram em meados de Setembro, principios de Outubro. A, o, a eu fazia tudo na primeira época que era para ficar despachado e portanto aí depois só tinha de voltar em meados de Outubro, para o ano seguinte não é? Só houve um ano em que eu não consegui e que tive que fazer uma segunda época porque (Tosse) foi aquele ano da,

da revolta estudantil, em 62 em que houve a greve e depois não hou, durante semanas e semanas não houve aulas, aaa (Pausa 2s) e aí tive... por um lado só, só, só fiz uma parte dos exames e portanto fiquei a estudar para fazer a outra parte, em 62 não sai.

E – Eram cinco anos o curso?

e – Eram, o curso era de cinco anos. Portanto eu sai no primeiro, no segundo, no terceiro, no quarto foi quando (Tosse), quando aconteceu toda essa, essa revolta estudantil em Lisboa e depois também em Coimbra. Aaa portanto... aaa digamos ai houve uma participação forte não é? Tava o, os Dirigentes mais de, de, desse movimento. Em Direito era o Jorge Sampaio, na Faculdade de Letras era o Medeiros Ferreira.

E – Hum, hum. Então foi no ano que tava nas relações, na...

e – Foi, estava na seção das Relações Internacionais. Tive dois anos, se não me engano, ou três.

E – Para ter viajado antes... já tinha estado.

e – Pois já tinha estado. E depois comecei a organizar algumas sessões com o apoio de embaixadas. Para fazermos alguns debates sobre outros paise. Lembro-me que uma vez foi de Israel, com o apoio da Embaixada de Israel, para, para anali, para discutirmos o que eram os Quibutes e as Cooperativas, por eram um... (Tosse) era, era um, um movimento interessante do ponto de vista interno, digamos assim, de comunidades autoorganizadas. Claro que na altura não se discutia muito o papel dos palestinianos e a situação de Israel como uma situação permanente, face à Palestina, mas interessava-nos mais o, o... digamos que o Socialismos que existia na sociedade de Israel, era mais sobreversivo essa ideia no Portugal de então. Depois uma outra foi a Dinamarca, precisamente, portanto a embaixada da Dinamarca também nos deu apoio nos filmes e também levaram lá uma pessoa, conselheiro cultural, ou que era, para fazer parte do debate sobre o que era a Social Democracia na Dinamarca. Portanto eram assim coisas que nós podíamos fazer, que não eram propriamente proibidas, eram países com quem haviam relações e faz, fazia parte dessas atividades das relações internacionais. (Tosse)

(Interrupção)

e – Mas então estamos a falar de quê?

E – Estávamos a falar da Universidade e das suas viagens, do, do... Pronto estamos a falar da parte da participação... não sei se se chamará participação política, mas é participação política por participar nas, nas, não nas listas mas no desenrolar e depois começou a dizer ai que começou a ver o gosto por viajar.

e – Sim. (Pausa 3s) E, e, uma formação política grande nessas viagens não é? Ver como é que funcionavam os outros países. (Pausa 2s) Não, não poder acreditar que (Tosse), que nós eramos menos do que os outros, porque aqui diziam que os portugueses não estavam preparados para a Democracia. Não podia haver Democracia, se não era o caos absolutos. (Risos) E realmente não, não vi que houvesse uma tal superioridade relativamente aos outros povos que, que viviam em Democracia. Mas, não tinha, não tinha uma ideologia defenida, o que é que eu queria para Portugal, não, não queria o Comunismo porque rapidamente vi que nos países comunistas não havia a liberdade e para mim o vamos maior era a liberdade. E, portanto o que me parecia é que era necessário uma sociedade que tivesse memnos injustiças e desigualdades que eu via em Portugal, mas num regime de, de liberdade. E não me pareceria que seria o governo que resolveria as situações, o, o portanto a solução, digamos, a Leste da Europa não me, não me atraia nada, portanto nunca, nunca entrei no, no partido Comunista, embora me desse bem com, com gente que depois vim a saber que estavam no partido comunista, aliás esse mesmo, esse meu colega à bocado falei, lançámos a revista junta e tal, ele acabou por entrar e fazer parte do, do partido, clandestinamente. E éramos três que nos davamos muito bem lá na faculdade de Direito, estávamos os três no mesmo ano, etc, passávamos as tardes em casa uns dos outros, os três, normalmente até mais em casa de um deles, tinha uma casa mais central e até maior que, que as nossas. Aaa e às tantas como nós não aderíamos a nenhum daqueles movimentos mais defenidos lá dentro, começaram a, a cha, a dizer que nós eramos a clique dos monarquicos independentes, não sei porquê. (Risos) Monarquia nunca foi coisa que eu defendesse e os outros também não, mas alguém inventou essa. (Risos) (Pausa 4s)

E – Depois falou em Liberdade. O que é que era aquilo que sentia mais, o que é que sentia mais falta de Liberdade? O que é que fazia sentir que não tinha liberdade?

e – (Pausa 3s) Ah! Especialmente aquele regime de medo que se vivia... Não podermos estar num café a conversarmos livremente, se quiséssemos “vamos para casa, porque

aqui não convém”. No Café falava-se de futebol, se quiséssemos falar de outras coisas iam para casa, nunca sabíamos quem é que estava sentado na mesa ao lado. Aaa também não, não era possível fazer algum tipo de organização, de evento sem alguma autorização prévia. Aaa lançar uma revista assim também não era possível, tinha de passar pela censura, todos os trabalhos, os artigos, etc, tudo o que se fazia. (Tosse) As associações, se quiséssemos criar uma associação, na própria associação académica também acontecia, aaa uma direção que fosse eleita tinha que ir ao Governo Civil e depois o Governo Civil tinha de dizer se aprova ou não aprovava as pessoas. Volta e meia vetava um nome ou outro. Tinha que se escolher outra pessoa que eles não queriam aquela. Portanto essa TUTela, digamos permanente, sobre, sobre a vida das pessoas não é? Aaa e, e outras situações que eu não vivi mas que outras pessoas viveram e que eu tinha conhecimento, pessoas que tinham deixado de dar aulas por, por indicação da polícia e bastava isso para que o Ministro da Educação dizer que “Esse senhor tem de ir para casa, não dá mais aulas”. Hum, não, a, acho que era esse tipo de, de constrangimentos permanentes que, que eu sentia. E creio que, que por vezes terei sido injusto em casa quando sentia que, que o meu pai me estava a constrangir eu reagia como se estivesse a, a combater o Estado Novo. (Risos)

E – (Risos)

e – Já que não podia ser tão eficaz relativamente ao regime, às vezes era o meu pai que apanhava. Apanhava no sentido (Risos) de reagir de uma maneira relativamente excessiva quando ele me queria, queria exercer a sua tutela de pai.

E – E falou de um professor que, que sabiam que era CONtra! Como é que vocês sabiam? Ele alguma vez... Ele chegou a ser seu professor?

e – Foi! Foi dos piores que eu tive (Risos). Foi o que me deu a pior nota. Mas... mas sabíamos porque geralmente... nas, nas eleições quando havia candidatos da oposição...

E – Nas eleições?

e – Eleições Gerais, assim, ou Presidenciais, ou para a Assembleia, na altura chamava-se Assembleia Nacional. Aaa haviam sempre lista que apoiavam o candidato e ele aparecia regularmente nessas listas de apoio ou às vezes na mesa de apoio, por isso era, era notório.

E – Na Universidade?

e – Na Universidade não, não, não tinha nem podia e acho que deve ter sido um acordo, não correram com ele na condição de não...

E – É por isso, porque estava a dizer que alguns professores “desapareciam”, eram afastados.

e – Exato, exato.

E – Possivelmente não era o único.

e – Hum, hum.

E – E houve algum professor assim que o tivesse marcado?

e – (Pausa 3s) Hum, pela negativa houve muitos. (Risos)

E – Mas como professores ou... também com influência do Regime?

e – Hum... Sim! O Marcelo Caetano era um deles, professor de Direito Administrativo. Aaa toda a gente dizia que era um bom professor, não gostei. Acho que aquilo não é ser professor, era ir para as aulas, fazer o seu discurso e depois mais ou menos ir-se embora e depois nós que lessemos o livro dele. Aaa havia um professor mais, com quem me dei mais, também só tive um ano, professor de Direito Romano, tinha sido Ministro das Colónias... aaa um tipo mais novo talvez que os outros, mais dado, era assim mais comunicativo. Havia alguns assistentes, os assistentes com quem tínhamos as aulas práticas, que não eram muito práticas, podia ser o professor a falar, podia ser o professor... Aaa (Pausa 5s) Não, não fiquei com ligação a, a nenhum professor. Um que era horrível, que era o Martinez, também era...

E – Só coisas más.

e – (Risos) Aaa... não...

E – E como é que foi a sua passagem pela Universidade? Sem ser a parte que estava ligado a, à Associação Académica.

e – O primeiro e segundo ano ainda gostei das matérias, aquilo eram matérias bastante gerais. Havia Economia, havia Finanças, havia Direito, Direito Romano, Direito

Português, aaa Direito Constitucional, Direito Administrativo, aaa depois o terceiro, quarto e quinto, já foi mais duro, porque já eram, eram praticamente tudo jurídica, jurídica, jurídicas, processo penal, processo civil, direitos reais, direito comercial, a, a, aí estive quase para desistir. Foi só mesmo que o meu pai fazia muita força para eu (Tosse), para eu continuar, para eu ter curso, para ir ao até ao fim, mas as notas foram baixando mais ou menos cada ano, a cada ano que passava, o (Imperceptível) já foi... já foi um grande frete, no final, porque eu já sabia, já sabia que não queria fazer Direito, na minha vida profissional não me via nada a fazer Direito. (Tosse) Tava mais ou menos a apontar para uma carreira de, na, na, na Diplomacia.

E – Hum, hum.

e – Era o que me parecia mais ajustado mas nem por isso era preciso ter Direito, várias, vários cursos eram aceites, na, na carreira diplomática, mas Direito era uma delas e muitos colegas meus foram para lá, acabaram embaixadores.

E – E durante a Universidade a sua vida social como é que era? Continuava a sair com os seus amigos? Ir aos bailes? Ou mudou um bocadinho, também a maneira como vivia a sua vida?

e – (Risos) (Pausa 3s)

E – Os amigos também se calhar mudaram um bocadinho.

e – Sim, normalmente depois começaram todos a namorar... com relações mais ou menos estáveis, portanto já não era tanto aqueles grupos mais ou menos abertos, era... mas continuamos a ma... talvez houvesse menos balies, porque os bailes é para engatar e portanto, aí já tínhamos namorados e namoradas e já não havia tanta necessidade dos bailes. Uma vez iamos dançar, a gente gostava de dançar, mas aí havia, alguns começaram também a ter automóvel, eu não tinha, não tinha dinheiro, mas, mas tinhas as boleias, e aí havia mais saídas. Iamos assim dois, três casais em dois carros ou quatro casais, dar uma volta, passar o dia fora. E como não havia, não havia os exercícios como havia no liceu, quer dizer, a, a faculdade deixava-te praticamente de férias, férias? Eh tinhas que ir às aulas!

E – Sim mas mais tempo, do que...

e – Mas ficavas imenso tempo, pá, aí praticamente só depois da Páscoa é que começávamos a estudar a sério. E Às vezes era noite e dia, noite e dia, para...

E – Recuperar.

e – Pois. (Risos)

E – Nessa altura já namorava com a Elisabete?

e – Com a Elisabete.

E – Como é que foi quando a conheceu? Como é que começou esse namoro?

e – (Risos)

E – Sabia que iam lá.

e – (Risos)

E – Se não quiser falar disto agora, também podemos parar e falamos para a próxima.

e – Não, como começou aaa, não sei se já te tinha falado do grupo de danças folclóricas que...

E – Não, acho que não.

e – Às tantas, apareceu lá o Reitor, acho que foi o Reitor, lá na sala.

E – Isso no liceu?

e – No 6º ano. Portanto no... no penúltimo ano. Aaa a dizer que é que gostava de dançar, porque tinham pedido, de organizar um grupo misto de, de danças folclóricas, que se iria apresentar depois no estádio nacional no fim do anos lectivo. (Pausa 2s) Eu creio que ele nessa altura aaa, não sei se, se ele falou na altura que o grupo era misto... creio que não falou para não aparecerem todos. (Risos)

E – Mas era misto...

e – Era misto. E... acho que depois houve uma, (Tosse) houve uma seleção qualquer e depois foram escolhidos, não sei... uns 9 ou 10 da turma e depois começamos a dançar no liceu Maria Amália Vasco Carvalho.

E – Então sabia dançar!

e – Sabia. Sabia dançar as danças do, do...

E – Dos bailes.

e – Dos bailes. As outras, começamos a ensaiar danças do Minho, aaa a Chula e o Malhão Malhão. E... foi a Elisabete que me calhou como par e então começamos a dançar, a encontrarmos e, e não sei se houve propriamente um pedido de namoro formal, começamos a vermo-nos mais vezes e a sair mais vezes. (Risos)

E – A ensaiar mais.

e – (Risos) Pois, foi ai. Não foi assim uma coisa contínua, de vez enquanto também havia algumas zangas e alguns meses sem nos vermos e depois voltávamos a ver-nos. (Risos) (Pausa 4s) E depois só casamos quando eu já estava em Paris.

E – E ela entretanto também estava a estudar ou...

e – Ela estudava e trabalhava. Portanto ela era trabalhadora estudante. Ela nem chegou a acabar o curso de letras, ela depois acabou já em Paris. É que fez, é que acabou, e creio que já não foi em letras, foi em Psicologia em Paris. (Tosse)

E – Agora, se calhar para acabarmos, uma pergunta que eu gosto muito. Se tivesse que escolher três objectos que caracterizassem a sua vida universitária, essa parte da sua vida, não precisa de ser só da universidade, essa parte jovem adulto já, quais é que seriam?

e – Três objectos... Acho que o passaporte. (Pausa 7s) E depois o giradiscos.

E – Porquê os gira discos?

e – Porque gostava muito de música. Foi uma coisa que levei imenso tempo a juntar dinheiro.

E – Para comprar um gira discos...

e – (Risos) (Pausa 8s) E depois quando podia comprava um disco ou outro, para em casa ouvir. Ainda eram aqueles pequeninos... (Imperceptível) Que mais? (Pausa 6s)

Mais objectos... (Pausa 12s) A máquina de escrever! (Pausa 3s) (Risos) Porque eu para aranje dinheiro, era sebenteiro.

E – O que é um sebenteiro? Faz sebatas?

e – (Risos) Faz sebatas. Aaa muitos professores, não era o caso do Marcelo Caetano que ele tinha publicado o livro dele, mas maior parte dos professores não tinham livros publicados e então depois os exames eram na base naquilo que eles tinham deb, debitado durante as aulas. E então também, havia uma malta que tomava umas notinhas e tal, a, a havia alguns cuja função, isso era combinado com a Associação Académica, de tomar notas de praticamente tudo aquilo que o professor dizia, depois (Tosse) levava aquilo para casa. Algumas cadeiras fiz isso, levava aquilo para casa e depois com a máquina de escrever passava aquilo a limpo. Aquelas notas todas passava-as a limpo. Aaa e depois leva-as para a Universidade, para, para a Associação Académica e aaa aquilo era, era no Stencil , umas máquinas que haviam de reproduzir. Não havia fotocópia, era, era um rolo e depois aquilo passava aaa para fazer as cópias metia-se, já nem sei como era, mas o, o rolo ficava de certo modo com as letras e os caracteres impressos e depois as folhas iam passando e iam, iam imprimindo, com tinta não é? Um sistema assim de reprodução. Depois essas folhas eram agrafadas, normalmente e depois semana a semana ou de quinze em quinze dias eram vendidas pela Associação aos estudantes que quisessem comprar e depois iam colecionando, iam comprando, aos estudantes que quisessem ter a sua seбата da cadeira não é? Portanto essa era a minha atividade, ir Às aulas, escrever rapidamente aquilo que eles diziam e depois tinha de passar no próprio dia a limpo porque se não esquecia-me. Não conseguia passar tudo, depois passava só assim só o princípio, as primeiras letras das palavras ou só as consoantes, também não sabia estenografia mas tinha de improvisar qualquer coisa, para depois passar aquilo a limpo. Portanto foi uma atividade que me ocupou bastante tempo.

E – Durante todo o curso fez isso?

e – (Tosse) Fiz isso... pelo menos nos três primeiros anos lembro-me de ter feito, depois... acho que não. Depois no quarto deixei de ter a, a bolsa de estudos, por causa daquelas histórias todas políticas e de não, também não fiz as cadeiras todas, fiquei com uma ou duas penduradas e como não, não tive bolsa de estudo tive que ir trabalhar já mais assiduamente, Fui, fui trabalhar para o Diário Popular como revisor de provas.

E – Hum, hum. No quarto ano?

e – Pois já foi no quarto, depois continuei no quinto, também com essa atividade. No quinto fui também trabalhador-estudante, para acabar o curso. Portanto já não tinha tempo de ir às aulas, eu não podia ser sebenteiro, ia a muito poucas.

III Entrevista

E – Aaa é como da outra vez, algumas questões que saíram da, da outra entrevista e depois para andarmos um bocadinho mais para a frente. Aaa em relação à Universidade, durante os anos em que andou na Universidade qual é que é a lembrança que tem assim mais forte, algum momento que o tenha marcado durante esse tempo?

e – (Pausa 4) Foi, foi fundamentalmente a chamada crise universitária de 1962. A greve, a manifestação, porque aquilo tinha-se combinado fazer o dia do estudante que se fazia todos os anos, acho que 22 de, (Tosse) 22 de Março talvez fosse. E esse ano foi proibido pelo governo que se celebrasse o dia do estudante e depois decidiu-se celebrar à mesma e, e... a partir daí as coisas depois começaram a escalar. Depois às tantas a polícia apareceu e depois houve uma greve da fome, o pessoal foi para a cantina, passar lá a noite... e depois a polícia...

E – Também participou nessa greve?

e – Aaa participei em parte não é? Por exemplo não passei a noite na, na cantina como muitos outros. Especialmente eee aqueles estudantes que não eram de Lisboa tinham muito mais liberdade para fazer as suas coisas, quem tinha a família à perna, como era o meu caso... (Risos)

E – Tinha a mãe que fazia... (Risos)

e – Não dava assim... durante o dia dava mas passar uma noite toda na cantina e tal...

E – Já não dava.

e – (Pausa 3s) Não dava. Na altura também tava na Associação Académica portanto segui as coisas...

E – Foi nos primeiros anos então?

e – Eu já estava no 4º ano. Aquilo era um curso de 5.

E – Hum. Sim, sim.

e – (Tosse) Acho que foi assim um acontecimento grande. Foi em 62... Aqui à uns anos celebraram os 40 anos, lá no Cidade Universitária.

E – Deve ter sido em 2002.

e – Foi em 2002, foi. (Risos)

E – Deve ter sido.

e – Então deu para rever... Ainda lá está a cantina, ainda lá estão assim os locais...

E – Foi lá?

e – Fui.

E – Foi comemorar?

e – Fui. Reencontros assim de 40 anos não é? Tava lá o Jorge Sampaio, claro, mas esse já o tinha visto mais recentemente, mas assim havia pessoas que não, que já via à imenso tempo e voltei a ver. Foi agradável. (Risos) Foi... (Pausa 4s) Fora isso não, não foi assim uma experiência (Risos) muito forte.

E – Hum, hum. E... disse-me que a certa altura viu que não era aquilo que queria, que queria desistir não é?

e – Foi. Nessa altura...

E – Além do seu pai, o que é que o fez aaa, o que é que o agarrou ao curso ainda, o que é que fazia feliz nessa altura? Que o fez continuar, pronto com as notas a descer mas, o fez acabar o curso? Havia alguma coisa em especial?

e – Especialmente o, o, assim o que me deu e o que me cansou e fiquei um bocado farto foi no 4º ano com todas estas histórias e depois mas tava realmente aaa a ano e meio de acabar mesmo não é? E portanto a ideia que poder deitar fora 3 anos e meio, “porque é que não acabo mesmo? Já agora...”. Eu tava farto do país mais do que outra coisa. Queria ir-me embora logo para o estrangeiro e acabar o curso significava ainda cá ficar e aguentar mais algum tempo.

E – Hum, hum.

e – Portanto não era tanto a Universidade ou a Faculdade, era mais o próprio país que tava irrespirável. (Tosse) (Pausa 2s) Além de mais uma série de pessoas, de amigos, que entretanto tinham ido para a tropa e estavam em África, um ou outro que entretanto já

tinha morrido também... São sempre situações um bocado traumatizantes e além de, nessa altura houve um agravamento da repressão e da censura e de... o regime endureceu muito. À medida que a oposição e os movimentos da oposição, junto da juventude e etc, cresciam também a repressão crescia.

E – Crescia claro.

e – (Risos)

E – À que mantê-los calminhos. (Risos)

e – (Risos) A situação tornava-se mais, mais, mais difícil. (Pausa 4s) Mas então foi mais ou menos isso. Foi quase um pacto tácito com, com o meu pai, “Fico, acabo e tal, mas depois... Mas depois vou-me embora”, “Ah não digas nada à tua mãe”. (Risos) “Não digas que te vais embora e tal...”

E – E durante esse tempo houve assim pessoas que o influenciaram, que o marcaram em termos de ideais, de ideias que tinham, que o marcaram também como pessoa?

e – (Pausa 2s) Aaa, acho que (Suspiro) que, que, mais do que propriamente as aulas ou os professores... aaa os debates, (Tosse) quer mais organizados, no sei da própria Associação Académica, faziam-se bastantes debates, Assembleias Gerais, havia toda uma série de discussões, de debates entre tipos que eram mais das Direitas e entre tipos que eram mais da Oposição e, e tudo foram espaços de aprendizagem. E depois mais informalmente, reuniões que tínhamos entre, entre amigos, conversas, leituras, recomendações de livros. Alguns, alguns tinham mais posses do que eu, portanto iam mais vezes ao estrangeiro e traziam de lá livros e depois trocavam, circulavam. (Tosse) Aaa não posso dizer que tivessem havido assim figuras marcantes.

E – Eram espaços e, e grupos de pessoas?

e – Sim, eram, eram assim mais espaços coletivos, grupos não era? Leituras, conversas... mas nunca tive assim nenhum mentor ou uma figura de referência.

E – Sim, às vezes há pessoas, estou a dizer na questão de haver pessoas pronto que nós gostamos e queremos seguir um bocadinho.

e – Hum, hum.

E – Ou criamos ideias através delas...

e – Sim.

E – E, e como é que apareceu o convite para ser coordenador do sector de Relações, de relações... internacionais?

e – Internacionais.

E – Como é que apareceu?

e – Como é que apareceu...? Acho que foi o próprio Jorge Sampaio(Pausa 3s) que me convidou, agora porquê... Ah! Havia um outro colega bastante amigo meu que também estava na, que também chegou a estar na Direção da Associação e eu suponho que por intermédio dele também teriam sabido que eu teria bastante interesse no, em relações internacionais, nas línguas, etc, nos contactos. (Tosse) De modo que houve, houve esse convite. Eu também trabalhava para a Associação, como te disse, desde o primeiro ano trabalhava como sebenteiro não é?

E – Sebenteiro sim.

e – (Risos) De maneira que...

E – Também se conheciam.

e – Conhecíamos, conhecíamos regularmente (Tosse) e depois também viram que, embora não fosse muito pessoa muito marcada politicamente aaa era de confiança, digamos assim.

E – Tá bom... E depois de ter ido à Dinamarca, que foi a sua primeira viagem enquanto Universitário não é? Mais para fora, disse que viajou todos os Verões, por onde é que viajou? Por onde é que andou?

e – (Pausa 7s) Portanto a primeira viagem, foi essa à Dinamarca, fomos, fomos de comboio também com alguns colegas e depois houve um, creio que foi o ano seguinte que já fomo quatro de automóvel. Num dos automóveis... de um dos amigos, portanto, fomos e ai também fomos à Dinamarca, porque tava lá um primo...

E – De carro?

e – Sim, porque tava lá o, o primo de um de nós, de nós quatro não é? Traba, estava lá a trabalhar como digner numa empresa de textil. Aaa e então resolvemos ir lá, tar com ele mas então aaa programamos com algumas semanas ou meses de antecedência. Discutiamos qual ia ser o itinerário e então fizemos assim um itinerário bastante... (Tosse) não foi em linha reta, fomos...

E – Andaram a viajar por vários países?

e – Fomos pelo sul de Espanha e depois pelo sul de França e depois fomos à Suíça, passamos ali ao norte de Itália, Suíça, depois entrámos pela Alemanha... depois para chegar à Dinamarca. Para cá depois é que já foi mais aaa a direito, já foi mais pela Holanda, Bélgica, França, zona de Madrid etc, até chegarmos a Lisboa.

E – Fartaram-se de conhecer países.

e – Sim, ai foi uma viagem a vários países, embora como não tínhamos dinheiro não era, não dava para pagar

E – [Pois eu ia perguntar, a nível de trabalho, disse que de vez enquanto também ia para trabalhar.

e – exato.

E – E chegaram a trabalhar nessa viagem?

e – Aaa (Tosse) eu, eu agora não me lembro... nessa tenho impressão que não... mas tínhamos umas, umas tendas e quando tínhamos de passar a noite, uns dormiam no carro, outros dormiam na tenda ao lado.

E – Uma aventura.

e – (Risos) Lá, lá mesmo em Copenhaga o, lá esse primo tinha um apartamento onde podiam dormir alguns, mas também iamos revestando porque era preciso que um, um pelo menos ficasse no carro todas as noites (Risos). Felizmente era no Verão.

E – Pois.

e – (Risos)

E – Não tava frio.

e – Depois quando voltei a viajar sozinho, também fui para Copenhaga. Aí já tinha vários contactos e, e fiquei lá um mês e tal a trabalhar, antes de retomar o périplo pela Suécia, Finlândia, Noruega... Depois disso aí já com o dinheiro que tinha ganho fiz o...

E – O que é que, o que é que fez nesse Verão? Em que é que trabalhou?

e – Esse Verão (Tosse) trabalhei numa, num restaurante durante a noite a lavar pratos.

E – Era copeiro?

e – (Risos)

E – Copeiro?

e – (Risos) Era lavar a loiça e pratos e copos e tudo isso não é? Durante a noite no restaurante e depois aaa a pessoa que eu tinha conhecido... arranjou-me uma outra coisa. Era um bocadinho, era melhor pago, no fundo o trabalho era o mesmo mas era numa empresa de catering que preparava... preparava aquilo que é... um prato tradicional lá de Copenhaga que são umas sandes abertas. É uma fatia de pão, tipo pão de forma, e depois por cima metem uma grande variedade de coisas, ou carne, ou peixe, ou marisco, ou ovo. Tipo os canapés não é?

E – Sim.

e – E com um bocadinho de alface, tomate, etc depois fazem assim essas, essas coisinhas que eles comem muito isso. Ou como entrada, com três ou quatro fazem uma refeição com mais uma cerveja. Na altura era muito usado e isso saía em grandes...

E – Bandeijas?

e – Sim, bandeijas e era distribuído pela cidade. Faziam aquilo centralmente, para cada um não ter que fazer o seu e depois iam distribuir pelos pubs, pelos cafés, etc. E então essas paletes regressavam e era preciso depois lavar aquilo tudo. Aí já era um trabalho mais industrial, já há pistola e tal, a lavar as coisas.

E – Então teve a fazer isso e depois foi viajar? Foi passear?

e – Aaa foi, foi, foi. Depois acho que... portanto foram três anos, depois acho que já, já... depois já foi no último ano, há pois no quarto ano quando houve essa história da greve académica...

E – Deixou as cadeiras.

e – Deixei cadeiras não pude sair.

E – Sim.

e – No quinto fizemos a viagem de curso.

E – Onde é que foram? Dinamarca? (Risos)

e – Não. (Risos) Totalmente sentido oposto. Aquilo como havia lá gente... aaa de boas famílias no curso e gente ligada ao regime, pessoas influentes, conseguiram um apoio público, um apoio importante que nos pagou a 100% uma viagem de um mês a Angola e Moçambique.

E – A sério?

e – Para nós vermos o, as nossas províncias e que valia a pena lutar por elas até ao fim da vida.

E – Ah pois... tinha uma segunda intenção.

e – (Risos) E então fomos de, foi em 63... em Setembro, fomos de avião, aqueles antigos super constellation de hélice.

E – Foi a primeira vez que andou de avião?

e – Foi.

E – Foi.

e – Foi, mas andei muito. (Risos) Daqui a Angola eram para aí... quê? Agora não posso precisar bem mas aquilo era, era praticamente um dia de viagem com, com o super constellation e depois não tinha autonomia para chegar lá de uma vez. Para lá teve, parou na Nigéria, no aeroporto no norte da Nigéria... para reabastecer. À vida para cá a Nigéria, por causa da guerra colonial, já tinha cortado relações com Portugal não se pôde fazer escala lá, foi-se fazer escala à Ilha do Sal, Cabo Verde.

E – Hum, hum.

e – E lá em Angola andámos quase sempre de avião também, mas aviões militares para ir ao, ao norte a zona da, da guerra mas aí... fomos, fomos de avião e passámos lá uns tempos e depois a, a fomos de comboio para aquela zona central, Benguela. E depois havia outro comboio da Beira de.... não, Benguela, Lobito que ia para a zona que se chamava então nova Lisboa, agora chama-se Oambo que era a zona da Unita. Depois fomos para o Sul que foi a zona que gostei mais em Angola, na altura se chamava Sá da Bandeira e agora acho que é Lubango, que é uma zona de planalto, uma zona muito bonita e também mais ao sul Moçamedes, o deserto de Moçamedes que faz fronteira com a Namíbia também era uma zona que me ficou muito forte. Aquele deserto é magnífico, fomos ver a Velvichiya, que é uma flor milagre, que aparece de não sei quantos em quantos dezenas de anos, que é uma espécie de cacto, que depois é uma flor gigante. Não sei se é a maior, se é das maiores do mundo, uma flor junto ao sol mas toda aberta, as pétalas. Aaa (Tosse) e também ali, os animais andamos lá também com umas avionetas e ver também as avestruzes a fugirem cá em baixo com o barulho. (Risos)

E – Onde é que ficavam hospedados?

e – Em, normalmente em hotéis. Aquilo tava tudo marcado com antecedência. Fomos bem tratados. (Risos)

E – Pois com tudo pago...

e – (Risos) Pois. Foi, foi, o mês de Setembro foi assim... Ah e depois de Angola fomos para Moçambique também de avião e depois lá, lá já não andámos em aviões militares, aí andamos em aviões da Deta, que era a companhia local de aviação. Aí andámos sempre, não andámos de comboio, andámos também sempre de avião. Lourenço Marques e depois Quelimane, e Beira, Napula fizemos aquela, Moçambique toda. Fomos àquela Moçambique todo, fomos à ilha de Moçambique também. (Pausa 4s) E... depois houve um senhor que nos levou lá, um senhor que pelos vistos era muito importante na altura, que nos levou no, no Iate dele a dar um passeio a, perto da ilha de Moçambique. (Pausa 2s) De maneira que ficaram assim algumas recordações fortes. Ali perto do Lourenço Marques, que era como se chamava Maputo, fomos depois ao parque natural da Gorongosa, que é uma reserva de fauna e também foi magnífico, os elefantes, rinocerontes, leões... (Pausa 2s) Andava esse gipe, o nosso gipe, vários gipes...

E – Foi um mês!

e – Foi, foi um mês muito preenchido. (Risos) Agora em relação a mim e não só a mim, eu suponho que mais alguns outros, a viagem teve um efeito contrário. Quer dizer, em vez de nos agarrar à ideia que aquilo é nosso e que era preciso defender a todo o custo, achei que aquilo não era nada nosso. Gostei muito de falar com, com os africanos. Aaa não gostei dos colonos de uma maneira geral.

E – (Risos)

e – E achei que não ia arriscar... não ia arriscar nem, anos da minha vida e por uma situação que eu sabia à partida que não só por ser guerra, mas a própria hierarquia que não era coisa que...

E – Que interessasse.

e – Que me interessasse e se conciliasse com a minha maneira de ser . De maneira que iam ser certamente anos muito difíceis e fazê-los para permitir que aquelas pessoas continuassem a mandar (Tosse) e a dominar os africanos não me pareceu que valesse a pena, então... Aaa lembro-me por exemplo de uma vez nos terem mostrado lá, fomos a um museu ao ar livre em Moçambique, muito simpático com um grande ecrã e depois olhava à volta, para trás e para a frente, não via nenhum negro só via brancos sentados ali a ver o filme e perguntei “Então eles não podem entrar?”, “Ah podem, isto aqui não temos racismo”, quer dizer, normalmente os bilhetes eram relativamente caros, de maneira que era do estilo, na altura podemos dizer 20 escudos ou 5, era bastante dinheiro para um bilhete de cinema. “Ah mas há bilhetes a um escudo. Eles normalmente compram esses bilhetes mas esses são por trás do ecrã”.

E – Boa.

e – E sentam-se no chão. De maneira que não havia racismo (Risos)... quem, quem tivesse os 20 escudos, qualquer que fosse a cor vinha não é? Os outros pagavam, sentavam-se no chão e viam aquilo ao contrário.

E – Pois. (Risos)

e – Todos os cowboys eram canhotos, a disparar a pistola (Risos), as legendas ao contrário, mas também como não sabiam ler não fazia diferença. De maneira que toda a

gente achava que tava tudo muito bem assim. E depois ainda fomos dar um salto, não todos, mas como tínhamos uns dias em Maputo, eu e uns amigos alugámos um carro e fomos dar um salto a África do Sul. Fomos a Joanesburgo e Pretória, mas aí via-se que a situação era mais dura ainda, porque era muito... em Moçambique era um bocado mais hipócrita, mas lá, lá era muito aaa, explícita não é? Via-se mesmo brancos, não brancos, em todos os sítios, nos autocarros, nos cafés, nas casas de banho tava tudo marcadinho.

E – Pois. E dessas viagens todas que fez, aaa que aprendizagens é que tirou?

e – Hum... (Pausa 5s).

E – Desses primeiros tempos...

e – (Pausa 2s) Ah aquelas viagens que fiz na Europa realmente aaa, a, a aprendi que não era inevitável termos uma sociedade repressora, de ditadura como tínhamos aqui, que as pessoas podem virver e viver melhor realmente quando se sentem livres e falam livremente e pega-se num jornal e lê-se a dizer mal do governo e, e outros a dizer bem do governo. Portanto esse tipo de pluralismo de opiniões é fundamental para um país avança e progredir, que, que em Portugal num iríamos a lado nenhum se um regime desses se mantivesse muito tempo não é? Portanto acho que fiz aí uma certa aprendizagem do ponto de vista do que é viver em Democracia e também senti que só assim é que eu podia viver e mais forte ficou para mim o dizer “Só posso estar em Portugal o, o mínimo possível porque lá não vivo, não consigo viver numa sociedade que não seja livre e democrática”. E, e também foi um bocado isso que me fez querer sair logo no principio, da primeira vez que sai de Portugal, já não queria voltar não é? (risos) (Pausa 3s) Outros tipos de aprendizagens? Claro há sempre a aprendizagem da língua... da, dos intercâmbios, das trocas... (Pausa 3s) e, e às vezes destruir uns certos estereótipos, a gente pode, pensa que num país rico como a Dinamarca não há pobres, mas depois vêem-se pessoas na rua... sentadas contra a parede, a pedir uma esmolinha e, e também outros problemas sociais que se viam, muito alcoolismo. Especialmente nos fins de semana os tipos não sabem beber e então à sexta feira... esticados pela rua fora, agarrados aos candeeiros. (Risos) É que... claro que também há alcoolismo aqui mas, de certo modo é diferente, eles até dizem que o nosso é mais perigoso, porque o género de beber um litro de vinho todos os dias é pior para a saúde do que beber três de uma vez só, por semana, e vomitar tudo rapidamente. (Risos)

E – (Risos)

e – Mas, mas é mais explícito quando se vê assim pessoas pelos passeios fora, agarradas aos candeeiros e tal. (Risos)

E – Pois. E a experiência em África?

e – Pois essa foi uma aprendizagem também grande no sentido que confirmou de certo modo os meus preconceitos iniciais... achar que aquilo não era efectivamente uma província ultramarina, aquilo não era outro Alentejo, nem outro Minho, outro Algarve, aquilo realmente eram países, eram países quer dizer, eram grandes territórios, até possivelmente mais do que um país lá dentro. Também se notava que havia grandes diferenças em Angola e Moçambique, lá dentro. As pessoas, as paisagens, os estilos de vida... mas que não tínhamos, não tínhamos grande coisa a fazer lá, pelo menos não tínhamos nada de estar lá a dominar aquelas sociedades. Podíamos tar lá, como podíamos estar a emigrar para a França ou para a Alemanha e também ir para mas não efectivamente colonizando aquelas sociedades, e que aquelas sociedades tinham direito à sua, à sua autonomia, à sua independência. Portanto isso foi uma aprendizagem. (Pausa 12s) Aaa África é, é uma sensação sempre muito forte que fica aaa e depois isso foi confirmado quando eu estive no Quénia, bastante mais tarde.

E – Pois eu ia perguntar se voltou lá. Se chegou a voltar a África.

e – Hum, pois. Depois no Quénia durante cinco semanas, não tanto na cidade, lá em Quichaça, mas saídas aos fins de semana quando não se tinham trabalho, em algumas excursões que se fizeram. Aaa toda aquela natureza não é? Sente-se a força da mãe natureza... as, as, e o Brasil depois também dá a mesma sensação, aaa quando nós vamos da Europa para lá aaa re, reaprendemos as cores. Afinal as cores têm outra intensidade que nós não conhecíamos. O vermelho é mesmo vermelho, o amarelo é mesmo amarelo, quer dizer aquelas cores são de uma intensidade extraordinária. Os odores, os cheiros é uma coisa fortíssima, no campo, no, no ar não é? Sente-se realmente ali outro tipo, que a natureza têm ali uma força extraordinária e sente-se também que, que em África, que o berço da humanidade tinha que ser ali, porque é ali que tá a força toda, sente-se uma energia vital... tão forte. (Pausa 2s) E, e aqui sentimos que é tudo um pouco mais moderado não é? Temperado... E então assim para um jovem

acho que é, que é, que é muito compensador sentir assim essa força da, (bate na mesa) das sensações. (Risos) (Pausa 6s)

E – E depois voltou para Portugal... Já tinha acabado o curso e...

e – Depois voltei para Portugal nos finais de Setembro, depois fiz os exames em Outubro e depois saí em Novembro.

E – Foi logo embora para a, França?

e – Hum, hum. Em...

E – Então já tava mesmo decidido! Não ficou cá tempo nenhum.

e – Em meados de Novembro, pois, pois.

E – E como é que a sua mãe reagiu?

e – Ah um pouco melhor do que eu esperava. Porque eu suponho que o meu pai também...

E – Já tinha começado a preparar.

e – Também a preparar não é? E creio que a minha mãe, apesar de tudo, na alternativa, claro que ela queria é que eu ficasse lá e se possível em casa e em Lisboa e etc, mas como isso não seria possível a alternativa seria mesmo ir para, para África para a guerra colonial. Ao ir para a França, ela aca, acabou por achar que, que preferia em todo o caso que eu tivesse em França, em Paris. Porque havia menos perigo.

E – E porquê em França?

e – Ah em França porquê? Para mim não era, não era definitivo, resolvi pelo menos parar em, em França e, e ver. O que eu gostava? Gostava de ir para, para a Escandinávia, isso gostava, mas havia o problema da língua não é? E eu tinha que arranjar um trabalho, tinha que arranjar um emprego.

E – Mas saiu daqui já com alguma perspectiva? Ou decidiu... “Olha vou para França e vou ver o que é que dá!”?

e – Exato. (Risos) A única, a única (Pausa 3s) a, como é se pode dizer? Não era exatamente uma garantia, mas eu tinha um contacto de, de um francês que eu tinha

encontrado numa das viagens à Escandinávia, aaa que era bailarinho na Ópera de Paris, no grupo de dança da Ópera... E, e ele tinha-me deixado os contacto e tinha-me dito que sempre que eu quisesse e que ficasse lá em casa, podia lá ficar... Ele ainda vivia com a mãe, o pai não conheci, creio que não sei se tinha morrido, se se tinha divorciado. Vivia com a mãe e com o irmão mais novo. E ele tinha-me deixado os contactos e então lembro-me de ter escrito e ele disse “Sim senhor aparece e tal”, de modo em que um belo dia avisei que ia lá ter e lá apareci. Aaa claro que também vi depois que eles não tinham um grande apartamento e portanto eu teria que ficar na sala, e fiquei lá no sofá, mas também vi que tava ali a empatar não é?

E – (Risos)

e – Portanto comecei a procurar trabalho e, para depois ter a minha própria, o meu sitio onde viver.

E – E a Elisabete como é que ela reagiu? Nessa altura vocês estavam juntos?

e – Nessa altura acho que já não estávamos não... (Risos)

E – Já não estavam mas, mas da outra vez disse-me que casou com ela lá.

e – Não, eu depois vim a Portugal uns dias, já nem sei porque... O, ah já sei porquê sei! (Risos) Eu tinha saído com licença militar válida por seis meses, portanto Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril. Acho que era isso. E... E antes da licença caducar eu vim e nessa altura não estávamos em contacto, tínhamos-nos chateado um com o outro. Mas depois quando eu vim... depois conheci lá um, uns tipos e às tantas quando souberam que eu ainda estava legal e tal, aaa pediram-me se eu vinha a Portugal fazer um, uns serviços. (Risos) Aaa e portanto eu ainda vi a Portugal, a Lisboa, vim ao Porto e depois encontrei nesse altura em casa da minha irmã, que tava casada com o irmão dela, e depois ela também apareceu... e depois, e depois é que houve ai um certo reencontro. (Tosse) E depois foi ai que, eu não vim por muito tempo, talvez uma semana, que decidimos que íamos casar e que ela iria depois ter comigo. (Pausa 3s)

E – U, boa! Assim repentino.

e – (Risos)

E – E qual foi o primeiro trabalho que teve lá em França? O que é que fez?

e – (Pausa 3s) O primeiro de todos... pois eu de inicio nem tinha, não, não falava a língua fluentemente, depois é uma coisa que a gente aprende. Eu em França nunca tinha estado, tinha estado na Noruega, na Escandinávia, falava normalmente inglês. Aaa quando cheguei a França também foi uma aprendizagem perceber que tudo aquilo que tinha aprendido em 5 anos, em Portugal, na escola não dava. (Risos) Não era aquilo. Dava para ler alguns livros, não dava era para falar com as pessoas e compreender o que as pessoas me estavam a dizer não é? Portanto houve ali uma aprendizagem necessária... Da língua, da língua todos os dias e da pronúncia, do modo de falar e tudo isso. De modo que não podia aspirar a grande coisa não é? E nem sequer, nem sequer, nem sequer o contacto com, ler jornais, o responder a anuncios achei que não tava em condições. Mas depois recorri a uma agência que existia lá de apoio a emigrantes, a refugiados fundamentalmente que era uma coisa de carácter mais político, pessoas que estavam... não eram tanto os emigrantes, eram mais aqueles que estavam por situação política, que eles davam apoio. Eles eram uma organização

E – [Mas quando saiu, saiu legalmente?

e – Sai legalmente, era a tal licença militar.

E – E depois voltou para renová-la e... renovou-a?

e – Renovei, deram-me mais um ou dois meses.

E – Sim. E depois entretanto caducou ou... voltou a renovar?

e – Não. Para renovar tinha que se vir cá.

E – Sim, não renovou.

e – A partir de França não renovava, não arrisquei.

E – Hum, ficou exilado.

e – (Risos) Fiquei, Depois os meus pais uma vez quando vieram, disseram-me que tinham andado lá a bater à porta a perguntar por mim, que então eu tinha sido dado como... aquilo chamava-se refratário. Havia dois, duas modalidades. Se tu chegasses a entrar na tropa, a chamada incorporação e depois saisses, era chamado desertor. Se nunca tivesses entrado, mas se tivesses ido à inspecção, que foi o meu caso, tinhas ficado apurado, portanto disponibilizado para ir não era? Mas nunca te incorporaram, não era o

desertor, era o refratário. Do ponto de vista penal, parece que não era tão grave, mas apenas normalmente era cumprir o serviço militar a dobrar... se te apanhassem. Na altura as pessoas já tavam a fazer quatro anos, normalmente.

E – Oito anos...

e – Passaria para oito. (Risos)

(Interrupção)

E – Ok.

e – E então tinham-me aconselhado, a gente aconselhava-se lá no café do Quartier Latin, encontravamos muitos portugueses. Uns tavam lá à mais tempo, iam informando e, e aconselhando outros. E era importante inscrever como estudante e ficar com um estatuto de estudante. Por um lado porque era mais fácil ter os, as autorizações de estadia...

E – Os papéis.

e – Os papéis não é? E por outro lado também havia depois facilidades, o bilhete de metro era mais barato. Havia um cartão especial para estudantes, podiamos ir aos restaurantes universitários, mostrando o cartão, para comer ao almoço e ao jantar, se fosse preciso, portanto refeições nas cantinas muito mais baratas.

E – Muito mais baratas, pois.

e – E então foi o que eu fiz. Inscrevi-me lá na faculdade de direito em Paris, aliás foi uma situação um bocado caricata, porque eu sentia que vindo para fora não era o curso de direito, que aliás também não me interessava muito não é, e como tinha tido cadeiras de economia, pensei fazer uma reorientação para economia e pedi para me inscrever no terceiro ano de economia. De... pois de economia... e eles então, depois a resposta é que não, porque eles tinham estado a ver o, as cadeiras que eu tinha feito e achavam que eu não tinha suficiente matemática nem estatística, que era fundamental para ir para a economia, se quisesse economia tinha que me inscrever no primeiro ano... de economia, ou então inscrevia-me no doutoramento de economia. Eles aí aceitavam-me. No primeiro ano ou em doutoramento. No terceiro ano é que não.

E – Não. (Risos) Estranho...

e – (Risos) Achei um lógica um bocado estranha. (Risos) O preço era o mesmo. Aliás o, aquilo era praticamente gratuito. Inscrevi-me no doutoramento.

E – Ai foi?

e – (Risos) Até porque eu não podia ir às aulas não é? Aqui era só uma...

E – Ai nunca chegou a frequentar?

e – No doutoramento fui a alguns seminários, mas aaa não tinha bolsa de estudo, portanto eu tinha é que trabalhar.

E – Pois.

e – Portanto inscrever-me num primeiro ano, aquilo não tinha curso nocturno era, era impossível... e portanto com essa inscrição no doutoramento... depois quando fui à procura de emprego através dessa, dessa entidade, acho que foi o primeiro emprego que eu tive foi na, não te contei a história da...?

E – Acho que não.

e – Quando fui à entrevista, um senhor lá dos recursos humanos, uma companhia de seguros, e perguntou-me “Que habilitações é que tem?”, “Ah tenho o curso de Direito”, depois deixei de dizer, (Risos) para certo tipo de empregos é melhor não dizer.

E – Pois.

e – Aaa e depois ele perguntou-me “O que é que sabe fazer?”, ah mas acho que já contei, porque aí disse “Sei escrever à máquina”.

E – Ai acho que já falamos disso.

e – Pois eu disse que já tinha sido sebenteiro não é?

E – Acho que sim.

e – Exatamente.

E – Pois.

e – E depois foi ai que arranjei um emprego como datilógrafo nessa companhia de seguros, ainda durante uns tempos. Depois já não sei porque razão... ah possivelmente

porque arranjei uma coisa que me pagavam um pouquinho mais (Risos), aaa fui trabalhar um tempo para o Consulado Português. Até com a ideia se podia sacar de lá um passaporte. (Risos) Mas aquilo estava muito controlado, ainda fiquei lá algum tempo. E também não me agradou, e depois arranjei emprego, já estava a falar melhor, já me saia melhor, já comunicava melhor e tal, já me sentia mais à vontade, a, arranjei emprego numa, numa dessas empresas de trabalho, tipo “Man Power”, trabalho entre, entre, trabalho interino, sabes o que é? São pessoas que colocam traba, pessoal! Empregados ou trabalhadores, portanto uma empresa, uma fa, pode ser uma fábrica, tem uma encomenda e durante os próximos seis meses precisa de mais...

E – Ah é tipo, agora como há as empresas de trabalho temporário?

e – É isso, é preciso mais trinta pessoas por mais seis meses, não faz sentido para essa empresa tar a recrutar pessoas, porque os contratos tinham outros tipos de obrigações e tal. Então fazem um contrato com essa empresa, essa empresa é que tem pessoal permanente, mas que vai colocando seis meses aqui, quando acaba ali vai tentar colocá-los noutra sitio. Portanto o trabalhador tem uma certa vantagem porque tem uma estabilidade, mas por exemplo a empresa paga-lhe duzentos, quando o coloca põe-no a receber trezentos ou quatrocentos.

E – Hum. Ah, cá é diferente os trabalhos temporários.

e – A empresa ganha (Tosse), ganha a sua diferença, por um lado para se precaver porque há meses em que pode não ter colocações para aquela pessoa e continua a pagar, continua a pagar, aquilo é um contrato permanente.... e depois vai, vai colocando. E eles quiseram-me lá aaa no próprio, no centro não é, na própria sede. A atender telefones, a receber correspondência, a fazer triagem de correspondência, etc. Portanto fiz assim um trabalho administrativo. Às vezes quando estavam a precisar, não tinham ninguém e tinham pedidos para um sitio ou para outro, principalmente trabalho administrativo mandavam-me a mim. Portanto fiz alguns outros trabalhos por conta dessa empresa, noutra, noutras empresas, durante uma semana, quinze dias, principalmente na altura das férias de Verão, onde havia mais necessidade de pessoal assim por pouco tempo. E, e, e entretanto tinha a, alugado um quarto na casa de um casal, ele era espanhol, ela era francesa... Aaa um quarto bonzinho. Achei que era muito importante ter um quarto, um espaço bom. Em vez de estar a ganhar muito dinheiro em cafés, era preferível eu ter um

espaço onde eu me sentisse bem, gastava menos, gastava mais na renda mas gastava menos porque não, não era obrigado a tar na rua tanto tempo. (Risos)

E – (Risos)

e – A maior parte das pessoas viviam num quartinho, num saguão e tal, era mesmo só para dormir quatro ou cinco horas de noite e mais nada. Eu ali podia fazer a minha vida, tinha uma secretáriazita para escrever, ler. Mas não tinha refeições, portanto...

E – Comia fora?

e – E então, comia fora, ia sempre ao restaurante universitário, normalmente também para, mesmo quando estava a trabalhar normalmente tinha uma hora e tal de hora de almoço, metia-me no metro e ia até ao restaurante universitário mais perto, almoçava, voltava no metro. O metro também era com cartão de redução, portanto fazia assim uma vida mais barata possível. Na altura devia estar a ganhar uns quinhentos euros por mês... quinhentos euros, quinhentos francos! E uma vez ou outra o meu pai mandava-me alguma coisita, uma ajuda. E foi depois do, do casamento com a Elisabete...

E – Pois ela depois veio ter consigo?

e – Veio, veio ter comigo passado algum tempo. E ainda ficamos algum tempo nesse quarto, o quarto era grande, a cama era grande de casal. Aaa mas começamos à procura então, ela também começou à procura de trabalho, e foi então que através da irmã dela que conhecemos um casal de suecos. Ele estava a trabalhar na OCDE, economista e... depois, e depois aaa resolvemos, eles também tinha, também tinham um sitio assim muito precário, onde estavam a viver e depois resolvemos às tantas “Porque é que não arranjamos um apartamento grande e vamos os quatro, durante algum tempo partilhar?” e então acabamos por partilhar. E passado pouco tempo, não sei, ai mês e meio, dois meses, ele, lembro-me uma vez ele à noite e começamos a conversar e que iam fazer um novo projecto lá na OCDE e que ele vai ter um papel de coordenação do projecto e que andam à procura de pessoas, de assistentes e tal, para incorporarem a equipa do projecto, aaa se conhecíamos alguém e não sei o quê e... lembrei-me então “e porque é que não posso ser eu?” (Risos).

E – (Risos) Pois.

e – “Eh pois e tal”. Ai serviu-me ter o curso, porque eles queriam pessoas licenciadas.

E – E, mas a Elisabete ainda não tinha acabado o curso dela?

e – Ela não chegou a cabar cá não. Depois lá, lá nessa altura eu acho que ela ainda andava à procura de trabalho... (Pausa 2s) aaa não me lembro se ela tinha trabalho na altura... (Pausa 3s) olha que eu não me lembro sabes se ela estava empregada? Ou se começou logo a estudar lá... Ela também se inscreveu como estudante, até para ter as mesmas facilidades e etc não é?

E – Já sabia como é que funcionavam as coisas.

e – Pois. (Risos) Pois. (Pausa 2s) Aaa mas depois eu fui para a OCDE e passei a ganhar três vezes mais do que ganhava antes e, e portanto já havia mais um certo desafogo, suponho que ela começou a estudar e atempo inteiro para ser mais rápido. E então eu fui para a OCDE integrar essa equipa e o trabalho, era um trabalho no, numa equipa de economia de educação. Portanto a ideia era tentar PREVER as necessidades da força de trabalho a cinco, a dez anos... conforme a evolução das diferentes economias nacionais e depois em função da estrutura ocupacional, que se previa necessária para aquele país, aaa tentar definir um determinado tipo de política de investimento educativo não é? Se, se é preciso mais no secundário, no terceário, no sector primário...

E – Então ai começou a ficar ligado à educação?

e – Pois foi. Foi por ai. Que tipo de qualificações é que são necessárias. Não só fiquei ligado à educação, como depois fiquei ligado um pouco à educação de adultos, porque (Tosse) para mim não fazia muito sentido aquela lógica que eles tavam a utilizar, de saber que necessidades é que há daqui a cinco anos, daqui a dez anos, para nós sabermos os nossos meninos tão a sair do secundário, para onde é que nós vamos tentar orientá-los, para cursos mais técnicos, para cursos... aaa mais no sector industrial, ou vamos para cursos mais no sector terceário, etc, “o que é que vai acontecer daqui a cinco ou dez anos?”, “que necessidades?”. Aaa só a pensar nos meninos, pensei “Mas não será mais lógico e menos arriscado... porque as coisas podem falhar totalmente, a cinco ou dez anos a evolução das economias pode alterar-se de tal modo, que tamos a fazer investimentos e daqui a cinco ou dez anos verificar que não era aquilo. Não seá mais fácil reciclar, quando se sentem necessidades a um ou dois anos, reciclar desde já a, a força ativa através de clubes de formação contínua”?

E – Hum, hum.

e – E já se saber muito melhor o que é que se quer ou não se quer, portanto em cursos mais curtos. Não estar a pensar em formar os jovens em cinco anos, mas formar os adultos aaa...

E – Prepara os adultos se adaptarem.

e – Para se adaptarem às novas necessidades não é? Fundamentalmente a pensar mais em termos de formação contínua, do que só aaa a formação escolar, como aaa.. E aí comecei a pensar que, que era importante tenta saber mais sobre Educação de Adultos, formação contínua, comecei a ler mais coisas. Na altura também se falava muito e se escrevia muito em França sobre o conceito de *Éducation Permanente*.

E – Hum, hum.

e – E pronto, ia, ia lendo coisas e entretanto... continuei na OCDE mas depois separei-me da, da Elisabete.

E – Em França?

e – Em França.

E – Vocês estiveram lá quantos anos?

e – Ela foi para lá em 64... Ela esteve só voltou já depois do 25 de Abril em Portugal.

E – Nessa altura já estavam separados?

e – Já! Portanto separamo-nos em 67, estivemos casados três anos.

E – E tiveram uma filha?

e – Tive uma filha, nascida em 66. (Pausa 4s) Aaa e depois em 67 já estava separado e depois conheci lá uma colega inglesa na OCDE e... e começamos a viver juntos. (Pausa 2s) E de, e ela, a ideia dela era fazer um curso, ela era administrativa e então... eu também que estava com vontade de ir estudar educação de adultos e que me parecia que Inglaterra era um bom sítio. (Tosse) E ela a, ela passado um tempo foi aceite, em 68 foi aceite na Universidade de Manchester, para o curso de Sociologia, com bolsa de estudo e tudo. Havia até um, davam preferência até para pessoas no activo para bolsas de, de estudo, pessoas já com alguma experiência profissional, que era o caso dela. Então ela foi já em 68... foi em 68, portanto... no ano lectivo 68/69 ela foi lá fazer o primeiro ano

de Sociologia para Manchester. E eu não pude ir com ela porque, porque, porque tinha aaa, sabendo que indo para lá não ia trabalhar, ia tentar estudar e portanto tinha que fazer algumas economias para me aguentar lá e também tinha que fazer algumas economias para deixar à Elisabete.

E – Pois tinha uma filha.

e – Porque eu dava-lhe todos os meses um X, mas depois se me fosse embora um ano ou dois, ou mais para Inglaterra... E sem grande, sem grande expectativa de ter lá um emprego não é? Portanto eu i, i, iria tentar e consegui deixar-lhe uma soma correspondente a dois anos de mensalidades. Portanto também achei que tinha que ficar pelo mais um ano a trabalhar e a poupar. (Risos)

e – E então, bom tinham-me aconselhado... a gente aconselhava-se lá nos cafés Carte De Latain que lá tem, encontrávamos muitos estudantes portugueses que estavam lá há mais tempo e iam informando e aconselhando os outros (tosse) e era importante inscrever como estudante. E ficar com o estatuto de estudante – por um lado porque era mais fácil depois também ter os, aaa as autorizações de estadia e os papéis, não é? E por outro lado, também havia depois facilidades: o bilhete de metro era mais barato, havia um cartão especial para estudantes; aaa podíamos ir aaa re, ir aos restaurantes universitários, mostrando o cartão, para comer ao almoço e ao jantar se fosse preciso, portanto refeições nas cantinas mais baratas. (Tosse) E então foi o que eu fiz. Inscrevi-me lá na, na Faculdade de Direito de, em Paris. Aliás, foi uma situação um bocado caricata que aaa eu senti que, vindo para fora, não era o curso de Direito, que aliás também não me interessava muito, não é? E como eu tinha tido cadeiras de economia eu pensei fazer uma reorientação para economia e pedi para me inscrever no 3.º ano de economia. De... de, depois de economia... Aaa e eles disseram, aaa depois a resposta é que não, porque eles tinham estado a ver o, as cadeiras que eu tinha feito e achava, achavam que eu não tinha suficiente matemática nem estatística que eram fundamental para a economia. Se eu quisesse economia, tinha que me inscrever no 1.º ano de economia ou então inscrevia-me no doutoramento de economia. Eles aí aceitavam-me... Ou 1.º ano ou em doutoramento – 3.º é que não! (Risos) Achei uma lógica um bocado estranha, (Risos) o preço era o mesmo... aliás aquilo era praticamente gratuito. Inscrevi-me no doutoramento.

E – Ah foi? (Risos) Pois, começar outra vez de novo e...

e – Até porque eu não podia ir às aulas, não é? Aquilo era só uma...

E – Ah, nunca chegou a frequentar...

e – No doutoramento fui a alguns seminários, mas aaa, aaa eu não tinha bolsa de estudo, portanto eu tinha é que trabalhar. Portanto inscrevi-me no 1.º ano, aquilo não tinha curso noturno era... (Tosse) era impossível! Aaa portanto com essa inscrição no doutoramento... Depois, quando fui à procura de emprego, através dessa, dessa entidade... acho que foi o 1.º emprego que eu tive foi na... não te contei a história da...?

E – Acho que não...

e – Quando fui à entrevista, um senhor lá dos recursos humanos, uma companhia de seguros e perguntou-me: “Que habilitações é que tem?” e eu disse: “Ah, tenho o curso de direito”. Depois deixei de dizer! (Risos) Para certo tipo de empregos é melhor não dizer.

E – Pois.

e – Aaa... e depois ele perguntou-me: “E o que é que sabe fazer?”, e aí disse-lhe “O que sei fazer? Sei escrever à máquina”. Foi quando eu te disse que já tinha sido sebenteiro, não é? Pois... E depois foi aí que arranjei um emprego como dactilografo, nessa companhia de seguros ainda durante uns tempos. Depois, já não sei porque razão... ah possivelmente porque arranjei uma coisa em que me pagavam um pouquinho mais... (Risos) Fui trabalhar um tempo para o consulado português. Até com a ideia de ver se podia sacar de lá um passaporte, (Risos) mas aquilo estava muito controlado. Ainda fiquei lá algum tempo e também não me agradou. E depois arranjei emprego... já, já estava a falar melhor, já me saía melhor, já comunicava melhor e tal, já me sentia mais à vontade... arranjei um emprego numa dessas empresas de trabalho... tipo MindPower. Trabalho in, int, interino... percebes o que é? São empresas que colocam traba, pessoal, empregados ou trabalhadores... portanto, uma empresa, pode ser uma fábrica, tem uma encomenda e durante os próximos 6 meses precisa de mais...

E – Ah, é tipo como é agora as empresas de trabalho temporário...

e – É isso, é. Precisam de mais 30 pessoas durante 6 meses e não faz sentido para essa empresa estar a contratar pessoas, por, porque os contratos tinham outro tipo de

obrigações, portanto fazem um contrato com essa empresa. Essa empresa é que tem pessoal permanente, mas que vai colocando 6 meses aqui, quando acaba ali, vão tentar coloca-los noutra sítio. Portanto, o, o trabalhador tem uma certa vantagem porque tem uma estabilidade mas, por exemplo, a empresa paga-lha 200... e quando o coloca, põe-no a pagar, a, a receber 300 ou 400.

E – Ah, é diferente do trabalho temporário...

e – A empresa ganha (Tosse), ganha a sua diferença... por um lado para se precaver, porque há meses em que pode não ter colocações para aquela pessoa e portanto, continua a pagar-lhe, continua a pagar-lhe é um contrato permanente. E depois vai, vai colocando... e eles quiseram-me lá na, no próprio, no próprio centro, não é, na própria sede. Atender telefones, a receber correspondência, a fazer triagem de correspondência, etc, portanto fiz assim um trabalho administrativo. Às vezes, quando estavam a precisar e não tinham ninguém e tinham pedidos para um sítio ou para outro, principalmente trabalho administrativo, mandavam-me a mim. Portanto fiz alguns outros trabalhos por conta dessa empresa noutras, noutras empresas, durante uma semana, quinze dias... principalmente na altura das férias de Verão, onde havia mais necessidade de pessoal assim por pouco tempo. E, e, e entretanto, tinha alugado um quarto, na casa de um casal, ele era espanhol e ela era francesa. Aaa um quarto bonzinho. Achei que era muito importante ter um quarto, um espaço, um espaço bom. Em vez de estar a gastar muito dinheiro em cafés, era preferível ter um espaço onde eu me sentisse bem. E gastava menos... gastava mais na renda, mas gastava menos porque não, não era obrigado a estar na rua tanto tempo (Risos. A maior parte das pessoas vivia num quatinho, no saguão e tal, era só mesmo para dormir quatro ou cinco horas de noite e mais nada. Eu ali podia fazer a minha vida, tinha uma secretáriazita para escrever, ler. Mas não tinha refeições, portanto...e então comia fora e ia sempre ao restaurante universitário normalmente, também para... mesmo quando estava a trabalhar também normalmente tinha uma hora e tal de hora de almoço. Metia-me no metro e ia ao restaurante universitário mais perto, depois almoçava e voltava no metro. O metro também era com um cartão de redução, portanto fazia assim uma vida o mais barata possível... na altura devia estar a ganhar para aí uns 500 euros por mês. Quinhentos euros!? Quinhentos francos! (Pausa 3s) E uma vez ou outra o meu pai mandava-me alguma coisita, uma ajuda... e foi depois do, do casamento com a Elizabete...

E – Depois ela, ela veio ter consigo?

e – Ela depois veio ter comigo, passado algum tempo. E... Ainda ficámos algum tempo nesse quarto. O quarto era grande, a cama era grande, de casal, aaa mas começámos à procura...então... ela também começou à procura de trabalho e (Tosse), e foi então que através da irmã dela, conhecemos depois um casal de suecos. Ele estava a trabalhar na OCDE, economista, e depois, e depois aaa resolvemos também... eles não tinham... também tinham assim um sítio muito precário onde estavam a viver e depois resolvemos, às tantas: “porque é que não arranjam um apartamento grande e vamos os 4, durante algum tempo partilhar” e então, e acabamos por partilhar. E passado pouco tempo... aí... não sei... para aí um mês e meio, dois meses... lembro-me uma vez, ele veio à noite e começou a conversar... porque vão fazer um novo projeto lá na OCDE e que ele vai ter um papel de coordenação do projeto e andam à procura de pessoas assistentes e tal, para incorporarem a equipa do, do projeto... aaa se conhecíamos alguém e não sei quê... lembrei-me e tal e “porque é que não posso ser eu?” (Risos) “Ah, pois e tal”...E aí serviu-me ter o curso, porque eles queriam pessoas licenciadas...

E – Mas a Elizabete ainda não tinha acabado o curso dela...

e – Ela não chegou a acabar cá, não.

E – Ela acabou lá?

e – Depois lá, nessa altura, lá... acho que ela ainda andava à procura de trabalho... (Pausa 3s) Não me lembro... se ela tinha algum trabalho na altura... (Pausa 3s) Olha que eu não me lembro se ela estava empregada, ou se começou logo a estudar lá. Ela também se inscreveu como estudante, até para ter as mesmas facilidades, etc.

E – Pois, já sabia como é que funcionavam as coisas.

e – Pois, (Risos) pois. Mas depois eu fui para a OCDE e passei a ganhar 3 vezes mais do que ganhava antes e portanto já havia um certo desafogo. E suponho que depois ela terá tido mais facilidade... começou certamente a estudar... e a tempo inteiro para ser mais rápido. (Pausa 4s) É, e eu então fui para a OCDE. Decidi integrar essa equipa e o trabalho era um trabalho, numa, numa equipa de economia da educação, portanto a ideia era tentar PRever as necessidades da força de trabalho a 5, a 10 anos, conforme as evoluções das diferentes economias nacionais. E depois em função da estrutura

ocupacional que se previa necessária para aquele país, aaa tentar definir um determinado tipo de política no departamento educativo, não é? Se é preciso mais no terciário, secundário, no sector primário...

E – Aí começou a ficar ligado à educação...

e – Pois foi, foi por aí... que tipo de qualificações é que são necessárias? Não só fiquei ligado à educação, como fiquei depois ligado à educação depois de adultos, porque para mim não fazia muito sentido aquela lógica que eles estavam a utilizar de saber que necessidades é que há daqui a 5 anos, daqui a 10 anos, quando nós sabemos os nossos meninos que estão a sair do secundário como é que nós vamos tentar orientá-los? Para cursos mais técnicos? Para cursos aaa mais no sector industrial? Ou vamos para cursos mais no sector terciário, etc. O que é que vai acontecer daqui a 5 ou 10 anos? Que necessidades? Só a pensar nos meninos... e eu pensei, mas então não será mais lógico e menos arriscado – porque as coisas podem falhar totalmente – a 5 ou 10 anos a evolução das economias pode, pode alterar-se de tal modo que podemos fazer investimentos e daqui a 5 ou 10 anos verificar que não era aquilo. Não será mais fácil tentar reciclar, como sentem necessidades a 1 ou 2 anos, reciclar desde já a, a, a força ativa através de cursos de formação contínua e sabendo já muito melhor aquilo que se quer ou não se quer e, portanto, em cursos mais curtos e não estar a pensar em formar os jovens a 5 anos, mas formar os adultos...

E – Preparar os adultos para se adaptarem...

e – Para se adaptarem às novas necessidades, não é? Fundamentalmente. Pensar mais em termos de formação contínua, do que só a formação escolar. Aaa... E aí comecei a, a pensar que era importante tentar saber mais sobre a educação de adultos, formação contínua, comecei a ler mais coisas. Na altura também se falava muito e se escrevia muito em França sobre o conceito de *educacion permanent*. E, e portanto ia, ia lendo coisas e entretanto continuei na OCDE, mas depois separei-me da, da Elizabete e ...

E – Em França? Vocês estiveram lá quantos anos?

e – Em França... Ela foi para lá em 1964. Ela esteve muito tempo. Depois ela só voltou já depois do 25 de Abril em Portugal.

E – Nessa altura já estavam separados?

e – Já. Portanto, separamo-nos em 1967. Estivemos casados 3 anos.

E – E tiveram uma filha...

e – Uma filha, nascida em 66. (Pausa 5s) Aaa... E depois em 1967 já estava separado e depois conheci lá uma colega inglesa, lá na OCDE e... e começámos a viver juntos. E depois, e ela, a ideia dela era fazer um curso, porque ela não tinha um curso. Ela era administrativa. E então eu também disse que estava com vontade de estudar educação de adultos e que me parecia Inglaterra era um bom sítio. E ela passado um tempo foi aceite, em 1968, foi aceite na Universidade de Manchester para o curso de Sociologia, com bolsa de estudo e tudo que havia até um... davam preferência a pessoas já no ativo, para bolsas de estudo, pessoas já com alguma experiência profissional, que era o caso dela. Então ela foi já, foi em 1968. Foi em 1968, portanto... no ano letivo 68/69, ela foi para lá fazer o 1.º ano de Sociologia para Manchester e eu... Eu não pude ir com ela porque, porque, porque sabia que, indo para lá, não ia trabalhar e ia tentar estudar e portanto tinha que fazer algumas economias para me aguentar lá e também tinha que fazer algumas economias para deixar à Elizabete. Porque eu dava-lhe todos os meses um X, mas depois se eu me fosse embora, um ano ou dois ou mais para Inglaterra e sem, sem grande perspectiva ter lá imediatamente emprego, não é? Portanto iria, iria tentar, e consegui, deixar-lhe uma soma correspondente a dois anos ou assim de mensalidades. Portanto achei que tinha que ficar pelo menos mais um ano a trabalhar e poupar. Então fiquei esse ano sozinho lá em, em Paris e depois fui no Verão de 1969 para Manchester. Também tinham-me aceite lá na Universidade para o curso de Educação de Adultos para pós-graduação. Então aí deixei a OCDE e fui para lá...

E – Estudar?

e – Fui para lá estudar só..

E – Aaa voltando só um bocadinho atrás, só... como é que era a sua vida social em Paris? No principio, depois como é que ... como é que era? Porque também falava que no início ia muito aos cafés, para depois perceber que tinha que cortar nos cafés... mais valia apostar numa, num quarto...

e – Sim, de início, bastante porque realmente era assim um ponto aaa de contato para quem tinha acabado de chegar, era importante ir contactando com pessoas que estavam lá há mais tempo, as informações e tudo isso, não é? (Tosse) Aaa Também alguns,

algumas reuniões, porque havia depois aquelas associações políticas... Depois quando tive realmente o meu quarto, uma situação mais estável, deixei de ter tantos contactos e tantas reuniões assim, não é? Mas mesmo assim, quando comecei a viver com a Pauline, portanto, com essa inglesa...

E – Nunca casaram, casaram?

e – Aaa mais tarde, em Inglaterra, sim. Aí juntávamos um grupo de portugueses e, normalmente em minha casa – que eu tinha uma casa razoável e bastante central em Paris, era uma casa muito gira, porque era ali muito perto de tudo, ali central, em Paris... mas não era um apartamento, era uma casinha. Havia um prédio de apartamentos, mas entrava-se e saía-se outra vez e havia um pátio e a minha casa era nesse pátio...

E – Ah, no meio dos prédios...

e – Sim (Risos). Ao fundo do pátio. Aaa o rés-do-chão, praticamente, era só o *hall* de entrada e dava logo para uma escadinha para o 1.º andar. Depois o 1.º andar tinha uma sala, a cozinha e um espaço de duche e tal... e depois o 2.º andar tinha já tipo o feitiço do telhado, uma estrutura... e levava mais um quarto e mais um espaço de, de duche... Pois, tinham que se baixar para dormir! (Risos) Mas fazíamos as reuniões naquele 1.º andar, naquela sala, que era uma sala jeitosa e, e com mais uma meia dúzia de amigos aaa re, decidimos lançar uma revista política. Chamámos os “Cadernos de circunstância”. E então eramos um... de início acho que eramos quatro e depois foi crescendo um pouco e chegou a sete, ou assim... o corpo redactorial... os “Cadernos de circunstância”...

E – Como é que faziam? Já não era como na escola... cada um desenhava...

e – (Risos) Já era aquele mesmo estilo com que se faziam as sebatas na Universidade... era com uma máquina de reprodução a cera. Havia lá um tipo que trabalhava nalgum sítio que tinha acesso... Ele trabalhava numa associação e depois ao fim-de-semana tinha acesso à máquina e eu também dava uma ajuda a passar. (Risos) Mais uma vez, as competências de dactilografia serviram para alguma coisa. A, aquilo depois era... não era papel, aquilo depois era passado num, num, num... num material, tipo uma placazinha, onde ficavam encrustadas as... cera. Uma cerazinha que encrustava as letras... ficavam marcadas, depois retirava-se a película e, e ficava só a

parte da placa com, com os buraquinhos das letras, não é? Depois aquilo, passando num rolo com tinta e papel do outro lado, imprimia numas quantas dezenas ou centenas...

E – Que tipo de notícias é que vocês faziam?

e – Tinha sempre artigos de opinião contra o regime, não é? Mas era mais...

E – Era uma revista portuguesa?

e – Era uma revista em português, de portugueses... eramos todos portugueses e fundamentalmente era uma lista contra o regime. Depois quando... entrou na equipa um desertor da marinha, ele conseguia... e, e depois também entrou um outro desertor, há dois desertores da marinha, sim... um oficial e o outro não era oficial, era soldado. Aaa eles com os contactos deles, que na altura o governo português andava a comprar submarinos à França, não era à Alemanha, (Risos) era à França... alguns números vieram de submarino para Portugal, para serem distribuídos clandestinamente cá.

E – Então ainda faziam alguns, algumas reproduções?

e – Sim, ainda fazíamos.

E – Tiveram muitos números? Fizeram muitos números?

e – Seis ou sete.

E – Tem algum, ainda?

e – Não. Não. (Risos) com as mudanças todas. Nas mudanças acabou por desaparecer. os “Cadernos de circunstância”. Aaa na equipa estava o José Rodrigues dos Santos que era um sociólogo lá da Universidade em Mantere, depois abriu a Universidade em Évora aqui... Estava o Manuel Vila Verde Cabral que também veio para cá trabalhar para a Universidade, no ICS, no Instituto de Ciências Sociais.

E – Ah... na faculdade... é a que está ao pé de Economia, não é?

e – É o que está ao pé do ISCTE, não é? Ali é o Instituto de Ciências Sociais. Eles fazem muitos trabalhos de investigação... sociologia. Ele, volta e meia aparece o nome dele a coordenar estudos e tal. E depois havia esses dois... e eram, eram, no fundo era a minha vida social era muito por aí porque havia ali um trabalho a fazer, reuníamos, decidíamos a revista, cada um fazia os seus artigos... eram muito discutidos também, os

artigos e tal, eram... E especialmente naquele ano em que eu fiquei sozinho e a Pauline já tinha ido para Manchester estudar, ocupei-me muito com isso. (Tosse) O grupo de Genebra também tinha uma revista – o Guedes Ferreira, o António Barreto, o Eurico Figueiredo – tinham outra... também formaram uns cadernos, mas acho que eram... tinham outro nome, cadernos de qualquer coisa... os nossos eram os “Cadernos de circunstância”.

E – E nos primeiros tempos, quando foi para França, de que é que sentia mais... falta? Quais é que foram as principais dificuldades e de que sentiu mais falta?

e – Pois, eu tenho tido... eu acho que tenho um espirito um bocado positivo. Não sou masoquista nem procuro acentuar as partes negras das situações, não é? Portanto, por um lado decidi que não ia viver com a mala atrás da porta como havia outros portugueses que estavam à espera de notícias da revolução, já com a mala feita para, para nitidamente para voltar. Portanto eu pensei, isto “Vou-me integrar! Não vou viver sempre na expectativa de voltar, vou viver na expectativa de me fixar em França”. E portanto comecei a viver muito como francês. (risos). E a integrar-me o mais possível. Portanto, comecei a ter bastantes contactos franceses. Não vivia só entre portugueses. Aaa lia a imprensa francesa, livros franceses e tal. Portanto, por um lado, acho que houve essa perspectiva. Por outro lado, em Maio de 68 as coisas alteraram-se um bocado... porque, porque foram momentos muito fortes, muito exuberantes, digamos assim de afirmação cívica, cidadã, de resistência ao, ao regime, mas também com alguma infantilidade acho eu... a malta jovem também quis curtir . Acho que foi uma grande curtição durante um certo tempo, mas quando aquilo acabou e o fogo se extinguiu, digamos assim, muita gente tinha acreditado que aquilo ia ser a mudança total das vidas e da sociedade. E então houve imensa gente a entrar em depressão, pessoas amigas...com suicídios... muitas fugas para, para o campo com os neurais, deixar a cidade, deixar tudo e ir viver com as cabras. Abandonar a cidade... o mundo cruel. E ao mesmo tempo com essa história de depois querer estudar educação de adultos, de estar ligado a uma inglesa que estava já em Inglaterra e tal acabou aquela ideia de me integrar em França... acabou por ficar gorada e então parti para Inglaterra. Quando pensava em Portugal, o, o que é curioso, não, nunca sentia assim uma saudade forte do... do país, das, das comidas, do que quer que fosse assim de... não! Come-se muito bem também em França! (Risos). Aaa mas sentia por vezes certa nostalgia por vezes das férias de Verão no campo. E era... era aqueles cheiros da Primavera, aquelas

flores selvagens do campo, aquelas... e isso sentia portanto uma grande diferença de estar numa grande cidade como Paris, não é? E tem piada que um dia também com os amigos fomos à costa norte... já passado, não sei, mais de um ano de eu estar em Paris e de repente, olhando para o mar, senti uma saudade imensa do mar. Não tinha sentido, mas quando vi é que senti. “Ei, que saudades que eu tive esta ano todo! Sem dar por isso ... faltou-me isto!” Senti que me faltava... e que era difícil viver longe do mar, afinal... tinha uma certa necessidade, volta e meia, daquela janela aberta para o infinito. Na, na, na cidade é mais claustrofóbico. Portanto acho que foram aí os cheiros do campo, as flores selvagens, o mar...

E – E assim... primeiro, se pensar em Paris na altura que viveu lá, qual é que é a primeira imagem assim que lhe vem à cabeça? O que é que pensa...?

e – Paris acho que é o metro. Para quem vem de Lisboa, na altura, aquela rede do metro acho que é, que é qualquer coisa de impressionante. Porque depois tu pedes um cartão aaa de viagens, não é? Portanto, e com esse cartão andas o dia todo, e fazes correspondências e saltas de um lado para o outro... e sais num sítio para ir ver a *Notre Dame* e depois metes-te no metro e vais para outro sítio onde está Pical e a Bastilha e tudo isso e corres assim a cidade. Ou por baixo ou por cima, depois também há autocarros. Mas aí, durante a semana não porque o trânsito era terrível, mas ao domingo era, era agradável andar de autocarros e fazer estas visitas, as viagens pela cidade. Embora eu andasse muito a pé. Sempre gostei muito de andar a pé e andava quilómetros a pé em Paris, assim quase de uma ponta à outra. De noite como de dia – felizmente nessa altura, nessa altura podia-se andar à vontade. (Risos)

E – Então e depois foi para Inglaterra...

e – Pois, e para Manchester, considerada uma das cidades mais feias, depois de uma das cidades mais bonitas. E... Mas também me adaptei bem. Uma vida muito diferente, muito mais, mais caseira num certo sentido. As pessoas... em Paris nós combinávamos encontrar-nos no café, quando já tínhamos mais algum dinheiro, com alguns amigos, combinávamos encontrar no restaurante, ou para ir ao cinema, ou para ir ao teatro, a, em Inglaterra era mais em casa ou também nos pubs, não é? Eram assim uns encontros mais de interior... mas também, em Inglaterra, fiz mais vida de estudante porque aí...

E – Foi estudar mesmo...

e – Foi mesmo estudar! A Pauline estava a estudar. Portanto estávamos bastante integrados lá na sociedade estudantil.

E – O que é que foi estudar mesmo? Pronto, é educação de adultos mas...

e – A pós graduação chamava-se Educação de Adultos, Adult Education. Havia duas aaa, duas variantes: havia a educação de adultos e havia o desenvolvimento comunitário. E havia duas turmas. De uma maneira geral o, aaa havia gente assim do, do terceiro mundo, digamos... América Latina, África, Ásia vinham todos fazer desenvolvimento comunitário. Os europeus, havia também uma canadiana, americana, vinham fazer educação de adultos. E os ingleses! Aaa... Mas também, estive lá dois anos em Manchester e acabei por gostar de... também pelo tipo de, de, de convivialidade. Era uma cidade muito mais convivial do que Paris. Paris, de uma maneira geral, é aquela história de uma cidade muito grande... de se ser muito anónimo, não é? E não há tempo a perder e cada pessoa tem a sua vida e, é como aquele senhor que passou por ti, quer dizer... provavelmente as pessoas ignoram-se totalmente, nem olham umas para as outras. E, e, e Manchester tinha uma outra dimensão e, na altura pelo menos, tinha uma outra convivialidade e sentia-se, quando se chegava a Inglaterra, aaa havia logo uma piada no barco, um inglês, no comboio, quando se dava o bilhete, ou no autocarro e tal. havia sempre um certo contacto, não era só toma lá, corta e andou. Havia sempre uma comunicaçãozinha qualquer, nem que fosse falar do tempo, não é? (Risos) mas via-se que havia uma certa vontade de, de relacionamento, mesmo que fosse uma coisa curta. Era mais humano...

E – Mas voltou alguma vez a Paris...? Porque tinha uma filha...

e – Pois...

E – voltou... fazia viagens a Paris...?

e – Aaa... Fazia. Talvez quê? Uma vez por ano? Aquelas... E também tinha quem me recebesse em Paris, não ficava assim...

E – Mas pronto... continuava a ver a sua filha?

e – Continuava a vê-la, sim. Embora aí menos, mas continuava a vê-la nessa altura. Aaa... Pois, eu isso... ainda tive um ou outro convite da OCDE, eu ia a uns seminários a Paris convidado por eles. Portanto aí aproveitava e ficava mais uns dias, não é? (Pausa

3s) E depois mais tarde, em setenta e... já foi em 1973 ou 1974, mas eu aí já estava a trabalhar na *Open University*, portanto, eu fiz o curso de educação de adultos em Manchester, 2 anos, não é? Depois já não, não tinha que estudar, e também tinha que trabalhar e tinha que ganhar dinheiro, não é? Depois comecei à procura de trabalho. E a, e fomos para Londres A ver se encontrávamos, mais facilmente, algum trabalho. A Pauline começou a trabalhar – depois ela também tinha acabado o curso de Sociologia – arranjou um trabalho, se não em engano, numa escola... em Londres. E eu arranjei um trabalho, uma coisa também trabalho precário e mais ou menos em trabalho parcial numa, num gabinete de contabilidade... (Risos) a fazer as somas das faturas, dos tickets lá do... Porque... por causa lá dos “Cadernos de circunstância” e também de alguns contactos políticos que tinha tido em Manchester. E depois em Londres também vim conhecer um inglês que também trabalhava num, num movimento político lá em Londres chamado *Solidarity*. Também tinha uma revista. (Interrupção) E foi esse inglês que me arranjou lá esse emprego no gabinete de contabilidade... e, e trabalhei lá um tempo até que um dia vi um anuncio num jornal inglês a pedir aaa, a pedir *research assistants*, para a *Open University*. Eu achei que aquilo era mesmo o que me servia, tinha feito o curso de pós-graduação em educação de adultos, a universidade aberta era mesmo aquilo que eu queria até para saber como é que aquilo funcionava e tal... e atirei-me. Atirei-me. Respondi, mandei o currículo, etc. e até fiquei muito surpreendido porque me chamaram para a entrevista... (Tosse) e depois da entrevista, passado algum tempo, ofereceram-me um emprego!

E – O que é que fazia?

e – (risos) Portanto, a ideia era fazer parte de uma equipa de cursos. Portanto a universidade aberta inglesa funcionava... aaa elaboração de cursos. Aaa os cursos eram decididos, que cursos é que se lançavam dentro de cada faculdade, eu entrei na faculdade de estudos de educação, *educational studies*, e portanto nós não funcionávamos, digamos, a trabalhar num curso, mas fundamentalmente organizar uma disciplina. E aquilo era depois por módulos, nós... Uma disciplina de tempo inteiro, uma disciplina de meio... aquilo nem era muito tempo... dependia dos módulos. Mas o curso era feito no multimédia... (risos) (interrupção) Portanto, havia uma serie de, de capítulos de curso. Um curso inteiro acho que eram os 24 capítulos, depois havia os cursos de 12. A, a cada capítulo correspondia um determinado tipo de textos, com

exercícios também, programas de rádio e programas de televisão. E portanto, depois a BBC2 aaaa e a rádio 2 emitiam os programas de rádio e os programas de televisão.

E – Um bocadinho como funciona aqui a universidade aberta... ou funcionava, porque eu sei que eles também tinham na televisão... tinham aulas na televisão...

e – Tinham aulas na televisão, pois... De maneira que, (tosse) eu funcionava a investigar matérias para depois integrar estes módulos, não é? A recolher material, enfim e também a preparar textos para a equipa. A equipa ainda tinha bastante gente. Tinha para aí umas 6 ou 7 pessoas a trabalharem durante um ano para o curso. Aquilo era uma coisa bastante rigorosa e acho que os manuais tinham muita qualidade e deu uma grande credibilidade à universidade porque cada curso tinha, tinha todo um manual, que estava disponível nas livrarias, a pessoa podia comprar e muitos estudantes de outras universidades compravam porque nas suas universidades não havia. Os professores não davam materiais e ali havia muito material e com referências e tudo. Aaaa e depois, íamos a Londres, à BBC para gravar programas de Televisão ou programas de rádio. Eu aí, até porque não tinha uma pronúncia perfeita inglesa, não gravava. Preparava alguns materiais, trabalhava com outros colegas, mas quem dava a cara eram os outros. (Risos) E, e, e estive aí até ao 25 de Abril. Aliás quando, no dia 25 de Abril de 74, quando eu fui para a estação, eu morava perto da sede da universidade aberta – da open university –, aí a uns... a uns quê? A uns 70 ou 80 quilómetros a norte de Londres. Eu morava ali perto, numa vila perto, e fui apanhar o comboio e aí comprei o jornal e na primeira página vi: “Golpe de estado em Portugal”. E fiquei um bocado sem saber... o que é isto? Não é? Podia ser de direita... falava-se muito num golpe contra o Marcelo Caetano das direitas e tal, mas, mas nesse jornal ainda não sabiam de nada. Mas eu ia precisamente trabalhar para a BBC nessa manhã, portanto estava no local indicado para receber notícias. Durante a manhã ia recebendo notícias e quando se falou no Spínola, disse: “bom, pelo menos, extrema direita não é”. E depois à tarde, regressando a casa, já comecei a ter outras informações. Depois vi na televisão o pessoal no carro, ali a correr pelas ruas abaixo, a cantar vitória e tal...

E – Não falou com os seus pais nessa altura? Não é... porque eles estavam lá...

e – Eles estavam lá, eles estavam em Lisboa. (Risos) Eu suponho que sim, que falei...

E – O que é que sentiu?

e – Senti uma alegria enorme! Realmente assim o fim de um, de um pesadelo, não é?

E – Teve vontade de voltar ou...

e – Quando vi aquela festa na rua e toda aquela felicidade e tal, senti que sim, que queria partilhar um pouco aquilo e vim logo em... Maio.

E – Ah, voltou cá...

e – Voltei cá por uma semana, tirei férias lá da Universidade e voltei.

E – Já podia voltar à vontade...

A – (Risos) Já! Podia! Podia porque entretanto já tinha um passaporte, um passaporte que podia utilizar. Claro que se tivesse vindo antes, como eles tinham o meu nome e andavam à procura de quem tinha fugido à tropa não... Depois já não me deixavam sair, mas nas condições em que consegui vir. Também tive muito tempo em Inglaterra sem passaporte... aliás, entrei com passaporte falso, pelo menos falsificado... não sei, também não te contei esta história.

E – Não, como é que arranjou o passaporte falsificado?

e – (Risos) Pois, em França andava muito tempo... pois, andei sem passaporte porque no consulado só davam um que dizia “válido para regressar a Portugal”. E era um carimbo que eles punham, daqueles carimbos com uma tinta indelével, em todas as páginas, da primeira à última. “Válido só para voltar a Portugal”. De, de modo que vivi em França, vários anos, sem sair. Mas também a França era grande, podia... (Risos). Mas houve uma altura que, de contactos e tal, disseram-me: “Ah, o consulado de Antuérpia, mediante um X fazem uns passaportes onde põem também o carimbo – “válido só para voltar a Portugal” – mas é um carimbo que se pode apagar. Não é como os outros, é uma tinta diferente. E só põem numa página”. E então resolvemos, fizemos uma, uma excursão, com dois automóveis cheios, quatro, quatro tipos em cada carro, e fomos até Antuérpia. Felizmente, nessa altura, já as fronteiras França, Bélgica não havia grande controlo era mais fácil e lá fomos a Antuérpia e depois, quando voltámos a Paris, apagámos aqui isso com um acidozinho e depois voltámos a escrever: “Válido para todos os países do mundo”. (risos) Mas para não ficarem letras diferentes e tal tivemos realmente que apagar e voltar a preencher tudo com a mesma letra, o nome da pessoa, o casado, solteiro e não sei quê, nascido em... E então também para não ficar a minha

letra distribuímos: tu fazes o meu, eu faço o teu e tal. Eu lembro-me que até troquei com o José Mário Branco, que ele fez o meu passaporte e eu fiz o dele. Aaa e foi com esse passaporte que eu fui para a Inglaterra. E depois também lá soube que, no consulado de Southampton também

E – De?

e – de Southampton, uma cidadezinha no sul de Inglaterra, ainda ficava longe de onde eu morava mas valia a pena ir lá. Estava um cônsul que passava passaportes, trocava o passaporte que as pessoas tinham por um outro passaporte... e esse já era válido e então... lá fui. Ele era daqueles cônsules honorários e tal. Eu acho que ele até era inglês. E quando vim a Portugal, então, em Maio já tinha o passaporte decente! (Risos) Legal.

E – Então veio cá só para ver os seus pais e ver como é que estava o país...

e – Sim, para ver o ambiente, não é? Falar com os amigos e tal, foi assim uma grande festa durante esses dias. E depois... ah, e depois comecei a pensar mesmo voltar.

E – Nessa altura já estava casado com a Pauline?

e – Nessa altura já estava divorciado da Pauline.

E – Ok. Ok. (Risos)

e – (Risos)

E – Tiveram algum filho?

e – Não, Não.

E – Pronto, ok.

e – Nessa altura estava a viver com outra senhora inglesa. Eu devo dizer-te que nunca saltei de uma relação para outra. Acabei relações quando tinha que acabar e depois retomei ou comecei ou recomecei outra relação, mas nunca houve assim uma situação de substituição de, de companheiras.

E – Hum, hum.

e – A relação com a Pauline não estava a dar e na altura também, eu suponho... eu procurava ativamente uma... acho que era exigente demais na relação.

E – Quem, a Pauline?

e – Eu. Eu acho que queria demais.

E – Mas em termos pessoal? Em termos da pessoa? Ou em termos...

e – Não, em termos da relação.

E – Em termos intelectuais...

e – Até havia um entendimento. Havia, havia afinidades com, com a Pauline. Ela acabou por vir trabalhar também para a Open University que arranhou também lá um emprego na faculdade de sociologia. Ela depois ficou lá. Mas... não deu. (Risos) Suponho que ela estava à procura de qualquer coisa que eu na altura não... eu também não podia dar. Eu suponho que ela queria ter uma relação, filhos, etc. e eu tinha tido uma experiência relativamente negativa com a primeira filha, não... não me tinha sentido pai. Não tinha conseguido sentir-me pai, ser pai. Acho que foi cedo demais na minha evolução pessoal.

E – Achou que não era altura de fazer segunda vez o mesmo erro...

e – O mesmo erro... pois... Portanto, estava já com a Shila que é mãe da minha filha mais nova. A minha filha Sara. Portanto, a Cláudia foi a que nasceu em Paris e a mãe é portuguesa e nasceu em 1966, a Cláudia. E depois a Sara nasceu em 1978.

(conversa pessoal)

Entrevista IV

E - Pronto...ahhh a mesma coisa que tem sido, um bocadinho pegar naquilo que já passou e depois andarmos um bocadinho mais para a frente. Ahhh, falou que quando tive em França começou a trabalhar na OCDE, quais é que eram especificamente as suas funções na OCDE?

e – (Tosse) Portanto foi para, para me juntar a um grupo de trabalho que estavam a constituir, aaa para um estudo que iam fazer, um estudo de cerca de 2 anos sobre a, sobre a caracterização da, da força de trabalho em cerca de 30 países por qualificações. Portanto, no total que tipo de escolaridade é que tinham? Mas depois também setor por setor.

E – Hum, hum.

e – Procurar ver os setores mais qualificados, menos qualificados e nalguns casos até especificar. No caso por exemplo de pessoas com o ensino superior que tipo de curso é que tinham feito. E portanto era um estudo que estava a ser feito, precisava de bastante gente, em, em princípio não íamos aos países procurar o material, não é? As estatísticas eram pedidas e chegavam e depois tinham que se estudar essas estatísticas. Tinha que se tentar normalizar porque países diferentes tinham muitas vezes pá maneiras diferentes de classificar.

E – Claro.

e – E também muitas vezes, normalmente os dados vinham em bruto. Quer dizer, milhares, centenas, dezenas e era preciso depois também trabalhar percentagens, fazer isso. Portanto, foi, foi, foi esse tipo de trabalho.

E – Esteve lá os dois anos?

e – Eu, no estudo sim, mas depois apareceram outros estudos e acabei por estar lá, na OCDE... em entrei em Maio de, de, de 65 e saí no Verão de 69. Portanto, estive lá 4 vezes, 4 anos e qualquer coisa, uns 5 meses, uns 3 meses.

E – Porque a ideia que eu tinha ficado era um bocadinho um estudo do mercado mas também do quê que o mercado precisava, não é?

e – Hum, hum.

E – Estudar o que é que existe mas também o que é que o mercado vai precisar.

e – Exato. Exato, exato, exato. Esse balanço, digamos, era também para ver qual era o ponto de partida e depois em função do, daquilo que os países planeavam com a evolução da sua economia tentar extrapolar e, e, e ver onde é que havia carências, onde é que haveria mais necessidades de investimentos, etc. Portanto, isso realmente... mas aí, essa parte do estudo já não era, já não era com esta minha equipa, não era, eles dividiram.

E – Ahh já não era a sua equipa?

e – Havia grupos e ...

E – Pois, porque eu tinha ficado com a ideia que tinha dito alguma coisa como, que teve a ideia que, como não apostar naqueles, nos juvenzinhos agora que estão a estudar, para que cursos é que eles devem ir por causa do mercado mas os adultos que estão no mercado como formá-los, certo?

e – Hum, hum. Certo. Realmente acompanhamos o estudo mas uns faziam uma coisa, uns faziam outra...

E – Ah, estava noutra secção

e – Eu estava mais na equipa que estava a trabalhar sobre o balanço atual não é? E a caracterização atual. Mas o que é facto é que o estudo era, era unitário, tinha que ser integrado e portanto havia reuniões para comunicar os resultados que entretanto se iam obtendo, não era? Dava, ficava-se com uma ideia mais geral.

E – Ok. Não tinha sido bem essa ideia que eu tinha ficado até do que falamos nessa altura da educação permanente.

e – Sim.

E – Na França e que tinha ficado... Aí percebeu que não apostar só naqueles que ainda vão entrar no mercado mas naqueles que já lá estão. E queria saber se nesse, se fizeram alguma coisa relativamente a isso, se sim se apostaram nos adultos que já estavam, se acharam importante. Ou foi uma ideia que foi sua?

e – Não, foi uma ideia minha até já... já numa parte final quase do trabalho, não é? De perguntar, “mas porquê que se ficam aí nessa perspetiva de... se realmente a caracterização atual diz que há poucos engenheiros na área da electromecânica para aquilo que vai ser necessário? Porquê que estão só a pensar nos jovens para os formar em 5 / 6 / 7 anos e não pensam em pessoas que já têm uma formação técnica e que mais rapidamente”...

E – E essas ideias acha que foi influenciado por, por ... não sei se em Portugal falavam mas em França já se falava da educação permanente.

e – Já.

E – E se foi um bocadinho por aquilo que andou a ler, também. Hum?

e – Sim, nessa altura ainda não, não se falava muito, meados dos anos 60, mas já, já se começava a falar, sim.

E – Hum, hum.

e – E, e, creio... Não sei se cheguei a falar também daquele primeiro, na altura ministro da educação sueco, que à OCDE...

E – Não.

e – Olavo Palma, depois foi primeiro-ministro. Ele próprio, isto terá sido talvez em 69 que ele terá vindo, num, num seminário que lá houve, um encontro, ele disse que estava a pensar, o seu governo estava a pensar que iriam entregar a cada jovem que saísse do ensino obrigatório, digamos assim, do final, na altura já eram 18 anos na Suécia. E que iriam entregar um livro de cheques. Um livro de cheques que eles depois poderiam trocar por anos de estudo quando quisessem. Portanto, se quisessem trocá-los logo por um curso superior, trocavam e ficavam sem mais nada.

E – Um cheque tinha X dinheiro e podiam, tinham que trocar por cultura, vá.

e – Era, nem sequer aquilo seria dinheiro, seria mais tipo vouchers, não é? Equivalente a um ano de formação, era essa a ideia, mas suponho que nem sequer terá, se terá concretizado. Mas era para dar a ideia de que... Ele achava que não era justo que se apostasse e que se, que, que o governo e o estado sueco investisse muito naqueles jovens que iam diretamente estudar, não é? E com eles investia-se, investia-se nas

universidades, etc. E achava que todos os jovens tinham direito a um apoio igual por parte do governo, mesmo que não quisessem ir para o ensino superior. Portanto, a esses devia-se garantir o mesmo tipo de investimento, mas que eles depois utilizariam em cursos especializados, na suam no seu ramo de especialidade no trabalho e no emprego que tivessem escolhido, não é? E quando quisessem.

E – Pois, nunca deve ter ido para a frente...

e – (Risos) Portanto, era muito a ideia da formação contínua e da...

E – Pois. Nessa altura já tinha ouvido falar da educação de adultos?

e – Pouco. Não era assim uma coisa de que se falasse muito. Aaa... Até porque a França não é assim um país que tenha apostado muito na educação de adultos. Diferentemente, depois encontrei muito mais tradição na Inglaterra quando fui para lá, aliás, quando quis, pensei em fazer um curso de especialização em educação de adultos, ainda procurei primeiro em França, mas não havia. Portanto senti que tinha que ir...

E – Foi nessa altura que sentia que tinha que ir para, para Inglaterra porque não tinha resposta. O que é que era para si nessa altura educação de adultos? Uma pessoa que ainda não tinha estudado educação de adultos, o que é que era para si? Lembra-se?

e – ah, eu acho que já era muito a perspetiva de um meio, formação para a cidadania. Sempre... Embora o que tivesse despoletado a minha ideia tenha sido uma, um raciocínio até mais tipo técnico, digamos assim, de formar pessoas para determinadas funções. Não estar só a pensar na formação inicial, mas pensar em formações que se vão fazendo aaa à medida das necessidades, etc., mas isso foi um bocado suscitado pelo estudo em que eu estava integrado. Mas a minha perspetiva da educação de adultos foi sempre num, num sentido político porque sempre senti uma pulsão forte para fazer política mas nunca me senti à vontade em nenhum partido, em nenhuma, nenhum contexto tipo partidário em que o Benfica é que é bom e o Sporting é mau e o Porto não presta, e tudo, e tudo o que os outros dizem e fazem é mau, só porque são os outros, nós é que temos a razão. E, e como eu digamos tinha deixado de ser religioso aos 13 anos considerei todas essas abordagens político-partidárias, outras religiões.

E – Hum, hum.

e – Às quais não aderi. E para mim política era, era formar cidadãos. Era, era, era realmente fazer o possível para que todas as pessoas tivessem mais informação, mais consciência da sociedade, dos mecanismos da sociedade, da economia, tivessem mais confiança em agir e poder participar na sua sociedade, melhorá-la, construir o futuro em conjunto. Portanto, esta perspectiva é que para mim era a política, não era... ir, ir conquistar o poder à força ou pelas eleições.

E – Era um bocadinho. A ideia que tinha um bocadinho inicial acaba por ser a que acha que tem agora. Pronto, foi, foi trabalhada.

e – Sim.

E – O que é que acha que mudou? Aquilo que achava primeiro que era a educação de adultos e agora o que considera hoje que deveria ser a educação de adultos? Ou é.

e – (risos) Pois. Eu creio que esta perspectiva que, que eu tinha depois teve que ser ajustada e adaptada a diferentes...

E – Contextos?

e – Contextos, não é? E portanto, eu percebi que havia outros setores que não poderemos varrer da educação de adultos e tinha que encontrar um, um contexto relativamente alargado onde coubessem esta perspectiva da formação do cidadão, da formação para a cidadania, mas também coubesse a possibilidade de melhorar as capacidades e as competências no, no, do ponto de vista do trabalho e da profissão e da, de uma carreira, porque isso era fundamental para qualquer pessoa. Portanto em vez de colocar as coisas em oposição, tentar encontrar uma, uma formulação abrangente onde, onde coubessem essas diferentes dimensões do que é a educação de uma pessoa adulta, porque uma pessoa tem muitas dimensões. E portanto a educação de adultos deverá tocar essas muitas dimensões.

E – Hum, hum.

e – E creio muitas vezes, adeptos de uma educação popular, de uma educação tipo freiriana, etc. dizem mal da formação profissional ou dizem que não é educação. Eu acho que é preciso ver as coisas com, com, com outros olhos, não é. Pode-se criticar e pode-se, este tipo de formação não é educadora, porque é uma formação demasiado afunilada. Estão só a formar esta pessoa para fazer aquele gesto técnico como faziam a

formação profissional de um ponto de vista taylorista, não é? Da, da divisão do trabalho e portanto aquela pessoa, se na cadeia de produção só tem que martelar aquele parafuso, a, a formação que receberá é para martelar aquele parafuso como deve de ser, e mais rápido possível, e tantas vezes por minuto quanto possível. A, aí não se pode falar de uma formação educativa, não é? Aí é um, é um puro treinamento como quem treina um cavalo para saltar.

E – Como o Charlie Chaplin. (Risos)

e – (Risos) Agora... fora esses casos extremos, eu creio que um, formar pessoas para o trabalho e para trabalharem melhor e para terem mais capacidade e competência para o trabalho aaa ajuda a formar a pessoa como pessoa também a pessoa até se sente certamente mais confiante se sabe, se sente que há um determinado tipo de funções técnicas e profissionais que desempenha com competência. E portanto creio que não se, não se deve opor, digamos assim, a um formação do tipo mais geral, mais cultural, mais de desenvolvimento pessoal, mais sócio-política. E, e uma formação mais do tipo cognitivo, manual. (Pausa 3s) E depois creio que também há que encontrar certos equilíbrios, se, se uma formação é demasiado, como aquelas formações que se faziam muito na Inglaterra e que eu também muitas vezes criticava em nome do humanismo, faziam-se formações para adultos, principalmente nas universidades, que eram formações aaa muito baseadas na literatura, nas artes, para que os adultos, especialmente até adultos de classe operária, vinham aos cursos noturnos livres da universidade, soubessem quem foi o Leonardo da Vinci, quem, quem, quem foram os grandes pintores do Renascimento, quem foi o Petrarca ou o Dante, a poesia clássica. Aaa isso é importante, mas não se pode ficar por aí. E muitas vezes também para essas pessoas isso não tinha nada a ver com o seu contexto do dia-a-dia. Era, era, pareceu-me que era mais uma má consciência de, de académicos que tinham tido tempo e lazer para aprenderem todas essas coisas e por má consciência achavam que os outros não tinham tido tempo, e tinham uma vida diferente e vinham de um contexto social diferente também deveriam saber. (Tosse) Portanto, eu creio que não se pode cair nem num extremo de ter cursos só sobre os pintores do Renascimento para a classe operária, como não se pode também ter só cursos de martelar parafusos, não é? E que embora possa haver módulos exclusivamente técnicos ou módulos exclusivamente eruditos.

E – Hum, hum.

e – Que isso tem que ser visto sempre num contexto de educação formação abrangente da, de uma pessoa. E também caso a caso e consoante a pessoa, as suas aspirações, os seus interesses, ver onde é que se deve carregar mais, orientar a pessoa num sentido de uma maior universalidade e abrangência nos seus saberes, nas suas competências. Portanto, talvez a evolução que eu tenha tido no conceito de evolução, de educação de adultos, tenha sido este alargar gradual de, em vez de rejeitar, procurar.

E – Adaptar tudo isso.

e – E integrar várias dimensões da educação e da formação num conceito abrangente.

E – Hum, hum.

e – No fundo acaba muito por coincidir com as definições da UNESCO, não é? Da educação de adultos, aquilo depois é uma listagem, estas, estas definições que aparecem sobretudo nos anos 70, meados dos anos 70, da educação de adultos. É muito nesse sentido.

E – Ok. E da, da, relativamente à OCDE, há alguma coisa que, antes de irmos para Inglaterra, não é? Depois passaremos para Inglaterra, há alguma coisa que se lembre? Que queira partilhar nessa sua experiência? Depois foi daí que foi, decidiu ir para Inglaterra não foi?

e – Foi, foi. Em 69. Quer dizer, nós éramos, éramos assim um grupinho de malta nova que tinha aparecido ali aí nos 25 anos, 23, 25, 26 anos, era assim um grupo de malta nova e, e, e às vezes falavam de nós como a célula, a célula vermelha (Risos) porque éramos, éramos um bocado acima. Dentro de uma instituição muito respeitada éramos assim um grupinho que andava sempre...

E – Excêntricos demais?

e – (Risos) Nos debates e tal, com ideias um bocado avançadas para, para o comum. E também para a idade, não é? Éramos também muito mais novos que, que a média de idades lá na OCDE, não tínhamos exactamente o perfil de um funcionário internacional de uma agência intergovernamental. E muitas vezes coisas que escrevíamos ou dizíamos depois não saiam, claro (Risos). Havia uma, uma filtragem. E depois ainda por cima caiu o Maio de 68 nessa altura, não é? Aquilo estremeceu tudo, não é? E durante o dia não pusemos lá os pés. Havia coisas mais interessantes para fazer do que andar a, a

fazer cálculos de percentagens. Mas também havia, havia suponho que também hoje em dia não seria assim, mas a, havia um clima de tolerância grande e as pessoas aceitavam as diferenças.

E – Era diferente em Portugal, não é?

e – Claro (Risos) claro.

E – Ok. Depois então foi para Inglaterra, estudar e passou outra vez a ser estudante a tempo inteiro, não é, aí?

e – Foi.

E – E como é que foi essa experiência?

e – (Risos)

E – Foram o quê, 2 anos?

e – Foram 2 anos, foram, até acabar o dinheiro. (Risos)

E – Mas acabou, a pós-graduação eram 2 anos?

e – A pós-graduação podia, a parte curricular é um ano, não é? E depois se tivesse entregue logo o trabalho, podia-se fazer tudo num ano.

E – Ok.

e – Hum, mas eu acabei por ficar 2 anos, embora no 2º ano já não tivesse aulas, dediquei-o mais a escrever a dissertação.

E – Então, é como é a tese, como é a tese, como é o mestrado agora, são 2 anos. Fez um mestrado, pronto (risos). Agora é assim.

e – Hum, hum.

E – É um ano curricular e o segundo ano é a tese.

e – Depois ainda andei nesse 2º ano a, a pensar em termos de doutoramento, se iria portanto continuar já numa base de doutoramento. Que eu tinha feito, estava a fazer a dissertação sobre uma coisa que na altura me interessou, interessou-me estudar e portanto para não estar a perder tempo...

E – Sobre o quê é que fez, já agora?

e – Fiz, apeteceu-me estudar aquele tema e aproveitei e transformei-o em tema da própria dissertação. Portanto, tinha a ver com a, (tosse)... com a evolução da ciência e tecnologia na altura, aaa e portanto o título da dissertação era “Educação de adultos como meio de controlo social das ciências e tecnologia”. Portanto, a ideia de, de, desde a questão da energia nuclear, à genética, toda uma série de descobertas e de tendências que, que apareciam portanto em diferentes campos da ciência e da tecnologia que, que realmente iria condicionar e completamente a vida das pessoas. E portanto que as pessoas deviam ter uma palavra a dizer sobre determinado tipo de tendências da ciência, se deve ir para a frente, se não deve ir para a frente e haver mesmo se necessário o referendos. Ou pelo menos haver fóruns onde os cientistas viessem explicar o que estavam a fazer e houvesse debate na sociedade sobre se a orientação tomada pela ciência era aquela que as pessoas desejavam ou não.

E – Como é que apareceu essa ideia?

e – Ah, eu creio... que, como tinha tempo e era estudante a tempo inteiro, eu fui lendo, lendo e muitas revistas até, geralmente coisas americanas, havia uma série, nessa altura estava um bocado na moda a futurologia, havia tipos a escrever em 69 / 70 o que vai ser o mundo no ano 2000. (Risos) De maneira que comecei a ler aquele ano 2000 e disse “mas quem é que manda sobre o quê que há-de ser o ano 2000?” Porquê que há-de ser assim e não há-de ser assado? Porquê que as pessoas não hão de ter qualquer palavra a dizer sobre o seu futuro, porquê que hão-se ser os cientistas a ditar o que é, que é o futuro do, do mundo e das pessoas. E então achei que a educação de adultos podia fornecer um contexto... apropriado no sentido em que haveria mais, mais vulgarização do que é, do que é a ciência, de quais são os resultados dos trabalhos científicos de vanguarda aaa que, que não fosse realmente num ambiente de secretismo e que houvesse muito maior divulgação dos resultados de uma maneira que as pessoas compreendessem, o comum das pessoas. Portanto, que não fosse só trabalho científico em revistas de, de alta especialização mas que houvesse quase uma obrigação de divulgarem, traduzido para a linguagem de todos os dias aquilo que estavam a fazer e as consequências que podiam daí resultar e depois na base disso haver a possibilidade de realmente organizar ed, educação de adultos em torno desses temas e haver até fóruns de debate dos cidadãos.

E – Hum, hum.

e – Portanto é, foi muito em torno desses, desses, desse assunto.

E – E enquanto estudantes, e agora se calhar no 1º ano, não é? Porque tinha aulas, como é que foi? Ou teve, como é que foi a sua vida de estudante, não é? Voltou agora também era mais velho, mais maduro, também outro tipo, conheceu outro tipo de pessoas, como é que eram as aulas?

e – Era mais velho, mais maduro, mas no fundo do grupo que se constituiu era dos mais novos. A maior parte já eram pessoas de 30 / 40 anos e eu quando comecei tinha 28.

E – Deve ter sido aqui em 71, 70...?

e – 69, 69 / 70 foi o primeiro ano lectivo, pois. 70 / 71 foi o segundo. E... aí eu... houve logo passados poucos meses uma, primeiro houve uma, um protesto contra a vinda de uma equipa de rãguebi da África do Sul. Lá a Manchester porque havia lá um jogo e eram todos brancos e o pessoal quis boicotar e impedir que os gajos jogassem.

E – Mas porquê, os da África do Sul é que eram brancos?

e – Eram todos brancos, a equipa, quando o país era um país de maioria negra, mas na altura o apartheid era a regra na África do Sul. Os, os, os negros estavam, viviam nos ghettos e era proibido equipas mistas. Portantanto...

E – Mistas de cor.

e – Se os negros se quisessem fizessem os seus *campeonatoszinhos* entre eles mas a equipa nacional da África do Sul era totalmente branca, não é? Então, houve uma, um enorme protesto e a malta lá dos estudantes mobilizaram-se e portanto também andei metido nessa, nessa cena. Ainda fui preso (Risos).

E – Aí já não tinha a sua mãe que dizia não vás? (Risos)

e – Pois. (Risos)

E – Foi preso durante muito tempo ou foi daquelas prisões de um dia?

e – Foi de um dia, tirar fotografias.

E – Portanto tem cadastro.

e – Impressões digitais. Isso tudo. (Risos). Ficar mais ou menos... mas como eu foram dezenas e dezenas na altura, eles encurralaram-nos lá e depois metiam-nos em carrinhas aos 20 ou aos 30 para ver se... Mas depois também houve uma, (Tosse) houve uma, o reitor, o reitor não era eleito, era nomeado pelos, pelos chamados *trustees*, portanto aquilo é quase uma fundação, depois a fundação tem os seus, o, o conselho de administração, depois é que escolhe o reitor da universidade. E a pessoa que veio era uma pessoa que também tinha, os estudantes não gostaram dele e portanto houve logo, houve logo, antes de ele tomar posse, uma grande campanha contra a nomeação do senhor e a ocupação de faculdade e greve às aulas...

E – Também participou?

e – Claro (Risos). De maneira que foi...

E – Mas... chegou a ter aulas ou ...? Andava sempre em manifestações?

e – Acabei por não ter muitas com essas, com essas cenas todas e greves e tal mas ainda tive algumas. Mas também não, também fiquei um bocado desapontado com o tipo de aulas que tinha. (Pausa 6s – Beber chá) Achei que, que o curso falhava, havia alguma informação factual e, e que tinha algum interesse. Do ponto de vista mais teórico que metodológico, achei que era muito fraquinho. Eu também estava a contar com o curso, que me dessem alguma bagagem para eventualmente vir a ser educador de adultos e portanto saber mais...

E – E acha que não, que o curso não...?

e – E o curso não dava essa, essa perspectiva, não era exactamente um curso de formação de formadores. Era mais um curso de definição do, do sector, a apresentação de algumas escolas no campo da, da educação de adultos, mas era, achei que era um bocadito generalista, mas sem ser nem suficientemente teórico nem suficientemente instrumental... para ser útil, não é?

E – Então o que é que acha que o curso lhe deu em termos práticos, pronto?

e – Pois, como a maior parte destes cursos dão, às vezes temos, temos grandes expectativas e se fores a algum curso de formação normalmente passados 2 / 3 meses toda a gente está contra. Toda a gente está frustrada. Não encontram ali o que querem, não é? Mas realmente muitas vezes também é por excesso de expectativas porque eu

acho que, que o curso muitas vezes o que esse tipo de cursos nos dão é uma chave para entrar num, num campo novo e, e eu tinha algum interesse na educação de adultos mas não tinha a chave. E portanto aí comecei a aprender um certo vocabulário, um certo tipo de, de contactos, de redes, de tal maneira que mais tarde quando falava com pessoas da educação de adultos sentíamos imediatamente certo tipo de afinidades, tínhamos um vocabulário relativamente semelhante, referências, não é?

E – Hum, hum

e – Às diferentes escolas da educação de adultos e tal, de modo acho que é assim um, um, ou uma chave, ou uma bússola, ou um mapa, quer dizer, dão-te instrumentos para depois tu poderes caminhar.

E – Então basicamente as suas expectativas não foram superadas porque, porque se calhar eram demasiado altas, estava à espera de outra coisa.

e – (Risos) Tava. Tava, mas mesmo assim penso que poderia ter sido melhor porque depois disso já encontrei alguns, não, não me inscrevi mas, mas falando com professores que estão em cursos de educação de adultos e tal e lendo artigos e trabalhos que eles fazem vejo que, que é possível ter outro, outro rigor... e o curso era, ficava assim um bocadinho rasteiro.

(interrupção)

E – E em termos de, de, de pessoas que conheceu durante essa altura, não só na faculdade, na universidade mas durante esse percurso de estudante, conheceu alguém que depois tivesse influenciado depois realmente alguma coisa do seu percurso? Assim alguém marcante?

e – Sim. Mas, a, a nível dos docentes, um ou outro com quem falava mais mas não, não, com quem não fiquei assim, não senti que tivessem muito mais a dar, não é? E portanto não mantive esses contactos. Mas havia um docente de lá, que por acaso não estava no, no meu curso mas fazia parte da faculdade, com, aaa de quem gostei bastante, fui assistir a um curso livre que ele fazia. Aliás, os meus, os meus professores ficaram chateados porque eu faltava às aulas deles mas ia à noite assistir às aulas do outro que ia. Estava a fazer uma série de conferências e debates sobre o existencialismo. Aaa era um tipo interessante, praticamente autodidata, ele não tinha assim doutoramento nem

mestrados, tinha sido, alguém que tinha vindo da, precisamente da educação popular, ele tinha trabalhado muitos anos numa associação de educação de adultos chamado o *Workers Education Association*, a Associação para a Educação dos Trabalhadores e também era uma pessoa que, mais dos que os outros...

E – Vinha com as ideias do terreno, as ideias práticas...?

e – Sim. (Risos) E eu fiquei ligado com esse professor até de facto até ele morrer. Mantivemos um contacto, fomos escrevendo... a Portugal veio uma vez, teve em Portugal, fui dar uma volta com ele, até ao Alentejo, aqui também no Algarve. (Tosse) E depois mais tarde ele veio duas vezes a Espanha, a Cádiz, ele gostava muito de Cádiz, então encontramos-nos duas, duas vezes lá. Mas a última já foi mesmo para a despedida, ele já estava muito, muito...

E – Debilitado.

e – Com um problema de Parkinson, tremia muito, estava pouco controlado e sentia-se que foi assim uma despedida, o abraço final. Depois, de colegas havia uma outra moça que era mais nova do que eu, aliás, devíamos ser os dois mais novos, ela devia ter na altura 25 e eu 28. Ela tinha feito a licenciatura lá em Psicologia na Universidade de Manchester e também era cantora de, de Folk Music, andava lá nos bares à noite e tal com a guitarra. Na altura do Bob Dylan e da Joan Baez. Aaa, e mantivemos contacto bastante tempo, até... há 2 anos ela veio aqui, esteve aqui um dia porque o irmão estava a viver na altura em Ayamonte e então ela veio visitar o irmão, ainda veio aqui fazer-me uma, uma visita. Aaa. Creio que na altura ela estava muito interessada em mim mas depois...

E – Estava com a Pauline?

e – Mantivemos, mantivemos (Risos) mantivemos, mantivemos uma amizade e tem piada porque ela a certa altura foi considerada a mulher mais bonita de Inglaterra nos jornais e não sei quê porque era, era apresentadora na televisão. Ela era, era ela que dizia as notícias, das 10h. E portanto era uma cara que toda a gente via na televisão. Ainda, ainda me encontrei com ela umas vezes em Londres, levou-me lá ao estúdio, da BBC. Uma... foi um contacto interessante que, que tivemos grandes e longas conversas. (Pausa 7s) Gostei, gostei de a conhecer.

E – Aaa, ainda voltando a esse professor, porque era mais a minha questão, esse professor influenciou, em termos depois do seu percurso? Ajudou nalguma coisa durante a sua vida a nível profissional? Alguma das suas decisões foi também por aí?

e – (Pausa 4s) Aaa, mantivemos por exemplo o contacto quando eu já voltei a Lisboa, a Portugal em 74, ele estava muito interessado em saber o que se passava por cá, como era a educação de adultos. Quando soube que eu estava a dirigir a, a Direção Geral de Educação Permanente também quis saber e, como é que se estava a trabalhar, etc. portanto, houve... Para mim era uma pessoa em que eu confiava, a quem escrevia, ele passava bastante tempo sem dúvida a ler as minhas as cartas. Portanto, eu sentia que havia ali, tinha ali um aliado. Aaa suponho que, isso tem acontecido muito também comigo, não posso dizer que essas pessoas me deram, aaa digamos, receitas ou me deram soluções mas no caso dele por exemplo acho foi uma pessoa que me ajudou a solidificar um certo número de convicções e que, que apoiou um certo número de opções que eu, que eu fazia e isso também dá alguma confiança saber que há uma pessoa em quem confias, uma pessoa que tem uma longa experiência e que portanto... não, não te sentes sozinho, não te sentes que...

E – Não é único

e – Que és apenas um revoltado individual, não é? (risos) que és, a puxar, contra, a andar contra a corrente. Quando vês que afinal há mais pessoas, sentes mais confiança no que estás a fazer do que se porventura achas que é pura e simplesmente uma história de, de um revoltado. (Risos) Acho que isso foi importante.

E – Aaa, portanto... Durante, durante então a pós-graduação, disse também que de vez em quando ia, tinha convites da OCDE e voltava a França. O que é que ia fazer? E a seminários mas ia ver os seminários, ia falar? O que é que ia fazer? Foi durante essa altura?

e – Hum, hum.

E – O que é que costumava ir fazer a França?

e – (Risos) (Pausa 5s). Pois, alguns antigos colegas pediram-me a certa altura também para fazer alguns trabalhos para, para a OCDE, uns relatórios. Portanto, fiz, fiz, fiz alguns trabalhos, do tipo Isso já foi quando? Já foi... pois, foi nessa altura, em 71

saiu a, não, foi um bocadinho mais tarde. Mas está bem, foi na altura em que eu estava em Inglaterra, estava já a trabalhar na, na Universidade Aberta, na Open University, lembro-me de ter ido fazer um trabalho sobre a lei francesa de formação contínua. Isso o ministério da educação inglês que pediu um trabalho à Universidade de Cambridge, se não me engano, e depois eles aaa fizeram relatórios sobre esta, a ideia, do, aquela ideia de que cada trabalhador deve ter um direito a licenças pagas para estudar. Portanto, na perspectiva da formação contínua, mas para não ser pura e simplesmente um sacrifício do tempo do trabalhador, aaa os empregadores assumem que esse trabalhador deverá ter X dias por ano em que pode sair do emprego sem prejuízo do seu salário aaa para...

E – Para apostar na educação.

e – Para apostar na educação, formação, etc. Portanto na Inglaterra estavam a pensar adoptar uma coisa nessa, nessa, nessa linha mas queriam saber o que é que os outros países estavam a fazer e portanto houve para aí, talvez uns 4 ou 5 países que foram seleccionados para se estudar qual era o sistema que estava a ser adoptado. E um deles foi a França e então pediram-me como eu conheci bem a França e, e a língua, etc., para ir a, para ir a França, para recolher material, para depois contactar e entrevistar pessoas e depois fazer a parte do estudo relativamente ao sistema francês de, da lei da formação contínua. Tinha sido um, um dos resultados do Maio de 68 depois o, uns acordos entre o patronato e os sindicatos franceses e dos pontos que ficaram assentes foi que os trabalhadores passariam a ter um direito a, a dias, a férias pagas, para efeitos de estudo.

E – Ok. E antes de, de...

e – Mas eu fiz outras coisas também.

E – Sim? Então... (Risos)... pronto.

e – (Risos) Para a OCDE depois também fiz um trabalho sobre a, a política municipal no que diz respeito à educação, pré-escolar, numa cidade lá de Coventry. Fiz assim alguns pequenos trabalhos. E, e, claro, aaa depois também participava nalguns encontros onde se debatiam esses temas. Devo ter ido a França uma ou duas vezes por ano, enquanto lá estava.

E – E quando estava na, na pós-graduação, quando acabou e antes de começar na, na Open University, como é que se, como é que se, não é classificava mas... quem é que você era nessa altura a nível profissional? O que é que era?

e – (Risos)

E – Como é que se classificava? Não é classificava que eu quero dizer mas como é que se definia?

e – Suponho como estudante. (Risos)

E – Depois de acabar...antes... o que é que era? Tirou advocacia, era um educador de adultos, era...?

e – Um educador de adultos não era porque não estava a praticar, não é? Aaa... (Pausa 5s) Sempre tive dificuldade em classificar-me desse ponto de vista, mas entre o, depois de acabar, a Pauline também tinha acabado a licenciatura, ela depois arranhou um primeiro trabalho numa, numa escola, escola secundária, não é? E, e, e veio ali para os arredores de Londres onde tinha arranhou esse trabalho. Portanto, deixamos Manchester, viemos para Londres. E eu aí comecei a procurar algum trabalho e, e trabalhei alguns meses num gabinete de contabilidade.

E – Então mais fácil ainda, nessa altura...

e – E aí o que é que era? (Risos) Era assistente de contabilidade.

E – (Risos) Mais fácil então, então nessa altura lembra-se o que é que queria ser? Que profissão é que queria realmente seguir? O que é que queria fazer a nível profissional? (Pausa 4s) Porque não é, andava ali... tirei o curso de Direito... agora tirei alguma coisa ligada à educação de adultos que ainda não sei se calhar bem para quê que abre, para quê que serve. O que é que queria fazer? Lembra-se? O que é que queria ser quando fosse maiorzinho? (Risos)

e – (Risos) (Pausa 3s) Era, suponho que queria, se ficasse, eu também não sabia, normalmente, não sabia quando é que em Portugal as coisas iriam mudar, podiam não mudar nunca.

E – Mas não tinha a mala feita atrás da porta. (Risos)

e – Não. (Risos) Portanto, na perspectiva de ficar em Inglaterra indefinidamente não era, a minha perspectiva seria de trabalhar como, como formador de adultos e vir a integrar uma dessas, desses organismos não-governamentais, estar a fazer educação de adultos numa perspectiva que me interessava mais, a perspectiva da educação cívica e política.

E – Depois foram então para os arredores de Londres, para, depois começou a trabalhar, depois do trabalho de contabilidade, começou a trabalhar na Open University. E o quê que aprendeu lá? O que é que fazia, o que é que aprendeu?

e – Olha, acho que aprendi bastante no que se refere a uma instituição de ensino superior em bases totalmente diferentes. Portanto, uma, uma universidade sem estudantes à vista. Portanto, aí não havia problemas de ocupação (Risos) como em Manchester, nem de protestos, nem de contestação aos professores. (Risos) Mas não era isso, era, era especialmente um certo choque ‘mas isto é uma universidade?’ (Risos)

E – Pois.

e – Só, só, só se viam professores e funcionários, não é? Aaa mas também, isso permitia um grande contacto porque diferentemente de outras universidades que eu conheci, tanto em Portugal como em França, ali, aaa o ser universitário, académico, docente universitário, era um trabalho a tempo inteiro. E tu estavas lá o dia todo, entravas de manhã, saías ao fim da tarde, não é? Não ias lá só dar a aulinha e desaparecias.

E – Pois.

e – A, a estavas lá o dia inteiro. E portanto, havia, havia o gabinete onde volta e meia vinha colegas, todos, todos com o seu gabinete, não é? Normalmente até eram gabinetes ocupados individualmente. Aaa e havia muitos espaços também, salas onde se ia tomar o chá e conversar com os colegas. E havia portanto uma comunicação, uma, um intercâmbio muito grande entre pessoas até de faculdades diferentes, podia-se estar a conversar com, com, com, com um cientista sobre questões da matemática ou da física quântica, etc. Portanto havia sempre possibilidades de uma certa abertura. Aaa por outro lado, a maneira de trabalhar. Enquanto que a maior parte das universidades são bastante individualistas na forma do trabalho que cada um tem, tem, tem o seu curso a planear e não, não troca impressões com mais ninguém, faz mais ou menos aquilo que decide fazer. A, ali não, ali o curso era da responsabilidade de uma equipa. Do, do curso em que eu participei chamava-se tomada de “decisão no sistema educativo britânico”.

Portanto era um curso, digamos assim, da política, Política da educação. Qual é o, quais são as diferentes instituições que tomam decisões no campo da, da educação, qual é o papel do ministério, qual é o papel da, da, do, da própria escola, qual é o grau de autonomia da escola relativamente à, à, às tomadas de posição do ministério, qual é o papel dos municípios. Era estudado muito esses aspectos relacionados com a tomada de decisão. Aaaa e, e a equipa tinha para aí umas 10 pessoas a trabalhar aí, portanto, desde o 1º dia que se começou a planear o curso, como é que, o que é que vai integrar-se no curso, que matérias é que vão dar, que capítulos. Porque aquilo depois tinha que se transformar em material de, de distribuição aos alunos, aos estudantes.

E – Sim, livros.

e – Em livros, livros que saíam mais ou menos em fascículos. Eles não recebiam tudo de uma vez, iam recebendo com os respectivos exercícios. Portanto, também haveria depois uma parte da equipa que se preocupava mais com a parte da avaliação porque é uma avaliação contínua. Portanto, no fim de cada capítulo uma série de questões, de possibilidades de trabalho, para, para, para enviar aos estudantes inscritos. Aaa e depois além de se planear os textos lidos, os, os capítulos, etc. quais são aqueles aspectos que merecem ou necessitam mais ou se, ou se, ou são mais propícios a um tratamento via televisão ou via rádio, não é? Portanto, recorde-me por exemplo quando se esteve a trabalhar o papel do, do município na educação (Interrupção) escolhemos a cidade Coventry, portanto fizeram-se depois encontros, digo este porque este eu participei directamente. E depois fomos falar com o responsável pela educação no município e fez-se u programa de rádio sobre isso. Aaa depois também a perspectiva internacional e houve uma, uma ida à Suécia com a malta da BBC, com, com o *camaramen* etc. para fazermos uma série de entrevistas e reportagens sobre a, a educação na Suécia mais voltada para o lado da, industrial digamos assim. Como é que as empresas industriais na Suécia consideravam a educação como um investimento importante na formação da sua força do trabalho, a sua, chamada produtividade, etc. e o que era feito. Acho que aí houve uma aprendizagem grande na maneira de se trabalhar em equipa, não é? Na formulação de um curso. E depois também na, como a, ajustar os meios de comunicação ao curso. Isto foi uma experiência para mim muito, muito rica do ponto de vista profissional, acho que possivelmente ainda lá estaria se não tivesse havido esta, esta mudança de regime em Portugal. Do ponto de vista profissional acho que foi a experiência que me agradou mais.

E – Sim, saiu de lá porque entretanto...

e – Profissional, não é? Depois do ponto de vista político interessaram-me muito alguns períodos que tive em Portugal também, não é? Mas como universidade, nunca mais trabalhei numa que me desse tanto prazer como aquela.

E – E o quê que não gostou?

e – O quê que eu não gostei na Open University? (Risos) Hum...

E – Estava tudo perfeito...

e – Não, não, não era mas havia uma grande abertura portanto o que não fosse perfeito as pessoas podiam, podiam criticar e havia, havia uma certa abertura. Depois também eu vivia numa cidade ali a uns 40 km do, do espaço de trabalho e, e inscrevi-me como tutor porque a Universidade Aberta além de enviar os materiais e as pessoas puderem ouvir a rádio ou ver os programas de televisão, também se inscreviam numa espécie de ciclo de estudos local com um tutor local. E então aos sábados de manhã, durante duas horas ou assim, eu, eu encontrava-me, aí já era uma função diferente, aaa encontrava-me com todos os, os adultos inscritos naquele curso aaa para, para discutirmos e tirarmos dúvidas.

E – A nível de todas as disciplinas que o curso tinha ou do curso todo?

e – Sim.

E – Sim. Vocês preparavam não era a disciplina daquele, do Zé, do Manel, era, vocês preparavam tudo. A vossa equipa preparava.

e – O curso era um curso único, não é?

E – Sim, sim.

e – Do ponto de vista dos materiais.

E – Ok.

e – E era enviado igual para toda a gente.

E – Como se fosse uma grande disciplina

e – Toda a gente que se inscrevesse naquela disciplina recebia o mesmo tipo de materiais.

E – O curso era como se fosse uma disciplina?

e – Sim.

E - Ok. E depois tinham uma equipa a trabalhar para ele.

e – E, e, e portanto davam, dava créditos, não é? E depois tinha uma equipa a trabalhar no curso, havia malta que trabalhava em mais do que um curso, outros trabalhavam num, num curso. E, e eu devo, não sei, terei sido talvez o único que também me inscrevi, que me inscrevi como tutor local para ter um pouco o feedback daquilo que estava, estávamos a fazer.

E – E o que é que isso trouxe para si a nível de educação de adultos? Que aprendizagens lhe trouxe?

e – Ah, trouxe essa perspectiva que me parece que todo e qualquer processo de ensino à distância deve estar apoiado em tutores de proximidade, portanto no aspecto presencial que é fundamental. Aaa, não se pode esperar que as pessoas sozinhas, isoladas aprendam tão bem e mantenham um grau de motivação ao longo de um ano, dois anos, três anos.

E – Aquela questão, trabalhar sozinho, estudar sozinho...

e – Pois é. E que isso é muito importante tanto plo, pela comunicação do, entre cada um deles e o tutor como plo próprio grupo que se vai constituindo semana após semana, as pessoas aaa trocam impressões, tu percebeste isto, não percebeste aquilo. E isso constitui realmente um factor muito importante e até dissuasor de possíveis abandonos, porque a pessoa começa a estar, se uma está desmotivada, os outros por vezes fazem um esforço grande para puxar a pessoas e dizer ‘Já agora que chegaste até aqui, vamos continuar e não sei quê’, não é? Se quiseres vamos estudar juntos ou fazer o trabalho juntos e isso a, acho que é muito importante. (Pausa 8s)

E – Muito bem. Então e, o que é que, já disse que para si foi muito importante a Open University, o quê que, mas o que é que ela significou para uma pessoa que uns anos antes dizia que não queria ser professor?

e – Pois (risos).

E – E foi exactamente isso que depois de tirar uma pós-graduação que foi (risos).

e – Hum, hum.

E – O que é que significou para si? Uma pessoa que não queria ser professor foi isso que foi. Não mas pronto era o tutor, era o nível de, de ensino diferente.

e – Pois, eu achei, para surpresa minha, que estava aí um contexto em que eu me sentia bem a, a, a ser professor embora realmente por um lado, não tinha aulas no sentido, estava era a preparar os materiais, não é? Em equipa. Também me pareceu muito importante. Era, era, era uma equipa de produção, se quisermos, de materiais educativos. Aaa por outro lado, nestas sessões de tutor também não estava a dar matéria, estava fundamentalmente a tentar apoiar relativamente a dúvidas, desenvolver algum ponto que, que, que quisessem mas não, também não me sentia, não me sentia professor nem num caso nem no outro. (Risos) Porque não, num estava, fazia parte de uma equipa de produção de materiais.

E – E não tinha alunos (risos).

e – Pois. Materiais escritos, audiovisuais, da rádio, não é? Não estava a avaliar alunos, também, que a avaliação era feita por uma outra, por uma outra equipa.

E – Não eram vocês que avaliavam?

e – (Risos) Como é que era...? Pois, nós não avaliávamos. (Pausa 5s) Os trabalhos, os trabalhos que eram feitos de forma continuada pelos alunos eram, eram enviados para uma, para, para uma unidade tipo regional, aquilo tinha, tinha uma divisão regional lá na, nas várias regiões. E depois havia um grupo de avaliadores, digamos assim, a nível regional, que não davam nota, digamos assim, mas eram mais tipo orientadores. Reenviavam os trabalhos com algumas, com comentários. Porque que o que contava era a nota final e esse por exame presencial. Partindo do princípio que todos estes trabalhos que eram enviados pelo correio, podia não ser a pessoa a fazê-los.

Claro

e – Portanto, nesses não tinham, não eram, não eram considerados do ponto de vista de nota, de avaliação. Mas eram considerados de um ponto de vista de acompanhamento da

aprendizagem, das aprendizagens, etc., de orientações que se sentisse que o estudante devia ter. mas, a resposta a essa, não me senti professor pelo menos na noção que eu tinha do que era u professor, não é?

Ok. Depois entretanto então deu-se o 25 de Abril

e – Foi, foi

E antes de voltar para Portugal, pensando em Inglaterra, qual é que é assim a primeira imagem que lhe vem à cabeça?

e – A Portugal?

Antes de voltar para Portugal. Ainda estamos em Inglaterra. Qual é que é assim, quando pensa em Inglaterra, nos anos que viveu lá, nesses anos, quais é que são, depois voltou para Portugal e voltou para Inglaterra outra vez? Ou entretanto...agora...

e – Pois, é que no dia 25 de Abril de 74. Quando se pergunta

Onde é que estavas no 25 de Abril

e – Onde é que estavas no 25 de Abril (risos). Estava no comboio, tinha apanhado um comboio de manhã cedo da cidade onde estava a viver ali perto da Open University, já não era a mesma onde eu tinha sido tutor, era uma outra, mais perto. E vinha para, chamada Alexandra, Alexandra Palace, Palácio Alexandre, que era, era onde estavam, ainda estão instalados os estúdios da BBC. Ia lá encontrar-me, encontrar-me com alguns colegas para gravar um programa. E comprei de, o jornal para ler no comboio, logo na 1ª página vi assim uma notinha sobre movimentos em Portugal, de revolta e não sei o quê. Fiquei um bocado à rasca ‘o que é que é isto?’ Porquê? Falava-se num golpe de extrema direita...

Quem é que afinal deu, deu o golpe? (risos)

e – Pois. E, e durante toda a viagem vim um bocado angustiado sobre isso, depois durante a manhã lá na BBC começamos a ouvir, vinham-me dar volta e meia notícias de que estavam a receber, vindas, notícias vindas de Lisboa, falava-se do General Spínola e não sei quê. Mas depois só à noite, em casa, nas informações é que realmente vimos aquelas filmagens no Largo do Carmo e as pessoas na rua aos gritos “Liberdade!

Liberdade!” e tal. E fiquei muito emocionado. Que era para o lado, para um bom lado, que a coisa estava a cair.

Para o bom, para o bom

e – De modo que decidi tirar 2 / 3 dias

Para vir a Portugal

e – E vim a Portugal em Maio, já não me lembro exactamente em que dia mas foi em Maio ainda ver família, ver amigos, etc. e, e, e depois alguns amigos meus que tinham ficado cá, que estavam por cá, disseram-me que me iam procurar emprego e eu voltei para a Universidade Aberta e também lhes disse que certamente em Setembro, quando...

Acabassem as aulas

e – ...que iria regressar. De modo que depois regresssei, em meados de Setembro.

Voltou a Portugal, definitivamente?

e – Hmm

Sim? E, ainda falando de Inglaterra, 3 objectos que caracterizassem o seu, a altura da sua vida?

e – Lá em Inglaterra? (risos)

Hmm hmm

e – 3 objectos? Sou pouco pegado a objectos...

Então pronto, vamos fazer... vai-me dar um objecto e uma palavra que caracterize essa época da sua vida.

e – (silêncio) não devo ter poder de síntese, pá (risos)

Ok, pode dizer um bocadinho mais que uma palavra, cortamos os objectos, podemos dizer mais umas palavrinhas (risos)

e – Pois. Objectos? Talvez haja...mas a, a experiência em Inglaterra para a minha formação pessoal foi muito importante, foi um contraste com França e, e, e depois de

uma tendência mais para uma certa intelectualidade, para uma certa teorização que os franceses são muito dados a isso e eu também estava a entrar nessa. Depois ir para Inglaterra é assim uma certa, um certo banho de realidade, de pragmatismo, de realismo. Ah, os franceses, aquela malta com quem eu me dava, achavam que era muito revolucionários porque tinham as ideias mais revolucionárias possíveis. Mas depois em Inglaterra notei que afinal preferia aquele tipo de revolucionário na Inglaterra do que o francês. O francês falava muito mas depois no dia era muito, podia ser imensamente conservador, preconceituoso. E acho que em Inglaterra encontrei maior coerência, as pessoas se queriam radicais e queriam criticar e opor-se a sociedade tradicional, aos seus preconceitos, ao seu conservadorismo depois no dia-a-dia faziam isso. E até podiam levar a cabos extremos de coisas que eu não via em França, também terão acontecido, mas do meu círculo não se via. Hmm estavam a constituir-se imensas comunidades na Inglaterra de malta mais radical, viviam, viviam em comum, criavam comunidades, alugavam uma casa, viviam todos juntos. Nalguns casos até com alguns extremos um bocado anedóticos convidaram-me várias vezes para ir a Londres, eu passava vários dias lá numa comunidade de malta conhecida e, e, e então a coerência ia ao ponto de não haver preconceitos e depois, portanto, vários quartos, várias camas, quer dizer, nem havia camas, havia era colchões espalhados no chão, quem chegasse primeiro deitava-se, quem chegasse a seguir deitava-se onde houvesse lugar e, e portanto não, não havia, e para não haver preconceitos também tinham deitado a baixo a porta dos quartos de banho, não queriam que houvesse privacidade nem preconceitos desse tipo (risos) eu achei também que, que era, era um extremo

Pois

e – Porque, porque poderia ser uma violentação de certas pessoas

Uma coisa é preconceito, outra coisa é privacidade

e – Portanto ali estabelecia que realmente quem entrasse ali tinha que ter um, tinha que ter uma abertura total (risos) ou aceita e fica ou não aceita e vai embora. Não, mas isto é só um extremo. De certo modo acho que, que, que, que sentia mais essa, essa busca de uma certa coerência no dia-a-dia, na maneira de ser, na... Achei uma sociedade mais democrática, que as pessoas não, não olhavam uns para os outros a dizer, a olhar para as mãos, será que este é trabalhador manual, intelectual. E que, que havia muito mais interacção, não é? Quando se ia ao pub, toda a gente conversava toda a gente uns com

os outros, fossem professores universitários ou garagistas ou o que fossem. Porque, nesse aspecto havia mais, mais comunicação. E, e um sentido de, de, de democracia, as pessoas sentiam-se cidadãos. Em França também bastante mas normalmente escreviam para os jornais, protestavam contra isto e contra aquilo, não ficavam calados, não é? Ou reuniam-se ou faziam manifestações ou afirmavam-se como cidadãos de uma maneira talvez até mais positiva do que, do que fazer certas coisas. Em França havia mais protesto mas por vezes mais no sentido do protesto do que da construção de algo diferente. E pelo menos nessa altura em Inglaterra havia a preocupação de fazer coisas, se a pessoa acreditava que tinha que fazer outra coisa, se não acreditava naquela escola, que aquela escola não estava a dar a boa educação que queriam para os filhos, havia uma certa nº de pais que se reuniam e decidiam abrir uma escola eles, para os seus filhos. E, e como isso muitas coisas que se iam fazendo muito nessa perspectiva. Portanto, isso influenciou-me um bocado, o sentido da iniciativa, da pequena escala, também ninguém estava interessado em, diferentemente de França muitas vezes em que havia muito, a política estava muito voltada para, para uma certa preocupação política de se formos nós a mandar, se formos nós o poder, é esta a linha que queremos, é esta a estratégia, não sei quê. Lá, não, não se pensava muito nestes termos normalmente pensava-se é temos este problema

Vamos resolvê-lo...

e – Vamos resolvê-lo. E vamos fazer diferente se achamos que é para fazer diferente e vamos investir nisso. Não necessariamente para que isto se torne a política do país. Nesse sentido também uma certa limitação porque sentia que não havia muito uma visão estratégica, um sentido político mais global mas havia realmente uma questão muito mais pragmática de resolver o meu problema, o da minha família, o dos meus amigos

A um nível mais micro.

e – Da malta que pensa aqui comigo a nível local, não é? é mais micro, não é? E, se a coisa está a correr bem, deixa-a correr bem, não se deve de agora com preocupações que isto se deva alargar, não é? Não é, isto não tem que ser a política do país, desde que resolva aqui o que temos a fazer.

Isso é a sua palavra (risos)

e – É a palavra (risos) portanto, em Inglaterra, senti que não havia preocupação do sistema, criar sistemas. Em França havia muito mais essa preocupação das coisas serem feitas numa base de sistema. E primeiro criar o sistema e depois dentro do sistema encontrar as soluções que se integrem no sistema

Mas ao menos ia a um nível micro, não tanto ao macro. O outro era mais macro e depois logo se via o, a nível local o que é que se...

e – Exacto. Como é que se ia aplicar o macro o local, não é? Qual é a palavra? Qual é o objecto? (risos) não sei. Há um objecto que eu achei piada foi o meu, ao meu Renault 4 (risos) na altura quando morava a 40 km do trabalho tive que comprar um carro. Voltei a tirar a carta que já há muitos anos que não conduzia e também nunca, não conduzia à esquerda. De qualquer modo achei que me fazia bem tirar a carta, ter lições de condução e tal à esquerda (risos) e depois comprei o carro, tinha pressa do carro e queria um carro baratinho e o Renault 4 dava muito bem para o que eu queria mas só havia um que era cor-de-rosa. Os outros levavam muito tempo, era preciso esperar pela encomenda não sei quê de maneira que eu...

Comprou cor-de-rosa?

e – ... levei o meu, o cor-de-rosa. Depois ainda arranjei um autocolante com a pantera cor-de-rosa para colar atrás (risos) durante muito tempo pensei que era o único Renault cor-de-rosa que havia em Inglaterra até que uma vez cruzei-me com outro, na auto-estrada, de maneira que ambos apitamos, acenamos

Foi? Ele também devia pensar o mesmo (risos)

e – Foi. O Renault cor-de-rosa acompanhou-me assim durante um tempo. Inclusive depois vinha com, com, com a família com quem estava a viver, a mulher e os dois filhos que ela tinha de um casamento anterior

Pois, ia-lhe perguntar, entretanto já não estava com a **Pauline**?

e – Depois separamo-nos na altura da Open University, terá sido para ai de 72 para 73. Separamo-nos, depois divorciamos-nos, depois em setenta e... quatro, 75 / 74 comecei a viver com outra senhora que já tinha 2 filhos e no Verão de 74, antes de voltar para Portugal, fizemos umas férias em França no Renault e levar uma tenda, fomos acampando

No Renault cor-de-rosa

e – Os miúdos na altura, 74...74... deviam ter um, um devia ter 9 e a outra devia ter 5.
A miúda.

Ainda era pequenina. Ok. Então e depois eles vieram para Portugal consigo?

e – Depois vieram comigo para Portugal

Depois então voltou para Portugal por volta de Setembro de 74.

e – Setembro de 74. Nessa altura já me tinham encontrado praticamente tinha emprego à espera no Ministério da Educação, em Lisboa, onde havia uma entrevista com a Secretária de Estado na altura

Foi quê? Os seus amigos que arranjam? Como é que...?

e – Foi, foi através de amigos que estavam, estavam a, a recrutar muita gente para fazer um curso de formação de professores. Era um curso à distância. Portanto acharam que a minha experiência era importante. E, e, e vim portanto e comecei a trabalhar com, com uma equipa no, no instituto, na altura se chamava Instituto de Tecnologia Educativa, que era o que se ocupava das telescolas em Portugal. Mas aí eles pensaram que era, portanto, o instituto era a melhor instituição para poder por isto, organizar este curso para professores. A ideia é que, era de fazer uma, uma formação para os professores em exercício sem, sem os tirar das escolas, sem que...

E o quê que fez lá?

e – Fizemos alguns materiais

Transportou um bocadinho da experiência que tinha?

e – Um bocadinho da experiência. Materiais escritos, também fizemos alguns filmes que eles também trabalhavam com os filmes lá no instituto para formação dos professores. Fazíamos... portanto, estava o Bártolo Paiva Campos que tinha vindo da, também duma, tinha feito um doutoramento, eu creio que ele já tinha o doutoramento na altura na Bélgica. Depois estava a Maria Emília Pereiró de Santos que depois se ocupou do, era a coordenadora do, da Sesame Street para Portugal, depois trabalhou com a televisão

A Rua Sésamo?

e – A Rua Sésamo (risos). Era. E o José Carlos Abrantes também fazia parte da equipa, depois esteve, ele continuou bastante tempo no Ministério da Educação, ultimamente ouvi falar dele que era Provedor da RTP ou qualquer coisa assim. Provedor do Telespectador. E começámos portanto esse trabalhou... ainda estive lá a trabalhar quase um ano. A produzir esse tipo de materiais e depois foi o, precisamente o Bártolo Paiva Campos, que era um elemento da equipa, que depois foi convidado para Secretário de Estado num governo, último governo que houve antes das eleições. E, que deve ter sido o, o governo deve ter sido nomeado em Setembro de 1975, e foi na altura que ele depois veio falar comigo e me convidou para ser Director Geral da Educação Permanente.

Hmm hmm

e – e... porque sabia que eu me interessava pela educação de adultos, tudo isso, tínhamos trabalhado nessa área, estava qualificado nessa área

e então, agora vou andar para a frente, também já está quase a acabar, já estamos aqui há muito tempo, só agora...eu se calhar posso desligar e passo só agora para...

V Entrevista

E- Na outra vez parámos no 25 de Abril, exatamente. Depois quando voltou para Portugal, pessoalmente como foi para si esse regresso? Que diferenças sentiu no país, com se sentiu no país comparando quando saiu e quando chegou?

e- Ah, realmente uma diferença da noite para o dia não é! Quando eu parti em 63, tinham começado as guerras coloniais, a ditadura do Salazar, ele era vivo e muito ativo, era uma ditadura omnipresente e, e, portanto uma situação bastante dura e difícil as pessoas realmente não viam... tinha havido umas tentativas de Humberto Delgado em 78, tinha havido os golpes em 61, e nessas coisas tinham falhado, portanto havia um, uma, um certo desespero e uma certa sensação de que as pessoas estavam num beco sem saída eee portanto em 74 é a festa não é! Portanto eu vim primeiro em Maio, ainda passei uma semana, falei com as pessoas para ver as possibilidades de um regresso para quando e como, e depois voltei definitivamente em Setembro (pausa 3s) aaa...

E- Para trabalhar.

e- Para trabalhar. Aí suponho que toda aquela... compreendi e partilhei toda aquela alegria das pessoas que estavam, que vim encontrar cá e todas aquelas esperanças... mas creio que não... não, não fiquei tão convencido de que ia tudo mudar e que íamos ter um paraíso na terra, por um lado porque talvez eu tenha passado um momento forte em França, com o Maio de 68, e também toda a gente convencida que ia mudar a sociedade e aquilo ia ser um mar de rosas e um mundo completamente diferente e acabavam-se com as desigualdades e a exploração aaa e rapidamente voltou tudo ao normal e portanto em Portugal eu sabia, sabia quer dizer... previa que infelizmente aquela festa e aquela maneira de estar e viver e aquela criatividade social e a aquela consc... aquela convicção de que era possível tudo e imediatamente... que ia ter um banho da realidade mais tarde ou mais cedo e que as coisas, que as pessoas ia ficar um bocado dececionadas porque, aliás também posso ter vivido aqueles momentos em França mas também tinha lido muitas coisas e sabido eee confirmado por leituras que as revoluções são sempre são sempre revoluções extraídas, numa maneira ou outra não é! Não há nenhuma revolução até hoje (que eu saiba) que tenha conseguido aquilo para que foi feita, mas também se diga que não terá havido nenhuma revolução que não tenha

concretizado e garantido mudanças, mudanças positivas não é! Aaa portanto, apesar de um determinado tipo de extremos, apesar de normalmente as revoluções “comerem” os seus próprios autores (risos) que são quase sempre os primeiros acabar mortos ou eliminados ou expulsos e etc, não é! Porque depois há outros que vão aproveitando dos resultados dessas revoluções e não gostam muito que os autores ainda continuam vivos e, e, e a mostrarem que a revolução não foi feita para aquilo aaa portanto eu estava cansado, por um lado que realmente fosse uma machadada final na ditadura, num regime de opressão, num regime de partido único, de censura na imprensa, censura das artes, portanto de estrangulamento da sociedade aaa, mas parecia-me também que não estava de modo nenhum garantido que aquela situação de igualdade sócio-económica que se viveu (e que se vive em Portugal há séculos) fosse com aquela, aquele movimento que se alterasse radicalmente. Claro que depois houve vários passos, no sentido de nacionalizações, de algumas ocupações, cooperativas, houve assim algumas... alguns avanços digamos, mas aaa, a conjuntura internacional era completamente adversa a que se fizesse uma revolução no seu país, ainda por cima num país relativamente pequeno com relacionamento fraco, na conjuntura mundial e portanto pareceu-me que mais tarde ou mais cedo iríamos normalizar completamente a situação e até que ponto os avanços sociais, que se pudessem fazer naquela altura, haveria depois força social para os manter, para os defender. Aaa também não alinhei muita na, em toda clivagem ideológica que surgiu também nessa altura, porque me parecia uma perda de tempo todo esse tipo de discussões ideológicas que estavam a fazer que as pessoas não me parece que aderissem muito a esse tipo de discursos, queriam ver problemas resolvidos, problemas muito concretos eee pareceu-me que havia demasiada gente, principalmente em Lisboa, aaa discutir “os sexos dos anjos” e era normalmente

E- [Muitos filósofos! (risos)]

e- (Risos). Sim. Quem é que é mais radical? Quase que um leilão de radicalismo (pausa 3s) mas quando saía, quando esses meios eee, em contacto com pessoas que estavam efetivamente a levar projetos por diante, aí ganhava-se muito a força e confiança. Porque se via efetivamente um grande número de iniciativas com interesse e via-se a criatividade social que tinha despertado dessa abertura, digamos “da panela de pressão”, e, e, de repente foi possível, as pessoas sentiram que era possível e uma grande generosidade... e via-se que em Portugal, apesar da ditadura ou muitas vezes causado

pela ditadura, tinha, havia uma série de, havia uma generosidade forte, uma solidariedade, uma capacidade de motivar as pessoas, o capital social no fundo bastante importante e que se sentiu nessa altura aaa que Portugal estava a ser um... não direi laboratório mas estava a ser um "caldeirão" de ideias e projetos e muitos estrangeiros atravessavam a fronteira para assistir e para ver...

E- O que se passava por aqui.

e- Estavam muito atraídos com tudo o que se estava a passar... mas mais, ao meu ver, a nível desse tipo de projetos de dimensão mais localizada do que propriamente nas super estruturas políticas, passava-se uma luta muito forte... aaa entre quem queria, de certo modo, apostar numa política mais próxima de uma política soviética, portanto através do Partido Comunista, e depois havia toda a oposição do Partido Socialista e do PPD na altura, com forte apoio Norte-Americano... portanto a linha que no fundo defendia acabava por ser muito minoritária, porque eu depois... aaa... nunca me interessou a política pela política e fazer política com os políticos e, portanto rapidamente comecei a militar na Educação de Adultos... aaa e aí o que me interessava era, por um lado, era uma situação defensiva porque sabendo que isto ia haver um momento sobre todo este processo social ia ser travado, iria ser travado, o que era importante era desde logo colocar ali uma barreira para que não se voltasse muito para trás... e nesse sentido a Educação de Adultos pareceu-me que era muito importante na formação de cidadãos, cidadãos conscientes dos seus direitos e da sua capacidade de influenciar a sociedade e de agir com a sociedade que nunca mais permitissem voltar a ser tratados como eram tratados no tempo do Salazar ou do Marcelo Caetano, e portanto não... ganharem uma outra confiança e consciência do que é ser cidadão, do que é uma democracia, e que uma vez vivendo nesse tipo de sociedade não admitiria um outro tipo de sociedade e de opressão não é. Mas por outro lado também, me parecia eee, que, para Portugal era importante um regime tipo social democracia e olhava muito para os regimes dos países nórdicos, pais pequenos, países de população relativamente pequena alguns... quase todos menos Portugal mas também na ordem dos 7,8,9 milhões de habitantes... a Dinamarca tinha... tem menos população. Países pequenos, portanto países que não podem levar por diante uma política de potência, que não são potências, não é. Mas que aposta-se em muito nos recursos próprios quando tentassem uma estratégia de auto suficiência em função dos seus próprios produtos, da e da valorização de tudo aquilo

que tinha e não da importação mais ou menos crítica e, e, sem reservas dos modelos estrangeiros, viessem eles de Moscovo ou de Washington ou viessem de onde viessem, pareceu-me que deveríamos apostar muito numa linha própria em Portugal e tínhamos condições para isso, tínhamos realmente nessa altura motivação e uma população que estava mobilizada para uma política desse tipo. E entrei na Educação de Adultos e foi possível obter apoios e uma aproximação

E- [Já está a falar quando entrou para a DGSP? DGEP?

e- Hum. Sim.

E- Esse processo foi depois de todo o trabalho que fez lá!

e- Sim.

E- Então antes de irmos para aí, que é mais a nível pessoal, quando chegou a Portugal teve de necessidade ou... não quando chegou exatamente mas quando veio para Portugal e depois outra vez raízes, se sentiu necessidade de ir algum sítio em especial, de voltar a algum sítio que tivesse tido saudades?

e- Sim, voltei a sentir quando passava férias em miúdo na aldeia, a 60 kms a norte de Lisboa que foi logo lá que, foi em Maio da primeira vez. Fui lá visitar as pessoas, os locais, passado... tinha passado 11 anos da minha partida de Portugal, mas já tinha passado quase uns 20 anos desde o tempo que ia lá passar férias porque depois mais tarde já não ia, os meus pais deixaram de lá ir, mas o que foi curioso é que nessa altura recordava perfeitamente do nome das pessoas e perguntavam por uns e perguntava por outros e as pessoas até ficavam admiradas como é que eu me lembrava disso tudo mas, não é que eu tivesse sempre a pensar nisso mas pelos vistos estava uma memória muito marcada... fixada... e foi aí fundamentalmente que eu quis ir, sim.

E- E o que é que mudou no Alberto que foi para Inglaterra e no Alberto que depois chegou a Portugal através? Ou que foi para a França? Quando saiu o que foi que mudou em si, além da idade não é!

e- (risos). Hum hum. (Pausa 3s). Pois eu tinha acabado o curso e era praticamente estudante, era adolescente, com 22 anos ainda era adolescente e acho que voltei um

homem feito não é. Porque para começar, em França tinha passado a viver sozinho fora da proteção paterna e materna.

E- Já sabia cozinhar quando foi para lá?

e- Não. Aprendi à minha custa! (risos). Foi, entre outras coisas, o gerir o orçamento próprio, o procurar emprego e, portanto, viver do rendimento próprio e não da mesada do pai (risos) aaa, acho que foi fundamentalmente essa a grande mudança. Deixar de ser adolescente e acho que adquirir uma certa consciência de adulto, nunca é assim “do pé para mão”, de um dia para outro mas suponho que esses 11 anos serviram para isso, para construir uma personalidade mais autónoma, talvez. Porque quando somos adolescentes vivemos muito em grupos e, e a nossa identidade quase também, no grupo e não conseguimos muito bem sair do grupo, encontrar-nos e de fato ter ido sozinho para Paris eee, embora lá depois encontrasse outras relações etc, de qualquer modo tinha de ser eu a safar-me, ninguém ia safar-me e pronto eu... foi isso. Do ponto de vista político acho que também houve uma certa mudança embora nunca fosse, fosse fanático, nunca fosse realmente, nunca tivesse pertencido a nenhum partido, nem quando saí nem quando voltei, nem quando lá estive. Tenho impressão que também voltei um pouco mais, talvez mais pragmático, menos crente no que lia e nas doutrinas que se liam eee mais cético e mais exigente, no sentido isso é o que eles dizem deixa lá ver na prática se é mesmo assim ou se não é, portanto creio que também vim com essa, com um espírito mais científico no que diz respeito à sociedade.

E- Também já vinha com, depois tinha tirado o curso não é!

e- Sim.

E- Já veio mais “estudado”.

e- (risos).

E- E de Inglaterra sentiu alguma falta? De alguma coisa em especial?

e- Hum. Eu acho que da Inglaterra e da França houve sempre coisas boas não é, eee (pausa 3s) ah eu... são países onde gosto de voltar, a Inglaterra tenho uma certa simpatia pela maneira... agora tá um bocado mudado, acho que se americanizou demasiado o

país, uma agressividade que não havia antes, um egoísmo muito patente na, na sociedade inglesa que não era o caso digamos, passado 20 anos quando eu fui para lá tinha acabado (imperceptível) há uns 20 anos atrás, ainda havia um espírito mais forte comunitário, as pessoas tinham passado situações muito difíceis, os bombardeamentos, os problemas de fome, racionamento, etc, etc. Portanto, ainda havia na sociedade uma certa maneira de estar, de uma certa convivialidade e de solidariedade que eu acho que isso realmente desapareceu. Mas em Portugal ainda se pode dizer, e que embora não tenha vivido uma situação de guerra aberta, aquela situação da dita guerra surda que era a ditadura, também criou laços entre as pessoas, de resistência, de entre ajuda, que depois do 25 de Abril isso também “veio ao de cima” e, e, e houve uma maneira de estar na sociedade, que é certo as novas gerações já não viveram tanto isso, não viveram esses momentos críticos digamos que para passar é preciso que as pessoas se ajudem... e às vezes é preciso momentos críticos muito fortes para que isso venha “ao de cima” não é. Não sei se te contei mas quando houve a greve da, dos mineiros e os mineiros do carvão na Inglaterra, as centrais de produção de energia elétrica funcionavam muito a carvão muitas delas, portanto com a greve dos mineiros deixou de haver eletricidade a certa altura, corte geral de eletricidade no país... e ouvia conversas de senhoras (que para mim já eram pessoas de idade mas certamente mais novas do eu sou hoje) (risos), a conversar lá nos correios e nas lojas a dizerem: “Eh que bom, não há luz, isto parece mesmo os tempos da guerra”, com um entusiasmo (risos).

E- (risos). Que bom!

e- “Que bom *tarmos* a viver estes momentos assim de crise”, porque ela realmente relacionava isso com o período em que as pessoas se ajudavam.

E- Ah bom. Não era a guerra em si mas era o que a guerra trazia de bom.

e- Exato. É esta aproximação que as pessoas tinham, depois ajudavam-se, punham umas velas, ajudavam os outros, etc. Portanto criaram-se ali pequenas redes e processos de solidariedade que ela já não via desde a guerra. (risos)

E- Ok. Depois veio para cá para trabalhar? Os seus amigos ajudaram-no, no Ministério da Educação e foi fazer uma coisa similar, o que tinha feito em Inglaterra na Open University?

e- Sim.

E- Sim. E então o que é que aprendeu lá, se alguma coisa que trazia da Open University passou para cá as suas experiências, se foi diferente o processo?

e- O processo foi muito diferente. Lá já havia uma instituição...

E- Cá era uma coisa nova.

e- Cá era a começar não era! Havia o Instituto de Tecnologia Educativa e havia uma coisa relativamente nas linhas da Open University inglesa que era a Tele-Escola, portanto esse Instituto de Tecnologia Educativa é que coordenava e produzia os materiais para a Tele-Escola não é. Portanto eu fui trabalhar para esse Instituto de Tecnologia Educativa para, juntamente com outros 3 colegas eu creio que já falei nessas pessoas também .

E-Sim, sim, sim.

e- O grupo dos 4 aaa para um processo de formação para professoras a distância não é. Portanto, a produção de textos, a produção de alguns materiais, alguns pequenos filmes e tal. Programas de rádio não sei se chegou haver! Ao mesmo tempo também fui convidado para integrar um grupo de trabalho sobre uma futura Universidade Aberta para Portugal que era, o coordenador do grupo era o Prof. Adérito Sedas Nunes de sociologia, um dos fundadores do ISCTE. Sedas Nunes, ele era o coordenador.

E- Era ao mesmo tempo? Estava a fazer dois trabalhos?

e- Sim.

E- Através do Ministério da Educação?

e- Da Educação pois isso era um grupo de trabalho portanto, as pessoas encontravam-se uma vez por semana ou assim, uma tarde, depois cada um ficou com uma parte do relatório para fazer, depois o Prof. Sedas Nunes é que fazia a montagem e uma certa conciliação dos pontos. Aaa portanto esse foi o meu trabalho durante ainda uns meses de quase a um ano.

E- Até ser convidado por Bartolo...

e- Até ser convidado por Paiva Campos (risos).

E- DGEP, Direção Geral de Educação Permanente. E antes de integrar já se ouvia falar de Educação de Adultos em Portugal? Já se ouvia alguma coisa ou...

e- Sim! Sim, durante aqueles meses falava-se fundamentalmente das campanhas, da chamada 5ª divisão, que era portanto o movimento das Forças Armadas não é, que de certo modo estava no poder enquanto não houvesse eleições livres, e uma das dimensões essa de 5ª divisão ocupava-se fundamentalmente da animação sócio-cultural e também programas de alfabetização, uma linha mais oficial porque depois havia imensas atividades de alfabetização, de cultura popular, etc...

E- Tudo depois do 25 de Abril!

e- Tudo depois do 25 de Abril.

E- Logo nesse ano?

e- Sim. Isso arrancou

E- [Começou logo a nascer tudo nesse ano...

e- Hum hum. Aaa muitas associações que já existiam: recreativas, desportivas, etc. Não podiam fazer mais nada, depois do 25 de Abril lançaram outras valências, trabalho mais cultural, educativo, social... mas esse programa da 5ª Divisão era oficial, pode-se dizer praticamente governamental, embora fosse

E- [Sem haver governo! (risos)

e- Pois... não era propriamente hum... havia os governos não é, os governos provisórios, aqueles governos que eram nomeados, havia o Ministro da Educação, havia a DGEP, pois já havia! Foi desde 71 portanto, estava lá uma senhora... mas precisamente nessa altura, a Direção Geral de Educação Permanente tinha acolhido um grupo que vinha da 5ª Divisão para elaborar o plano nacional da alfabetização... e portanto, havia também, houve também o chamado serviço cívico que foi estabelecer o... o secundário acabava

no 11º e portanto antes de irem para a Universidade a obrigatoriedade de passar um ano em serviço cívico.

E- Ah pensava que era o (impercetível)!

e- Isso foi depois... porque aí não era em aula, era fazer trabalho comunitário.

E- Prestar...

e- Prestar serviço à comunidade, em determinado tempo fazer serviço cívico. Então eraa muito... trabalho de alfabetização era feito com esses jovens... não acompanhei exatamente esse tipo de trabalho pareceu-me sempre que era demasiado voluntarista e um bocado agressivo relativamente às pessoas.

E- Então só para perceber. Supostamente as pessoas que estavam no 12º ano tinham que prestar esse serviço cívico mas eram voluntários, tinham que fazer alguma coisa para a comunidade, eram não eram pagos por essa coisa que faziam para a comunidade?

e- Eles não eram pagos.

E- Pronto. E esses eram os jovens que iam no programa de alfabetização e na animação e por aí!

e- Sim.

E- Ah ok.

e- Eram mobilizados para isso e tinha que fazer prova que tinha feito feito isso porque depois a entrada na universidade, como eram números clausos, o terem feito o serviço cívico não sei se era condição absoluta ou se era apenas um fator de diferença

E- [Não se ajudava.

e- Pois. Mas de qualquer modo era, havia uma pressão muito forte para que se fizesse esse serviço cívico.

E- Hum hum.

e- Portanto a educação de adultos era efetivamente de... falava-se, mas falava-se mais em alfabetização, campanhas de alfabetização.

E- Entretanto começou na Direção Geral da Educação Permanente e como foi o seu trabalho lá?

e- (Risos). Pois eu fui encontrar a casa bastante dividida! Aaa a pessoa que tinha sido nomeada diretora geral tinha sido corrida pelos trabalhadores.

E- Pelo 25 de Abril!

e- Não, já depois! (risos)

E- Ok.

e- Já depois! Mas não me disseram nada. Quando me convidaram não me disseram nada...

E- Estava tudo bem.

e- (risos) o que tinha acontecido à antecessora. De qualquer modo aquilo estava bastante dividido, havia um certo poder das pessoas mais ligadas ao Partido Comunista, também a nível político tinha tido um predomínio forte desde Março de 75 até Novembro, 25 de Novembro... portanto houve aquele período com os governos de Vaz Gonçalves em que há uma predominância forte, politicamente no governo do Partido Comunista, eee portanto havia, ainda uma forte componente de pessoas que tinha essa ligação! Para mim não me interessava que tivessem essa ligação, do ponto de vista partidário, mas também do ponto de vista pedagógico tinham aquela linha de, do plano nacional de alfabetização muito inspirado no modelo cubano, portanto vamos fazer uma alfabetização de massas eee e garantimos que em 3 anos não há mais nenhum analfabeto no país aaa eee que era muito em contra mão à pedagogia que eu próprio defendia eee e adotava eee, porque fazer uma alfabetização desse tipo de massas em 3 anos significa forçar as pessoas a apreender a ler e a escrever! E a educação de adultos sempre foi para mim de base voluntária e que não fazia sentido estar a obrigar as pessoas, e dizer de certo modo, a estar a chinchá-las pelo fato de serem analfabetas, como se isso fosse efetivamente uma doença... a palavra erradicar o analfabetismo como quem erradica a

variola oh *pá!* Eee adotei uma linha muito diferente e por outro lado era todo uma linha centralista, porque o plano era feito nos gabinetes, lá, os manuais, etc, para depois os levar às populações...

E- Sim. Que era esse o seu trabalho na...

e- Nas brigadas e tal. Portanto isso era muito centralista e quando me parecia que se estava a perder uma grande riqueza, que era o que estava já acontecer no país... muito processos, muitos projetos e movimentos e grupos que já estavam a fazer educação de adultos e alfabetização “vamos antes de mais ver o que eles estão a fazer, que materiais estão a usar, o que está a correr bem, o que não está a correr tão bem...” porque o ministério não tem que ter uma linha, o ministério tem de certo modo apoiar o que já está a fazer de depois acompanhar, recolher materiais, recolher alguns dos métodos e através de formações e processos de formação, através de guias...

E- Apoiar!

e- Apoiar, apoiar e generalizar e seminar. Também não era em todo o país que isto estava acontecer havia regiões que estavam muito paradas, muito inertes, portanto regiões mais rurais, mais isoladas... portanto também era necessário haver algumas equipas de seminação mas que levassem já coisas que tivessem sido testadas em vez de estar a fazer qualquer coisa muito baseada na ideologia, digamos assim, não é... a ideia de que houvesse um manual de alfabetização pareceu-me que era uma coisa... completamente anti pedagógica, o livro único, digamos assim...

E- Têm que aprender da mesma maneira!

e- Pois. E que certamente que num momento daqueles teria uma inspiração ideológica muito forte e... a defender um determinado tipo de sociedade e ideias que não me parecia que fosse educação, seria mais propaganda não é, e já havia a propaganda anterior porque muitos livros que eram, que iam para as bibliotecas populares da DGEP, antes do 25 de Abril, eram livros muito, muitos deles eram livros muito sectários, no sentido político... outros não eram, eram mais de cultura geral, autores clássicos e tal, mas também havia uns sobre a defesa do império colonial português e sobre do que é o patriotismo e a defesa de Deus, da família, da pátria e tal. Agora estar a substituir esse tipo de manuais ideológicos por outros só de sentido contrário, continuava a não ser

pedagogia, continuava a não ser educação portanto, nesse sentido que conseguimos criar algumas equipas com, eee em vez de apostar em manuais, apostar em gravadores (risos) portanto essas equipas irem gravar o que as pessoas diziam, contavam sobre a história local, sobre as práticas do cultivo, por exemplo. Sobre os produtos locais, tradicionais, sobre história aaa os ditos provérbios, tudo aquilo, a cultura oral no fundo... o que era importante era ir gravar isso e uma vez gravado passava-se a escrito, e uma vez escrito propunha-se às pessoas a sua leitura. Portanto é, e dizendo-lhes que isto são, “isto é o que vocês disseram, agora vamos, vocês vão ler aquilo que disseram”, no sentido de destruir um bocado aquele mito, aquele papão que era a palavra escrita.

E- Isso também passa um bocadinho pois, ao encontro também da pedagogia de Paulo Freire não é?! Através da própria palavra aprender através daquilo que se diz, do nosso vocabulário.

e- Exato. (riso) Pois. Porque pelo menos nas sociedades de (imperceptível) rural, digamos assim, a palavra era muito a arma do inimigo. Era pela palavra... a palavra escrita!

E- Sim, sim.

e- Não a palavra oral. A palavra escrita era muito a palavra do advogado, era a palavra do burocrata, do médico, era a arma do outro lado. Tudo o que se passava a escrito, normalmente receber uma carta escrita em casa era mau sinal! (risos) Era administração, era impostos, era chamar para a tropa...

E- Eram portadoras de más notícias. Então esse era o seu trabalho. Também fazia parte das equipas que iam ao terreno?

e- Não.

E- O que é que era concretamente o que fazia lá?

e- Eu também tinha a convicção de que não era por muito tempo, porque

E- [O seu trabalho lá ou a direção que não ia durar muito tempo?

e- O meu trabalho na Direção! (risos).

E- (risos).

e- E portanto tentei trabalhar rapidamente e apostar nalgumas linhas estratégicas. Trabalhar portanto com uma equipa central, com algumas pessoas lá da Direção Geral e constituíram-se algumas equipas regionais... aaa num trabalho, fundamentalmente de apoio, de inventariar o que estava acontecer e apoiar até a nível financeiro, a nível financeiro, portanto foi possível criar um fundo para dar apoios a algumas dessas experiências, para dar bolsa de estudo aos animadores que trabalhavam voluntariamente nessas experiências, mas não era bolsa de estudo, bolsa de atividades de animação. Reconhecer essas associações como entidades interlocutoras da própria Direção Geral de Educação, reconhecer um estatuto próprio que era o Estatuto de Educação Popular.

E- As associações que já faziam trabalho com o 25 de Abril passaram mais viradas para o alfabetismo e animação?

e- Em grande parte sim. Também trabalho social fizeram muito sim. Mas outras criaram-se de raiz, na altura.

E- Nasceram novas.

e- Nasceram novas sim, muitas.

E- E o que foi mais difícil para si nesse trabalho? O que foi mais complicado?

e- De início foi convencer um bocado as pessoas não é, e a equipa e tal, porque havia aquela ideia de.... não sei o que é um diretor geral... era assim um bocado qualquer coisa... distante, que a pessoa vinha assinar papéis e dar ordens.

E- Ainda por cima foi substituir uma pessoa que foi expulsa! (risos)

e. (risos). Foi! E tentar criar alguma coisa numa equipa que estava muito dividida. Depois do 25 de Novembro, aquela equipa que estava mais perto do Partido Comunista etc, a pouco e pouco foram... ou ficaram isoladamente eee acabaram por se integrar ou os mais... os mais, os que no fundo estavam a coordenar o projeto que eram mais políticos etc, eles acabaram por se afastar porque havia quase que o Estado dentro de um Estado.

E- Pois!

e- E tinha sido isso que tinha levado à expulsão da outra senhora não é, do (impercetível) como se chamava na altura. Aaa depois aaa, foi, foi relativamente bom embora com muito stress realmente, mas no período apostava-se a inovação, a criatividade e portanto foi relativamente rápido e fácil conseguir por cá fora um Decreto de Lei sobre as associações de Educação Popular, por cá fora uma Portaria sobre o novo exame da 4ª classe, que foi totalmente renovado, daí também que foi um ponto que era estratégico. O exame da 4ª classe no fundo seria hoje o 9º ano ou cada vez mais o 12º, quer dizer, um diploma essencial sem qual as pessoas não se poderiam inscrever em formação profissional ou não podiam ter uma carta de condução ou não podiam pedir passaportes, não podiam ser cidadãos no fundo, quer dizer a 4ª classe era um exame fundamental... mas o que estava acontecer era que todas essas associações e esses grupos de alfabetização que estavam a trabalhar, uns diretamente aplicando Paulo Freire e tinham os guias, manuais de Paulo Freire para aplicar o método não é. Outros iam inventando eee pôr as pessoas a ler umas coisas e outras e tal e conseguiam que as pessoas realmente comessem a ler e a escrever mas também, o que é de fato, que depois o exame da 4ª classe não tinha nada a ver com isso. O exame da 4ª classe tinha as suas exigências, tinha o seu programa de estudo tinha, estava tudo codificado do que era preciso fazer, tinha um ditado, o professor lia o texto em voz alta e o aluno escrevia, era preciso depois pegar num texto e lê-lo em voz alta, era preciso responder a perguntas de geografia, história, disto e daquilo... perante um júri de professores da escola, que os alunos que tinha feito esse tipo de atividades nunca tinham visto antes.

E- Pois não estavam preparados.

e- E então sentiu-se que era muito importante, como forma de apoio a essas atividades, alterar radicalmente o exame da 4ª classe, isso conseguiu-se fazer! E foi assim... acho que um grande avanço. E foi uma primeira “pedra” no edifício da Educação de Adultos nova. Educação de Adultos para Portugal acho que, se olhasses para a Portaria já encontras lá bases do que mais tarde foram cursos da EFA e os Centros de Reconhecimento e Revalidação de Competências, encontras lá precisamente essa ideia de que o adulto tem que preparar o dossier (na altura não se chamava portefólio), um dossier de trabalhos, quando viesse a avaliação trazia o dossier, o júri trabalhava com o dossier.

E- Que era constituído nesses grupos onde estavam na alfabetização?

e- Era. O próprio adulto ia registando tudo que ia fazendo, os trabalhos que ia apresentando, os estudos de leitura que ia fazendo, tudo isso ele deveria registrar, recolher, colecionar digamos. Depois deveria apresentar ao júri e depois o júri ia fazendo as suas perguntas e na base do que estivesse lá, não era assim qualquer pergunta rasteira que viesse... por outro lado, no júri devia estar obrigatoriamente um monitor ou monitora que tivesse trabalhado com o adulto, para pelo menos ele ter uma cara familiar à frente. Depois não havia nada de fazer ditado, de se ler em voz alta, porque isso não parecia que fizesse parte da vida quotidiana. Mas era preciso ler um texto e mostrar que se sabia o que se tinha lido. Dava-se o texto, o aluno silenciosamente lia, dava-se 10 minutos ou o tempo que fosse preciso e depois começar a discutir sobre o texto para ver se compreendia o que lá estava não é.

E- Pelos menos uma interpretação.

e- Hum hum. Então puseram-se de parte as disciplinas e em fundamentalmente áreas de estudo. Já se falava na comunicação, da matemática, cálculos do quotidiano e tal. Depois na comunicação e na escrita era fundamentalmente coisas muito práticas aaa sei lá, preencher um vale de correio ou fazer cálculos relativamente aaa....

E- Contas para pagar...

e- Sim, sim. Orçamentos familiares e coisas assim... portanto digamos que acho que nesses poucos meses ficou ali um trabalho... que foi...

E- Um pilar.

e- Acho que sim! Que foi um primeiro... e que muitas pessoas compreenderam e depois saí e as pessoas felizmente ainda ficaram, mantiveram realmente uma continuidade... quando puderam manter porque logo a seguir houve um diretor geral que era, era, mais ou menos passado do pirolitos!

E- (risos).

e- Porque...

E- É uma daquelas coisas que depois não se pode escrever! (risos)

e- (risos). Porque eu suponho que o novo Ministro da Educação que veio depois, já no primeiro governo constitucional já saído das eleições, o Ministro da Educação nem sabia que havia uma Direção Geral de Educação Permanente, ele já tinha mais ou menos dividido as pessoas e tal para direções gerais e acho que foi assim... “Ah isto também há... o que é isto?” (risos).

E- (risos).

e- E então lembrou-se lá de um amigo dele que estava a fazer um trabalho comunitário, na zona de Sintra e tal, então meteu lá o seu amigo, mas disseram-me que ele era completamente passado e paranoico. Uma vez levantou-se da cadeira e a cadeira tinha rodinhas e uma das rodas saiu quando ele se levantou, ele veio a correr à procura da roda “*Tá a ver, tá a ver, já me põem escutas...*” (risos)

E- Era a mania da perseguição.

e- Sim! Uma vez telefonou-me lá para Paris “*Tá? É da UNESCO?*”(risos) “é para dizer aí na UNESCO que os Nazis estão a invadir, querem ocupar a DGEP”, então quem eram os nazis? Era um outro serviço do ministério que era o FAOJ. O FAOJ que é hoje o Instituto da Juventude. Na altura chamava-se Fundo de Apoio às Organizações da Juventude, acho que era o FAOJ. Então havia lá alguns rumores que o FAOJ (risos) queria ocupar a DGEP então era preciso... “É da UNESCO? É para alertar a UNESCO de que os Nazis querem ocupar a DGEP”.

E- Ele que telefonasse para a NATO poderia ser...

e- (risos).

E- (risos).

e- Felizmente esse senhor acabou por sair e veio o Manuel Lucas Estêvão que era, teve um bom senso, que ele era ligado ao Partido Socialista na altura o governo era Socialista e foi colocado lá, não tinha nenhuma experiência em Educação de Adultos mas teve o bom senso de dizer isso... (risos) “digam-me o que é que estão a fazer” não é, e mostrou confiança às pessoas que já vinham de trás e o trabalho que estava a ser

feito e portanto não pôs obstáculos, apoiou tudo o que estava a ser feito, o que tinha sido feito atrás e conseguiu alguns apoios políticos para que as coisas avançassem e se mantivessem e fossem apoiadas e, portanto foi um bocado graças a ele (porque se fosse o anterior tinha dado cabo de tudo) mas ele realmente conseguiu que se mantivessem essas, essa maneira de trabalhar, muitos dos apoios aos projetos locais, às estruturas locais, as bolsas de estudo continuaram, o exame da 4ª classe instalou-se e consolidou-se, algumas publicações, manuais, etc... as equipas regionais também começaram a trabalhar e além disso juntaram-se então no sentido de fazer um plano, já não aquele Plano Nacional de Alfabetização de forma acelerada em 3 anos acabar com o problema, mas um Plano Nacional de Alfabetização e Educação Básica de Adultos o PNAEBA, portanto que é do tempo dele e creio que é um documento chave, digamos, na Educação de Adultos em Portugal

E- [O outro pilar a seguir.

e- Há um pilar muito importante com o problema que praticamente não tem sido executado. Houve um ou outro Programa Regional Integrado, os PRI, da zona de Moncorvo, o Conselho de Europa veio cá também apoiou e testemunhou alguns projetos que estavam no campo, com muito interesse mas o que é facto é que nunca houve verbas nem interesse dos governos para pôr isso de pé!

E- Pois. O que é que não fez que gostaria de ter feito ou se teria mudado alguma coisa, se pudesse voltar atrás nesse seu tempo da DGEP?

e- (risos). Só me fazes perguntas difíceis! (risos) Pois... (Pausa 7s). Nas circunstâncias que se viveu naquela altura... não sei... e com o tempo, no fundo foram 9 meses e na administração pública acho que não é muito fácil fazer muito mais... aaa... parece-me que... as medidas estratégicas que foram tomadas aaa (pausa 9s). O que é que ficou por fazer? Lançou-se um jornal, um número, o número zero chamado “Viva Voz” que a ideia era exatamente, como havia aqueles gravadores nós conseguimos que os suecos nos comprassem, também lhes pedimos para nos comprarem carros, portanto carros e gravadores eram basicamente para os regionais andarem de porta em porta e de aldeia em aldeia para irem encontrar grupos e projetos de educação popular, para irem gravando o que se fazia e também tomarem apontamentos e reportagens. Então o jornal era pensado para que muitas dessas coisas viessem para o jornal e o jornal também seria

mais um dos materiais de leitura dos próprios grupos de adultos. Portanto pedia-se a quem produzia o jornal, que não seria um mero jornalista, mas um jornalista pedagogo no sentido que estaria a produzir material de leitura para adultos, em vez de pensar nos manuais e tal, fazerem uma leitura de jornal mas um jornal que era muito baseado nos trabalhos e nos projetos de Educação Popular que estava em curso do “Viva Voz”. Lançou-se também, com a mesma preocupação de leitura, de encontrar leituras que não fossem coisas maçudas mas coisas relevantes, o Almanaque de Educação Popular e durante alguns anos a DGEP publicou almanaques. Eu tinha constituído uma equipa que começou a conceber o almanaque mas eu já não estava quando saiu o primeiro número mas depois ainda saíram mais alguns. Portanto esta ideia de que no campo, também no campo o problema do analfabetismo era mais forte, no meio rural, o almanaque era um dos livros que às vezes... o único livro que muitas vezes encontrava nas casas das pessoas, era o almanaque das obras, dos missionários, almanaque disto e almanaque daquilo, mas havia sempre lá um livrinho chamado “O Almanaque” nem que fosse o “Borda d' Água”.

E- “Borda d' Água” eheheh...

e- (risos). Tem os meses, as estações, marés, as luas...

E- A minha mãe comprava sempre também!

e- Portanto há sempre um almanaque, então pareceu-me que era uma boa, um bom produto para a educação popular que era através do almanaque. Depois os programas de televisão, também apostámos nos programas de televisão até para motivação e divulgação do trabalho da Direção Geral eee ainda quando, na Direção Geral ainda contratámos uns 4 ou 5 realizadores para fazer pequenos filmes que tivesse a ver com a educação popular e nalguns casos bom havia... o primeiro filme de um grande cineasta bastante conhecido foi feito lá para nós na DGEP, o João Botelho, fez um documentário nos arredores de Cascais, no Bairro do Cobre e portanto foi uma maneira também de apoiar jovens cineastas acabados de sair da formação e dar-lhes algumas encomendas aaa o Rui Simões fez também um trabalho. Porque esse processo com bolsas eram para quem já estava no terreno e se candidatasse mas também nalguns casos foram pessoas que estavam em Lisboa que se candidataram a uma dessas bolsas para trabalhar para um determinado território, e o Rui Simões candidatou-se e foi para uma

dessas minas, perto do Porto, que tinham fechado entretanto, onde os mineiros estavam a querer construir um museu, o museu das lutas dos mineiros mas também o museu dos fósseis porque normalmente é nas minas onde se encontram a maior parte dos fósseis e eles então tinham uma coleção enorme de fósseis para colocar no museu. Depois o Rui Simões teve lá um tempo e fez um filme, um filme “O Museu”, mas como tudo que se fazia na altura, é *pá* um filme que era, o processo do filme era um processo educativo então o Rui Simões era realizador mas também era educador... como é que se faz um filme com as pessoas, discutir com as pessoas o guião...

E- Ai que giro! Pois!

e- Analisou com as pessoas como é funciona com uma câmara, quais são os planos possíveis de se fazer através de uma câmara, e depois o guião que tipo de plano se põe aqui, que tipo de plano se põe acolá. E então ele contava-me que havia cenas muito giras à noite, quando eles discutiam muito o filme e tal e ia lá uma velhota que às tantas começou a dizer: “Isto aqui é preciso pôr um zoom” (risos).

E- (risos). Engraçado!

e- Agora o que é que se... acho que não se podia ter feito muito mais *pá*! Se tivesse continuado lá, mais uns anos... e se tivesse verbas e luz verde eu acho que teria, gostaria de ter criado um, uma Universidade Aberta (risos), talvez não se tivesse chamado assim porque não seria exatamente de nível universitário seria mais um... seria uma instituição...

E- Uma Universidade Popular?!

e- Uma Universidade Popular exatamente! Porque... e sem duvida com várias sucursais e filiais e ramos pelo país não é, que não seriam todos criados pela própria universidade de cima para baixo mas seria utilizado as entidades que estariam a trabalhar, as associações de educação popular e outras, com os ramos locais dessa universidade portanto, a própria Direção Geral passava a ter um papel um pouco mais administrativo no sentido de gerir fundos e utilizar a administração mas deixar o trabalho pedagógico para uma instituição que trabalhasse só nesse aspeto da, de educativos em contacto com a formação dos animadores não é, todo o trabalho de formação de animadores, também produção dos materiais, na recolha dos materiais que eles estavam a fazer e seleccioná-

las e trabalhá-los e restituí-los, portanto depois a disseminá-los, fazer um trabalho permanente nesse sentido.

E- Para onde é que foi a seguir esta fase da DGEP, se tivesse que dar uma palavra para caracterizar esta fase da sua vida, o que é que diria?

e- (Risos) Uma palavra?

E- Sabendo que não é uma pessoa muito sucinta... (risos)

e- (risos). (Pausa 4s). Hummm... Participação suponho.

E- E depois não sei se foi logo a seguir para a UNESCO?

e -Sim.

E- Foi quando depois aconteceu aquilo, foi para França, voltou para França então?

e- Foi.

E- Porque isso tínhamos falado na altura que falou da universidade porque não queria ir propriamente para Direito e estava a pensar numa carreira diplomática, estes foram os seus 3 anos de carreira diplomática!

e- Hum hum.

E- E então como é que foi esse experiência? Em França não é?

e- Foi em França na Delegação de Portugal junto da UNESCO portanto como há organismos intergovernamentais, os países normalmente têm uma delegação junto dessas instituições, portanto não estão lá dentro não fazem parte do secretariado, a UNESCO ou OCDE tem o seu próprio pessoal não é, o seu próprio edifício etc... mas depois os países membros normalmente têm uma pequena equipa que está lá em permanência aaa não está lá no edificio mas vai lá a encontros, reuniões, está em contacto permanente. E então nós tínhamos 3 conselheiros além da Embaixadora, que era a Maria de Lurdes Pintassilgo e depois tínhamos um que era mais, era só que tinha a ver com as ligações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que aquilo fazia parte, era

uma embaixada. Tínhamos um que era o conselheiro científico que era mais para as questões da ciência, da comunicação e eu para as questões da educação. Aaa, foi... é preciso ver que Portugal tinha sido expulso da UNESCO por causa da guerra colonial por ser um país colonialista, fascista etc e tal. Houve uma votação em que Portugal foi expulso da UNESCO portanto era a primeira... era a reentrada... portanto era muito importante, uma imagem muito diferente do novo Portugal, Portugal democrático, Portugal de solidariedade com todos os países, portanto de certo modo reabilitar um bocado a imagem do país e aproximar de países que tinham sido hostis durante muitos anos, que tinham feito uma política como sistematicamente como de Portugal e acho que nesse sentido foi positivo e foi... especialmente do trabalho da Maria de Lurdes Pintassilgo e ela aproximou-se imenso dos países do terceiro mundo... aaa também devo dizer que ainda antes dos 9 meses que passei na DGE, tinha havido essa aproximação à Suécia não é, eee acho que estavam interessados em Portugal e o Ministério da Educação também estava interessado na Suécia aaa a Suécia apostava em Portugal como um país não alinhado, que não fosse nem propriamente da NATO nem do Bloco Pós Soviético e a Suécia apostava muito numa linha diferente, portanto numa linha mais de neutralidade perante os dois grandes blocos dos Estados Unidos e União Soviética e por isso também nos apoiaram. Também nos apoiaram porque queriam pôr cá pessoas a fazerem os estágios suecos, aprender o português para depois trabalharem na... especialmente em Moçambique porque eles estavam apostar muito em Moçambique. Portanto também na UNESCO houve uma aproximação forte aos países escandinavos que também tinham uma política dessa ordem, de tentarem superar a chamada guerra fria, porque ou são pró americanos ou pró soviéticos tentando dizer que temos outra linha que não temos que alinhar necessariamente por um ou pelo outro, portanto tomar mais uma linha da social democracia... portanto esse aspeto foi bastante rico, todo esse tipo de contactos com países para quem Portugal tinha sido realmente um mau exemplo, de um país colonialista.

E- Mas o que é que fez lá? O que faz um embaixador, embaixador não, alguém que tem uma carreira diplomática não sei um tipo... não sei como é que se diz. (Risos)

e- (risos). Na altura éramos conselheiros, portanto havia o embaixador e 3 conselheiros da embaixada aaa é um papel de mediação. Por um lado recebes imensas correspondências, telefonemas, etc, de serviços públicos ou de escolas ou até de

particulares que querem saber o que a UNESCO tem ou fez ou publicou, que recomendações existem, determinado tipo em determinados sectores ou que tipo de apoios é que pode haver de verbas, programas, apoiar alguns projetos neste campo aaa ou pelo contrário recibes também contactos de lá, do próprio secretariado a dizer que querem lançar uma determinada rede do campo da educação da ciência do pré-escolar e gostariam que Portugal também alinhasse, portanto que é que, quais serão os possíveis correspondentes em Portugal para um programa dessa ordem e tal, portanto é muito estabelecer este tipo de pontos de um lado para outro não é. Mas também não é só ficar passivamente à espera das solicitações, também vais às reuniões porque anunciam-te regularmente reuniões, workshops em trabalho sobre determinados temas, tu vês aquilo que pode interessar mais o teu, Portugal na altura, vais a essas reuniões, fazes contactos, recolhes a informação e depois tu próprio escolhes para cá, dizer: “Ah vai abrir um programa assim, assim, vai abrir uma rede de trabalho nesta área e tal” para ver se é possível ou se há interesse. Além disso há depois aquelas atividades mais oficiais portanto há um Conselho Executivo da UNESCO aaa, eee que reúne com alguma regularidade e dos perto 200 membros, países membros, creio que na altura eram 25 membros do Conselho Executivo, portanto é por eleição na Assembleia Geral e estão todos os países e depois elegem um grupo para o Conselho Executivo aaa Maria de Lurdes Pintassilgo foi eleita, a certa altura foi assim uma primeira luta, foi preciso um trabalho bastante grande porque

E- [E como é que o seu nome chegou até ela?

e- Como é que o nome, para ir trabalhar com ela? (riso) Elaaa era uma fundadora (creio eu) do movimento GRAL cá em Portugal.

E- Do CRAL?

e- GRAL é um movimento católico de ação social, intervenção social. Nos anos 60 o GRAL tinha sido o responsável pela alfabetização e movimentos de Educação Popular no Ribatejo e na Beira também. E uma pessoa que trabalhava muito perto com ela era a Teresa Santa Clara Gomes (muito amiga dela) que na altura em que eu fui Diretor Geral ela era Secretária de Estado da Cultura e conhecemo-nos (já não sei bem como nem porquê) ela também era amiga do Ministro da Educação e outro convidei-a para um...como é que se pode chamar? Um Think (impercetível) (risos) eram pessoas que

não pertenciam à Direção Geral 3 ou 4 pessoas, pois um grupinho de reflexão não é, estratégica no fundo, que eu convidava para aí uma vez por mês para nos reunirmos assim num fim de tarde e tal, para falar sobre a Direção Geral, as tendências, as linhas possíveis de trabalho e tal, porque eu não... um olhar externo. E eu tinha a convidado e ela tinha aceite e vinha a essas reuniões desse grupinho de reflexão esse grupinho informal, mas que era um bocado o apoio que eu tinha de... para que as minhas ideias fossem confrontadas com outras pessoas não é, até porque conheciam mais o país do que eu porque tinha estado fora 11 anos portanto também era importante... e aaa quando a Teresa soube que eu me ia embora da Direção Geral... aaa falou à amiga que na altura estava a constituir equipa para ir para Paris e foi assim que surpreendentemente tive esse convite (risos).

E- Porque é que foi embora? Acabou o mandato...

e- Não! Eu teoricamente podia ter continuado e esperada que me permitissem não e porque quando soube que o Ministro da Educação ia ser o Souto Maior Cardia, depois já tinha conhecido quando ele era do Partido Comunista em que ele era fanático pelo Partido Comunista passou... agora estava no Partido Socialista não deixaria de ser fanático. (risos). Não estava interessado em trabalhar para ele e também eu sabia que, mais tarde ou mais cedo, logo que ele soubesse quem eu era e o que é eu fazia ou tinha feito... e a opinião dele sobre o trabalho que se tinha feito era que realmente aquilo era trabalho do terceiro mundista, que não tinha nada a ver com Portugal como uma abordagem europeia da educação e portanto não teria apoio nenhum da parte dele. Por outro lado eu tinha vindo para Portugal com uma companheira na altura, uma inglesa, que tinha 2 filhos, os filhos vieram para Portugal e ela veio para Portugal eee os filhos para uma escola inglesa ali perto, em Carcavelos, nós fomos viver para a Parede, ali nos arredores de Lisboa, mas com tanta confusão no país na altura e tal e por outro lado ela também não se sentia nada bem estava... estava à beira da depressão e queria a todo o custo voltar para Inglaterra, queria os filhos na escola lá em Inglaterra, aquilo era uma sociedade consolidada e pacata, não havia aqueles barulhos da rua (risos) e aquelas cenas que ela não percebia e depois parecia-lhe que tudo era guerra civil do que se estava a passar então... eu estava disposto a voltar para Inglaterra com ela, nessa altura, e ia tentar a ver se na Universidade Aberta me receberiam de novo mas depois fui intercetado para este trabalho na UNESCO e

E- [A sua oportunidade de ter uma carreira diplomática...

e- Pois já agora. (risos)

E- (risos).

e- Para corresponder ao dito curso e põe de lado a carreira diplomática (impercetível) mas... na UNESCO foi-me relativamente fácil continuar a contactar com pessoas com quem eu tinha trabalhado na Direção Geral de Educação Permanente, que se mantinham lá, entretanto o nome da Direção Geral também mudou, passou-se a chamar Direção Geral de Educação de Adultos e ainda havia uma reunião ou outra na altura da preparação do PNAEBA. Eles também queriam discutir comigo alguns desses pontos, então esse do PNAEBA, entre outras coisas, tinha recomendações, tinha a criação de um Instituto de Educação de Adultos por exemplo, também a construção das equipas regionais era um plano muito abrangente.

E- E relativamente à sua carreira diplomática, que amizades retirou daí? E gostou ou não gostou, o que aprendeu?

e- (risos). Ah eu senti que não era nem podia ser realmente um diplomata. Pareceu-me que as pessoas *tavam* sempre, quando encontrava colegas era, queriam saber qual era o melhor restaurante de Paris, qual era minha loja para isto e para aquilo e qual era o melhor champanhe e qual era o isto e o aquilo, pronto. E realmente não me agradou

E- [Não se identificava.

e- (risos). Não me agradou do tipo de mentalidades... não se viam muitos assim mas pelo menos muitos que encontrei não correspondia de todo às minhas preocupações, portanto também achei que não tinha perdido nada em não ter ido para a carreira diplomática.

E- E depois daí?

e- E depois o conselheiro com que trabalhei 3 anos estava ligado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, a nível de carreira, eu e o outro que era o Sousa Lobo conselheiro cultural depois foi reitor da Universidade Técnica de Lisboa, uns anos mais tarde, ele era o único de carreira. Não sei se já ouviste falar no Jorge Rito?

E- Já o nome sim.

e- Hum hum. Não era assim muito recomendável.

E- Esse não era o que tinha a ver com a Casa Pia?

e- Sim. (risos)

E- Pronto (risos). Não é recomendável então. Tenho um *gap* aqui... o que é que acontece a seguir na sua vida, depois da carreira diplomática?

e- Hum.

E- Acabou a...

e- Depois em 70, portanto eu fui para lá em 76 foi quando a Maria de Lurdes Pintasilgo foi não é, praticamente passado ai quê? Depois meteram-se a férias do Verão também eee praticamente nós tivemos em Paris... porque fomos logo para Narobi, para o Quênia onde se ia realizar a Assembleia Geral da UNESCO naquele ano de 76. E começou logo por aí em Setembro e ainda foram umas semanas, não sei se 4,5,6 semanas *pá!* Perdão. Portanto depois de assentar a viagem a Paris. Depois tive realmente em Paris, a Sheila a mãe da Sara e os miúdos ainda vieram para Paris até, até quando? Até ao Verão de 77, depois ela também não se deu lá em Paris.

E- Também não queria, gostava era de Inglaterra. (risos)

e- Queria voltar para Inglaterra outra vez e aí então fiquei em Paris o resto de 77, 78, foi quando nasceu a Sara e 79, passei esses 2 anos e meio sozinho em Paris mas como a casa que tínhamos era em Southhampton que fica na costa sul da Inglaterra.

E- Ah dava para passar!

e- Dava para passar (risos) de barco. Não seria todos os fins de semana mas praticamente 3 por mês, *pá* eu ia a casa até mais depois de nascer a Sara. E nas férias também no Natal, na Páscoa, no Verão.

E- Para ser um pai mais presente.

e- (risos). Eu ia a casa e então era de comboio, ia de Paris para um lado depois, na sexta à noite, depois apanhava um barco que fazia a travessia noturna, que ele até ia devagarinho para chegar (risos) para não chegar muito cedo do (imperceptível) para Southhampton, chegava aí às 7 da manhã, depois passava Sábado e Domingo e Domingo à noite voltava.

E- Voltava outra vez.

e- Em 79 há umas reviravoltas políticas cá em Portugal, deve ter sido nos finais de 78 princípios de 79, e o presidente da república na altura que é o General Ramalhe Ianes, convida a Maria de Lurdes Pintassilgo para 1º Ministro. Portanto ela comunicou connosco e foi. Ficámos aí a trabalhar nós os 3, não houve substituição dela. E ela foi 6 meses, creio, para 1º Ministro e depois houve eleições e ganhou a ADE aaa e o novo Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Freitas do Amaral na altura que era do CDS. E então ele já não a deixou regressar à

E- [UNESCO!

e- UNESCO. E ela foi afastada.

E- E vocês ficaram lá e depois também acabaram por sair.

e- Eu logo a seguir escrevi uma carta a demitir-me.

E- E voltou para Portugal.

e- Não. (risos). Na altura tinha tido um convite da Universidade de Southhampton para ir para lá como professor visitante, para o Departamento de Educação de Adultos então em 1980 fui para a Universidade de Southhampton. Mas depois era o governo da senhora Thatcher começou a cortar em tudo o que era educação, especialmente o que era educação de adultos, chegou-se ao Verão de 1980 e eu não, e acabou-se o meu contrato.

E- Ainda esteve lá um ano? Mais ou menos!

e- Mais ou menos.

E- Então foi professor?

e- Fui.

E- Mais uma vez uma pessoa que não queira ser professor. (risos)

e- (risos)

E- Foi professor e aí o professor de sala de aula...

e- Sim.

E- E era educação de adultos ou era

e- [Era educação de adultos.

E- Era para os adultos ou era para adultos que fossem trabalhar para adultos?

e- (risos). Adultos que iam trabalhar com adultos ou que já trabalhavam com adultos e queriam um curso superior ou uma pós graduação ou mestrado, já não sei... normalmente era para profissionais de educação de adultos.

E- Boa. Então dá aulas.

e- Depois fiquei desempregado na segunda metade de 1980 então aproveitei para ser pai a tempo inteiro, a Sara tinha 2 anos na altura.

VI entrevista

E- Então o que estava a dizer é que acabámos na UNESCO e foi para a Universidade de Southampton

e- [Um ano não foi!

E- E como foi essa curta experiência de ser realmente um professor de sala de aula?

e- (risos).

E- Porque pela primeira vez foi professor, mesmo a sério, de sala de aula! e- Nessa altura foi! (risos) Foi... de qualquer modo foi com um grupo já de profissionais no ativo e que vinham em pós-laboral para uma formação do tipo já de Mestrado e, trabalhava-se muito em volta das experiências deles eee, e depois em conjunto tentar teorizar um pouco mais, debater um pouco mais as experiências...

E- Que era a nível mais de Educação de Adultos?

e- Era, era, era. O departamento de Educação de Adultos era uma história de Educação de Adultos portanto era também debater os temas que eles estavam a escolher para dissertações. Portanto não foi propriamente dar aulas mas foi um iniciar (risos) mas foi, foi interessante! Tal como já tinha tido a experiência na Open University não é, gostei bastante da experiência da universidade inglesa no sentido em que havia, havia uma comunidade grande a nível de docentes que se encontravam, que estavam em princípio lá o dia todo

E- [Faziam como na Open University, juntavam-se todos para discutir como é que iam fazer as aulas e...

e- Daquele curso sim não é, embora não fosse a mesma coisa porque não havia um produto comum como havia na Open University e tínhamos mesmo que programar ou programas de rádio ou programas de televisão, textos em comum. Ali podíamos debater mais a estratégia geral e o que estavam a fazer uns e outros, mas não convergiam, não era um produto conjunto. Mas recordo que uma colega tinha acabado um livro sobre

Educação de Adultos e ela própria apresentou o livro aos colegas e ainda nadou lá a ler e a debater o livro dela, de modo que acho que era um ambiente que inspirava e motivava.

E- Hum hum. Ok. Entretanto acabou

e- [Entretanto acabou-se. Apareceu o neoliberalismo já nessa altura, com a Madame Thatcher que começou a cortar "a torto e a direito" as verbas para a educação, então para a educação de adultos (riso)

E- Pois não vale a pena!

e- Não era considerado prioritário portanto encontrou-me no desemprego nessa altura, em Inglaterra, ainda fui inscrever-me e ainda fui receber um subsídio de desemprego, durante algum tempo.

E- E ficou desempregado e pai a tempo inteiro.

e- Exato! (risos)

E- E como foi essa experiência de ser pai a tempo inteiro? O que acha que influenciou a sua relação com a Sara?

e- Acho que influenciou bastante. Todo o ano de 80 fui pai a tempo inteiro, quer trabalhasse ou não não é, mesmo na universidade que era ali a "dois passos", eu ia a pé e vinha, morávamos ali perto do Campus. E também utiliza o Campus para ir passear a Sara, na altura tinha 2 anos, e levava-a na cadeirinha e íamos lá dar uns passeios, como muitos outros, cheios de jardins e era um espaço protegido também, não há cá visitantes e para os miúdos era ótimo... e esquilos e tal... depois o outro tempo que fiquei mais tempo em casa realmente tive mais tempo para ela e, e, e acho que aí houve uma ligação que se fez que foi relativamente forte e que acho que de certo modo sobreviveu depois à distância que se foi verificar mais tarde, quando eu depois deixei a casa e deixei a Inglaterra não é. Mas acho que nessa altura certamente se criou ali laços que, na altura nós não estamos conscientes, mas que são bastante fortes e não acreditava, pensava que as relações se faziam mais de igual para igual, de adultos, pessoas já conscientes da relação que estão a construir entre si, pelo menos da parte dela

E- [Então ser pai para si foi uma aprendizagem!

e- (risos) Pois foi! Que eu tinha falhado a primeira e acho que à segunda...

E- Acertou.

e- Já acertei.

E- Já tinha outra maturidade também.

e- Sim também. (risos)

E- Agora só responde se quiser. O que é para si ser pai?

e- (Pausa 3s). Pois eu não dou muita... muito valor aos chamados laços de sangue e o sangue do meu sangue eee (risos), acho que se ela não fosse a minha filha biológica teríamos tido uma relação muito igual à que tivemos quer dizer, e o fato de ela estar ali a a viver na casa e que partilhámos aqueles momentos todos e ela como bebé precisar realmente de alguém, precisava da mãe do pai.

E- Mas havia outras 2 crianças em casa?

e- Sim, mais crescidinhas (risos), estavam muito mais independentes. Portanto em relação a elas não creio que tenha sido pai, posso ter sido mais tio ou... (risos). Porque não... não, não assumi de certo modo a responsabilidade da educação deles, isso a mãe já vinha fazendo desde sempre e também certamente não admitia muito facilmente que agora viessem... que viesse alguém com ideias diferentes e, e, e suponho que com a Sara também não me arrei em mestre

E- [A educação ficou para a mãe.

e- nem em professor ou tutor... (risos) Mas creio que é bastante importante na educação tanto de filhos ou de pessoas com que nós estamos em contacto não é, e possivelmente mais inexperientes mais jovens etc, como inclusivamente os alunos ou outras pessoas que nós entramos em contacto eu acho que mais do que estar a dizer o que se deve fazer ou não fazer, o que é o bem ou mal... acho que é seres tu própria e mostrar a tua personalidade e tratar as pessoas quer tenham 2 meses, 10 anos ou 100, tratá-las

realmente como pessoas, respeitá-las e explicar certas situações e reações eee creio que elas compreenderem como tu vives e quais são os teus próprios valores... que é preferível do que... que é preferível realmente acho aaa... através da tua própria maneira de ser podes influenciar mais as pessoas do que estar a fazer sermões não é, e estabelecer os 10 mandamentos (risos).

E- Pois. E depois como foi quando voltou outra vez a trabalhar?

e- Ah foi uma daquelas coisas que acontecem depois... que é que de vez em quando e por acaso mesmo em alturas que eu precisava acontecia isso, um telefonema de Paris a perguntar se eu queria ir para lá ser professor!

E- Lá voltou para Paris para ser professor!

e- (risos).

E- Ok. Então o que foi fazer?

e- Uma pessoa que eu não conhecia mas que era amigo de uns amigos, inclusivamente de um... de um tipo que tinha trabalhado comigo numa equipa, constituída por Paul (impercetível) quando se fez um livro para o Instituto da UNESCO da Educação de Adultos.

E- Quanto *teve* na UNESCO?

e- Quando eu ainda estava na UNESCO, na Delegação sim, do Paul (impercetível) que *tava* reformado e que tinha sido o responsável pelo sector da Educação Permanente. Tinha tido uma encomenda desse Instituto para fazer um livro sobre as bases, as bases pedagógicas digamos assim, da Educação Permanente, entre ele tinha... ele reuniu uma equipa de pessoas, de Portugal foram logo dois, foi o José Mariano Gago e fui eu, mas vieram pessoas também da Espanha, do Brasil, da Polónia, da França, Espanha e por aí fora. Tivemos uma primeira reunião em Hamburgo para decidir mais ou menos as áreas... ele tinha uma ideia, uma proposta que depois discutida e estabelecermos áreas, e depois cada um de nós ficou responsável por uma área e ele Paul (impercetível) por coordenar, fazer uma introdução e depois fazer a publicação geral. E na equipa estava uma, um tipo na altura que era Francês mas estava a viver no Canadá, na altura, e que o

tinha encontrado uma vez numa reunião... aaa no Brasil, tínhamos tido lá uma reunião sobre Educação de Adultos, Educação Permanente no Brasil, e tínhamos falado bastante. Esse era bastante amigo de um tipo que era Diretor de um Departamento de Educação Permanente na Universidade em Paris, a Universidade Nova e suponho quando há um professor de lá que se foi embora, para trabalhar para Geneve, e portanto o Diretor andava à procura de alguém e suponho que terá falado com ele e ele terá "soprado" o meu nome... e então aaa... quando viram que eu tinha uma experiência relativamente interessante portanto tanto em França como em Inglaterra, e portanto dominava um bocado os dois mundos da Educação de Adultos e mais franco-latino também e o mais anglo-saxónico também, achavam que eu podia ser a pessoa indicada e então recebi esse telefonema para começar a trabalhar, se quisesse, em Janeiro de 81. Portanto ainda foram para ali 2 meses em foi um certo dilema porque, por um lado era deixar outra vez a casa, deixar outra vez a filha, etc, a Sara, aquela situação de vai e vem (risos).

E- A mãe da Sara não foi?

e- Não! Já se tinha feito uma experiência falhada e depois não

E- [Ah pois vocês já tinham estado em França e ela não tinha gostado!

e- Quando comecei na UNESCO eles tinham vindo na altura, a Sara nessa altura ainda não tinha nascido... aaa portanto era mesmo eu ir...

E- Aí já não era tão fácil atravessar de barco porque já não era tão perto!

e- Era no mesmo sítio.

E- Era no mesmo sítio?!

e- Era Paris e a casa ainda continuava a ser em Southampton, portanto retomámos um bocado essa rotina anterior (risos)... hum hum.

E- E então o que foi fazer?

e- Ah, portanto fui-me ocupar de um curso que ia começar de, podemos dizer pós-graduação mas no fundo era um curso de 2 anos, no Departamento da formação

contínua lá da universidade de Paris do (impercetível), ali à beira do Lago de Bolonha. É que era no fundo um curso já para pessoas com curso superior e era um curso de especialização para especialistas de formação continua.

E- Hum hum.

e- Porque isto era 81, a lei da formação continua creio que é de 71, entretanto tinha-se construído todo o edifício de formação continua em França, praticamente obrigatória. Os empregadores obrigatoriamente ou pagavam um X de imposto para despesa de formação continua e depois era arrecadado pelos serviços públicos e tal ou podiam não pagar esse imposto se provassem que faziam formação continua eles próprios, isso tinha que ser provado, quanto é que tinham investido, quanto é que tinham gasto, se fosse igual ou mais já não pagavam imposto, portanto muitas das empresas preferiam fazer o seu, a sua própria formação do que estar a pagar.... só as pequenas é que muitas vezes estabeleciam fundos entre várias PME'S e depois esses fundos recebiam, esse dinheiro, e depois faziam alguma formação por conta das empresas. As grandes como inclusive tinham Departamentos de Recursos Humanos, tinham o Departamento que se ocupava diretamente da formação

E- [Capacidade de fazerem eles próprios.

e- e tinham planos de desenvolvimentos dos Recursos Humanos e tal, e normalmente eram essas grandes empresas e para certos serviços públicos que esta formação se dirigia, porque também eram esses, essas entidades que podiam empregar alguém a tempo inteiro como responsável da formação contínua, dentro da casa não é. Portanto a universidade lançou uma série de anúncios, havia bolsas do fundo social europeu, já na altura, para pagar essas pessoas durante aquele tempo, ainda era uma bolsa razoável... então houve centenas *pá* aí 200 e tal candidatos para depois podermos recolhermos uns... já não me lembro quantos eram mas talvez uns 15, 16, portanto todo um processo de seleção e depois constituiu-se a equipa, portanto eu fiquei responsável, no fundo, por essa equipa e pelo trabalho de formação com essa equipa, juntamente com outros colegas.

E- Então também não dava aulas?

e- Em algumas sim mas era mais uma coordenação embora aaa... era uma formação

relativamente informal, não havia assim horários completos, digamos assim

E- [Um programa...

e- Havia um programa, havia áreas que iam sendo tratadas mas por vezes eram professores, eu também me ocupava, um bocado de identificar professores, até trouxe gente de Inglaterra também aaa e funcionava-se também muito assim por blocos, digamos assim, era mais fácil convidar uma pessoa de fora a vir durante uma semana inteira a trabalhar um bloco com essas pessoas do que estar a dizer “venham uma Quarta-feira todas as semanas” logo no primeiro ano quer dizer, não se fazia assim. E depois também orientá-los para os trabalhos que entretanto eles iam escolhendo, também depois a questão dos estágios, aí eram mais os colegas que conheciam melhor até as empresas e os empregadores do que eu, que faziam esses contactos e estabeleciam estágios... acho que no relacionamento com a equipa, os formandos, gostei. Não gostei da vida digamos dos docentes, até porque eu estava mal habituado à Inglaterra e muito trabalho em equipa e muita...

E- Pois em França era diferente!

e- Em França era diferente, era! Era muito artista que vem fazer a sua performance durante 1 hora ou 2 e depois vai-se embora.

E- Muito individualista?!

e- Sim. Era, era. A maior parte das pessoas passavam e diziam o que tinham a dizer e sem qualquer comunicação anterior nem posterior quer dizer... era assim um bocado, as coisas iam caindo não é e os formandos... e o meu papel no fundo era muitas vezes reunir com os formandos, depois da passagem dessas "superstars", para depois com eles analisar o que é que eles tinham recebido, o que é que tinham compreendido, o que é que

E- Faziam também uma avaliação?

e- Sim do que é que eles tinham retirado daquelas, daqueles contributos não é, já que não havia normalmente... não havia mesmo assim uma análise prévia como é que as coisas vão integrar-se naquilo que já tinha sido feito antes e que será feito depois, quer

dizer uma tentativa de coerência prévia, tentava-se depois num dos grupos de formandos estabelecer alguma coerência ulterior, as comunicações

E- [Depois então havia o risco de as pessoas também se sobreporem, de falarem das mesmas coisas ou é em termos temporais e ir falar de uma coisa que já... que outro cá atrás estava mais à frente. Não havia tanta ligação de comunicação.

e- Hum hum. Também era interessante porque eram pessoas de outros quadrantes e haviam uns marxistas e haviam uns mais neoliberais etc, via-se como é que a Educação de Adultos e a formação contínua era vista de formas muito diferentes, consoante filosofias e ideologias diversas e isso era analisado depois com eles, e então... porque não foi, não foi assim uma experiência... nem creio que tenha sido um bom elemento, acho que não acrescentei muito, possivelmente estavam à espera de outra coisa que eu não dei, não consegui dar. Acho que em França há muito aquela expectativa do *professor*, alguém distante que vem dizer umas coisas iluminadas...

E- Estavam à espera que fosse mais iluminado e mais distante!

e- acho que sim. Que trouxesse assim umas teorias completamente inéditas.

E- Não foi isso que aconteceu.

e- Não! (risos).

E- Esteve lá quanto tempo?

e- Ah 3 anos.

E- 83.

e- 81, 82, 83 pois, pois foi! Nessa altura que o professor Loy de Braga que era presidente do Instituto Politécnico de Faro.

E- Pois eu ia dizer que foi nessa altura que entrou na Comissão...

e- Começou a telefonar-me a perguntar se eu

E- [Instaladora.

e- Queria vir para a Comissão Instaladora. No segundo ano que ele me telefonou eu disse-lhe que tinha acabado de assinar o contrato por mais 1 ano, e depois ele lembrou-se e antes que eu assinasse outro contrato, voltou a telefonar a perguntar se eu então queria vir.

E- Entretanto e a mãe da Sara?

e- Entretanto a mãe da Sara mantinha-se em Inglaterra não era

E- [E separaram-se?

e- Ia lá mas já estávamos separados emocionalmente além de geograficamente, eu ia lá passar, não digo todos os fins-de-semana, mas ia passar muitos e também tempos de férias. Páscoa, Natal, de Verão e... fundamentalmente para estar com a Sara. Houve umas alturas também que a irmã aaa acho que a irmã mais velha veio uma vez a Paris e trouxe a Sara, outras vezes eu próprio quando ia lá às vezes trazia-a, ficava comigo e eu depois voltava a levá-la... e depois foi nessa altura também que reencontrei a Helena, que foi em 82 portanto segundo ano de eu estar com este trabalho. Foi no princípio de 82, portanto comecei com este trabalho no princípio de 81 foi praticamente 1 ano depois. E foi também por isso que à segunda vez que o professor Loy Braga me convidou disse que sim porque nessa altura achámos que faria talvez bem, para a recuperação dela é uma mudança de contexto.

E- Ela depois não ficou em Portugal?

e- Ela veio comigo para Portugal, fizemos a mudança, trouxemos as coisas todas para cá, metemo-las lá na Penha, alugámos um armazém onde guardei as coisas à espera de ter casa, porque entretanto *tava* numa daquelas casas que o Instituto Politécnico tinha alugado um dos andares na Avenida de Faro, dois andares grandes para pessoas que não eram de cá e que enquanto procuravam e enquanto não arranjavam viviam lá e pagavam um "X". Cada pessoa tinha um quarto depois tinha a cozinha e quarto de banho e tal em comum de a sala também normalmente em comum (risos) era assim uma...

E- Ah então ela acabou por conviver consigo?

e- Ela veio comigo.

E- Durante um tempo.

e- Ainda estivemos num desses quartos cá em baixo na Pontinha. O prédio ainda lá está é um prédio... na altura era o último prédio ali depois construíram no terreno ao lado aaa ali em frente ao, aquela praça onde está ooo parque de automóveis subterrâneo, em frente aquele restaurante “A Pontinha”, mas é dos lados prédios não é.

E- Sim.

e- Portanto ainda estivemos uns dias em casa dos meus pais quando viemos, em Lisboa, à espera da tomada de posse e tal. Também não podia vir e instalar-me se não tivesse tomado posse de maneira que (risos).

E- Ah, não podia ir para a casa antes de.

e- *Tive* à espera e depois quando tive um telefonema para vir tomar posse, então viemos. Portanto nós devíamos ter saído de Paris em 83 ai por finais de... princípios de Novembro e a tomada de posse foi aqui... não sei se foi no fim de Novembro ou nos primeiros dias de Dezembro, talvez tenha sido nos primeiros dias de Dezembro. Mas tivemos aqui praticamente uma semana porque ela depois teve uma recaída nessa altura.

E- E ela voltou?

e- Voltámos os dois.

E- Então espera lá. Então fez a tomada de posse como vogal?

e- Sim.

E- E depois foi embora para França?

e- Fui mas já não levei as coisas. Foi só com uma malinha da roupa porque

E- [Porque depois ia voltar?

e- Exato!

E- Pronto foi levá-la. Então aqui o que é que um vogal faz? O que foi o seu trabalho na ESE?

e- Ah é... o trabalho de uma Comissão Instaladora é instalar não é. Portanto o Campus da Penha o que era? Um estaleiro de obras.

E- Pois aquilo foi em...

e- 83, foi há 28 não...

E- 28 por aí.

e- Não, mais de 28 fará 29. aliás os outros dois já estavam à mais tempo, os outros dois da Comissão, havia um lugar vago, foi ainda quase 1 ano que o professor esperou ainda que eu viesse para preencher, porque também não havia assim uma pressão enorme não é. Porque aquilo era um estaleiro, portanto havia bastantes coisas a fazer mas era fundamentalmente nos serviços técnicos.

E- Mas já havia aulas e tudo lá?

e- Nada!

E-Não? Então...

e- Não havia professores.

E- Ah ok.

e- (risos).

E- Então o que foi instalar? (risos)

e- Fundamentalmente decidiu-se por começar com o recrutamento de professores porque a maior parte dos professores não tinham qualificações para ensinar no Ensino Superior.

E- Por isso que fizeram o politécnico?

e- Exato.

E- Essa história eu sei. Por isso que eles agora têm todos de tirar o Doutoramento porque não tinham.

e- Pois. Não! Na altura começou-se a exigir, embora muitos não tivessem e lhes desse tempo para fazer Mestrados, mas também não, as universidades portuguesas em geral também não estavam preparadas ainda para oferecer esse tipo de Mestrados que fossem mais úteis digamos, para um trabalho de formação de professores. E então houve acordos com outras universidades, que houve um acordo grande com uma universidade americana em Boston, e foram para lá dezenas.

E- Foram para lá estudar?

e- Sim. Embora fosse um acordo em que havia um certo vai e vem não é. Não era estar lá nas aulas durante 1 ano ou 2, normalmente aquilo, fez-se um acordo de maneira a que as pessoas estavam lá um certo tempo com um orientador e preparavam as coisas que tinham de preparar, fundamentalmente era na base de trabalhos e de teses, não tanto parte curricular. E depois na maior parte dos casos escolhiam como tema das teses situações portuguesas portanto voltavam a Portugal para trabalhar, fazerem as entrevistas, fazerem o trabalho de campo, etc, não é, e depois voltavam lá um tempo para a parte final, para avaliação e tal. Outros escolheram fazer isso em Espanha, outros fizeram em Inglaterra, em França. Portanto o trabalho inicial era muito na base de entrevistas, de pessoas que estariam interessadas em ser docentes das novas escolas superiores de educação e uma vez selecionados começavam a receber mas também entravam num processo de formação.

E- E os professores eram essencialmente daqui do Algarve?

e- Havia dois grandes grupos: um do Algarve e outro fora do Algarve. Do Algarve era fundamentalmente gente da Escola do Magistério Primário de Faro que ia fechar, porque todas as escolas do magistério passavam a ser substituídas pelas escolas superiores de educação, porque as escolas do magistério não formavam a nível superior, e acho que até com o décimo... na altura acho que era o 11º que se entrava nas escolas do magistério, depois tinham 3 anos de curso e não saiam com uma licenciatura. E essas pessoas eram licenciados, os professores, portanto muitos desses... o professor Loy de

Braga tinha assumido um certo compromisso com esses docentes que iriam se... se se inscrevessem e se fizessem os seus mestrados passariam a ser transferidos praticamente para lá, e houve uma outra, um outro grupo digamos de pessoas de muitos, normalmente mais jovens, porque os docentes dos magistérios já eram pessoas dos seus 30 e tais, 40 anos normalmente não é. Depois começaram aparecer nos concursos jovens recém licenciados aaa portanto acho que houve ali dois grupos que de certo modo criaram sempre uma certa divisão dentro da escola.

E- Os da “velha guarda” e os os miúdos que... (risos).

e- (risos). Exato. Tinham assim umas ideias mais “frescas” e tal e queriam fazer coisas diferentes, e depois haviam uns que já trabalhavam anos e anos na formação de professores, a nível de magistérios, e que tinham tendência a repetir um bocado a mesma fórmula não é.

E- Acho que ainda hoje é assim não é?! (risos).

e- (risos).

E- Ok. E quanto tempo lá *teve*, quanto tempo demorou essa Comissão? Porque não sei se foi para a criação da ESE não é?

e- Isso foi...

E- Para a criação dos docentes da ESE não?

e- Foi.. a Comissão Instaladora da ESE?

E- Sim. Ou seja vocês estavam a recrutar

e- [Enquanto a ESE esteve em situação de instalação, manteve-se a Comissão Instaladora.

E- Mais ou menos quanto tempo é que isso foi?

e- Ainda foi bastante tempo, porque as instituições em Portugal pelo menos têm a tendência de manter o regime de instalação mesmo já depois de estarem instaladas.

E- Ah ok.

e- E bem instaladas!

E- Entretanto começaram... como é que hei-de de dizer. Vocês estavam a recrutar os professores para depois começarem as aulas?

e- Sim, sim.

E- Depois entretanto começaram, a ESE começou a funcionar?

e- Logo que os edifícios estiveram prontos e a funcionar, aliás começamos até ainda num edifício que tinha acabado antes, acho que era o da tecnologia, e foi lá que tivemos gabinetes e algumas ações começaram a fazer-se lá e depois então é que se passou para a Escola Superior de Educação. Portanto nesse período digamos preliminar, também tínhamos muitas reuniões já com os novos docentes também e para irmos discutindo programas, comparando programas com outras instituições. Havia um Conselho, também a nível nacional, e havia várias reuniões em vários pontos do país com outras escolas superiores de educação sobre os programas que se estavam a estabelecer para haver mais contacto e uma maior uniformidade no tipo de formações que íamos oferecer a nível nacional.

E- Lembrasse dos cursos que abriram?

e- Aaa, pois fundamentalmente em função dos níveis, portanto eram fundamentalmente cursos para o pré-escolar não é, de educadores e educadoras de infância, depois para o 1º ciclo, não sei se na altura ainda se chamaria primária nem se não. E depois para o preparatório, também na altura ainda havia o ciclo preparatório, portanto havia três fundamentalmente três formações que estávamos a preparar. Portanto eram formações fundamentalmente ou de carácter didático ou científico não é, ou de conteúdo.

E- Eram formações ou bacharelato?

e- Aaa era ao nível de licenciatura.

E- Pois bacharelato + licenciatura, nessa altura ainda havia os bacharelatos. Mas os bacharelatos acabaram à pouco tempo. Eu quando entrei ainda havia bacharelato.

e- Ainda havia não era!

E- Havia ainda.

e- Eram aquelas bietápicas.

E- Era 3+1. Três anos de bacharelato e mais um ano que dava a licenciatura. Quando entrei era assim.

e- Pois, pois. Mas foi de certo modo pelo fato de haver este (impercetível) nós temos reuniões, mas de qualquer modo como não havia aulas todos os dias não havia esse compromisso, que também por ter algum tempo e pela vontade que eu tinha e também pela conversa que tinha tido com o presidente, o professor Loy de fazer um projeto de intervenção na zona, daí houve alguma disponibilidade para arrancar com o projeto RADIAL.

E- Então ao mesmo tempo começou com o RADIAL?

e- Sim. Com alguns colegas.

E- E como é que foi? Como é que nasceu a ideia como é que?

e- Espera aí um bocadinho que eu...

e- O que eu estava a dizer que também se deu disponibilidade para se pensar mais num projeto de intervenção não é, do que depois no RADIAL. Entre as pessoas que tinham vindo, e algumas também estavam um pouco na mesma situação a pensar no que se iria dar nos cursos mas que iriam começar talvez dali a 1 ano, ano e meio, não se sabia ainda muito bem... estava um professor de expressão plástica artística que era pintor e tinha acabado de vir de Moçambique, ele tinha ficado ainda depois da independência em Moçambique, ele era português, tinha ido para lá... aaa o professor Loy de Braga também tinha estado na universidade em Moçambique, terá o conhecido lá então ele veio, António Quadros eee começámos a trabalhar um bocado em conjunto, ele tinha uma experiência de desenvolvimento em Moçambique, desenvolvimento muito baseado

nas tecnologias sustentáveis, coisa que passou a não ser bem vista a certa altura pelo governo, o governo queria um país moderno não queria um país terceiro mundista.

E- Pois.

e- Portanto essas coisas, essas pequenas tecnologias era para pobres e ele tinha sentido um bocado incompreendido, e depois outros problemas que foram acontecendo nestes países independentes, a vida tornou-se um bocado difícil para os portugueses... e ele acabou por vir e foi aceite lá na escola e então foi um elemento importante, um apoio importante aaa e acabámos por... a Isabel Cruz também deu alguma ajuda, mas mais nas visitas que se fizeram à Serra, assim na parte da escrita foi mais ele e eu que pusemos “de pé” uma proposta de projeto de intervenção. O nome acho que também foi o António Quadros que acabou por dar o nome, porque andámos a fazer aqueles jogos habituais, quais são as palavras chave, o que a gente quer fazer não é, e depois com estas palavras chave onde estão as iniciais, como se pode jogar com as iniciais e acabou por se chegar a essa expressão de Rede de Apoio ao Desenvolvimento Integrado no Algarve... e depois claro, havia a questão do apoio financeiro aaa, o projeto podia funcionar quase sem apoio financeiro mas seria muito na base da disponibilidade das pessoas, e também estávamos a ver que quando arrancássemos aulas e cursos a disponibilidade seria cada vez menor da equipa docente eee, entretanto a Ana Benavente tinha um projeto de ação... de investigação-ação junto de duas escolas de Lisboa aaa, Benfica na Ajuda e tinha um apoio financeiro de uma fundação holandesa a *Van Lien* e tinha-me convidado para fazer parte de um Concelho... Concelho Consultivo do Projeto e portanto ia às reuniões que ela volta e meia convocava, e nessas reuniões costumavam estar presentes também representantes da Fundação eee como eram pessoas que não falavam português e fundamentalmente se entendiam em inglês, e eu dominava bem o inglês eles “encostavam-se” um bocado em mim, para conversarmos à hora de almoço ou para algumas dúvidas que tivessem perguntavam a mim para depois perguntar à equipa portuguesa e tal, fazia ali um papel também um bocado de intérprete. E houve uma altura que um desses diretores da Fundação me disse que tinham aquele projeto e estavam a gostar do projeto mas era só um, tinham vontade de apoiar mais um ou dois projetos no país eee eu disse-lhe que estava a preparar para apresentar precisamente um projeto.

E- Olha que engraçado! “Tenho mesmo aqui um projeto para apresentar”. (risos)

e- (risos).

E- Daquelas coisas também... quando precisou...

e- Exato! Caiu mesmo no momento oportuno *pá*. Mas eu costumo contar que foi a única vez que isso me aconteceu, quando apresentei o projeto era um projeto para 1 ano em Martim Longo...

E- O RADIAL?

e- Creio que já se chamava RADIAL sim. E estávamos a pedir na altura 5.000 contos, 25.000 euros, eee ele não sei se foi logo que me respondeu, se mandou depois passado algum tempo um fax ou telefonema, a dizer que a Fundação tinha vontade de apoiar mas se em vez de uma aldeia nós trabalhássemos pelo menos em quatro, e em vez de 1 ano se perspetivássemos o trabalho para 3 anos, e em vez dos tais 5.000 multiplicávamos aquilo por 9 ou 10 (risos) a verba. Aliás de início houve um certo... houve apenas um desacordo em que eles queriam que nós trabalhássemos em pelo menos quatro aldeias mas duas com intervenção e duas sem intervenção, que era para serem o grupo de controle, e eu disse que não que não ia assim brincar com as pessoas, não ia trabalhar numa aldeia só para

E- [Para depois comparar a dizer: “Olha que...”]

e- Depois comparar “Olha depois vocês ficam a 'chuchar no dedo' porque a gente

E- [Acontece quando nós trabalhamos com uns e com outros não!]

e- “Na aldeia ao lado *pá*, estamos a fazer isto...”, maneira que eu disse-lhes que não que isso podia ser muito bonito *pá*, para efeitos de investigação das ciências sociais mas num projeto de intervenção não era aceitável. Mas eles foram sempre muito flexíveis e compreendiam as posições e tal. E então o António Quadros que trouxe uma amiga dele, que também já tinha trabalhado muito tempo com ele em Moçambique, e que estava a dedicar-se à música e também era uma pessoa que tinha apoiado muito o projeto de intervenção, que era a Amélia Bouge, e entretanto também chegou a Priscila que andava a fazer o Doutoramento, começar o Doutoramento na Universidade do Minho, e o Licínio Lima lhe tinha dito que como era um Doutoramento sobre Educação

de Adultos, que na altura não havia praticamente Doutoramentos em Educação de Adultos, ou pouco havia, e ele achava que era bom que ela viesse e falasse comigo para recolher material... e porque eu tinha um bocado a memória das coisas do 25 de Abril cá em Portugal... então como eu estava arrancar o projeto, praticamente não é, nessa altura propôs-se à Amélia e à Priscila de ficarem a tempo inteiro a trabalhar no projeto, dizendo à Priscila que se ela quisesse fazer o Doutoramento em torno de uma experiência deste tipo, no fundo era uma experiência de Educação de Adultos, teria aqui também o material, como ela não tinha bem definido o projeto que queria fazer... sabia que era na Educação de Adultos mas não estava ainda definido e pelo menos tínhamos ali duas pessoas a tempo inteiro e os outros que pudessem colaborar algumas horas e tal. Era muito mais estruturado se houvesse um núcleo permanente e depois com outros contributos à volta... e é assim que o projeto arranca, o projeto RADIAL em Outubro de 85.

E- Então e o que é que fizeram?

e- (risos). Ai começámos por... por exemplo começámos em Martim Longo onde já conhecíamos melhor as pessoas, já tínhamos ido lá várias vezes ainda antes do projeto, ter alguns contactos... conhecíamos bem o Presidente da Junta na altura, que era o pai da Sandra, a Sandra do Rosário, que está agora na Direção da IN Loco, que é a mulher do Manuel Soares do irmão da Priscila. Aaa que era o Presidente da Junta e também era o carteiro, então foi ótimo essa combinação porque combinámos com ele organizar uma reunião para as pessoas da freguesia, lá na sede de Martim Longo, aaa e o projeto, aliás por pressão da Fundação até por causa dos Estatutos da Fundação *Van Lien* que apoia prioritariamente projetos de apoio... projetos de intervenção com crianças de idade pré-escolar, primeira infância, o nosso projeto que de início era muito centrado nos adultos no desenvolvimento integrado, um trabalho diretamente com adultos passou a integrar uma forte componente também infantil... aaa na altura achei que era uma concessão a fazer porque era o compromisso a fazer para ter verbas mas acabei por chegar à conclusão que não tinha sido má ideia, porque uma ação de desenvolvimento pode começar por qualquer lado praticamente não é, desde que haja depois a preocupação de ir juntando outras componentes e integrar num todo... de intervenção que dê uma resposta realmente completa de certo modo, aos problemas multifacetados que as populações têm de enfrentar. O (impercetível) começa não tem grande importância não

é, mas a importância é depois chegar, ultrapassar o sectorial e juntando outras componentes e integrando as várias intervenções. E começando pelas crianças acho que foi uma boa, acabou por ser uma boa perspectiva de trabalho porque é um, uma questão que é consensual porque toda a gente acha que sim senhora é preciso fazer alguma coisa pelas crianças, e portanto se se trabalhassem mais uma perspectiva económica poder-se-ia ter criado algumas clivagens logo de início “vamos apoiar quem, vamos apoiar que já tem dinheiro e quer fazer grandes projetos, vamos apoiar que não tem e quem *tá desempregado*” e uma ação mais social etc, poderíamos ter entrado em certos tipos de clivagens e alguns debates, controvérsias, e assim com as crianças acho que foi tudo muito “clarinho”. E o que é fato é que a primeira reunião que se fez, que foi essa em Martim Longo, ainda tivemos para aí quase umas 70 pessoas, numa primeira reunião estávamos muito admirados. Foi bem feita a promoção, fizemos uns “cartazinhos”, o senhor Presidente da Junta que também era carteiro ia distribuir os cartazes porta-a-porta, especialmente nas famílias que tinham crianças... aquilo chamava-se mais ou menos “Debater, conversar sobre o futuro das nossas crianças, as crianças de Martim Longo”, e então as pessoas estavam admiradas quando viram chegar tanta gente “Ai, isto nem os comícios políticos juntam aqui tanta gente”. E então a conversa foi no sentido de dizer: “Nós viemos da Escola Superior de Educação, queríamos ver convosco que apoio é que podemos dar alguns aos vossos problemas...”, os problemas foram logo muito “clarinhos na mesa”: “O problema é a falta de emprego”... e então o Presidente da Junta disse logo: “Vocês se pudessem para aqui fazer uma fábrica e empregassem aí umas 200 pessoas isso é que era bom”. É a nossa resposta no sentido de dizer “Nós vimos da Escola Superior de Educação e não podemos dar muito mais do que educação, digamos assim, portanto a questão das crianças podemos dar um apoio”, “Ah isso é bom porque as nossas crianças estão aí normalmente ao sol e à chuva”, especialmente as que não eram da Sé da freguesia que iam buscá-las de carro, faziam vários circuitos com o mesmo carro, portanto as primeiras chegavam 1 hora antes de abrir a escola, pois o carro “despejava”, depositava-as ali no passeio e depois ia buscar mais, mais eee a mesma coisa quando acaba a escola. E então havia uma preocupação... “bom vamos procurar uma instalação, uma casa onde as crianças que vão à escola, logo que cheguem de manhã, essa casa está aberta e vão para lá e ao fim da tarde fiquem lá à espera não é e essa casa também pode receber crianças que ainda não vão à escola”, e portanto esta ideia de criar um... nós chamávamos o Centro de animação infantil, as pessoas chamavam-lhe a Casa da Criança, que acho que continua a ser mais conhecida pela

Casa da Criança, os nossos relatórios é sempre animação infantil. E depois dissemos às pessoas: “Bom vocês é que são de cá, nós vamos ver a possibilidade de apoiar a criação dessa casa mas claro, isso se é para começar já não se vai construir coisa nenhuma, vamos arranjar uma casa que esteja disponível. Ponham-se no campo, façam-nos propostas de que tipo de casa é que arranjam não é, na próxima vez que nós viermos cá falamos ou telefonem-nos etc...”. E constituiu-se ali uma pequena comissão de famílias que ficaram com essa responsabilidade. E não sei se foi em simultâneo se foi depois já, se foi depois foi pouco depois... também na área de educação de adultos em contacto (e foi aí que conheci o Joca), em contacto com o serviço de educação de adultos que havia, regional, aqui no Algarve eles tinham também umas reservas para as ações extra-escolares, e ações de alfabetização e etc, então começaram-se a fazer algumas ações em que a educação de adultos pagava a monitora e ações baseadas em artesanatos locais, que eram aquelas ações sócio-culturais, sócio-profissionais, havia assim umas ações... era uma coisinha pequena, era aí de 2 horas, não sei 2 vezes por semana ou assim, mas foi reunindo pessoas interessadas e foi um bocado a pré-história dos cursos que se seguiram mais tarde, que depois deram origem a algumas empresas, nessa altura numa base muito mais intensa, isso já foi... foi um, não foi muito mais tarde, foi 1 ou 2 anos mais tarde, porque isto era 85 Portugal entra na União Europeia, na altura era a CEE em 86, começam a chegar fundos, o Fundo Social Europeu, portanto a possibilidade de se concorrer para... Portanto aquele início que foi ainda o apoio que veio da educação de adultos e depois foi substituído por apoios vindos através GUE, do IEFP e invés de serem 2 ou 4 horas semanais passaram a ser ações de formação a tempo inteiro com bolsas de formação etc, uma coisa muito mais estruturada, mais intensa. Mas no nosso projeto nós tínhamos 3 grandes eixos de intervenção que era animação infantil, através desses, depois de... com a mesma metodologia, primeiro contactando e motivando pessoas da população, o Padre, o Presidente da Junta, uma ou outra pessoa que nos parecia, que realmente tinha uma função, era um bocado, mais líderes de certos grupos e tal, para tentando não, não, não ligar às clivagens político partidárias, mas trazendo pessoas de todos os lados desde que isto tivessem interessados em trabalhar. E depois com essas pessoas trabalhar, pedir-lhes que apoiassem a organização de uma reunião inicial com a população, portanto que falassem a uns e falassem a outros, e depois também com cartazes, e ter essa primeira reunião em que se enunciam os princípios do projeto, o que é que se pretendia fazer com o projeto, o que é que se podia fazer e o que não se podia fazer através do projeto, e para quem estivesse interessado

também colaborar numa comissão local que iria encontrar instalações e tal. Portanto foi assim a estratégia inicial e foi assim que se lançaram as ações em Martim Longo e depois Cachopo, Alte e no Azinhal ali perto de Castro Marim na aldeia do Azinhal. O Azinhal creio que foi a única em que já houve uma certa delegação, porque havia uma Associação de amigos naturais do Azinhal, a maior parte das pessoas estavam em Lisboa a trabalhar e a viver, mas vinham, ao fim de semana e assim, e tinham vontade de apoiar a aldeia, e portanto nós trabalhámos bastante com essa Associação, enquanto que nas outras de certo modo não havia uma Associação que pegasse nas coisas, havia um trabalho mais direto da nossa parte e também uma perspetiva de apoiar a criação de uma nova Associação que depois pegasse na atividade e no processo.

E- Disse que eram 3 áreas de intervenção: animação para as crianças?

e- Depois era a... estava a ver se encontrava o nome... mas de qualquer modo era a dinamização económica, era apoiar o incremento de atividades que pudessem gerar algum rendimento para as pessoas e também uma certa ocupação porque as mulheres também nos vinham dizer “Antes tínhamos as crianças a nosso cargo, agora vocês criaram essa casa e as crianças vão para lá, agora temos mais tempo...”, (risos)...

E- (risos).

e- “Agora arranjem-nos atividade”. Na altura havia muita construção civil aqui no litoral e os filhos mais velhos e os maridos a maior parte do tempo passavam cá em baixo não é, e portanto elas também tinham bastante tempo, e foi nessa altura quando se foram lançando essas... primeiro as ações de educação de adultos e depois mais tarde os cursos chamados CPCs, Cursos de... agora não me lembro do nome... CPC Cursos de Preservação Cultural seriam?!... Promoção Cultural?!... Não, cursos... Não, não é cursos, Conservação de Património Cultural, CPC, Cursos de Conservação do Património Cultural que era uma modalidade que havia de cursos apoiados pelo Fundo Social Europeu em que... podíamos candidatar a vários, de início ainda foi no final do RADIAL, no final do RADIAL não! O RADIAL ainda durou bastante tempo.

E- Pois o RADIAL depois entra dentro da IN LOCO!

e- Pois, pois! Mas no início foi só RADIAL em que começou alguns desses cursos e depois vimos a necessidade de criar uma Associação. Aí fundamentalmente pelos problemas aaa, administrativos e contabilidade públicas e tal, porque até então

E- [Era em nome próprio o que vocês faziam?

e- Não era o Instituto Politécnico de Faro é que era o

E- Ah ok!

e- que recebia as bolsas da Fundação, depois o professor Loy de Braga tinha, portanto aceite criar uma conta própria com dinheiro da Fundação e depois eram para as despesas do projeto não é. Enquanto aquilo estava em precisamente em regime de instalação havia uma contabilidade relativamente mais flexível, mas estava-se a ver que aquilo mais dia menos dia era uma “carga de trabalhos”.

E- Aonde é que anda o dinheiro!

e- Exato!

E- Como é agora!

e- Pois! E como é que se pode gastar... e sem nenhuma flexibilidade e a necessidade de fazer concursos para qualquer despesa que se comprasse ou qualquer coisinha, eee foi por isso que também... e quando vimos que depois eee ia haver a possibilidade de termos alguns apoios do Fundo Social Europeu e tudo mais, que possivelmente o orçamento iria aumentar, vimos que havia a necessidade... era necessário um veículo muito mais flexível e muito mais rápido.

E- Então a ideia da IN LOCO partiu por causa do Projeto RADIAL?

e- Foi! Foi quando o projeto RADIAL começou um bocado alargar e vimos que a componente económica que era a segunda não é, a terceira era do apoio ao associativismo portanto apoiar tanto associações existentes como promover a criação de associações onde não houvessem associações locais que pudessem pegar noutros projetos de desenvolvimento integrado para o território. Mas o que acabou por ter mais força foi a do meio, foi a questão económica da criação de empresas, da criação de auto-

emprego fundamentalmente, porque chegámos logo à conclusão que não haviam padrões que viessem para ali... aaa... os empregos podiam ser criados aqui e além, eram muito este tipo de empregos para serviços públicos que alguns se foram constituindo, especialmente lares, centros de dia, naquelas regiões, naqueles territórios em que a população está bastante envelhecida.

E- Hum hum.

e- Aaa, o emprego também que ajudámos a criar foi dos próprios Centros de animação infantil, nas próprias casas da Criança que

E- [A cuidar das crianças.

e- entrevistámos jovens locais e demos-lhe trabalho. Como havia muita gente a querer, de inicio até foi a tempo parcial, precisávamos de duas pessoas e acabámos por recrutar quatro, a tempo parcial para dar a mais gente. E depois de inicio até tinamos em todos os locais, tínhamos equipas mistas, tinha pelo menos um homem, três mulheres. E depois também a questão da formação dessas pessoas, aí o próprio pessoal da ESE que já estava a começar os cursos, aaa dizia uma “não faz sentido nenhum mas aqui começámos cursos de educadoras de infância e vocês a recrutar pessoas que têm o 9º ano ou o 10º ano para fazer este trabalho porque não esperam pelos primeiros diplomados?” (risos).

E- Supostamente era para ajudar as pessoas de lá!

e- Pois! (risos)

E- Tem lógica que sejam as pessoas. E como é que fizeram com essas pessoas? Deram-lhes algum tipo de formação?

e- Sim. Aliás isto está mais desenvolvido em algumas coisas que eu e a Priscila escrevemos acho que depois é mais fácil do que eu agora estar-te a contar “tim tim por tim”.

E- Posso ter acesso a isso?

e- Hã?

E- Posso ter acesso?

e- Ai pois podes! (risos)

E- Eu cito não faço plágio!

e- (risos). Mas de certo modo foi um processo que foi sendo inventado há medida das necessidades das tais comissões de famílias e tal locais, arranjam rapidamente instalações não é. No caso de Alte até não eram pagas, era ali num espaço junto à Casa do Povo, houve alguns espaços particulares, as casas estavam para alugar e que nós alugámos. Portanto normalmente o projeto tentava não mostrar que era rico para que as pessoas não cruzassem os braços e ficassem à espera das “prendas do Pai Natal”. E depois nós dizíamos “bem nós podemos alugar mas não podemos mobilar mas vocês não arranjam possibilidades de trazer para aqui...”, “Ah vamos trazer de casa umas mesas, umas cadeiras, o meu marido é carpinteiro ainda faz aqui uns arranjos” e não sei quê. Portanto tentar mesmo que as pessoas

E- Se responsabilizassem.

e- Sim. E começassem a sentir que aquilo era deles porque é muito diferente chamá-los para a inauguração da casa que se construiu não é, e está lá tudo dentro e bonitinho e não sei quê, mas aquilo era uma prenda que caiu do céu! E outra coisa é que se empenhem e que vejam lá o trabalho deles. A formação que fomos inventado foi isso “as casas estão ali vai-se poder começar, há crianças que querem entrar nas casas, a casa está pronta está equipada, agora já entrevistámos pessoas há quatro jovens que nos parecem ter condições para começar a trabalhar com as crianças”. Essa coisa de trabalhar com as crianças faz-me um bocado de impressão... têm é de tomar conta delas!! (risos). E não podíamos dizer “bom vamos fazer um curso e daqui a 2 anos estão qualificados e voltam para abrir o Centro”.

E- Pois!

e- De certo modo fomos obrigados a inventar uma formação dita de alternância.

E- Hum hum.

e- A pessoa atira-se à água e vai aprendendo a nadar...

E- Enquanto eles estavam a trabalhar iam tendo formação?

e- Exato! Eee claro de inicio eles... o problema deles fundamentalmente era a falta de confiança não é. “Então como é que eu faço? Não tenho experiência nenhuma”. Outro argumento para que fossem jovens de lá é que nós sabíamos que na maior parte das escolas, as escolas paravam “volta e meia” porque os professores desapareciam. Eram professores de fora que tinham posto na lista de mini-concursos e não sei quê, punham Algarve porque gostavam muito de praia...

E- E depois iam para o interior...

e- Quando se viam enfiados (risos) numa terra... na altura era muito pior que agora, a estrada era péssima, praticamente não chegava lá a televisão, os telefones... era muito difícil conseguir um telefone não havia portáteis claro, nos montes não havia eletricidade, na maior parte do montes, e portanto era uma vida muito difícil e muito... transportes públicos era raríssimo para... e então adoeciam rapidamente e metiam baixas e não sei quê. Conhecíamos por exemplo, acho que tinha havido, acho que o recorde eram 14 professores diferentes num ano letivo... então se fossem educadores de infância era a mesma uma coisa portanto achámos que dava muito mais garantia ter pessoas de lá. Então a formação era assim “vocês comecem aqui a trabalhar nós vimos...”, de inicio organizámos com eles aaa umas primeiras atividades, uma ideia, portanto de manterem as crianças ocupadas, interessadas, motivadas aaa também foram coisas que se foram criando a pouco e pouco, de inicio estava tudo um bocado misturado e depois eles próprios começavam a dizer “ah faz mais sentido como a casa tem várias divisões, vamos por uma televisão nos pequeninos, vão à escola e vêm e fazem os trabalhos de casa”, e um outro mais até tipo a tempos livres.

E- Mas eles tinham já essa consciência ou...

e- Aaa... aquilo foi-se desenvolvendo num processo bastante participado até porque

E- [Em todos os locais?

e- Sim porque, podemos chamar a equipa pedagógica ou a equipa de apoio pedagógico que era equipa central do RADIAL não é, aaa, eee, e tínhamos uma pessoa mais ou menos responsável em Cachopo, outra pessoa responsável em Martim Longo, outra em

Alte, outra no Azinhal, nessa altura a equipa já tinha crescido mais um bocadinho, já não era só a Priscila e a Amélia, já tinham entrado mais duas ou três pessoas aaa... então essa pessoa que estava responsável, digamos assim, pelo Centro, ia lá e passava lá o dia todo, tínhamos uma vez por semana, passava lá o dia todo mas não interferia, só no fim do dia é que com a equipa reuniam-se, faziam um balanço do que é que tinha ocorrido... mesmo quando não estavam lá, davam-se umas folhas de registo para certos eventos, acontecimentos em que eles notassem em que não estavam à altura, a situação tinha ficado fora de controlo e não sei quê, mantinham-se todas essas notas e depois com a pessoa que podemos chamar de um tutor ou tutora, ao fim do dia fazer o balanço do dia daquilo que a própria pessoa tinha visto, mas também doutros dias anteriores que teria ocorrido qualquer coisa que eles gostavam de ver, discutido e debatido. Se fossem coisas que pareciam que eram coisas muito específicas e tal e que se pudessem discutir na altura era discutido na altura. Outras coisas que pudessem ser problemas mais gerais e que certamente ocorriam nos quatrocentos, reservava-se a análise dos dois dias por mês em que todos que vinham a Faro à ESE numa sala de aula, fazer uma formação mais estruturada. Nessa altura, eles saíam do Centro mas entretanto tinham falado com mães, familiares, etc

E- [Manterem o Centro aberto.

e- manterem o Centro aberto nesses dois dias em que eles vinham cá abaixo à formação e aí conheciam-se todos, debatiam o que um fazia e o que o outro fazia, e foi aí que se foram, acho que se foram... aaa, consolidando essas ideias de ter os grupos por idades, “que tipo de atividades é que fazes com os teus desta idade, com os teus daquela” e não sei quê, e depois também nunca fechar o Centro de animação infantil entre as quatro paredes, eles saíam muito para a rua, iam visitar os comerciantes, iam visitar as atividades, nalguns casos recuperaram certas tradições que tinham parado, nas alturas do Carnaval, nas festas dos Maios, coisas assim que é, que havia uma certa memória mas que ninguém mais se tinha ocupado disso, portanto também era uma das atividades. Fazer levantamentos sobre as atividades locais...

E- Do Centro de animação? Das crianças.

e- As crianças saírem à rua para fazerem levantamentos?

E- Hum, hum.

e- Sobre as profissões, sobre isso, sobre aquilo. Portanto havia mesmo uma vontade de que as crianças conhecessem melhor o contexto e o local e que tivessem algum orgulho também, pela sua realidade e sua sociedade... eram coisas que se iam fazendo e quando davam um bom resultado depois os outros também procuravam fazer nas suas próprias aldeias e acho que foi uma formação que correu bastante bem e que mais tarde, aí a partir de 92, acabámos por recuperar este tipo de formação quando se lança uma rede de animadores territoriais para o desenvolvimento.

E- Mas aí já com a IN Loco?

e- Com a IN Loco pois.

E- Que entretanto criou-se a IN Loco.

e- Em 88. Em 88 que se deu a IN Loco, o RADIAL é que começa em Outubro de 85.

E- Hum, hum.

e- As primeiras ações dos tais CPC, de Conservação de Património Cultural que com uma perspetiva de criação de empresa, começa arrancar em meados de 86. Em geral duravam 2 anos. Portanto eram formações longas. Não sei se leste uma coisa que tinha escrito, da génese dos CRVCC e...?

E- Acho que sim, em Políticas.

e- Da Serra do Caldeirão à Secretária do Ministro?

E- Acho que sim.

e- Que um dos argumentos é esse, que as pessoas fizeram 4, 5 mil horas de formação aaa, mas entraram ali com a 4ª classe antiga e no final tinham a 4ª classe na mesma né! Nada disto era reconhecido portanto também foi um argumento forte que eu utilizei mais tarde, como aqui e pelo país fora, houve pessoas com centenas, milhares de formações, tanto tempo sem alterar de modo algum a sua qualificação... reconhecida não é?!

E- Do que estava a dizer do animadores... criou-se a IN Loco então?

e- É, a IN Loco criou-se em 88 não é, por um lado com essa necessidade de ter uma flexibilidade de administração e gestão, que não existia uma entidade da administração pública não é, como era o Instituto Politécnico de Faro. Mas também para alargar a base social, digamos assim, da IN Loco. Durante estes anos o RADIAL tinha trabalhado com muita gente da Educação de Adultos, do Instituto de Emprego, da Comissão da Coordenação Regional, da Delegação Regional de Educação e por aí fora, da Agricultura também. E tinha encontrado, digamos aliados e pessoas que compreendiam o sentido do trabalho e que apoiavam de certo modo, e outras pessoas trabalhando em Câmaras... e então reunimos umas quantas pessoas a quem propusemos se queriam fundar a Associação juntamente connosco e tal. A Associação de início é criada, os primeiros corpos sociais combinam pessoas que trabalham praticamente a tempo inteiro nessas atividades, e pessoas que dão apoio externo a partir das suas próprias funções...

E- E além do projeto RADIAL?

e- O projeto RADIAL integra depois umas das valências da própria associação IN Loco. Continua a viver fundamentalmente com os apoios da Van Lye que não acabaram logo, mas também para mostrar à Van Lye que as suas verbas vão fundamentalmente para aquilo que para eles era prioritário, as crianças.

E- Sim.

e- E que nós estamos a encontrar outros fundo e apoios.

E- Para trabalhar com os adultos.

e- Para trabalhar com os adultos, com a componente económica, etc.

E- Mas as verbas deles não iam só para a parte das crianças não é? Iam para as três vertentes.

e- De início sim, depois com a criação da IN Loco o RADIAL especializou-se mais...

E- Nas crianças?

e- Nas crianças sim.

E- E depois criam-se outras... o que é que criaram para os adultos?

e- (Risos). A formação dos adultos era fundamentalmente essa formação para aaaa, o emprego e para a criação da empresa eee, não havia aaaa aquilo que podemos chamar propriamente o curso de alfabetização ou um curso de educação básica. A educação de adultos fazia-se dentro destas formações para o emprego e para o empreendimento, porque como eram cursos de 2 anos e aí havia uma certa liberdade... uma CERTA não era absoluta mas havia uma certa margem para a entidade estruturar as suas atividades de formação, desde que fizesse aquilo que estava no contrato, e portanto havia realmente uma transmissão técnica de conhecimentos técnicos que fossem... havia cursos para a doçaria, cursos para as plantas medicinais e aromáticas, cursos de tecelagem manual, cursos de corte e costura, cursos de trabalho com madeira. Portanto havia uma componente técnica havia uma componente depois também virada para a comercialização aaaa, para a gestão da empresa. Mas nós tentávamos, e para isso era importante o papel do chamado coordenador, estes cursos tinham normalmente a figura de um coordenador que era uma pessoa da IN Loco aaaa, de modo que quando se chamavam especialistas das área da gestão, da área da moda... havia sempre uma conversa prévia, uma explicação do que se estava a fazer, e depois a tentativa de se inserir certos aspetos de cultura geral e de educação básica dentro destes módulos. Por exemplo, ao fim do dia as pessoas tinham que fazer uma pequena ficha do balanço do dia e não sei quê, aquilo de início dava choros, penso que as pessoas tinham medo de escrever, não sabiam escrever, escreviam muito mal, e portanto o próprio preenchimento de fichas deu lugar a uma atividade de literacia, como quando se ia a uma feira e era preciso ir à Câmara pedir uma carrinha aaaa, passava-se um dia inteiro a escrever uma carta...

E- Eram elas que escreviam?

e- Pois, mas com o apoio da coordenadora ou do coordenador.

E- Sim, sim.

e- Fazia-se ali uma aula de escrita.

E- Hum, hum.

e- Para ir à feira e calcular os preços dos produtos a vender, faziam-se ali vários cálculos de matemática para tentar saber quanto é que custa um produto, quais são as várias componentes do preço. De início as pessoas não tinham ideia nenhuma, podiam pedir um “disparate para cima ou um disparate para baixo”.

E- Pois, não conta o tempo de trabalho, há muita gente que não conta por exemplo.

e- Pois. “Ah isto, esta manta, esta manta... quatro contos”, “E então como se chega a isso? E a lã quanto é que custou?”, “Ah não custou nada, a lã era das minhas ovelhas”, “Então quem é que as tosquiou, quem é que carregou? Não pagou?”, “Ah sim!” (risos). “E quando começarem aparecerem encomendas e a lã das suas ovelhas não chegarem como é que... então nessa altura duplica-se, triplica-se o preço de um dia para o outro?”

E- Pois.

e- Tem que se fazer desde já um preço mais relativamente estável que entre então com a linha destes custos todos não é?! Portanto dar um salto digamos que tradicionalmente era um produto que nascia de uma sociedade rural, em que o tempo não contava de certo modo, porque as pessoas faziam aquilo nas noite de Inverno à lareira, não havia trabalho agrícola, períodos “mortos” digamos assim, e portanto em vez de estarem sem fazer nada faziam qualquer coisinha (risos), não era com a ideia de vender era mais com a ideia de passar o tempo e aproveitar as coisas que tinham.

E- Pois.

e- Tinham lã iam fazendo... dos teares muitas das vezes eram das avós que foram aproveitados e tal... “ah mas quando o tear se partir e tiverem que comprar outro? Nessa altura aumentam os preços para comprar um tear? Tem de se pôr desde já um preço a contar que este tear vai desaparecer daqui a 3 ou 4 anos porque se parte, porque se estraga. Portanto vamos já começar a poupar para comprar outro. Amortização do equipamento também faz parte do preço”, portanto todas essas ideias tinham de ir sendo integradas, portanto aí fazia educação de adultos, dessa forma muito aplicada. A questão da cor que deu imenso... eles gostavam imenso.

E- Da cor?

e- Sim.

E- Da cor para por quando...

e- Para pôr nas coisas, sim. O tradicional era mais aquela manta castanha e beije porque é a cor das ovelhas.

E- Pois.

e- Mas depois quando se pensou em trabalhar o algodão e trabalhar para o mercado externo não é, e também contando com os turistas que aparecem no Algarve e tal, ver as tendências que todos os anos há tendências novas, há cores novas... a questão dos tingimentos, a questão da conjugação das cores, também não havia muito a ideia de como é que se combinam as cores, então fazer paletes de cores das senhoras de tecelagem que passavam muito tempo... também na Primavera ia tudo para a rua, sentadas lá fora no campo, com o *caderninho* de desenhos, com lápis de cores a tentarem copiar as cores que viam à volta (risos)...

E- Fazer combinações, para ver o que é que fica bem com o quê.

e- Exato.

E- E depois estava a dizer que em 92 tiveram os animadores da...

e- Pois de certo modo estes cursos foram-se multiplicando também noutras aldeias...

E- Pois porque depois deixou de ser só o RADIAL e a IN Loco já trabalhava

e- [A IN Loco pegou nestes cursos pois... e o RADIAL foi-se especializando cada vez mais no trabalho com as crianças, alargando até ao trabalho por um lado

E- [Até quando é que foi o RADIAL?

e- Até quando? (pausa 3s) Até... 12 ou 13 anos... desde 85... capaz de ter sido... não foi até mais... ele ainda foi ali para Gambelas, a equipa mudou-se para Gambelas antes de fechar... para aí 15 anos.

E- Então o RADIAL depois especializou-se às crianças

e- [Agora a Fundação depois foi reduzindo ooo... mas o RADIAL continuando com crianças alargando de certo modo o trabalho, lançou-se rapidamente um projeto chamado de Educação Itinerante porque se chegou à conclusão, especialmente nas camadas pré-escolares, eram as crianças da Sé de freguesia que aproveitavam porque as dos montes não chegavam lá, então arranjámos uma carrinha e aí já foi com uma equipa de educadoras de infância que foram destacadas para o projeto, pagas pelo Ministério da Educação para fazer um trabalho experimental e educação itinerante. Então passavam uma manhã no monte e depois iam a outro monte à tarde e passavam a semana a correr os vários montes, com a Teresa (imperceptível)... foi muito ela que idealizou e... e às tantas passado pouco tempo ela veio-me dizer: “Mas eu pensava que era educadora de infância e afinal sou educadora de adultos, porque eu venho aqui ao monte, *tou* realmente com uma criança ou duas, porque não há mais, as famílias vêm assistir ao que *tou* a fazer e depois como eu sei que só volto cá para a semana, porque há tarde tenho que ir a outro monte e amanhã a outro... vou dizendo às tias, às mães, às avós como é que vão fazer o resto da semana...”

E- Como é que vão fazendo, pois.

e- “Aqui estou mais em contacto com adultos do que propriamente, diretamente com crianças”.

E- Pois com as crianças é um bocadinho mas o trabalho com adultos é mais... proveitoso.

e- É para depois multiplicar os trabalhos e tal, acho que é aí que ela faz a sua viragem (risos)... Depois também se lançou isso já, um bocadinho mais tarde porque já tínhamos verbas, do líder e tentávamos combinar também um bocado o líder, que era IN Loco com alguma atividade do RADIAL, também se tentou fazer ali algumas ligações... que foi, foram as Ludotecas, as Ludotecas itinerantes, portanto uma carrinha dessas carrinhas *maiorzinhas*... equipá-las com uma Ludoteca e então poder ir a vários pontos das freguesias, levando jogos, fazendo certas brincadeiras e até tinham um computador se não me engano, na altura, lá dentro... Isso foram atividades do RADIAL e depois o RADIAL também trabalhou com mães, na perspetiva por exemplo, de fazer

diagnósticos de alguns problemas de saúde das crianças que as mães tivessem preparadas para poderem detetar rapidamente se havia alguns problemas, portanto faziam-se também certas ações com os médicos de saúde pública e tal... houve assim uma série de ações mas depois... aaa depois houve uma altura que foi a Teresa (impercetível) que passou a coordenar a equipa do RADIAL... na fase final.

E- Hum, hum.

e- Porque os destacamentos por Lei não podia durar mais que 2 ou 3 anos... para a Direção Regional... A Associação IN Loco portanto tinha concentrado muito a sua atividade no apoio a estas mulheres que estavam a ser formadas para o auto-emprego, para criar a sua própria empresa dentro destas atividades, aaa... eee, depois quando se soube que ia ser lançado um programa europeu do desenvolvimento rural fizemos um plano de intervenção em toda a zona da serra, creio que eram 31 freguesias de início, que apanhava o Baixo Alentejo e o Algarve desde a zona de Silves até ao Guadiana, e depois desde Santana da Serra até Mértola, toda aquela zona limítrofe serrana. Foi nessa altura que lançámos uma rede de animadores porque a equipa era relativamente pequena, tínhamos de estar, na altura se não me engano, a trabalhar em 6 freguesias algarvias passado essas 6 para 31...

E- Precisavam de mais pessoal.

e- Eram multiplicar a equipa central 5 vezes, não fazia sentido, e sentimos que fazia mais sentido trabalhar em círculos concêntricos, portanto ter uma rede de animadores locais fundamentalmente... num caso ou outro não se conseguiu mas tentámos sempre através das juntas de freguesia, das casas do povo, de uma associação local, que eles nos indicassem uma pessoa que pudesse trabalhar a tempo-inteiro como animador na zona, na freguesia. De início pensou-se na freguesia mas depois a pouco e pouco começaram a concentrar... a juntar 2, 3 freguesias, achámos que já não era necessário haver só uma pessoa por freguesia aaa, e depois a equipa central dividiu o território por 5 ou 6 sub-zonas e aí cada elemento da equipa central coordenava uma sub-zona. Portanto aquela maneira de trabalhar com os animadores nos centros de animação infantil transferiu-se um bocado nesta perspectiva, a pessoa vai para lá e está um dia a trabalhar com o animador territorial da sua sub-zona, faz a tal análise, balanço, etc ao fim do dia, e uma vez por mês vamos reunir toda a gente durante 2 dias num local, local que depois passa

a ser em rotativa para ver se todos conhecem o território de todos. E nesses 2 dias semanais de formação, digamos mais estruturada aaa, cada um traz os tais problemas que foram detetados e que se considera que é bom discuti-los em conjunto, aaa convidam-se também alguns elementos de fora ou pessoas que trabalharam a questão do desenvolvimento de forma mais teórica ou um professor dos Trás-os-Montes ou de Évora ou traz-se um Diretor Geral da Agricultura ou traz-se uma pessoa que possa falar com eles sobre determinados temas e também vamos trabalhar em Workshops um determinado tipo de problemas e tal. Além de pedir ao animador do local onde a reunião se faz, que faça uma visita guiada ao seu território, que apresente o seu território aos outros.

E- Assim todos conhecerem todos.

e- Pois.

E- E qual acha que foi a importância desse trabalho, do que fez na IN Loco durante esses 10 anos? 10 anos que teve lá não foi?

e- *Tive* lá sim. O trabalho arrancou em final 85 não é, depois tive lá desde essa altura em 85 até ir para Lisboa para o grupo da Comissão em princípios de 88... 98.

E- Ah!

e- Portanto praticamente foram mais de 10 anos.

E- A IN Loco sim.

e- IN Loco 10 anos não é depois contando mais uns 2 ou 3 anos do RADIAL... quase 13 anos.

E- A importância que esse trabalho teve não só para si mas para as pessoas que, com quem trabalharam?

e- Hum. Para mim acho que foi realmente uma experiência que marca uma parte da vida, uma experiência muito marcante todos os tipos de... de transformar de certo modo ideias em coisas concretas, de passar ao concreto, de relativizar muitas das ideias que se tem e daquela impaciência que se tem e de realizar coisas e depois vê-se que a realidade

é pesada, tem “pés-de-chumbo”, que as coisas vão muito mais devagar, que as pessoas vão mais devagar, não se pode violentar, não se pode empurrar, tem de se ir ao ritmo... que essas pessoas querem ter, são elas que têm de tomar as iniciativas e fazer as coisas se não queremos fazer por elas... temos que ter mais paciência, temos que saber aceitar esse tipo de ritmos e depois... eee algumas lições que realmente se retiram não é de... da... de uma certa irracionalidade que nós às vezes pensamos que as coisas são racionais mas não são quer dizer eee... porque é que a coisa não se passa de uma forma mais simples mas realmente na realidade, nas relações entre pessoas há sempre um barulho de fundo, há sempre toda uma entropia que se estabelece dentro... eee é preciso procurar, antecipar, prever certos tipos de situações... recordo-me de uma certa situação que é um bocado anedótica mas acho que é, é, é, também exemplar de certo tipo de problemas, que às vezes são indetectáveis, que foi um dos grupos de corte e costura, que quando chegou lá a monitora, uma formadora que vinha de Lisboa aaa o grupo estava parado, paralisado, ninguém fazia nada e então porque é que não faziam nada? Porque não havia linha para cozer, para costurar... e porque é que não havia linha? (risos) E às tantas percebeu-se que não havia linha porque normalmente era uma que tinha trazido a linha até então... e tinha-se cansado, mais ninguém trazia linha, toda a gente chegava lá e havia linha e ela chateou-se porque era só ela que trazia a linha (risos), deixou de haver linha. Mas portanto, aliás havia verba...

E- Para as linhas. (risos)

e- Para comprar linhas (risos), se alguém tivesse dito não há linhas, quem é que as compra, onde é que se compram, onde se arranjam verbas... mas portanto esta incomunicabilidade, às vezes esta dificuldade de comunicação, e depois alguém que é mais generoso ou está mais motivado quer que as coisas avancem e acaba por pôr lá linha mas não avisa ninguém...

E- Pois, depois vocês também não sabem que tinha acabado (risos).

e- Então não sabiam que era só uma pessoa que estava a pôr a linha!?! Mas estava esperançasada que pelo seu exemplo as pessoas

E- [Que elas iam seguir o exemplo (risos).

e- (Risos). E como isso há situações em que a falta de transparência e de comunicação... portanto é muito difícil apostar às vezes em certas espontaneidades e é muito importante estruturar processos, portanto haver um momento em que o grupo pára “agora ninguém costura, vamos para meia hora e vamos identificar problemas, situações, equipamentos como estão, materiais, consumíveis necessários como estão, há stock não há stock...” não se pode deixar as coisas as coisas assim só... mas isso é só um caso, mas há assim muitos casos que se podem repetir que mostra uma resistência, muitas das vezes das realidades não é, e... perante projetos, planos que se possam fazer. Mas não há dúvida que o balanço final mesmo com momentos difíceis e momentos de incompreensão, mais até da parte das autoridades do que propriamente das pessoas. As pessoas no início tinham uma desconfiança grande porque nunca lhes tinham dado nada, o que é que apareciam lá estes...

E- E agora?

e- “De onde é que estes vêm, devem ser comunistas”, mas depois não ouviam discursos nem ninguém que pedisse para votar assim neste ou naquele outros diziam “estes devem ser Testemunhas de Jeová” (risos).

E- (risos).

e- Mas também ninguém os tentava converter... depois havia quem dissesse “ah mas eles vêm cá todos os dias? Estes devem ser pagos ao quilómetro!”. Então havia sempre assim

E- [Quanto mais vêm mais recebem.

e- (risos) Pois.

E- E tem saudades de alguma coisa de esse tempo, de algo?

e- Saudades! Eu nunca tenho saudades, nunca olho para traz (risos). Mas acho que foi positivo, houve uma certa nostalgia de achar que não se volta a esse tempo não é, não eu mas a sociedade como está atualmente já não... não está aberta, acho eu, a este tipo de intervenções, aliás não há programas já que apoiem atividades deste género, no interior, mesmo do ponto de vista da Europa não se vêm movimentos para reabrir programas

deste tipo de líder não é, em que se dê uma margem à sociedade civil através de associações para termos uma atividade de intervenção cívica, acho que as coisas estão cada vez mais institucionalizadas. Também foi um momento em que havia um vazio porque hoje em dia dir-se-ia “mas as Câmaras é que fazem isso, as Câmaras é que devem ter os animadores para pôr essas coisas a mexer”, na altura as Câmaras estão demasiado, pelo menos as que trabalhavam com o interior, em fazer estradas em fazer esgotos em pôr água, eletricidade, as infraestruturas que não existiam, que eram muito pouco ou eram precárias, portanto as Câmaras não estavam muito preocupadas com isso.

E- Mais com as necessidades básicas.

e- Sim, fundamentalmente era isso. Agora suponho que já não seria possível nós trabalharmos muito tempo sem dar satisfações às Câmaras, não sentimos que fosse uma grande necessidade... isso depois sai-nos caro, caro de certo como ficámos mal vistos em muitas Câmaras que uns se foram queixar

E- [Nunca vêm falar connosco.

e- Pois, “andam para ali a fazer coisas e tal”, é que por azar nós íamos normalmente trabalhar em freguesias que eram de uma “cor política” diferente da Câmara, então achavam que nós estávamos a facilitar a oposição de maneira que tínhamos queixas de docentes das Câmaras que eram do PSD, portanto trabalhar numa freguesia PS, mas também tínhamos queixas de Câmaras de PS porque estávamos a trabalhar numa freguesia de PSD. Aaa, acho que foi... a construção da equipa, o trabalho da equipa este também foi bastante importante e acho que se fez da... do, da IN Loco uma escola também de alguma cidadania, de muita gente que se criou ali e fez ali a sua escola. Houve muita gente que teve ali o seu 1º emprego, uns saíram para fazer outras coisas, outros mantiveram-se, a Priscila está lá desde os seus 19 anos e que hoje tem 44, 45. Para quem aquilo é um espaço que dá resposta a muitas das suas aspirações, de vários pontos de vista, de relacionamento, de trabalho que faz sentido não é... e também houve muitas desilusões com pessoas em quem se confiou e que depois falharam, até pessoalmente.

E- Agora falando pessoalmente, entretanto conheceu a Priscila...

e- Conhecia logo no início quando ela veio para fazer a tese de Doutoramento e passou a integrar a equipa. De início como ela tinha uma bolsa de Doutoramento entrou e nem sequer era paga pelo projeto, era pela bolsa. Depois teve que optar... ou regressar para o Minho ou ficava por cá, nessa altura já... ela ainda chegou a dar aulas na ESE também, quando a ESE começou.

E- Hum, hum.

e- Depois

E- [Entretanto conheceram-se os dois.

e- Hum, hum (risos).

E- Há uns anos! Quando é que começaram a viver juntos?

e- Casámos com comunhão de projetos!

E- (risos).

e- (risos).

E- Houve alguma coisa nessa altura que quisesse ter feito que não fez? Eu sei que não guarda saudades, que pensa muito no passado, assim mas alguma coisa na altura que quisesse ter feito e depois acabou por não fazer? A nível quer da IN Loco quer do RADIAL?

e- nunca senti que isto fosse, que tivesse a paternidade do projeto, posso ter dado um empurrão inicial e depois isto começou a ter um, ser a propriedade de muita gente... (pausa 7s) pois não sei, em relação à própria IN Loco tive sempre algumas dúvidas sobre se era de manter associação como foi criada, foi criada com 12 ou 13 pessoas, hoje em dia terá não sei, 30, 40 associados portanto é, é... e hoje aquelas pessoas externas que no início tinham sido motivadas e tinham aderido à ideia foram-se afastando, portanto a associação praticamente é de pessoas que trabalham na associação, que trabalham com associação e que têm um contacto muito regular com associação. Eu sempre... não digo que lamento mas pergunto-me se “volta e meia” se teria feito sentido apostar mais na associação como estrutura alargada, digamos assim, nas aldeias,

nas freguesias onde trabalhava, tentar mobilizar pessoas e alargar o mundo ao máximo possível, o corpo dos associados, fazer da IN Loco uma associação de massas. Isso foi tentado de vez em quando mas claro como era uma associação que era responsável da gestão, portanto das verbas, podia suscitar também muitas cobiças e quando se abre uma associação e se tem centenas de associados é muito fácil arranjar listas que depois tentam, como nas eleições, a tomar conta da associação e possivelmente poder começar a levá-la por caminhos que não são aqueles que se pretendem de início, e que se pretendem, ainda hoje não é, trabalhar em função dos interesses das populações e não interesses próprios. Portanto acho que nesse sentido nunca foi proibido a ninguém entrar mas também nunca se fez uma campanha

E- [Venham, venham!

e- (risos). Venham, venham não é! Tentar ter... se tivesse número possivelmente também teria mais força de pressão junto das autoridades, para negociação. Assim como está não é uma associação de massas é uma associação mais técnica de pessoas qualificadas, suponho que ainda... ainda hoje, pelo menos na área do desenvolvimento, da educação de adultos, deve ser das entidades que tem pessoal mais qualificado... até do que muitas Câmaras ou outros serviços públicos, há ali uma concentração grande de experiência, de qualificação. E depois a estabilidade que a própria IN Loco tem tido não é, ao longo destes anos desde a criação, basta contar quantos presidentes da república passaram, quantos governos, quantos ministros, quantos presidentes de Câmara, quantos Diretores Regionais...

E- E quantos presidentes da IN Loco!

e- (risos).

E- Não foram muitos?

e- Não. Agora é o 3º.

E- Está o Nelson.

e- Hum, hum.

E- Pois, era a Priscila agora o Nelson.

e- Hum, hum. Portanto acho que há ali uma continuidade de pensamento, de ação e de intervenção que não se vê noutros sítios não é! Claro que essa continuidade não é absoluta porque é... e é um problema porque esse também nunca se viu como se podia resolver que é a associação não ter autonomia financeira não é!

E- Pois.

e- E certamente também não era com uma associação de massas que se conseguia não, não... uma associação normalmente não vive das quotizações.

E- Das quotas, pois.

e- E, e, como não tem uma autonomia financeira é impossível ter uma estratégia definida e estável porque vive muito “ao sabor” dos programas. “Este ano vamos apoiar isto, para o ano *pó* outro” e a associação tem que andar “ao sabor”...

E- Também depois fazem um bocadinho... as atividades que têm depois têm que se mobilizar conforme as verbas que existem não é?!

e- Pois! De início os programas não eram tão paranoicos como eram agora, e haviam umas margens onde a gente fazia o que eles queriam mas também podia fazer mais qualquer coisinha que nos parecia que... uma estratégia como te disse há bocado, de fazer Educação de Adultos dentro da formação profissional porque havia tempo, havia possibilidades... Hoje em dia os programas já são de tal modo formatados que...

E- É mais difícil de contornar.

e- É. É!

E- E depois vai para Lisboa porque saiu da IN Loco ou saí da IN Loco porque vai para Lisboa? (risos).

e- Saio da IN Loco porque vou para Lisboa (risos), pois, pois. Porque é

E- [Nessa altura depois já estava junto com a Priscila ou não?

e- Sim, nós começámos a viver juntos logo em 85 ainda antes de arrancar o RADIAL... no Verão foi... foi, ela veio logo “para baixo”... ela veio “para baixo” no final de Julho que ela deixou a casa do Porto e fez a mudança “para baixo” e começámos nessa altura a viver juntos, em Faro. Aaa foi em 95... em 95 foi o 1º Governo de Guterres eee... e 2 anos antes talvez, a Ana Benavente com mais uma equipa tinha feito um estudo nacional da literacia em Portugal, e tinham apresentado os resultados em 95. Realmente era bastante desastroso o que se mostrava lá sobre as capacidades de literacia da população adulta portuguesa e tal... e hoje estava convencido que em 95 a vinda do Guterres e com a nomeação dela como Secretária de Estado, se ia arrancar com qualquer coisa a sério, no campo da Educação de adultos... mas não... arrancaram com um grande programa para o pré-escolar, uma rede de pré-escolar aaa e foi só em 97 que ela como Secretária de Estado chefiou a Delegação de Portugal à 5ª Confeiteia, em Hamburgo, Julho. E nessa altura ela telefonou-me e convidou-me para integrar a Delegação em Hamburgo... e então conversámos um bocado na viagem até lá, ela também viu que estávamos atrasadíssimos na Educação de Adultos porque a ideia é um bocado de que a Educação de Adultos é coisa para os países atrasados, começaram a ver que não, que na Confeiteia apareciam imensos delegados e representantes dos Governos europeus, que vinham há, que tomavam a palavra e falavam das reformas recentes na área da educação de adultos e nos diplomas que estavam a surgir, as novas reformas na educação de adultos... isso acho que lhe deu algum peso para convencer o ministro aaa, a fazer qualquer coisa pela educação de adultos e então ela conseguiu, pelo menos a autorização, para criar uma comissão e para preparar um documento, uma proposta do que seria uma nova política pública para a educação de adultos. E portanto a Confeiteia foi em Julho e em Setembro sai um despacho constituindo uma equipa e pede-me para coordenar essa equipa e para ter o trabalho pronto até ao fim do ano. Portanto aí acreditei que a coisa era assim

E- [Que era a valer!

e- Era a valer... realmente em 3 meses apresentámos aquele documento de estratégia (tosse)...

E- Roxo!

e- É, roxo (risos). Mas continuavam a dizer “sim, senhor” mas verbas nada!

E- Foi complicado fazer ooo

e- Não, acho que não foi muito complicado, tivemos 2... era uma equipa de 5 ou 6... sim... reunimo-nos uma 1ª vez acho que ainda foi em Lisboa com ela, e depois ela saiu e ficámos nós a trabalhar para definir a estrutura do documento, chegámos à conclusão que não íamos passar 3 meses juntinhos a escrever em 12 mãos e portanto estabelecemos os capítulos e definimos, e depois combinámos um encontro assim mais ou menos a caminho, entre Porto e Lisboa porque havia malta do Porto, Coimbra e Lisboa (tosse) nas termas da Cúria, passámos lá um fim de semana, creio que prolongado, uns 3 dias, aí já com o trabalho alinhavado que todos tinham feito, para ler o trabalho para comentar sobre cada capítulo e tal, para que todos tivessem alguma participação em todos os capítulos dos outros que aquilo não fosse “uma manta de retalhos”... e depois estabelecemos ainda um prazo até princípios de Dezembro, para toda a gente mandar os seus capítulos e depois eu passei ali as férias de Natal e Ano Novo aaa, a redigir o texto.

E- Então nessa altura saiu da IN Loco foi para Lisboa mas não foi para Lisboa? Continuava aqui em Faro?

e- Continuava aqui em Faro e tinha saído da IN Loco também. Em 97 quando isto aconteceu ainda não tinha saído da IN Loco, depois o relatório da comissão foi entregue à Secretária de Estado e eu continuei na IN Loco e depois já devia de ser para aí em Março, Abril que ela me contacta a dizer que finalmente tinha conseguido algumas verbas e alguma abertura política, porque o Ministério do Trabalho e da solidariedade Social também se identificava com aquele documento, aquela proposta e portanto que queriam fazer o trabalho a dois. Depois é nessa altura que passa de Educação de Adultos para Educação e Formação de Adultos, a expressão, porque significa também que há trabalho em conjunto e o Ministério do Trabalho e da Solidariedade comprometeu-se apoiar financeiramente atividade de um grupo de missão, que ia ser constituído, para pôr o documento em aplicação eee é nessa altura que então sou convidado a ir para Lisboa para chefiar esse grupo de missão, a tempo-inteiro, sediado no Ministério da Educação mas também já com gente que vinha do Ministério do Trabalho, que eles também destacaram pessoas para que a equipa fosse mista. E para começar o trabalho digamos dos alicerces desse edifício de Educação de adultos, estava ali alinhavado no relatório, no tal livrinho, e é quando deixei a IN Loco, deixei Faro para, e fui alugar uma

casinha em Lisboa e foi a partir de Maio, Maio de 98, finais de Abril princípios de Maio. Daí todo o trabalho de grupo da missão, fizemos quê?! Fizemos muitas reuniões entre nós começámos a estabelecer uma determinada estratégia, fizemos workshops em que convidávamos pessoas de outros serviços normalmente de outros ministérios, e trouxemos pessoas da Irlanda, da Escócia, da Inglaterra, da França, que nos parecia que tinham um trabalho um pouco mais avançado, sobre o aspeto das qualificações, das competências... e ao mesmo tempo encomendámos o referencial de competências a uma equipa onde estavam pessoas o Porto, do Minho... e fizemos também alguns contactos num outro tipo de linhas no programa, porque aquilo eram umas 10 linhas, mas algumas não avançaram mais, não houve vontade política para isso que era criar um, uma unidade digamos assim, de produção de materiais didáticos para adultos que seriam distribuídos à distância ou também baseados em material informático para que os adultos tivessem acesso a materiais que não existiam em Portugal, portanto para fazermos formações precisávamos materiais que não eram os escolares que nos interessavam.

E- Pois.

e- Ainda encomendámos também alguns vídeos de vulgarização científica. Alguns foram feitos só que nunca foram depois distribuídos *né!* Portanto, e criámos algumas equipas regionais que estabeleceram no... o principal trabalho do, na comissão, pelo menos foi o que deu mais trabalho e mais chatices eee foi criar a ANEFA. Portanto trabalhar numa Lei... num Decreto de Lei! Estabelecendo atribuições da ANEFA e tudo isso e tentando vencendo uma série de obstáculos que apareceram sempre pelo caminho, que a altura já era chamada também de contenção orçamental, não se podem criar mais institutos, não se vai criar mais coisas novas... (risos), mas finalmente lá se conseguiu, mal ou bem, não exatamente tudo o que se queria que a ANEFA fosse constituída no papel, em Setembro de 99 e depois que se criasse a comissão instaladora e a direção e começou a funcionar praticamente em Abril.

E- Aí já não fez parte?

e- Não! Toda a gente estava à espera que eu fizesse não é, só que eu não quis (risos).

E- Não quis!

e- Por um lado não queria continuar em Lisboa, já era um sacrifício imenso aqueles quase 2 anos, andar para cá e para lá... e depois também me via mais como iniciador de um certo número de ideias como arquiteto e não como engenheiro civil.

E- Exato.

e- E eu sei que havia pessoas com mais competências e mais paciência, com mais determinação para porem a “casa de pé” e acho que a (impercetível) fez um bom papel nesse sentido. A (impercetível) com quem já tinha trabalhado na DGEP. A (impercetível) por ser ela a Presidente, depois foi buscar o José Alberto Leitão que tinha sido o homem do recorrente, e sempre foi um tipo com capacidade de trabalho, de realização. Acho que fizeram uma boa equipa os dois, bastante diferentes um do outro e conseguiram em muito pouco tempo realmente, a pôr a funcionar coisas que eram bastante complexas não é, e que tinham ficado só no plano, no projeto mas depois que era preciso construir com “tijolo, pedra e cal”.

E- E os resultados deste trabalho de 2 anos foram os esperados? Era aquilo que estava à espera ou de certo modo ficou desiludido com alguma coisa?

e- Ah... Por um lado com um país como o nosso e com a experiência que eu tenho vivido da educação de adultos, o fato de as coisas terem finalmente aparecido foi um motivo de satisfação não é. Nunca tinha havido um instituto dedicado à educação de adultos e apareceu a ANEFA eee foi possível com verbas do Fundo Social Europeu, o garantir o funcionamento de Centros de Reconhecimento de Validação e Certificação de Competências aaa devidamente estruturados e financiados entregue a entidades da sociedade civil, de início. Só havia um que era num Centro de Formação Profissional do Seixal os outros eram entidades da sociedade civil, as escolas ainda não tinham entrado nesta rede... o facto de também os cursos EFA serem dos cursos e do Centro de Reconhecimento de serem muito baseados fundamentalmente em área de conhecimento em áreas, em grandes áreas como a matemática para a vida, a linguagem e a comunicação, de termos conseguido fugir das disciplinas escolares também foi algo muito a meu ver positivo. Tentar marcar essa diferença com o figurino escolar não era, não tinha sido fácil, acho que foram assim algumas vitórias que se conseguiram... depois acho que foi um choque quando no Verão de 2002 acabam com a ANEFA e praticamente volta quase tudo à “estaca zero”, corta-se de novo o vínculo com o

Ministério do Trabalho e da Solidariedade, passa tudo a funcionar no âmbito de uma Direção Geral da Educação que não sabe bem o que é a educação vocacional... as medidas felizmente já estavam minimamente consolidadas e não foi possível acabar assim com elas, os cursos EFA estavam a funcionar muito bem, os centros também e havia uma grande procura pelos centros, também aaa... outras medidas que me pareciam importantes não foram por adiante.

E- Como?

e- A ideia de criar a rede de Clubes Saber+, que eram os passos mais ou menos informais de... que seriam constituídos dentro de instituições existentes, podiam ser onde as pessoas normalmente aderem desde a Centros de Saúde até a salas de espera de Hospitais, nas Juntas de Freguesia, nas Casas do Povo, nos Centros de Segurança Social, haver sempre um espaço dedicado à educação de adultos, portanto de mobilização e de informação com revistas, com material e regularmente ter lá também um funcionário da casa que fosse formado para falar às pessoas sobre a oferta existente da educação de adultos “Sabe o que é um centro de reconhecimento?”, fazer um papel ali de motivação e de informação... isso estava pensado mas nunca avançou. Depois também a tal unidade de produção de materiais didáticos também nunca avançou. Os concursos nacionais de boas práticas que arrancaram no tempo ainda do grupo de missão e depois ainda no tempo da ANEFA houve mais dois, acho que se fizeram 3 anuais que era dar prémios a boas experiências de educação de adultos no país, a ideia não era tanto dar os prémios mas dar a conhecer o que se estava a fazer e portanto recolher uma série de candidaturas em que as entidades se candidatavam e que diziam que cursos ou que atividade é que estavam a levar a cabo, no campo da educação de adultos, quer mais formal ou mais não-formal ou mesmo informal mandando-nos materiais, mandando-nos alguns depoimentos, às vezes faziam vídeos e etc, etc, para testemunhar o trabalho que faziam e depois isso era apreciado por um júri e esse material ficava lá na ANEFA, primeiro foi no grupo de missão depois foi na ANEFA. E aaa, as experiências recebiam um X, acho que no tempo do grupo de missão suponho que na ANEFA depois era a mesma coisa, tínhamos uma verba de 50 mil contos para o concurso e em vez de dar um prémio assim a um decidiu-se aos 50 melhores dar mil a cada um, portanto não havia assim ideia do super-campeão, mas aqueles que realmente tinham qualidade e tinham mostrado um esforço importante para receber aquela verba, e por outro lado aquele

material ficar lá para ser trabalhado pelos técnicos de lá e a partir a ver se tirava alguma coisa... até para a tal futura unidade de produção de materiais didáticos em que se pudesse ir ali buscar coisas boas para depois disseminar, e era uma maneira de pôr efetivamente as entidades formadoras a contribuir... isso depois também parou... depois acho que houve uma certa derrapagem no sentido de dar demasiada importância aos Centros de Reconhecimento e Revalidação de Competências, depois passaram a chamar os CNOs...

E- É a única coisa que há agora!

e- Pois. E havia a dita qualificação que na estratégia inicial era um elemento importante mas não era de modo nenhum central, era mais um meio entre outros, de chamar as pessoas “Vocês venham à formação, vocês precisam de formação mas

E- [“Nós depois vos damos

e- [“o que falta...” mas portanto em vez de se fazer como se fazia anteriormente, que era de certo modo “Vocês querem vir à formação digam lá que qualificação é que têm? Têm o 2º ano inscrevam-se no 3º”, portanto a ideia era dizer-lhes que “venham à formação que vai ser tomado em conta tudo aquilo que vocês aprenderam de forma formal, não-formal, informal, vamos tentar, vamos realmente ter um processo relativamente longo em que se tenta saber tudo o que vocês sabem em função de um certo referencial existente se quiserem uma eventual equivalência, se quiserem então passam por este filtro que de certo modo é necessário” e então só foram à formação daquilo, das lacunas, “nesse sentido reconhece todo o esforço da auto-formação até agora feito, independentemente de terem ou não diploma, isso não nos interessa, interessa-nos aquilo que vocês sabem e sabem fazer e depois vão só ter que aprender aquilo que vos falta para chegar a estes patamares que nós consideramos indispensáveis para se poder socialmente reconhecer um nível X ou Y de qualificação, seja o básico 1, o básico 2, o básico 3, seja o secundário”. Mas o fundamental digamos, era mesmo a formação e a consciência que as pessoas tivessem que era necessário saberem sempre e cada vez mais.

E- Pois. Que importância teve para si este trabalho enquanto profissional e pessoal?

e- (risos). Eu acho que foi muito importante no sentido que tinha havido sempre uma certa frustração com aquela saída em 76 em que o trabalho ficou por fazer. Tinha-se começado coisas mas eu gostaria de ter ficado mais tempo para avançar e aprofundar um determinado número de coisas. Depois quando voltei a Portugal e trabalhei no desenvolvimento local acho que foi continuar aprofundar o mesmo trabalho mas num gabinete da administração pública, mas numa intervenção tipo comunitário não é e em presença com as realidades e a aprendizagem que daí veio, que depois de certo modo pude aplicar numa segunda experiência que tem algo de comum com a de 74-76 embora em contextos políticos e sociais diferentes para um Portugal já muito diferente. Acho que faz sentido, dá algum sentido esta fase final, posso dizer final do ponto de vista profissional que foi praticamente numa fase final da minha vida como funcionário público...

E- Quase!

e- (risos). Poder pôr algumas destas medidas que tinham sido de certo modo esboçadas em 74,75,76 e acho que incompreendidas e de certo modo consideradas como algo que tinha a ver com a revolução, com o espírito revolucionário, etc... e desta vez acho que foi possível reintroduzi-las numa perspetiva que foi mais facilmente aceite embora se

E- [Foi levado mais a sério não é?!

e- Foi, foi. Com mais base possivelmente pedagógico, que as pessoas também já estariam mais abertas a algum tipo de novidade ou de inovação até porque na educação de adultos não se tinham dado praticamente avanços, bastava olhar para as estatísticas e ver que as coisas iam piorando.

E- Depois entretanto também passaram uns 20 anos e não só, as pessoas esqueceram um bocadinho aquele radical do 25 de Abril e, mas também teve outras experiências que também o ajudaram a consolidar aquilo que queria?!

e- Acho que sim. Acho que sim. Que quando trabalhei em 74-76 era muito à luz de ideias não testadas não é, e por vezes é mais difícil argumentar quando não tens uma base real em que te possas sustentar e acho que aqueles 12-13 anos de trabalho na comunidade me deram mais firmeza nas convicções, deram-me mais, melhor convicção

na necessidade daquele tipo de medidas, por exemplo o ligar a educação geral com a técnica acho que é fundamental como os cursos EFA que foi na perspectiva de que o adulto não tem, não faz sentido nenhum ir à escola à noite para tirar o 5º ano e depois ir a um Centro de Formação Profissional para tirar um nível 2 ou 3 profissional e que é preciso integrar essas formações e serem dadas no mesmo sítio, no mesmo processo... por outro lado não faz sentido nenhum o adulto começar do zero e ir até ao fim de uma formação se ele já sabe metade ou mais de metade daquilo tudo que vai ser dado e se já o fez, já o praticou, já o mostrou na sua própria profissão ou na sua vida social, portanto também faz todo o sentido haver uma fase inicial em que com o adulto se possa trabalhar no sentido dele próprio reconhecer aquilo que foi aprendendo e como isso já é um passo decisivo na motivação desse adulto para continuar aprender e ultrapassar todo aquele complexo, muitas vezes de inferioridade e de falta de confiança que as pessoas têm, porque falharam na escola e portanto não sabem, não têm capacidade para aprender, não são capazes, a prova é que chumbaram... e isso é muito importante essa possibilidade de ultrapassar esse tipo de obstáculos... Agora claro que as coisas estão longe da perfeição, cada vez mais... os cursos EFA nunca foram exatamente aquilo que se queria, nunca houve aquela integração que se pretendia entre as duas dimensões a educação digamos geral e a parte mais técnica, do lado da educação houve mais flexibilidade, o Instituto de Emprego manteve o seu figurino muito escolar, relativamente à formação que se faz e... está muito formatada e inflexível, pelo menos estava agora não sei como é que é, não tenho acompanhado... Há, há, há aquela inovação dos Centros de Novas Oportunidades Profissionais que me parece bastante importante e que se tinha pensado também desde o início, que faz todo o sentido, se a pessoa pode ter o 9º ano ou 12º por esse processo também certamente poderá ter o certificado de eletricista, se já foi eletricista durante 30 anos e se teve um esforço de auto-formação e se tem acompanhado os progressos técnicos, tecnológicos de eletricidade e etc, e se puder demonstrar... claro que aí também funcionará um referencial e também se lhe poderá dizer que ainda falta isto ou falta aquilo mas de qualquer modo considerar essa aprendizagem é fundamental.

E- Depois disso voltou para fora outra vez?

e- Depois disso voltei para Faro e já não voltei para a Associação IN Loco que nessa altura a Universidade não deixou.

E- Pobre Sócrates!!! (risos).

e- (risos). Eu estava lá emprestado. Fui chamado para coordenar o Sr. Sócrates.

E- Muito bem... Como é que foi então? Ainda foram uns anos, uns 7 anos!

e- Hum, pois!

E- O Sócrates tem a ver com a mobilidade não é?

e- O Sócrates era um programa...

E- Acho que ainda há!

e- Agora não.

E- Não!

e- Não. O Sócrates acabou

E- [Mas há pouco tempo!?

e- Era um programa dentro do qual havia outros programas que era o Comenius para as escolas, o Erasmus para as Universidades, depois acabou o Sócrates e passou a chamar-se Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida.

E- Ah ok!

e- Também com os mesmos sub-programas, também com Erasmus, também com o Comenius aaa um outro sobre os media, o Leonardo Da Vinci para a formação profissional. Portanto eu depois na Universidade estive a coordenar estes programas europeus.

E- O que fazia lá?

e- (risos).

E- Nunca chegou a dar aulas na Universidade ou chegou?

e- Sim. Depois ainda me ocupei de um Mestrado de Educação de Adultos.

E- Durante estes anos que lá esteve?

e- Logo ao princípio mas foi um certo falhanço, a meu ver, porque não havia uma equipa de pessoas realmente interessadas e...

E- Na Educação de Adultos!

e- Na Educação de Adultos! Aquilo foi feito pela Universidade em Gambelas através da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

E- Com a Helena Quintas?

e- A Helena Quintas na altura estava fora, estava a fazer o Doutoramento, portanto foram pessoas da Sociologia de lá da, foram pessoas da Pedagogia aaa veio também alguém da Economia. A parte curricular passou-se mais ou menos mas não... não havia ali uma grande coerência, também não havia...

E- Se calhar não havia pessoas que tivessem trabalhado na Educação de Adultos.

e- A equipa era boa, a equipa dos mestrandos era boa, eram pessoas com experiências muito sólidas e faziam-se uns debates importantes mas acho que, que, foi um certo falhanço também pelo facto de eu não ser um professor aaa, tinha sido professor no politécnico mas eu tinha entrado no Ministério da Educação como funcionário, portanto técnico superior, na altura chamava-se assim... que é uma carreira da função pública e eu nunca quis ser outra coisa, quis continuar a ser da função pública nunca me interessou ser académico e depois claro que a minha... aquilo é como um quartel, um sargento não pode dar ordens a um general e portanto numa Universidade a carreira técnica é sempre considerada abaixo da carreira técnica, e portanto mesmo quando eu não estava de acordo com algumas orientações do Mestrado não me competia a mim...

E- Dizer.

e- Dizer... ou se dissesse também não iam ligar.

E- E então foi um Mestrado que não correu muito bem.

e- Eu acho que não! (risos)

E- Só houve esse ou foi quê, durante 2 anos?

e- Foi 2 anos foi. Depois ainda fui dar aulas a umas Sextas à noite e Sábados de manhã ainda fui a Beja porque eles ainda fizeram uma edição do Mestrado em Beja. Portanto aquele módulo de que eu me ocupava (tosse)

E- Que era qual?

e- Era a Educação de Adultos (risos).

E- Ainda foi dar aulas a Beja.

e- Ainda fui dar a Beja e ocupei-me desse módulo aqui também.

E- Ok. Entretanto esse foi um part-time que teve

e- [Depois por exemplo andavam à procura de orientadores para as dissertações de Mestrado, era uma dificuldade porque não havia, queriam que fosse eu mas eu não podia ser orientador porque não era professor nem tinha Doutoramento.

E- Pois é isso! É como agora que não podem ser.

e- Pois. De modo que a coisa não era nada fácil.

E- Pois porque tinha que ter alguém por detrás doutorado.

e- Pois.

E- O Joca é da Sara mas o Joca tem o Fragoso por detrás.

e- Ah, pois! (risos)

E- Não podem ser também.

e- Hum, hum. Depois... ah, depois ocupei-me de várias coisas ao mesmo tempo também... algum trabalho com a Animar, Associação Nacional de Desenvolvimento Local.

E- O que fazia lá, o que fez com eles?

e- Estive na Direção bastante tempo depois ainda cheguei a ser Presidente da Direção uns tempos aaaa organizar as manifestas que são reuniões que se fazem... na altura era uma bienal de desenvolvimento local que se tentava reunir o máximo de projetos e instituições durante 3 dias para dar uma certa visibilidade à sociedade civil e ao trabalho da sociedade civil nestas áreas de desenvolvimento, e acho que as primeiras tiveram bastante força inclusivamente esta aqui em Tavira foi bastante importante em 2001... as últimas têm perdido mais fôlego, acho que há coisas ou que crescem ou estar a manter o mesmo figurino anos a fio começa a perder energia.

E- Falta o facto surpresa. Ok e no Sócrates... o Sócrates (risos).

e- Sócrates (risos).

E- O que é que fazia lá? Coordenava os programas?

e- Aquilo chamava-se o gabinete de apoio ao programa Sócrates de início, depois passou a ser os programas europeus porque já havia mais coisas para além do Sócrates, mas ainda continuavam a telefonar para lá “ah é do Gabinete do Sócrates?” (risos).

E- (risos). Nessa altura ainda não havia o Sócrates!

e- E era um trabalho muito administrativo, não havia muita criatividade quer dizer a moça que trabalhava comigo pegou naquilo a sério e continua a ser uma pessoa muito dedicada, muito profissional.

E- Basicamente o que fazia era encaminhamento porque aquilo tem a ver com alunos que querem fazer Erasmus, alunos e não alunos porque o Da Vinci não precisamos estar a estudar não é?

e- Hum, hum. Estágios profissionais não é, receber as pessoas, ver os programas que estão disponíveis, candidatar aos programas que em muitos casos é preciso ver que verbas é que se conseguem, quantas bolsas é que se conseguem dar com essas verbas e depois uma seleção dos candidatos e todo o trabalho de acolhimento que ainda era maior porque nós estávamos a enviar um terço dos alunos que recebíamos.

E- Ah vocês também recebiam os estudantes que vinham para cá!

e- Exato. Esses normalmente dão mais trabalho porque é alojamento...

E- Era integrá-los.

e- Hum, hum.

E- E algumas das coisas que vivenciou antes transpôs para aqui, para este Gabinete? Por exemplo a nível da Universidade que também fazia do Gabinete as relações internacionais, as viagens que teve, as experiências que teve.

e- Ah, a questão das línguas, de poder falar com um ou outro, às vezes alguns contactos com outros colegas que faziam este trabalho noutras Universidades. Nós tínhamos possibilidades de fazer umas visitas a outros locais, por acaso nunca... fiz uma vez mas nem sequer foi ao abrigo das bolsas que davam da mobilidade para funcionários, porque estava em Bruxelas e resolvi telefonar à senhora que contactava muitas vezes para nos conhecermos pessoalmente e era importante muitas vezes, este contacto pessoal ajudava muito, facilitava muito a resolver certas, certos problemas, certas questões. Mas foi, não foi graças a mim mas foi um momento de multiplicação deste tipo de atividades, tanto em números, as coisas cresceram bastante em números dos que vinham, dos que partiam aaa como também uma certa diversidade de medidas e de programas que começaram depois a surgir Mestrados especiais no âmbito do Erasmus, Mestrados inter-universidades, portanto 3, 4 Universidades juntam-se e oferecem o mesmo Mestrado aaa até para estudantes fora da Europa, a possibilidade e a Universidade do Algarve integrou bastantes destes programas, que foram colocar as Universidades em redes, em que passou a receber gente do Cazaquistão, da China, da Colômbia, da Namíbia sei lá... do Iraque (risos) começaram aparecer lá pessoas de todos os feitios e vestidos de outras maneiras, acho que foi uma abertura muito interessante eee, e o trabalho no fundo, uma boa equipa neste tipo de programas é uma equipa que não se vê porque faz todo um trabalho invisível para que as coisas funcionem sem atritos não é. Quando se vê é porque há algum problema normalmente “Quem é que se esqueceu de fazer isto...” (risos).

E- (risos). Como é que sai da Universidade e vai parar à Dire... ao Instituto do Emprego?

e- (risos).

E- (risos). Como se sai de uma vida para... para Delegado Regional do IEFPP? Hum?

e- Estranho! (risos)

E- (risos) Explique lá isso! Como é que isso aconteceu?

e- Porque me pediram! Um dia apareceu-me lá um senhor representante do partido governamental a dizer que queria muito que eu aceitasse o cargo de delegado regional do IEFPP e eu disse-lhe que não fazia muito sentido (risos)... aaa, é um fato que tinha trabalhado muito com o IEFPP, estes cursos todos tinham sido feitos com o IEFPP e eu conhecia bastante bem o IEFPP de fora, e conhecia bem alguns dos delegados que por lá tinham passado com quem pessoalmente um que esteve lá mais tempo e com quem eu me dava, volta e meia ia lá visitá-lo, conversava com ele e ele também dava aulas nas Gambelas, Faculdade de Economia. Aaa portanto era uma questão de 3 anos. Conhecia bem... ele disse-me que a senhora ia ficar, a delegada adjunta, que era a sub-delegada como se chamava acho que, também era uma senhora que estava lá há muitos anos e conhecia aquilo por dentro e por fora e ela ia ficar e veio falar comigo quando já se sabia que eu tinha sido contactado e fez bastante força porque não tinham gostado muito da pessoa anterior e estavam com muito medo que viesse mais um (impercetível), e que faziam confiança e que ela iria apoiar incondicionalmente se eu viesse aaa também me pareceu que ela era bastante transparente nesse sentido, que ela não se sentia de modo nenhum que estava ser ultrapassada porque ela preferia manter-se como sub-delegada, nunca foi pessoa que gostasse muito de ir para cima dos palcos, eu também não! Mas quando é preciso (risos), fazer discursos e tal ela não ia muito nessas cenas mas trabalhava era muito lá dentro. Dominava aqueles dossiers todos, aquela legislação toda, aquelas medidas todas... e o que eu estava a fazer na Universidade era esperar pela reforma, também não tinha assim grandes perspetivas... era um trabalho administrativo, um trabalho de apoio aos programas europeus de maneira que achei que era mais um desafio e ia ver como era e também se não gostasse a porta estava aberta para voltar a sair.

E- E o que faz um Delgado Regional?

e- Faz menos do que eu pensava! (risos)

E- Pronto (risos).

e- Porque pensei que tivesse alguma margem de manobra mas não tinha. Executa tudo o que é decidido em Lisboa e portanto é praticamente uma caixa de correio, recebe coisas de Lisboa, reenvia aos Centros de Emprego ou ao Centro de Formação Profissional, reúne regularmente com os Diretores do Centro de Emprego a quem transmite toda uma série de informações, medidas, determinações do Conselho Executivo de Lisboa, de maneira que não me lembro praticamente coisa nenhuma que pudesse ter tido a minha marca (risos). Mas isso também de certo modo já tinha acontecido com os programas europeus lá na Universidade, também não vejo que tivesse tido a minha marca exceto talvez na maneira de trabalhar em equipa e creio que isso lá na Delegação também tenha sido notada a maneira de trabalhar com toda a gente!

E- Hum. Há de tudo, durante quase 10 anos e não foi só, no Sócrates também, é isso que está a dizer , não deixar a marca, não ter assim uma coisa que fizesse e sentisse que isto é meu!

e- Não. É um facto é! (risos). Não foi trabalho criativo, não foi trabalho de autor digamos assim. Praticamente desde que deixei o grupo de missão passei aquilo que fazia institucionalmente não é.

E- A coisas burocráticas.

e- Hum, hum.

E- Administrativas, coisas chatas!

e- (risos).

E- E depois acabou e foi para a Universidade durante uns meses certo?

e- Sim aí foi mesmo... voltei para lá em finais de Setembro. Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro tinha 4 meses para chegar ao limite de idade, portanto também já não voltei ao Gabinete dos programas europeus, não fazia sentido. Ainda me pediram para fazer um pequeno relatório sobre o problema de emprego dos jovens licenciados e organizar uma reunião que depois ainda se fez já depois de eu ter-me reformado, acho que se fez em Março ou Abril e eu reformei-me no final de Janeiro. Um encontro sobre

esse problema do emprego dos jovens licenciados depois foi quase um passar de tempo...

E- Pois. Logicamente esses últimos anos foi de espera, já não foi tão...

e- Não! (risos).

E- Durante este tempo todo sempre teve dificuldade em se classificar e agora pergunto quem foi a nível profissional o Alberto Melo?

e- Hum... Quem foi?

E- Quem foi *né* até se reformar. O Alberto Melo está aqui mas quem foi a nível profissional (risos)?

e- (risos). Pois eu costumo dizer que trabalhei desde sempre na Educação de Adultos aaa, a vários níveis... a nível de conceção de medidas, de programas, de estratégias dentro da administração pública. Trabalhei também a nível de docência em alguma investigação, a nível de comunicação também escrevi bastante e fiz várias comunicações.

E- Vários jornais...

e- Vários jornais (risos), várias revistas, seminários, etc. Agora já compilei esses trabalhos todos.

E- Já acabou!

e- Já acabei a compilação. Ainda não está... ainda não imprimi o final, final, mas...

E- Já está quase pronto.

e- Já está portanto alinhavado. Depois também a nível de intervenção comunitária não é, de intervenção cívica (sopro)... mas acho que foi tudo feito numa perspetiva de apoiar a construção de cidadãos, a formação de cidadãos.

E- Do arquiteto!

e- (risos). Do arquiteto... arquiteto de situações potencialmente educativas, ser a pessoa dentro delas e com vontade de se formar, que se possa formar, mas não numa transmissão direta que não acredito muito nela acredito mais em que se possam criar e proporcionar processos e dinâmicas que serão educativas depois de todos nela entram, com olhos abertos e com vontade de se aperfeiçoar porque há os ignorantes que pensam que sabem tudo e depois há os que sabem que não sabem mas estão abertos a saberem e esses são os mais sabedores...

E- E que trabalho ou responsabilidade ou função, o que é que o marcou mais em Portugal? Se calhar também a nível político.

e- Que função é que me marcou mais?

E- Sim!

e- Hum.

E- Sem falar das saudades é claro!

e- (risos). Acho que foi de (pausa 7s) acho que apesar de... acho que foi ser Presidente da Associação IN Loco! Que me marcou mais, suponho que a nível nacional serei mais reconhecido pelo trabalho a nível nacional portanto pelo... os mais velhinhos por ter sido Diretor Geral da Educação Permanente mas os menos velhinhos por ter estado no grupo de missão que iniciou estas inovações não é... essas serão as coisas que tenham marcado a sociedade portuguesa suponho eu... mas acho que a mim deu-me mais, marcou-me mais este trabalho na Associação, trabalho mais direto o outro trabalho foi sempre um trabalho um bocado à distância não é, tomar decisões, estabelecer certo tipo de processo que eventualmente venham a ter impactos mas isto tu não sabes quer dizer, enquanto que num dia-a-dia de intervenção tendo imediatamente *feedback* e estar nas coisas, e alteras e revês e avalias e partilhas certos descontentamentos e certas frustrações, é tudo muito no dia-a-dia, no imediato. Estas coisas assim mais à distância dão alguma satisfação quando vou a um seminário e ouço uma pessoa que também me conhece e que diz que por ter passado pelo processo de reconhecimento de revalidação de competência para ela foi um renascer, sentiu-se outra pessoa, sentiu-se que realmente não era a tal ignorante que pensava e que afinal tinha aprendido tanto na vida

e tinha ganho tanta confiança a fazer o processo e tal, e não sinto que é graças a mim mas sinto que tive lá um “dedinho” também!

E- Deixou a marca! (riso)

e- (risos). Isso é!

E- E agora que está reformado já a 1 ano e tal ainda não parou quieto, certo?

e- (risos).

E- O que tem feito e que gostava de fazer mais ainda?

e- Olha eu já uns tempos antes em que me preparava para a reforma e me diziam que um dos privilégios da reforma era não fazer projetos. Quando me perguntavam: “O que é que vais fazer na reforma?”, é precisamente o não ter projetos é um privilégio de maneira que não tenho projetos (risos).

E- Mas tem sempre coisas para fazer.

e- Fiz um, fiz aquele da coletânea de textos que tinha escrito e tal, descobri alguns de 1970. Portanto são 40 anos de escritos são... espera aí que vou...

e- Comecei animar um grupo na Universidade Sénior de Loulé uma vez por semana, quarta-feira, um grupinho sobre temas atuais de economia política e agora pediram-me para ser Presidente da Direção da Associação dos Amigos do Alentejo, como sou amigo do Alentejo...

E- Vai aceitar.

e- Passei a ser Presidente.

E- Ah já é! Parabéns por ser Presidente. (risos)

e- Exato (risos).

E- Se fosse Ministro da Educação (ou qualquer coisa do género), que lhe desse algum tipo de poder de decisão a nível de educação pessoalmente de adultos, o que faria hoje em Portugal?

e- Eu gostava era de... de desconstruir as escolas porque acho que este formato de escola já deu o que tinha a dar... haver assim uns espaços fechados mais ou menos inspirados pelos conventos ou pelas prisões ou pelos hospitais esses aspetos, essas instituições onde se é suposto transmitir conhecimentos dentro de 4 paredes, isso não faz sentido nenhum e que não me admira que os miúdos reajam aquilo e que hajam tão maus resultados escolares e que os professores estejam mais que chateados e os alunos mais que chateados eu acho que tem tudo a ver com o contexto em que as coisas se passam... e acho que deveria haver efetivamente espaços de aprendizagem de uma maneira mais flexível e até mais especializada em função dos interesses das crianças, ao menos a partir aí dos 10, 11 anos em que se faz já uma certa identificação de interesse não é, em função de espaços de produção onde se fazem coisas, e podem-se fazer coisas à volta do desporto, podem-se fazer coisas à volta da exploração da natureza, podem-se fazer coisas em torno de várias expressões artísticas, de várias formas de arte, música, pintura, de vários tipos de artesanato, de jornalismo e trabalhar muito em função de espaços de produção e associar a esses trabalhos de produção espaços de aprendizagem mais formal que tenha a ver com atividade em curso e que não seja, que essa transmissão de conhecimentos não seja feita só por si só, seja muito apoiada pela aplicação, pode ser espaços laboratoriais, experimentais, na área das ciências, na área da observação dos astros, de uma serie de coisas mas sempre muito apoiado na matemática e na prática. E depois também para não especializar demasiado cedo crianças, também haver alguns, alguma mobilidade entre estas unidades não é, sempre em função também de projetos individuais que as crianças possam indo fazendo, dentro e fora de fronteiras, também começarem com alguns estágios relativamente cedo, o Erasmus pode-se começar a fazer mais cedo não é preciso esperar pela Universidade. Em relação aos adultos (pausa 5s) também me parece que o que é fundamental, especialmente quando queremos tocar aquelas pessoas que são mais refratárias ou que realmente viram costas quando se fala em cultura ou educação acham que não é para elas, desligam ou mudam de canal, que para essas pessoas a chamada educação informal e não-formal, especialmente a informal que é muito importante e portanto todo um trabalho assente e voltamos a 75-76, assente em Centros culturais, em associações culturais, em trabalho

de base com coletividades de cultura e recreio apostando nas... desde o trabalho de excursões ou outro tipo de atividades onde é relativamente fácil integrar o trabalho de um animador educativo, de haver pessoas dedicadas à educação de adultos que trabalhem... numa equipa que trabalhe num Concelho, num determinado Concelho, num determinado espaço, num determinado território e depois possa acompanhar atividades que se vão fazendo dentro desse território, um dia pode acompanhar uma excursão e portanto acrescentar algo ao aspeto meramente lúdico digamos assim do passeio, “vamos visitar também isto e vamos saber a história daquilo, vamos fazer...” ou que... que possa efetivamente integrar atividades do dia-a-dia, momentos de alguma reflexão, de algum debate. Mas também me parece que também tem alguma importância o saber mais pelo saber mais, mas também é muito importante e continua a ser cada vez mais importante a construção do cidadão, portanto o levar o cidadão a participar para começar, o fácil é começar por um território pequeno não é, pô-lo a participar a nível da freguesia, a nível do Concelho através de vários instrumentos que existem e que é preciso reforçar mais, há várias coisas em que se têm feito e que se podem continuar a experimentar. Painel de cidadãos que em alguns países têm aplicado que é uma Câmara Municipal antes de fazer o seu plano para estabelecer as grandes linhas estratégicas tira praticamente à sorte, faz uma amostragem entre os munícipes e convidam uma série de pessoas a juntarem-se para discutirem em conjunto o futuro do território aaa há alguns que aderem, há outros que dizem que isso não é com eles e que não sabem nada de nada e são capazes de dizer qualquer coisa... de qualquer modo é preciso juntar a isso um processo educativo, um processo de formação, “o que é que não sabem, o que é que precisam de saber, vamos informar mais, vamos organizar melhor e tal”, claro que há pessoas que não querem e não se pode obrigar mas pelo menos aquelas que digam que só por saberem não fiquem por aí então vamos lá ver o que se vai saber, o que é preciso saber. Até à questão dos orçamentos participativos, de participar mais no orçamento camarário, de saber quais são as grandes prioridades para os investimentos locais eee portanto aí também há uma dimensão educativa que necessariamente se vai introduzir. Portanto parece-me que esta perspectiva de ter pessoas dedicadas à educação de adultos em determinado território e o território pode ser um Concelho e depois estabelecer com as entidades do território, aquelas que organizam um determinado tipo de iniciativas tanto cívicas ou políticas como culturais ou recreativas, tentar estabelecer com essas entidades momentos e eventos onde possa passar uma dimensão educativa mais forte, porque que suponho que às tantas as pessoas que estão mais desconfiadas relativamente a questões educativas, o

que é a educação e tal, começam a aprender quase sem dar por isso não é, e muitas vezes é a maneira de os fazer ultrapassar os obstáculos mentais de que não são capazes, de que isso não é para eles. Agora no ponto de vista mais formal (pausa 6s) pois eu acho que continua a ser muito importante a existência de uma agência, instituto, de uma organização dedicada à educação de adultos mas eu creio que poderia ser muito bem de base privada, de base associativa com apoios públicos, o exemplo dos países escandinavos que passa muito por isso, organizações da sociedade civil que se dedicam à educação de adultos, que organizam inclusive as escola superiores populares e têm um determinado tipo de, como Universidades populares, academias populares, coisas... as universidades seniores têm algum interesse mas eu não gosto muito do adjetivo seniores eu acho que devia de ser aberta a toda a gente e o fato de ser sénior já impede muita gente de entrar e hoje em dia infelizmente com o desemprego que há, muita gente jovem que tem tempo disponível e certamente faria muito bem estar nessas coisas. Mas eu acho que apostar na educação de adultos e apostar na cidadania ativa é a mesma coisa no fundo e um governo que queira apostar na educação de adultos também tem que ser um governo com uma política de promoção da cidadania ativa a todos os níveis.

E- Algumas coisas destas não estão publicadas ou estão?

e- Estão quase todas, tenho a impressão que só há uma ou duas.

E- Este da Educação de Adultos nos primeiros 5 anos de Portugal Democrático.